

Número temático da Revista **SOLETRAS**

Funcionalismo e Cognitivismo: o viés cognitivista da gramática funcional

Mariângela Rios de Oliveira (UFF- FFP/UERJ); Hanna Batoréo (Departamento de Humanidades da Universidade Aberta/ CLUNL, Lisboa); Milena Aguiar (UERJ) (org.)

n. 41 (2021)
(1º. sem: jan.-jun. de 2021)

Os textos de cada um dos artigos estão disponíveis em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/2460>

ÍNDICE

Apresentação "Funcionalismo e Cognitivismo: o viés cognitivista da gramática funcional"	PDF 1-12
Hanna Jakubowicz Batoréo, Mariangela Rios de Oliveira, Milena Torres de Aguiar	
Evento de movimento transitivo: uso e cognição	PDF 13-42
Maria Angélica Furtado da Cunha, Alan Marinho César	
Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional	PDF 43-66
Maria Claudete Lima	
Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte-e-costura em construções transitivas	PDF 67-88
Lilian Ferrari, Caroline Soares	
A influência da metáfora e do chunking na convencionalização de construções com o verbo 'cortar'	PDF 89-115
Aparecida da Penha Krohling Christ, Lúcia Helena Peyroton da Rocha	
A construção de atenuação do discurso com verbo suporte trazer: uma abordagem construcional baseada no uso	PDF 116-144
Fábio Rodrigo Gomes da Costa, Marcia dos Santos Machado Vieira	
A metaftonímia presente na construção X virar Uber	PDF 145-160
Roza Maria Palomanes Ribeiro	
A metáfora conceptual como fator relevante para mudanças construcionais: um olhar sobre as microconstruções alto lá e toma lá dá cá	PDF 161-188
Flávia Saboya da Luz Rosa	
As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida: um estudo centrado no uso	PDF 189-215
Monclar Guimarães Lopes, Samara Costa Moura	

- Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”
Ivo Costa Rosário, Vania Rosana Mattos Sambrana PDF 216-234
- Marcadores discursivos focalizadores com 'bem' sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa PDF 235-264
- Propriedades funcionais da relativa livre introduzida por 'quem'
Edvaldo Balduino Bispo, Aline Priscilla Albuquerque Braga PDF 265-289
- Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves PDF 290-314
- Disentangling Subject and Anacoluthon NPs in Topic: A Cognitive Grammar and Gestalt Psychology based approach
Luis Filipe Lima e Silva, Ronaldo Rodrigues de Paula PDF (ENGLISH) 315-342
- Fictivity in Vogue: a cognitive-functional categorization of fictive speech acts in a fashion corpus using corpus linguistics
Raquel Rossini Martins Cardoso, Katherine Nunes Pereira Oliva, Rodrigo Araújo e Castro, Maria Carolina Zuppardi, Izabella Rosa Malta PDF (ENGLISH) 343-365



SOLETRAS online - ISSN 2316 8838
Revista do Departamento de Letras
Faculdade de Formação de Professores da UERJ
Rua Dr. Francisco Portela, 1470 - Patronato - São Gonçalo - RJ
Cep: 24435-005 - e-mail: soletrasonline@yahoo.com.br

Funcionalismo e Cognitivismo: o viés cognitivista da gramática funcional

Hanna Jakubowicz Batoréo¹
Mariangela Rios de Oliveira²
Milena Torres de Aguiar³

O eixo temático deste volume da *Soletras* é dedicado à divulgação de resultados de pesquisas que se fundamentam teoricamente na interface da investigação funcionalista e da cognitivista. Os artigos aqui apresentados contemplam, em maior ou menor grau, a vertente cognitivista que permeia os estudos funcionalistas da linguagem, desde a sua fase inicial. Essa origem é localizada na Costa Oeste do Estados Unidos, com base em fontes pioneiras como Bolinger, Givón, Thompson e Hopper, entre outros, a partir da década de 70 do século XX.

Como demonstrado em Oliveira (2020), o viés cognitivista da gramática funcional se manifesta tanto no chamado *Funcionalismo Clássico*, correspondente, em termos gerais, às décadas de 70, 80 e 90 do século XX, quanto na fase atual desses estudos, nomeada de *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU)⁴. Esse rótulo destaca, no Brasil, a incorporação da abordagem construcional da gramática, de modo mais efetivo, à investigação funcionalista da linguagem, ocorrida a partir dos anos iniciais do século XXI, como assumido em Rosário e Oliveira (2016).

De acordo com Givón (1979), dois dos princípios mais caros ao Funcionalismo, como iconicidade e marcação, têm forte componente cognitivista. A iconicidade, fundada na relação motivada entre função e forma, desdobra-se em três subprincípios: quantidade (quanto mais relevante uma informação, maior forma é usada para sua codificação), proximidade

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa. Professora associada, com agregação, do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta e investigadora do CLUNL- Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: hannabatoreo@hotmail.com. ORCID iD: 0000-0001-9302-1609

² Doutora em Letras Vernáculas ó Língua Portuguesa pela UFRJ. Professora titular de Língua Portuguesa da UFF; professora visitante da UERJ; pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-1474-281X

³ Doutora em Estudos de Linguagem pela UFF. Professora adjunta de Língua Portuguesa da UERJ; chefe do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores. E-mail: milenatda@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-9072-4093

⁴ O termo *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU) foi usado pioneiramente pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (<https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>), numa referência hoje adotada por outras comunidades acadêmicas que incorporam a perspectiva construcional, de orientação cognitivista, à pesquisa de cunho funcionalista.

(conteúdos mais integrados são expressos por formas mais próximas na estruturação linguística) e ordem linear (o que é informação mais relevante ou tópica tende a ocupar posição sintática inicial). O mesmo podemos dizer sobre marcação, que também se distribui em três subprincípios para distinguir membros categoriais mais e menos marcados: complexidade estrutural (elementos marcados são mais extensos, ou pesados, do que os não marcados), complexidade cognitiva (elementos marcados demandam maior tempo e custo de processamento do que os não marcados) e distribuição de frequência (elementos marcados são menos produtivos no uso linguístico dos que os não marcados).

Outro postulado teórico funcionalista que apresenta forte base cognitivista se encontra nas distintas propostas de *cline* de derivação semântica, fundadas em trajetórias metafóricas, como definidas por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987). Nessa linha, Traugott e Heine (1991) partem da derivação localista *espaço -> (tempo) -> texto*, segundo a qual referentes de sentido espacial, mais concreto e objetivo, são ponto de partida para a expressão de sentido temporal, mais abstrato e subjetivo, e daí para sentidos mais lógicos e intersubjetivos, concernentes a conteúdos textuais e gramaticais. Identificamos uma variante dessa proposta, com maior grau de refinamento semântico, em Heine et al (1991): *corpo -> objeto -> processo -> espaço -> tempo -> qualidade*. Em síntese, tais trajetórias de derivação funcionalista assumem a unidirecionalidade da mudança linguística e seu forte componente cognitivista, na defesa de caminhos do tipo *concreto -> abstrato, léxico -> gramática, menos gramatical -> mais gramatical, objetividade -> (inter)subjetividade*, entre outros.

A gramaticalização, assumida na fase clássica dos estudos funcionalistas como trajetória de mudança linguística que leva itens do léxico à gramática ou itens menos gramaticais para mais gramaticais, nos termos de Hopper e Traugott (1993), entre outros, é concebida em termos unidirecionais, a partir dos *clines* metafóricos referidos. Trata-se, portanto, do tratamento da mudança da gramática a partir dos princípios de iconicidade e de marcação, além das rotas de metaforização. No Brasil, temos em Martelotta, Votre e Cezario (1996) a primeira coletânea voltada para a descrição e a análise do português em perspectiva funcional, com destaque para estudos sobre gramaticalização, iconicidade, marcação, metaforização, prototipicidade e repetição, entre outros.

A partir do século XXI, a pesquisa funcionalista se aproxima e se vincula de modo mais explícito aos estudos cognitivistas, com a incorporação da abordagem construcional da

gramática à investigação dos usos linguísticos, como assumem, por exemplo, Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). No Brasil, tal interface de estudos tem sido nomeada como LFCU. De acordo com esse realinhamento teórico, a língua em uso, tão cara à investigação clássica funcionalista, passa a ser vista como instância de construções, estas entendidas, nos termos de Goldberg (1995; 2006; 2019), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), como pareamentos convencionalizados de conteúdo e forma. Assim, a língua é tomada com uma rede, um conjunto estruturado e interconectado de construções (*constructicon*), e a mudança linguística passa a ser vista, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como construcionalização ó criação de uma nova e inédita construção na língua, de tipo lexical ou gramatical ó ou como mudança construcional ó alteração de uma construção somente ao nível do eixo de seu conteúdo ou forma, sem acarretar o surgimento de uma nova construção na rede linguística.

A unidirecionalidade da mudança gramatical, assumida na fase clássica dos estudos funcionalistas, divide lugar agora com a direcionalidade, na defesa do maior equilíbrio entre aspectos funcionais e formais. Essa paridade entre ambos os eixos é codificada por Traugott e Trousdale (2013, p. 8) como *[[Forma] <---> [Conteúdo]]*, em que a seta marca a relação biunívoca entre tais eixos, tendo os colchetes externos a indicação de que se trata de uma unidade convencionalizada, de uma construção.

Outro efeito consequente da incorporação da abordagem construcional à pesquisa funcionalista é o redimensionamento das relações associativas, ou metonímicas, dos usos linguísticos, como destacado por Traugott e Dasher (2005). Assim, a metaforização, voltada para a investigação de processos de derivação de conteúdo, conforme investigada desde a fase clássica dos estudos funcionalistas, é agora complementada pela pesquisa da metonimização, com foco nos elos relacionais e sintagmáticos das instâncias de uso.

Inspirada na proposta de Croft (2001), a pesquisa funcionalista passa a identificar e a levar em conta seis propriedades construcionais, simbolicamente vinculadas em termos de conteúdo e de forma. Nesse sentido, ao se investigar uma construção, cabe ao analista considerar as seguintes propriedades: a) no eixo do conteúdo, as relativas a aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais; b) no eixo da forma, as atinentes a aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. A língua em uso, portanto, é tomada agora como *locus*

da instanciação construcional, como conjunto de *tokens* impactados pelas condições contextuais, intra e extralinguísticas, envolvidas na interação.

Com Bybee (2010) e Diessel (2017), destacam-se os processos cognitivos de domínio geral, que impactam o comportamento humano e que concorrem também para a configuração gramatical, marcando a gradiência e a variabilidade das línguas. Em Bybee (2010), cinco desses processos cognitivos são referidos: a) *categorização*, que diz respeito à capacidade humana para classificar, para formar conjuntos de elementos com propriedades afins; b) *chunking* ou *encadeamento*, que se refere à tendência a unir elementos discretos, fundamentada na concepção holística da linguagem; c) *analogização*, que se resume a produzir novas declarações com base em outras já disponíveis, as quais servem de base para tal produção; d) *memorização enriquecida*, que faz referência à bagagem mental de experiências compartilhadas no trato social, o que facilita o acesso a novas experiências; e) *associação transmodal*, que corresponde à habilidade humana em estabelecer correspondências cognitivas entre experiências co-ocorrentes.

A esse grupo de cinco processos cognitivos gerais, Diessel (2017) acrescenta a *cognição social*, que tem na atenção conjunta sua forma básica de manifestação. Segundo o autor, os interlocutores devem dirigir sua atenção para a mesma experiência, o que pode envolver um objeto, um evento na situação contextual ou um conceito evocado pelo discurso precedente. Na atenção conjunta, ganha destaque o apontamento dêitico, como dispositivo comunicativo universalmente disponível e que concorre para que os interlocutores demarquem seu espaço atencional.

Sumariamente expostos alguns dos pontos de interface entre o Funcionalismo e o Cognitivismo, passamos agora a apresentar a síntese dos catorze textos que compõem este volume. Conforme os leitores poderão verificar, trata-se de publicações que abordam o viés cognitivista da gramática funcional a partir da investigação de distintos objetos de pesquisa e da seleção de aportes teóricos específicos, na demonstração do quanto é variada, rica e complexa a interface das duas áreas teóricas referidas.

No primeiro artigo, intitulado *Evento de movimento transitivo: uso e cognição*, Maria Angélica Furtado da Cunha e Alan Marinho César, tomando como base teórica a LFCU, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções, focalizam a codificação semântico-sintática da construção de movimento transitivo ao tratar da relação entre o tipo de evento

expresso por esta construção e os esquemas cognitivos por ela acionados. Os dados empíricos foram coletados do *Corpus* Discurso & Gramática, do Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte, do Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ e de textos disponíveis *online* em *sites* de revistas de ampla circulação. Os resultados dessa pesquisa revelam um esquema construcional que sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, articulam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado. Da perspectiva sintático-semântica, a codificação linguística do evento de movimento transitivo projeta *frames* que manifestam diferentes tipos de movimento, como manipulação, transporte e deslocamento; em termos de estrutura cognitiva, os esquemas imagéticos apontam o traço focalizado do trajeto.

Em *Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional*, ensaio que compõe este volume, Maria Claudete Lima, baseada na noção de transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980) e no Modelo Cognitivo Idealizado de Causalidade de Langacker (1991), propõe uma tipologia das construções médias em língua portuguesa, as quais se manifestam de forma lexical, sintática e perifrástica. Para tanto, a autora discute as características centrais da voz média e analisa, quanto à forma de codificação, à expressão da causa, ao tipo de evento, à motivação pragmática e à saliência das entidades, ocorrências retiradas do *Corpus* do Português NOW, que abrange textos escritos do Brasil e de Portugal, de 2012 a 2019. Os resultados apontam que as construções de voz inseridas no domínio medial são expressões distintas do mesmo construto de não atribuição de causalidade, o qual inclui ainda as construções passivas e impessoais.

Ainda sob o bojo da transitividade, no artigo *Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte e costura em construções transitivas*, Lilian Ferrari e Caroline Soares investigam tal metáfora no português brasileiro, a qual constitui, assim como a metáfora do conduto de Reddy (1979), um dos mapeamentos metafóricos disponíveis para referência à comunicação verbal. A partir de dados de uso retirados do *Twitter*, as autoras argumentam que a metáfora *comunicação verbal é atividade de corte e costura* é normalmente aplicada à construção transitiva, engendrando duas extensões metafóricas: a extensão transitiva prototípica, instanciada pelos verbos *alfinetar* e *tesourar*, e a extensão transitiva resultativa, instanciada pelos verbos *alinhavar*, *costurar*, *tecer*, *tricotar*. Com o objetivo de investigar sua produtividade, a análise enfoca a frequência de sentidos literais e metafóricos para cada grupo

de construções. Os resultados indicam que as extensões metafóricas de transitivas prototípicas, instanciadas por *alfinetar* e *tesourar*, são mais frequentes que suas contrapartes literais. Já as transitivas resultativas se dividem em dois grupos: as instanciadas por *costurar* e *tricotar*, em que predomina o sentido literal, e as instanciadas por *alinhar* e *tecer*, que ocorrem preferencialmente com sentido metafórico.

Também trabalhando as extensões metafóricas e embasadas na concepção de que a linguagem é motivada por processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, Aparecida da Penha Krohling Christ e Lúcia Helena Peyroton da Rocha, em *A influência da metáfora e do chunking na convencionalização de construções com o verbo «cortar»*, analisam, sob abordagem construcional, um grupo de sequências de palavras com o verbo *cortar* seguido de complemento que parecem formar uma única unidade, um *chunk* independente para fins de processamento e análise. Vinculadas à LFCU, tendo como suporte, entre outros, os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987), e valendo-se de um *corpus* constituído por textos coletados no jornal *A Gazeta*, do estado do Espírito Santo, no período de janeiro a dezembro de 2017, as autoras identificam 50 *tokens* e 09 *types* que permitem refletir sobre a influência do *chunking* e das projeções metafóricas na convencionalização dessas construções. Elas observam que as construções analisadas não apresentam o mesmo grau de composicionalidade, o que as leva a propor um *continuum* dessas construções, definindo critérios para tal *cline*.

Em *A construção de atenuação do discurso com verbo suporte trazer: uma abordagem construcional baseada no uso*, Fábio Rodrigo Gomes da Costa e Marcia dos Santos Machado Vieira analisam a construção representada, no plano da forma, pela estrutura [trazerVsuporte + _____ Elemento não-verbal predicante (com Ndeverbal)] predicador verbal complexo. Essa construção licencia subesquemas construcionais que envolvem ou SN ou SP com Ndeverbal no segundo *slot*, destinado a elemento não-verbal predicante. Conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2017), a construção analisada e seus subesquemas construcionais estão interconectados em uma rede construcional por meio de *links* taxonômicos, horizontais, sintáticos e lexicais. Com o aparato teórico-metodológico da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), valendo-se do banco de dados do *site* eletrônico da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

(ALERJ), foram analisados discursos de deputados entre os anos de 2011 e 2019. Da análise de dados, destacam-se os seguintes resultados: (i) o preenchimento de elemento não-verbal por SN com Ndeverbal viabiliza moldar o participante sujeito (que pode coincidir ou não com o enunciador) na figura de um porta-voz e (ii) seu preenchimento por SP com Ndeverbal viabiliza sobressair o papel do interlocutor no estado de coisas encaminhado pelo enunciador.

No artigo *A metaftonímia presente na construção X virar Uber*, Roza Maria Palomanes Ribeiro assume que o fenômeno da uberização, em que desempregados se cadastram como motoristas do aplicativo administrado pela empresa *Uber*, resultou no surgimento da construção em estudo, frequente no português do Brasil. O propósito de sua pesquisa é descrever a construção sob o viés teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente no que tange aos processamentos metafórico e metonímico (LAKOFF; JOHNSON, 2002; RADDEN; KÖVECSE, 2007; LAKOFF; TURNER, 1989; CROFT, 1993; GOSENS, 2002), partindo da hipótese de que o fenômeno da metaftonímia está presente nessa convencionalização esquemática. Para tanto, a autora coleta dados através da ferramenta de buscas GOOGLE, levando em conta as 100 primeiras ocorrências distribuídas nas 10 primeiras páginas de busca, e adota tratamento qualitativo dos dados. Após seleção e análise dos dados coletados, chega à conclusão de que ocorre, neste caso estudado, o fenômeno da metaftonímia do tipo metáfora da metonímia, em que a entidade conceptual *Empresa Uber* provê acesso mental à entidade conceptual *motorista de aplicativo*, dentro do mesmo domínio, configurando o processo metonímico. E, ao mesmo tempo, se dá um mapeamento entre domínios da experiência sustentados pela metáfora *o homem é uma entidade não humana*.

Também enfocando os processos metafóricos, o artigo *A metáfora conceptual como fator relevante para mudanças construcionais: um olhar sobre as microconstruções alto lá e toma lá dá cá*, de Flávia Saboya da Luz Rosa, aborda duas metáforas conceptuais reconhecidas nos estudos cognitivistas *ó discussão é guerra* e *discussão define um caminho* ó a partir dos processos que resultam em mudanças construcionais das microconstruções *alto lá* e *toma lá dá cá*. Fundamentado na LFCU, este trabalho tem como base, sobretudo, a abordagem construcionalista de Traugott e Trousdale (2013) compatibilizada com os estudos sobre metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2003). Para a investigação pancrônica de *alto lá*, Rosa vale-se do *Corpus* do Português e *Corpus* Tycho Brahe (século XIII ao XX), do

Diário do Congresso Nacional (séculos XX e XXI) e de publicações contemporâneas da Web. Para o estudo sincrônico de *toma lá dá*, são coletados textos de 2000 a 2020 com uso da pesquisa avançada do Google. Por meio de análises dos contextos de mudança das microconstruções em foco, a autora verifica o surgimento de novos conteúdos semânticos associados a conceptualizações socioculturalmente compartilhadas. A autora conclui que a metáfora conceptual é fator importante, junto a outros, tais como os históricos e os estruturais, nos processos de mudança e de convencionalização construcional.

Em *As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida*, Monclar Guimarães Lopes e Samara Costa Moura descrevem as propriedades formais e funcionais dessas duas construções conectoras complexas, as quais tanto estabelecem relações coesivas mais amplas quanto operam em diferentes níveis: conectando orações, períodos ou parágrafos. Fundamentados nos pressupostos teóricos da LFCU (cf. CUNHA et al., 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016, entre outros), em diálogo com os estudos da Linguística Textual (cf. FÁVERO, 2004; KOCH, 2003), os autores empregam metodologia quali-quantitativa para o estudo de 60 dados do século XXI, extraídos do *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org). Os resultados evidenciam que: i) tais construções estabelecem coesão híbrida, isto é, tanto sequencial quanto referencial, haja vista que, ao mesmo tempo em que apresentam elementos que promovem a conexão lógica, encapsulam porções precedentes do texto; ii) a porção encapsulada de material precedente está associada à posição assumida pela construção dentro do texto; iii) [com isso] é uma construção polissêmica e pode atuar como conector lógico ou como sequenciador; iv) [como se não bastasse (x)], além de atuar como conector de adição, expressa a postura epistêmica do falante.

Lidando igualmente no nível da conexão, o artigo *Análise funcional da construção conectora contrastiva õmas olhaö*, escrito por Ivo da Costa do Rosário e Vania Rosana Mattos Sambrana, tem como objetivo principal investigar o uso desta construção conectora no âmbito das relações discursivas do português contemporâneo. Baseados nos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, com apoio na Gramática de Construções e nos estudos de coesão textual, os autores analisam, pelo prisma da construcionalidade, as ocorrências de *õmas olhaö* em perspectiva sincrônica, em blogues brasileiros do século XXI. Por meio de metodologia qualitativa, a análise dos contextos de uso permite concluir que essa construção

conectora foi formada por meio de *chunking* e de neoanálises sintática e semântica a partir de dois marcadores discursivos pré-existentes. No português, *õmas olhaõ* revela-se como um conector marginal, tendo em vista suas propriedades de uso no contexto de relações macrossintáticas, que extrapolam o âmbito do tradicional período composto. Em termos funcionais, esse conector atua na coesão sequencial entre proposições no campo das relações contrastivas, especialmente no nível do *modus*.

No artigo seguinte, *Marcadores discursivos focalizadores com õbemõ sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa propõem uma rede construcional de marcadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo, na segunda pessoa do discurso, e pelo advérbio focalizador *bem*, como, por exemplo, *õolha bemõ*, *õveja bemõ* e *õrepara bemõ*. Baseados na LFCU, os autores analisam seus dados a partir de um *corpus* escrito sincrônico, cujas amostras se referem aos anos de 2008, 2011, 2014 e 2017. Para o tratamento desses dados, adotam, do ponto de vista metodológico, o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso (CUNHA LACERDA, 2016). Como resultado mais proeminente, a análise realizada aponta que as construções identificadas, cuja forma mais genérica é [verbo imperativo + *bem*], apresentam diferentes funções, entre as quais se destacam a chamada de atenção do interlocutor pelo locutor e a focalização de um elemento da sequência discursiva.

No artigo intitulado *Propriedades funcionais da relativa livre introduzida por quem*, Edvaldo Balduino Bispo e Aline Priscilla Albuquerque Braga investigam aspectos semânticos, semântico-cognitivo e sociointeracionais implicados no uso da oração relativa livre introduzida por *quem* no português brasileiro. Fundamentados teoricamente na Linguística Funcional, conforme Givón (1984, 1995), Martelotta (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), e utilizando como fonte de dados empíricos anúncios de jornal e cartas particulares produzidos no século XIX, provenientes de *corpora* do projeto História do Português Brasileiro (PHPB), realizam uma pesquisa quali-quantitativa de natureza interpretativista. Os resultados indicam que (i) o pronome *quem* aponta para um referente caracterizado pelos traços semânticos [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO] e [+/-GENÉRICO]; (ii) não há restrição quanto aos tipos semânticos de verbo que podem predicar a relativa livre e a oração em que ela se encaixa; (iii)

o elemento *quem* pode exercer uma variedade de papéis semânticos; e (iv) questões de natureza sociointeracional, a exemplo de subjetividade, intersubjetividade e inferência pragmática, motivam o uso da relativa livre nos dados analisados.

A seguir, Carlos Alexandre Gonçalves situa seu artigo num recente quadro teórico surgido no âmbito da Gramática das Construções, a Morfologia Relacional, sob o título *Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma õprimaõ da Gramática das Construções*. Desenvolvido nos últimos quatro anos por Ray Jackendoff (USA) e Jenny Audring (Holanda), segundo o autor, o modelo teórico adotado inova não apenas ao priorizar a morfologia, como o faz a Morfologia Construcional de Booij (2010), mas também por enfatizar as relações horizontais entre esquemas, generalização que Jackendoff e Audring denominam de õesquemas irmãosõ. O artigo busca mostrar ganhos no tratamento de questões morfológicas, como os *hápax suffixais* e os padrões õviraisõ, muito embora o modelo também aborde questões sintáticas. Ao apresentar esse novo quadro teórico, procura apontar os pontos de convergência e de divergência entre essa e outras abordagens construcionistas.

Os dois últimos artigos deste volume, escritos em língua inglesa, são fundamentados em interfaces do Cognitivismo com outras teorias. Em *Disentangling Subject and Anacoluthon NPs in Topic: A Cognitive Grammar and Gestalt Psychology based approach*, Luis Filipe Lima e Silva e Ronaldo Rodrigues de Paula analisam SNs em tópico, que podem ser ou sujeitos do verbo do comentário ou itens autônomos, o que normalmente denomina-se *anacoluto* (LI; THOMPSON, 1976). O artigo explora como esses diferentes SNs são mapeados de acordo com dados de fala espontânea. Partindo da proposta de Langacker (2001), na qual o tópico e o sujeito atuam como *trajetores* de âmbitos distintos, os autores assumem que tal conceito é adequado aos dados empíricos, uma vez que permite a possibilidade de co-ocorrência e de entrelaçamento de ambas as categorias no discurso oral. Além disso, com base nos conceitos de *baseline* e *elaboration* (LANGACKER, 2016), eles exploram a diferença no processamento cognitivo de SNs sujeitos e anacolutos, quando figuram em tópico. Lima e Paula consideram, dentro dessa perspectiva, que a articulação tópico-comentário é ativada serialmente, podendo resultar na formação de camadas estruturais.

Fechando os trabalhos, em *Fictivity in Vogue: a cognitive-functional categorization of fictive speech acts in a fashion corpus using Corpus Linguistics*, Raquel Rossini Martins

Cardoso, Katherine Nunes Pereira Oliva, Rodrigo Araújo e Castro, Maria Carolina Zuppari e Izabella Rosa Malta, ressaltando que a moda engloba diferentes aspectos culturais, de roupas à linguagem e ao comportamento, investigam, por meio de um método quali-quantitativo, a ocorrência de três categorias cognitivo-funcionais de atos de fala fictivos como estratégias narrativas, com base em um *corpus* de textos de moda, composto por 200 textos da *Vogue* (versão impressa) de 2015 a 2018. Em uma amostra de 60 textos, atos fictivos sentenciais (SENT), intra-sentenciais (INTRA) e inter-sentenciais (INTER) foram identificados manualmente e categorizados em cada texto por meio de *tags*. A análise quantitativa mapeou a contagem das categorias por ano e por texto, e a análise qualitativa, mais aprofundada, investiga instâncias de cada categoria e sua interpretação sob a luz da moda, da teoria cognitiva e da linguística de *corpus*. Os resultados demonstram que a ocorrência das categorias dos atos de fala fictivos sofre variação por ano, apesar da tendência de ocorrerem nos mesmos textos. Portanto, atos de fala fictivos funcionam como estratégias discursivas recorrentes para criação de um ambiente conversacional nos textos da revista *Vogue*.

Resta-nos, neste momento, desejar aos leitores e leitoras do presente volume da *Soletras* uma experiência enriquecedora. Esperamos que o conjunto variado de textos publicados neste volume permita demonstrar como a pesquisa funcionalista, aliada a pressupostos cognitivistas, concorre para que mais e melhor conheçamos a respeito do uso linguístico, sua motivação pragmático-discursiva, cognitiva e estrutural.

Referências:

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROF, W; CRUSE, D.A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: Mark Aronoff (ed), *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- OLIVEIRA, M. R. Bases cognitivas do Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: DIAS, N. B.; ABRAÇADO, J. (org). *Estudos sobre o português em uso*. Uberlândia: Pangeia, 2020, p. 89-106.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 2016, n. 60, v. 2, p. 233-259.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization* Amsterdam: John Benjamins, v. 1, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Evento de movimento transitivo: uso e cognição

Maria Angélica Furtado da Cunha¹
Alan Marinho César²

Resumo: Este artigo focaliza a codificação semântico-sintática da construção de movimento transitivo, com o objetivo de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção e os esquemas cognitivos por ela acionados. A base teórica que fundamenta este trabalho conjuga a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções, investigando aspectos estruturais, semânticos, funcionais e cognitivos presentes nas instanciações dessa construção. Os dados empíricos foram coletados de fontes diversas: o *Corpus* Discurso & Gramática, o Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte, o Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ e textos disponíveis *online* em sites de revistas de ampla circulação. Os resultados da pesquisa revelam a existência de um esquema construcional que sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, revelam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado. Da perspectiva sintático-semântica, a codificação linguística do evento de movimento transitivo projeta *frames* que manifestam diferentes tipos de movimento, como manipulação, transporte e deslocamento; em termos de estrutura cognitiva, os esquemas imagéticos apontam o traço focalizado do trajeto.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Cognitiva. Gramática de Construções. Evento de Movimento Transitivo.

Introdução

Este artigo focaliza a codificação semântico-sintática do evento de movimento transitivo (EMT), com a finalidade de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Para tanto, são examinadas as dimensões estruturais, semânticas, funcionais e cognitivas relacionadas a essa codificação.

¹ Professora Titular de Linguística do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFRN. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1978) e bacharel de licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975/6). Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: angefurtado@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-3128-6852

² Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva, na linha de pesquisa Discurso, Cognição e Interação. Mestre em Estudos da Linguagem (UFRN). Membro do Grupo de Estudo Discurso & Gramática. Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: alanrasec@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9676-320X>

A análise se detém na semântica dos verbos de movimento transitivos (VMT) em termos de *frames*, correlacionando as orações em que esses verbos ocorrem com estruturas cognitivas. O *frame* é aqui tomado em seu caráter linguístico, relativo à estrutura argumental dos VMT, ao passo que a contraparte cognitiva é vista em termos de esquemas imagéticos ativados pelo material linguístico. O exame da relação entre diferentes dimensões da CMT, a saber, a semântico-sintática e a cognitiva, possibilitou a proposta de uma classificação própria para os tipos de EMT, identificando a participação de cada um dos argumentos dos VMT.

O verbo de movimento transitivo é definido como um predicador de dois ou três argumentos que implica o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro. Assim, a noção de deslocamento de algo ou alguém se configura como central nessa definição, como se vê em (1), em que o referente do SN_{OD} (*o dinheiro*) muda de lugar com o resultado da ação do SN_{SUJ} (*ele*), que apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o paciente para outro lugar, codificado pelo SP *na mesa*:

- (1) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus* PEUL/RJ)

Interessa, portanto, investigar o EMT, considerando os padrões semântico-sintáticos em que os VMT podem ocorrer, diferenciando-os pelo conjunto de propriedades funcionais e cognitivas que exibem. A hipótese geral é que há uma correlação entre as dimensões semântico-sintáticas e as dimensões cognitivas das instanciações da CMT, de tal modo que esse esquema construcional sanciona subesquemas e microconstruções que, por sua vez, revelam diferentes tipos de movimento.

A orientação teórico-metodológica que fundamenta este trabalho conjuga três modelos que compartilham vários pressupostos e interesses de pesquisa: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a Linguística Cognitiva (LC) e a Gramática de Construções (GC), que serão tratados adiante.

Os dados analisados provêm de diferentes fontes: *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN, 2016), Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEUL) e textos disponíveis *on-line* em sites de revistas de ampla circulação, como *Veja*,

IstoÉ, Época, Caras, Cláudia e AnaMaria. Esses bancos de dados refletem diferentes graus de formalidade e representam as modalidades falada e escrita. O total de palavras é 452.300, equilibradas quantitativamente entre as duas modalidades. A seleção desse material se justifica por reproduzir situações reais de uso da língua, o que permite flagrar o objeto de estudo tal como ele se manifesta em interações sociocomunicativas.

Este artigo está organizado em seis seções, além desta introdução. Na segunda delas, é apresentado o enquadre teórico que norteia a análise dos dados. Na seção seguinte, o evento de movimento transitivo é caracterizado. A seguir, a semântica de *frames* é descrita. Na sequência, os esquemas imagéticos são tratados. Na próxima seção, a análise da construção de movimento transitivo é desenvolvida, e os subesquemas e microconstruções desta são examinados em subseções. Por fim, a conclusão.

Enquadre teórico

A Linguística Funcional Centrada no Uso representa uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista norte-americano (Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros) desenvolvida pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*³ em interface com a GC. Em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos, a LFCU corresponde ao que Bybee (2010, 2015) denomina *Usage-based Linguistics*. De acordo com essa autora, a Linguística Baseada no Uso se desenvolveu diretamente do funcionalismo norte-americano e, em certo sentido, é apenas um novo nome para ele.

No Brasil, alguns estudos que tomam a LFCU como fundamentação teórica podem ser vistos em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2018), Oliveira e Cezario (2017), Furtado da Cunha (2015), Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2013), Oliveira e Rosário (2015), entre outros. Segundo esse modelo, a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011), entendendo-se que a gramática reflete a atuação de aspectos sociocomunicativos e cognitivos da linguagem. Nesse sentido, o sistema linguístico é essencialmente dinâmico, visto que surge da adaptação de habilidades cognitivas

³ Comunidade acadêmica brasileira, voltada para pesquisa de cunho funcionalista norte-americana, com sedes na UFRJ, UFF e UFRN. Maiores informações em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>.

humanas a situações de comunicação específicas e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Busca-se, então, descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua.

Para a Linguística Cognitiva, o comportamento linguístico reflete capacidades cognitivas relacionadas aos princípios de categorização, à organização conceptual, a aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no âmbito de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais. As noções de *frame* (FILLMORE, 1975, 1977, 1985), de esquema imagético (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) e de *motion event* (TALMY, 2000) são aqui contempladas, na tentativa de relacioná-las a tipos de movimento, tendo como parâmetro entidades que se deslocam, manipulam objetos, afastam-se ou se aproximam de um ponto de referência.

Assim como a Linguística Funcional Clássica (GIVÓN, 1984, 1989, 1995, por exemplo), a LC entende a linguagem como parte integrante da cognição, fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais. Nessa direção, a língua é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas.

Desse modo, a LC busca descrever e analisar as estruturas cognitivas que são subjacentes às categorias linguísticas. Nessa perspectiva, todas as estruturas cognitivas possuem uma base experiencial e, exatamente por isso, estão relacionadas aos processos de construção de sentido. As categorias linguísticas, então, ativam/perfilam as estruturas cognitivas.

O processo cognitivo de categorização e a noção de prototipicidade, tal como se aplicam às línguas naturais, foram primeiramente tratados sob a perspectiva da LC. Mais tarde, esses aparatos teóricos foram incorporados pela Linguística Funcional, em especial por Givón (2001) e Bybee (2016 [2010]).

A categorização é um processo cognitivo de domínio geral, o qual atua em nossa capacidade de classificar e ordenar elementos a partir de nossa experiência. Por meio desse processo, agrupamos elementos semelhantes, que podem ser pessoas, objetos, lugares, em classes particulares. Diretamente relacionada ao processo de categorização, a teoria dos protótipos busca identificar membros centrais e periféricos de categorias por

compartilhamento de traços, com base em um exemplar ideal, ou seja, que detém a maior quantidade de características da categoria em questão.

Quanto à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014), interessa o tratamento das construções de estrutura argumental e dos subesquemas construcionais em que as orações com VMT podem ser acomodadas. Com base na proposta de Goldberg (1995), focalizamos a oração como um todo, não restringindo o significado da oração apenas ao verbo. Isso significa que a construção se constitui como um pareamento de forma e significado em que relações semânticas e gramaticais se fundem. Conforme Tomasello (1999), as construções linguísticas podem ser tanto concretas, em termos de palavras e sentenças, quanto abstratas, em termos de categorias gerais e esquemas. Nessa perspectiva, há uma relação intrínseca entre as construções linguísticas e a representação cognitiva dos eventos que essas construções perfilam. Considerada uma teoria do conhecimento linguístico, a GC caracteriza a construção como um artefato cognitivo que é armazenado na mente do falante a partir de sua experiência no uso efetivo da língua (HILPERT, 2014).

Um modelo de análise de construções de estrutura argumental é apresentado em Goldberg (1995), que descreve, semântica e sintaticamente, padrões oracionais básicos que expressam cenas dinâmicas do mundo biossocial. Uma tese central da GC (GOLDBERG, 1995) é que as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-significado que não dependem de verbos particulares. Esse entendimento é compartilhado por diferentes linguistas que adotam a abordagem construcional. As construções de estrutura argumental constituem uma subclasse especial de construção que fornece os meios de expressão oracional em uma língua.

Em relação à estrutura argumental, o objetivo da GC é demonstrar que há atributos comuns entre predicados em construções específicas. Conforme assinalado, as construções são padrões que existem independentemente dos predicadores lexicais e dos argumentos que estes tomam. Nessa linha, as construções são pares de forma (fonológica, morfológica e sintática) e função (semântica, pragmática e/ou discursiva), apreendidas no uso, as quais variam em constituição (esquemáticas, parcialmente esquemáticas ou totalmente especificadas), tamanho, forma e complexidade.

O evento de movimento

A Linguística Funcional Clássica estabelece uma relação entre o evento causal prototípico e os elementos linguísticos que caracterizam a oração transitiva, associando, assim, um padrão básico da experiência a um padrão básico da língua. O evento causal prototípico, descrito como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto (SLOBIN, 1982), correlaciona-se com o que Talmy (2000) denomina õevento de movimentoõ (*motion event*).

A estrutura do evento de movimento recebe particular atenção de Talmy (2000), ao tratar do processo de estruturação conceptual em diferentes línguas. A forma geral de tal estrutura consiste em um evento básico, em que há movimento de alguma entidade e uma localização. De modo simplificado, tal evento constitui um esquema particular, identificado em vários domínios conceptuais diferentes, que especifica a estrutura argumental da oração, sua organização sintática e a natureza semântica dos argumentos. Desse modo, o evento de movimento básico consiste em uma figura em movimento ou localizada em relação a outro objeto (objeto de referência ou *ground*). Conforme Talmy (2000), a entidade figura é, geralmente, o componente em que a atenção está mais centrada. A entidade *ground* é o segundo objeto físico e indica um ponto de referência em relação ao caminho ou à localização da figura.

Além da figura e do fundo, há um caminho e um movimento, como nos fragmentos a seguir. Em (2), o garoto (= \emptyset) é a figura, *a rua* faz parte do *ground*, mas também é o caminho, e o movimento é o de atravessar. Em (3), o SN_{SUJ} *meu pai* é a figura, o SP *pro hospital* corresponde ao *ground* e o caminho não é evidenciado⁴. Em ambos os casos o movimento é translacional, pois há transição da figura em relação ao fundo.

(2) [...] o garoto já fez a mão assim (inint) aí minha cunhada também viu, aí olhei pra cara dele, meu olhar já disse tudo pra ele (inint) atravessou a rua e foi embora, aí minha mulher: õque isso, que issoõ, õõ mulher, num fala nada, segura o Daniel aí!õ (*Corpus PEUL/RJ*)

⁴ Ao caracterizar o *ground* como o segundo objeto físico, o autor parece considerar apenas os verbos de movimento intransitivos; com os VMT, o SN_{OD} paciente é o segundo objeto físico, e o local revelado pelo SP é o terceiro.

- (3) [...] aí na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... meu pai levou ela pro hospital ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 223)

Um outro tipo de movimento examinado por Talmy (2000) diz respeito à ação de um agente que move controladamente um objeto através de movimentos de parte do corpo, mas sem o deslocamento de todo o corpo, como se dá com os verbos *tirar*, *mover* e *colocar*, entre outros. Vejamos:

- (4) Quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 234)
- (5) Depois de colocar a massa na forma coloque o chocolate derretido por cima da massa e leve ao forno. (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93)

Em (4), a figura *ele* (agente/sujeito) não se desloca, mas move *o casaco* (paciente/objeto direto), entidade afetada que muda de localização. Em (5), o referente dos pacientes (*a massa* e *o chocolate derretido*) é manipulado pelo referente dos SN_{SUJ} (\emptyset = *you*), que é a figura. O referente dos SP identifica o *ground*, local para onde os pacientes são movidos, *na forma* e *por cima da massa*. O caminho não é explicitado. Nesses dados, o movimento é estacionário visto que a figura (o referente dos SN_{SUJ}) permanece fixa em relação ao fundo.

A investigação dos componentes semântico-sintáticos e suas inter-relações no EMT possibilita a identificação do esquema construcional, dos subesquemas e das microconstruções que licenciam os VMT. Esse procedimento encontra correspondência na proposta da LFCU de tratar a transitividade oracional em termos dos elementos que participam do evento causal transitivo, isto é, em termos semântico-sintáticos.

Semântica de *Frames*

A noção de *frame* é proveniente da Psicologia Experimental e de trabalhos em Inteligência Artificial, que utilizam o termo como um guarda-chuva para se referir a uma estrutura de dados que representa uma situação estereotipada (MORATO, 2010).

Na Linguística, Fillmore (1975, 1977) formula a Semântica de *Frames* para abordar a estrutura semântica dos itens lexicais. Para esse autor, os significados são definidos em relação a algum enquadre (*frame*) ou cena⁵ que pode ser altamente estruturado.

A evolução dos estudos sobre os papéis semânticos dos nomes levou à análise da estrutura argumental dos verbos. Nessa direção, a descrição de um verbo é feita por meio da definição dos papéis semânticos dos argumentos que com ele se relacionam, indicando-se o tipo de participação dos argumentos no evento denotado pelo verbo. A ideia central é que, em qualquer oração, cada SN tem um caso, que representa seu papel semântico. Por exemplo, em *Eu abri a porta com a chave*, os casos de *eu*, *a porta* e *com a chave* são, respectivamente, Agente, Paciente e Instrumento. De lá para cá, diversos linguistas têm utilizado a proposta de Fillmore com pequenas modificações. No âmbito da Linguística Funcional Clássica, pode-se citar, entre outros, Chafe (1970) e Givón (2012 [1979]).

No que diz respeito a verbos, estes envolvem significados que fazem referência a um *frame* estabelecido com base no conhecimento cultural e de mundo dos falantes. Acionamos *frames* a fim de organizar as nossas ideias e produzir comunicação eficiente. Nesse quadro, os verbos se referem a uma estrutura conceptual, interpretada de modo amplo (FILLMORE, 1975, 1977; LAKOFF, 1977, 1987; LANGACKER, 1987). A semântica de *frames*, portanto, abriga ãum sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que esses conceitos se enquadramõ (FILLMORE, 2006 [1982], p. 373).

Logo, não se trata de tomar apenas o léxico como base, já que os itens lexicais são pistas para que o ouvinte/leitor ative um conjunto de experiências sociais e culturais atreladas às palavras pelas quais as categorizamos. Nesse sentido, os *frames* podem ser compreendidos como estruturas esquematizadas de conhecimento (FILLMORE, 1985).

A LFCU acolhe a ideia de que os verbos são armazenados na mente do falante juntamente com enquadres (*frames*) que especificam seus argumentos obrigatórios e opcionais implicados na cena evocada pela oração. Os falantes dominam essa informação à medida que adquirem sua língua materna, dada a recorrência desses padrões no uso da língua. Nessa direção, a estrutura argumental especifica as relações gramaticais dos argumentos

⁵ Os termos *frame* ou *cena* designam uma idealização coerente e individualizada de uma percepção, memória, experiência, ação ou objeto (FILLMORE, 1977). Do ponto de vista cognitivo, uma cena é entendida como uma estrutura conceptual formada com base na experiência de mundo do usuário da língua.

(sujeito, objeto direto, etc.) de um verbo bem como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (agente, paciente, etc.). De um ponto de vista cognitivo, a estrutura argumental revela uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo (DU BOIS, 2003).

De um modo geral, neste trabalho são examinados os papéis semânticos tais como descritos por Givón (2001). A determinação dos papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos VMT possibilita distinguir os diferentes subesquemas relacionados à construção [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} SP], envolvendo as diferenças de significado quanto ao tipo de movimento e afetamento desses participantes.

A importância do papel semântico do SN_{SUJ} reside no fato de que ele possibilita distinções entre os subesquemas perfilados pela CMT, uma vez que o modo de atuação do referente do sujeito em eventos de movimento revela cenas que se relacionam à manipulação e/ou ao transporte de pessoas ou objetos; ao percurso de um caminho, sozinho ou acompanhado; e ao afastamento de ou à aproximação a um determinado ponto de referência. Prototipicamente, o sujeito do VMT desempenha o papel semântico de agente, definido por Givón (2001) como o participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, assim, é responsável por ele.

Nos termos da classificação semântica de Givón (2001), o paciente diz respeito ao participante, animado ou não, que registra uma mudança de estado ou de localização como resultado de um evento. Assim, o paciente se caracteriza por ser afetado pela ação do sujeito, que o desloca de um lugar a outro. Os papéis semânticos do SN_{OD} variam de acordo com cada subesquema sancionado pela CMT. No caso dos VMT, o objeto direto (OD) é um paciente prototípico para os verbos de ação-processo, podendo também designar o espaço por onde passa o referente do SN_{SUJ}, no papel de caminho, ou uma segunda entidade em movimento na ação expressa pelo verbo, correspondente ao papel de coagente. Em (6), o agente (*criancinhas*) causa a mudança de localização do paciente (*objetos e cadeiras*), jogando-o *umas nas outras*, ao passo que em (7), a ação do agente (*a gente*) não modifica *a ladeira*, que representa o caminho percorrido pelo agente.

- (6) Aric Sigman, da Royal Society of Medicine, em Londres, autor do livro *The spoilt generation* (A geração mimada), afirma que, hoje, até *criancinhas nas creches jogam objetos e cadeiras umas nas outras*. (Revista Época)

- (7) [...] naquela noite ...teve o aniversário ... teve a festa ... lá no hotel ... no hotel ... assim ... a gente foi descendo a ladeira ... que embaixo tinha uma lagoa ... uma lagoazinha pequenininha ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 388)

Seguindo Talmy (2000), o caso semântico caminho (*path*) faz parte de uma categoria que se refere à variedade de trajetos que remetem a um participante que não é afetado pela ação do agente, mas indica o espaço percorrido ou o local ocupado pelo agente (*figura*, nos termos de Talmy), entidade que se desloca em um evento de movimento, como se pode ver em (2) e (7).

Em eventos de movimento, outro caso semântico que o OD pode desempenhar é o de coagente⁶. Para Givón (2001, p. 107-8), trata-se de um participante ãassociado ao agente, paciente ou dativo do evento, cujo papel no evento é semelhante, mas não tão importanteö. Os dados seguintes ilustram esse papel:

- (8) [...] então os pinguins começam a voltar pra gruta e Batman vai seguir os pinguins e vai chegar até à gruta ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 307)
- (9) Minha mãe e irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva incessante (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 163)

Os pinguins (8) e *me* (9) desempenham o papel de coagente. São participantes sintaticamente codificados como OD que não são afetados pela ação do agente, mas se deslocam junto com os SN_{SUJ} *Batman* e *minha mãe e irmã*, respectivamente. Conforme consta no FrameNet Berkeley⁷, ãesse elemento do *frame* é o segundo objeto em movimento, expresso como OD ou oblíquoö. A principal característica do coagente é o seu deslocamento independente, mas em concomitância com o do agente.

Para Givón (2001, p. 107), o papel de locativo limita-se ao SP e pode remeter a um estado (*She lives in Phildelphia/Ela mora em Filadélfia*) ou movimento (*He went to the store/Ele foi para a loja*). De modo mais específico, Fillmore (1971) divide esse caso em dois: origem (ou fonte) e alvo (ou meta). A principal característica dos SP relacionados aos VMT é o seu valor referencial acerca dos espaços em que ocorre o evento de movimento. Embora seja o único argumento implicado, mas não obrigatório, no *frame* desses verbos,

⁶ Na literatura semântica, o caso coagente também é denominado *associativo* ou *comitativo* e identifica um indivíduo em cuja companhia alguma coisa é feita (TRASK, 1993, p. 49).

⁷ O projeto *FrameNet* é um banco *on-line* de dados do inglês com base em estruturas semânticas apoiadas em evidências de *corpora*. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

quando explicitado, situa os pontos de onde (origem) ou para onde (alvo) partem as entidades do evento. Trata-se de um importante complemento presente nas orações com VMT de ação e de ação-processo. A preposição *de* é a mais comum na introdução do SP com papel de origem, como se vê em (10), em que *do congelador* refere-se ao local de onde o paciente (*o sorvete*) é removido:

- (10) [...] que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso... sabe? ele cresce e fica ... fica cremoso né ... ele não vai ficar ... não tem perigo de ficar duro ... agente passa na bateadeira durante dez minutos ... não é ... o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e volta pro congelador e espera dar o ... o ponto certo... não é? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 194*)

Por sua vez, o alvo corresponde ao ponto de chegada de um evento de movimento. As preposições *em*, *para* e *até* são introdutoras desse tipo de SP, como nos dados a seguir:

- (11) Passar margarina na forma e coloca os ingredientes na forma e coloca para assar no forno e estar pronto para todos comerem. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 421*)
- (12) Francisco Argemiro aduziu que foi feito um convite a ele para levar um pessoal para Touros/RN para cometer o roubo, tendo ele aceitado, uma vez que passava por dificuldades financeiras. (JFRN)
- (13) [...] então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... aí levou ele até o hotel ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 240*)

Em (11), *na forma* é o local para onde o referente do OD (*os ingredientes*) é movido por manipulação. Nos dois excertos seguintes, *para Touros/RN* (12) e *até o hotel* (13) dizem respeito ao destino final de um evento de transporte, para onde deslocam-se os participantes: os agentes SN_{SUI} *Francisco Argemiro* e \emptyset (= *ela*) e os pacientes SN_{OD} *um pessoal* e *ele*, respectivamente.

Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos estabelecem um contraponto com a noção de *frame* inicialmente formulada por Fillmore (1975, 1977). Enquanto *frame* refere-se à estrutura argumental de um verbo, na perspectiva fillmoriana, os esquemas imagéticos representam

uma estrutura cognitiva de eventos. Em termos dessa estrutura, os esquemas imagéticos refletem experiências sensório-motoras ativadas pelas orações com os verbos de movimento sob exame aqui.

Esses esquemas são definidos, segundo Ferrari (2011, p. 86), ão como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo.

O conceito de esquema imagético, fundamentando em Lakoff (1987) e Johnson (1987), considera a (inter)relação entre percepção cognitiva e significado linguístico. Quando essa relação é armazenada na mente do usuário da língua, ele é capaz de conceber e significar linguisticamente noções de espaço e trajetória, entre outras. Dessa experiência é que resulta uma série de esquemas imagéticos que podem ser combinados entre si. Ao considerar o evento de movimento transitivo, os esquemas de espaço (que inclui noções como cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita), escala (origem-caminho-meta) e contêiner (dentro-fora) são os mais propensos a serem acionados.

Os esquemas imagéticos evocados pelos construtos da CMT envolvem percepções relacionadas a um contêiner ou a uma relação escalar de trajeto que engloba origem-caminho-meta. Em eventos de movimento com verbos transitivos, o esquema imagético de contêiner está relacionado a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes desse evento. Para Talmy (2000), o contêiner corresponde ao espaço que suporta dois tipos de manipulação: extração e depósito. Os dados analisados corroboram essa asserção. Quando se trata de extração, temos o ponto de origem do movimento, como *de dentro do carro*, em (14). Quando é depósito, temos o destino do movimento, como *na tigela da Batedeira*, em (15).

(14) [...] ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra *tirar ela de dentro do carro* ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 222)

(15) *Colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira* e ligar no maximo com batedor para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogenea e despejar numa forma untada e povilhada. (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 336)

O esquema imagético de contêiner se relaciona diretamente com o sentido lexical de *tirar*, o qual implica a participação de um recipiente (expresso pelo SP) de que se pode extrair uma entidade, como *ela*, em (14). O verbo *colocar*, por sua vez, perfila um ponto do esquema

que corresponde ao alvo do movimento, um recipiente (*na tigela da Batedeira*) em que se pode depositar um objeto, como *todos os ingredientes*, em (15).

Em eventos de movimento, a trajetória, tal como proposto por Croft e Cruse (2004), constitui-se em um esquema imagético composto de um ponto de partida (origem), de um percurso (caminho) e de um ponto de chegada (meta). Vejamos o seguinte dado:

(16) O advogado afirmou também que, na entrevista, Macarrão teria dito que quando *trouxe Eliza e o adolescente J. ó primo do ex-goleiro Bruno ó do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (MG)*, eles teriam dado carona a um policial militar até a cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas. (Revista IstoÉ)

Em (16), a origem e o alvo da trajetória percorrida pelos participantes *Macarrão, Eliza* e o *adolescente J.* são revelados pelos SP *do Rio de Janeiro e a Belo Horizonte (MG)*. Nesse caso, o caminho é o percurso entre essas capitais.

A correlação entre *frames* e esquema imagético é fundamental para o desenho da rede construcional do EMT. Se, de um lado, a nossa capacidade de identificar os papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos verbos de movimento provém da experiência adquirida no uso da língua em interação, de outro, os esquemas armazenados na memória nos permitem identificar distintos eventos de movimento. Depreende-se, portanto, que o contêiner está atrelado a eventos de manipulação, e a trajetória, a de deslocamento.

A construção de movimento transitivo

Nos *corpora* analisados, foram identificados 38 *types* de VMT, distribuídos em 756 *tokens*, sendo 297 (39%) nos textos falados e 459 (61%) em textos escritos, conforme a Tabela 1. Esses números indicam predominância do uso dos VMT na modalidade escrita, uma vez que os bancos de dados são semelhantes quanto ao número de palavras: 229.800 na fala e 222.500 na escrita. A maior quantidade de VMT na modalidade escrita se justifica porque, embora os dados de fala sejam eminentemente narrativos, o que pressuporia mais movimentos transitivos, há um grande número de orações nos textos escritos, a exemplo das sentenças do JFRN, que codificam EMT em suas narrativas.

Nesse material de análise, os cinco verbos mais frequentes são, por ordem decrescente, *colocar, levar, botar, jogar e tirar*, conforme a Tabela 1. Dos 38 *types*, apenas dez VMT

registraram maior uso na fala, com destaque para os verbos *botar* (46 dados) e *colocar* (45 dados), contra 7 e 39 ocorrências, respectivamente, na modalidade escrita. Os verbos com maior recorrência na fala apontam para contextos de menor formalidade, em que o uso de *botar* e *colocar* costuma ser favorecido.

Tabela 1: Tipos e ocorrências de verbos de movimento transitivos

	VERBOS	FALA	ESCRITA	TOTAL
1	COLOCAR	45	39	84 (11,11%)
2	LEVAR	35	38	73 (9,66%)
3	BOTAR	46	7	53 (7,01%)
4	JOGAR	27	21	48 (6,35%)
5	TIRAR	22	23	45 (5,95%)
6	DEIXAR	-	36	36 (4,76%)
7	ATRAVESSAR	8	23	31 (4,10%)
8	ACOMPANHAR	6	22	28 (3,70%)
9	CARREGAR	5	23	28 (3,70%)
10	TRAZER	8	20	28 (3,70%)
11	BUSCAR	6	14	20 (2,65%)
12	PUXAR	9	10	19 (2,51%)
13	EMPURRAR	11	7	18 (2,38%)
14	PERCORRER	-	18	18 (2,38%)
15	PULAR	7	9	16 (2,12%)
16	TRANSPORTAR	1	15	16 (2,12%)
17	RESGATAR	-	14	14 (1,85%)
18	SUBIR	6	8	14 (1,85%)
19	ULTRAPASSAR	-	13	13 (1,72%)
20	ALCANÇAR	-	12	12 (1,59%)
21	PÔR	5	7	12 (1,59%)
22	ARRANCAR	3	7	10 (1,32%)
23	CRUZAR	-	10	10 (1,32%)
24	DEIXAR	7	3	10 (1,32%)
25	LANÇAR	1	9	10 (1,32%)
26	RETIRAR	3	7	10 (1,32%)
27	SEGUIR	6	4	10 (1,32%)
28	ANDAR	7	2	9 (1,19%)
29	PASSAR	4	5	9 (1,19%)
30	DESCER	6	2	8 (1,06%)
31	PERSEGUIR	-	8	8 (1,06%)
32	CORRER	6	-	6 (0,79%)
33	DEPOSITAR	-	6	6 (0,79%)

34	DESPEJAR	-	6	6 (0,79%)
35	CONDUZIR	-	5	5 (0,66%)
36	METER	5	-	5 (0,66%)
37	ARRASTAR	-	4	4 (0,53%)
38	REMOVER	2	2	4 (0,53%)
	TOTAL	297	459	756 (100%)

A rede construcional proposta para a CMT parte de um esquema que associa a configuração sintática [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)] ao significado de um evento de movimento em que pelo menos um participante se desloca para algum lugar. Esse esquema licencia três subesquemas (SE), relacionados ao tipo de movimento denotado e aos papéis semânticos e às funções sintáticas desempenhados pelos participantes das orações que os atualizam, a saber: os subesquemas de movimento associado (MAssoc), de movimento causado (MCaus) e de movimento percorrido (MPerc). Em cada um desses, foram analisados aspectos cognitivos relacionados às suas instanciações, além da sua configuração argumental. Cada um desses subesquemas licencia microconstruções, que, por sua vez, revelam diferentes *frames*, conforme o papel semântico dos participantes do verbo e a saliência de algum elemento do esquema imagético acionado. Essa rede é representada no Diagrama 1:

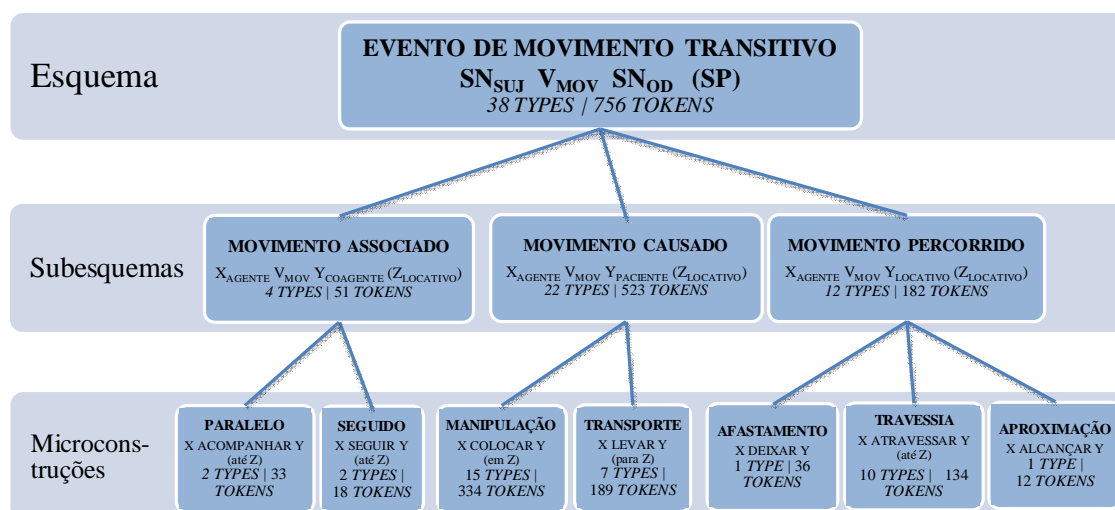


Diagrama 1: Rede hierárquica da construção de movimento transitivo

No nível dos SE, os elementos X Y e Z correspondem, respectivamente, ao SN_{SUJ} SN_{OD} e ao SP do esquema, associados ao papel semântico que desempenham no evento denotado. Em termos cognitivos, tais SE perfilam um tipo de movimento, aqui denominado associado, causado ou percorrido, cujo esquema imagético acionado é o de trajetória,

evidenciado pelos movimentos e espaços contidos nas cenas representadas. No nível das microconstruções, o modo como os referentes do SN_{SUI} e SN_{OD} se posicionam, deslocam-se ou são afetados no evento de movimento contribui para a identificação do *frame* evocado. Nesse sentido, cada *frame* se correlaciona aos esquemas imagéticos que subjazem aos eventos de movimento, uma vez que os casos semânticos são entendidos em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Quando nos movemos ou movemos algo de um ponto A para um ponto B, acionamos o esquema imagético de trajetória, que é linguisticamente codificado.

Em termos quantitativos, a CMT é produtiva, recrutando 38 tipos de VMT, distribuídos em 756 ocorrências, conforme a Tabela 1. Além disso, licencia três SE, os quais, por sua vez, sancionam sete microconstruções, menos esquemáticas e restringidas pelo papel semântico desempenhado por seus argumentos. O SE de MCaus detém mais da metade (57,89%) dos *types* da CMT, sendo a microconstrução de manipulação a mais produtiva, com 15 *types*. A segunda com maior número de *types* é a microconstrução de travessia, com dez *types*, do SE de MPerc. O SE de MAssoc é o menos produtivo, pois cada uma de suas microconstruções, a de movimento paralelo e a de movimento seguido, sanciona apenas dois *types*. Os números exibidos no Diagrama 1 demonstram que os construtos da CMT com verbos de manipulação (334/39,48%) e de transporte (189/18,42%) do paciente, que fazem parte do SE de MCaus, e de travessia (134/26,32%) do agente, relacionados ao SE de MPerc, são os mais recorrentes. Com relação ao número de ocorrências, a frequência do SE de MCaus é ainda maior: 523 (69,18%). Esse SE sanciona as duas microconstruções mais frequentes: a de manipulação, com 334 (44,18%) e a de transporte, com 189 (25%) dos *tokens*. Desse modo, os construtos da CMT que descrevem o afetamento do referente do SN_{OD}, por manipulação ou transporte, são os mais frequentes nos *corpora* investigados. Na segunda posição, estão as instanciações do SE de MPerc, com 182 (24,07%) dados e, por último, o SE de MAssoc, com apenas 51 (6,75%) *tokens*. Vejamos, agora, cada um dos subesquemas e suas respectivas microconstruções.

Subesquema de movimento causado

Vimos que o SE de MCaus é o padrão mais produtivo licenciado pela CMT. Esse subesquema focaliza uma cena na qual um agente causa a mudança de localização de um

paciente. O verbo *colocar* é o mais frequente, tanto na modalidade falada (45 dados) quanto na escrita (39 dados), seguido pelos verbos *levar*, *botar*, *jogar* e *tirar*, com frequência superior a 40 *tokens*.

A estrutura argumental dos verbos desse SE segue o padrão [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/PAC} (SP_{LOC})]. Dessa forma, todos os VMT sancionados pelo SE de MCaus pertencem à classe de verbos de ação-processo, considerando que o referente do OD muda sua localização como resultado da ação descrita pelo verbo.

Semanticamente, esse subesquema descreve o deslocamento de uma entidade (SN_{OD}) de um determinado ponto no espaço a outro pela ação do SN_{SUJ}, que pode ser manipulador ou transportador. Nesse sentido, o movimento descrito pode envolver duas cenas diferentes: apenas o agente se move, como em (17), ou ambos, agente e paciente, se movem, a exemplo de (18):

- (17) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus* PEUL)
- (18) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus* D&G Natal, Escrita, p. 51)

Em (17), somente o referente do SN_{OD} (*o dinheiro*) muda de lugar, enquanto o referente do SN_{SUJ} (*ele*) apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o paciente para outro local, codificado pelo SP *na mesa*. Por sua vez, em (18), ambos os participantes da oração em destaque (*todos nós* e *uma mochila*) se movem, considerando que o participante *todos nós* desloca-se transportando o objeto *uma mochila*. Assim, o SE de MCaus vincula-se conceptualmente ao esquema imagético de trajetória, no qual se destaca um locativo: o ponto de origem e/ou o alvo do movimento. Conforme o Diagrama 1, o SE de MCaus desdobra-se em duas microconstruções, de manipulação e de transporte, descritas a seguir.

Microconstrução de manipulação

A microconstrução de manipulação herda todas as especificações do SE de MCaus: sua estrutura semântico-sintática relaciona-se a um agente SN_{SUJ}, a um paciente SN_{OD} e a um

locativo SP. Na rede hierárquica da CMT, trata-se do único tipo em que o SUJ é um agente estacionário e o afetamento do referente do SN_{OD} é resultado do movimento de determinada parte de seu corpo.

Esse padrão microconstrucional perfila *frames* que descrevem cenas de colocação e remoção, representadas pelos verbos *colocar* e *tirar*, respectivamente. Nos casos em que o agente move o paciente para um recipiente, manipulando-o, o alvo da trajetória é perspectivizado. Expressam esse modo de movimento verbos como *colocar* (84 tokens), *botar* (53), *pôr* (12), *depositar* (6), *despejar* (6) e *meter* (5), em que o agente movimenta o paciente de um ponto A a um ponto B. Veja-se o dado:

(19) Depois de colocar a massa na forma *coloque o chocolate derretido por cima da massa* e leve ao forno. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93*)

Prototipicamente, o referente do paciente é um objeto, como o SN_{OD} *a massa* e *o chocolate derretido*, manipulado pelo referente do SN_{SUJ} ($\emptyset = \text{você}$). O referente do SP identifica o local para onde o paciente é movido, como *na forma* e *por cima da massa*. Do ponto de vista cognitivo, o esquema imagético de trajetória subjaz a essa estrutura, com foco direcional para o alvo do movimento. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessa ocorrência, ele é cognitivamente previsto no *frame* ativado pela oração, uma vez que o processo de colocação é antecedido pela remoção do OD de algum outro lugar.

Verbos como *jogar* (48 tokens), *empurrar* (18) e *lançar* (10), em seu sentido básico, implicam o arremesso ou a propulsão de algo ou alguém ó o referente do SN_{OD} ó para algum lugar, codificado como SP. Vejamos uma amostra:

(20) [...] aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 51*)

Em (20), o agente ($\emptyset = \text{eu}$) arremessa o paciente (*a chave*) para que este atinja o alvo codificado pelo SP *no lixo*. Diferentemente de (19), nesse caso o agente tem controle sobre o paciente apenas no ponto inicial, já que ele não o conduz até o ponto final. Não há, portanto, garantia de que o alvo foi alcançado.

Com os verbos que perfilam cenas de remoção, o agente SN_{SUJ} é estacionário e remove um paciente SN_{OD} de um locativo SP que indica a origem do movimento. Como se dá

com as cenas de colocação, a base cognitiva que subjaz a essa estrutura é um esquema imagético de trajetória, como em:

- (21) ãó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 382*)

São licenciados por esse tipo microconstrucional verbos como *tirar* (45 tokens), *puxar* (19), *retirar* (10), *arrancar* (10) e *remover* (4). A oração destacada em (21) expressa a ação de um agente estacionário ($\emptyset = eu$) sobre um paciente (*você*) removido de um determinado local (*lá*).

Microconstrução de transporte

A segunda microconstrução do SE de M_{Caus} conceptualiza o deslocamento conjunto dos referentes do SN_{SUJ} e do SN_{OD}. Mais precisamente, esse tipo descreve o movimento causado a um dado paciente decorrente da ação de ser transportado pelo Agente. Prototipicamente, essa microconstrução aciona o esquema imagético de trajetória com foco no alvo ou na origem do movimento, dependendo do ponto da trajetória perspectivizado.

Nas orações licenciadas pela microconstrução de transporte que indica movimento de ida o SP codifica o papel semântico de alvo, lugar para onde o paciente é levado pelo agente. São verbos dessa natureza: *levar* (73 tokens), *carregar* (28), *transportar* (16), *deixar* (10) e *arrastar* (4), como no dado seguinte, em que o SP *no aeroporto* (22) indica o ponto de chegada do evento:

- (22) [...] mas no dia da viagem ... é ... eu me lembro de uma coisa muito interessante quando ... um amigo nosso foi deixar-nos no aeroporto ... eu ... mamãe e Isabela ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 9*)

Há uma forte predominância de pacientes humanos nesse tipo de microconstrução, como em (22), em que um agente translacional (*um amigo nosso*) compartilha o trajeto com um paciente (*nos*). O SP alvo é inerente ao esquema cognitivo que subjaz a esse *frame*. Quando omitido na oração, pode ser inferido com base no contexto, conforme se pode observar em (23), com um paciente cujo referente é não humano:

(23) [...] que foi até a empresa e conversou com Ziro para assinar a carteira, que emitiu as guias para que Maria José levasse para pagar, que não foi até o INSS, que não recebeu nada por isso. (JFRN)

Na oração em destaque, o objeto (\emptyset = *as guias*) é transportado para algum local que não é explicitado no fragmento. Dado nosso conhecimento de mundo, subtende-se o alvo como um determinado estabelecimento onde se pode fazer pagamentos.

Uma outra possibilidade de manifestação da microconstrução de transporte é a perspectivização do ponto de origem do transporte de um paciente, o qual, em termos de esquema imagético, constitui o foco da microconstrução. Verbos como *trazer* (28 tokens), *buscar* (20) e *resgatar* (14) fazem parte dessa classe, em que o SN_{SUJ} é, prototipicamente, um ser animado, como *Christian* (= \emptyset), em (24); o paciente/SN_{OD} pode designar humanos ou objetos, como *a* (= Ana); e o ponto de onde se resgata o referente do SN_{OD} é explicitado pelo SP, *de uma balada*:

(24) Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais ó e, quando ela se dobra para vomitar, sua reação imediata é segurar-lhe o cabelo, marca de um legítimo cavalheiro. (Revista Veja)

Em resumo, a microconstrução de transporte perfila eventos de deslocamento, nos quais uma entidade transporta a outra. Trata-se de um padrão semântico-sintático que aciona, em termos cognitivos, o esquema imagético de trajetória, com foco em algum ponto do percurso.

Subesquema de movimento percorrido

O SE de MPerc recruta VMT complementados por locativo/SN_{OD}, descrevendo o percurso de um agente/SN_{SUJ}. É o segundo mais produtivo nos *corpora* examinados, com 12 *types* e 182 *tokens*. Os verbos *deixar* e *atravessar* são os mais frequentes, com 19,78% e 17,03% das ocorrências, respectivamente. Esse SE é significativamente mais frequente na modalidade escrita, com 138 *tokens* (76%), contra 44, (24%) na fala. Essa predominância na modalidade escrita está relacionada à necessidade do emprego, nos textos, de verbos que

revelem explicitamente os deslocamentos realizados pelos participantes do evento, a exemplo das peças jurídicas coletadas no Banco de Sentenças da JFRN.

A estrutura argumental desses verbos é [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/LOC} (SP_{LOC})]. O locativo tem baixa frequência de uso, uma vez que o SN_{OD} já especifica uma localização. Os VMT licenciados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que o movimento efetuado pelo referente do SN_{SUJ} não provoca mudança de localização do SN_{OD}.

O SE de MPerc pode se desdobrar em três microconstruções: de afastamento, de travessia e de aproximação. Do ponto de vista cognitivo, os construtos desse SE, da mesma forma que os do SE de M_{Caus}, ativam o esquema imagético de trajetória, destacando, porém, pontos do percurso que podem se relacionar com um espaço, uma passagem, uma abertura/portal, entre outros, por onde se realiza o movimento, a exemplo de:

(25) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o seu topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p.169*)

Nessa oração, o SN_{OD} *uma duna* corresponde à área por onde o SN_{SUJ} (Ø = nós) desloca-se. As microconstruções desse SE não são, em geral, triargumentais, mas, quando suas instanciações contêm um SP, este acrescenta ao evento reportado mais uma informação espacial, como *até o seu topo*, que especifica o ponto de chegada do movimento.

Microconstrução de travessia

A microconstrução de travessia distingue-se semanticamente das demais microconstruções do SE de MPerc porque o referente do SN_{OD} equivale ao local por onde o referente do SN_{SUJ} realiza o caminho. Em termos cognitivos, as instanciações desse SE ativam o esquema imagético de trajetória e podem focalizar diferentes pontos do caminho presentes no evento de movimento, como os apresentados a seguir. Os verbos recrutados por esse SE são *andar, atravessar, passar, percorrer*, entre outros.

O locativo/SN_{OD} pode descrever uma extensa área por onde o agente se move, como em (26), em que *o interior do Maranhão* não se constitui em caminho propriamente dito:

(26) *Quem percorre o interior do Maranhão* se surpreende com a quantidade de esqueletos de grandes obras abandonadas e expostas ao tempo. (Revista IstoÉ)

O locativo/SN_{OD} pode corresponder a um lugar que tem como finalidade principal possibilitar o trânsito de pessoas, com menor abrangência espacial do que uma área, a exemplo de:

(27) Pra você saí de Niterói de carro, *você tem que atravessá a ponte evidentemente*, né? Agora, num sei. E lá [por]... por Magé? Parece que antigamente passava também, quando num tinha ponte; hoje tem a ponte, então *tem que atravessá a ponte Rio-Niterói* e saí na Avenida Brasil. (Corpus PEUL)

Os SN_{OD} *a ponte* e *a ponte Rio-Niterói* dos eventos destacados em (27) constituem-se em um lugar de passagem por onde o referente do SN_{SUJ} (*você*) realiza o trajeto. Os verbos que ocorrem com OD desse tipo são *atravessar*, *cruzar*, *descer* e *subir*.

O locativo/SN_{OD} pode ainda referir-se a pontos ou linhas que demarcam espaços, limites ou fronteiras em uma dada área, como especificado na oração a seguir:

(28) ãQuando *cruzei a linha de chegada*, eles gritavam ñSenna, Senna! Foi de arrepiar, vibrou o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna (1960-1994) ao concluir sua primeira corrida em sua terra natal. (Revista Caras)

Em (28), o SN_{OD} *a linha de chegada* exemplifica esse tipo de locativo que indica o local transposto pelo referente do SN_{SUJ} ($\emptyset = eu$). As orações com os verbos *atravessar*, *cruzar* e *ultrapassar* destacam esse ponto do trajeto do esquema imagético acionado.

Microconstrução de afastamento

A microconstrução de afastamento tem um agente/SN_{SUJ} e um locativo que indica a origem do movimento. Vejamos o dado a seguir, em que *o presídio da Papuda* descreve o ponto de onde o referente do SN_{SUJ} (*Battisti*) partiu.

(29) *Battisti deixou o presídio da Papuda* logo após a meia-noite desta quarta-feira. (Revista Veja)

Dentre os verbos que podem corresponder a esse *frame*, o único que ocorreu no banco de dados é *deixar* (36 *tokens*), empregado com o sentido de afastar-se ou sair de algum lugar.

Microconstrução de aproximação

A microconstrução de aproximação expressa o deslocamento do SN_{SUI} em direção a um alvo codificado pelo SN_{OD} , conforme ocorre em (30):

- (30) Milkau acredita que alcançou a terra prometida ou melhor, Canaã, o paraíso oferecido por Deus ao patriarca Abraão, história presente no Antigo Testamento. (Revista IstoÉ)

Como as demais microconstruções do SE MPerc, esta aciona o esquema imagético de trajetória, dessa vez com foco no alvo. Dentre os verbos que podem perfilar esse *frame*, o banco de dados analisado registra apenas um VMT: *alcançar* (12 *tokens*), empregado com o sentido de *chegar até*.

Subesquema de movimento associado

O SE de MAssoc é assim denominado porque descreve o movimento de um agente juntamente com um coagente. Trata-se, portanto, de um SE que licencia orações que têm um participante associado ao movimento, codificado pelo SN_{OD} . É o SE menos produtivo, com apenas 4 *types* distribuídos em 51 *tokens*. O verbo *acompanhar* é o mais frequente, com mais da metade das ocorrências (54,90%), mais frequente na modalidade escrita, com 39 *tokens* (76%). Os outros VMT recrutados por esse SE são *seguir*, *perseguir* e *conduzir*. A predominância de *acompanhar* deve-se ao fato de ele ser um verbo tipicamente relacionado a cenas de movimento conjunto em diferentes contextos, ao passo que os outros três verbos descrevem eventos mais específicos, como ocorrências policiais e perseguições.

A estrutura argumental desses verbos é [$SN_{SUI/AGT}$ V_{MOV} $SN_{OD/COAGT}$ (SP_{LOC})]. O SP, quando expreso, codifica o alvo para onde os participantes SUI e OD se movem. Desse modo, no domínio cognitivo, as orações que realizam esse SE acionam o esquema imagético de trajetória. Os VMT sancionados por esse subesquema pertencem à classe dos verbos de ação, visto que não há paciente afetado, pois os referentes do SN_{SUI} e do SN_{OD} realizam o trajeto de modo autônomo, sem interferência direta (emprego de força) de um sobre o outro.

O SE de MAssoc desdobra-se em duas microconstruções, movimento paralelo e movimento seguido, e o participante coagente do evento pode acompanhar ou seguir o agente.

Microconstrução de movimento paralelo

Os verbos recrutados por essa microconstrução têm como principal característica a participação de um SN_{SUJ} translacional e de um SN_{OD} com papel semântico de coagente, cujo referente se move de modo paralelo ou relativamente próximo ao referente do SN_{SUJ}. Tanto o referente do SUJ quanto o do OD são tipicamente humanos. Os VMT *acompanhar* e *conduzir* realizam essa microconstrução. Vejamos:

(31) Em seguida, o denunciado conduziu o vigilante ao banheiro, onde ordenou que lhe entregasse seu celular, sua mochila e o colete balístico. (JFRN)

Nesse dado, a entidade representada pelo SN_{OD} (*o vigilante*) é conduzida pelo agente/SN_{SUJ} (*o denunciado*). Essa microconstrução projeta eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de esquema imagético, o alvo para onde o agente e o coagente se movem, identificado no evento narrado em (31) por *ao banheiro*.

Microconstrução de movimento seguido

Essa microconstrução se diferencia semanticamente da anterior porque o agente e o coagente não se deslocam juntos, mas um segue o outro. Os VMT que a efetivam são *seguir* e *perseguir*, como se vê em (32):

(32) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra segui-lo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 29*)

Nesse fragmento, o participante nomeado pelo SN_{OD} (*o cara*) é seguido pelo referente dos SN_{SUJ} (\emptyset , *o*). Em termos de esquema imagético, essa microconstrução perfila eventos de

deslocamento que perspectivizam algum ponto da trajetória, a exemplo *de até lá em cima*, alvo codificado pelo SP.

Conclusão

As reflexões e os resultados aqui expostos seguem os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções, as quais possibilitaram focalizar diferentes facetas do evento de movimento transitivo.

Com base em um esquema construcional superordenado, representado como [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)], foi possível propor uma rede hierárquica organizada em três subesquemas e sete microconstruções. A proposta de organização de uma rede para a construção com VMT considerou as diversas combinações semântico-sintáticas de seus argumentos, tendo como princípio básico o conceito de construção, tomado como um pareamento de forma e função. Desse modo, cada um dos níveis da rede construcional perfila um determinado *frame*, o qual está associado aos esquemas imagéticos de contêiner ou de trajetória.

Os *slots* desse esquema podem acomodar diferentes papéis semânticos: agente, paciente, coagente, caminho e diferentes tipos de locativo. No entanto, mesmo que algumas posições dessa configuração esquemática não sejam preenchidas linguisticamente, o sentido do evento de movimento transitivo se mantém. Nessa linha, a semântica da construção em si assegura a identificação de determinados *frames*, enquanto os esquemas imagéticos, em termos de estrutura cognitiva, apontam o traço focalizado do trajeto.

A configuração argumental AGT/SN_{SUJ} + VMT + PAC/SN_{OD} + LOC/SP mostrou-se prototípica apenas para o subesquema de movimento causado. O mapeamento das instanciações do esquema superordenado revelou que o papel semântico de agente atribuído ao SN_{SUJ} e o de locativo desempenhado pelo SP estão presentes em todos os níveis da rede. Contudo, o afastamento do exemplar prototípico está centrado no caso semântico do SN_{OD}, uma vez que esse argumento interno pode desempenhar os papéis de locativo, no subesquema de movimento percorrido, e de coagente, no subesquema de movimento associado.

Em relação ao SN_{SUJ}, este pode ser um agente estacionário, que manipula o referente do objeto direto com parte de seu corpo, papel está relacionado apenas à microconstrução de manipulação. Nas outras seis microconstruções, o agente é translacional, ou seja, desloca-se de um ponto a outro, seja por acompanhar seja por transportar algo ou alguém, mostrando-se, assim, mais produtivo do que o primeiro.

Quanto à função semântica do SP, esta se relaciona à identificação de espaços que perpassam o evento de movimento transitivo, por isso é um locativo que identifica a origem, o caminho e/ou o destino do movimento. Tais pontos guardam forte relação com as preposições que os introduzem.

A tradição gramatical, em geral, trata os verbos de movimento como prototipicamente intransitivos. Com foco no emprego da preposição, os gramáticos (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2007; entre muitos outros) compartilham a ideia de que verbos que designam movimento têm complementos preposicionados, mais precisamente um complemento de lugar, codificado por [preposição + SN]. Contudo, a observação de dados de fala e de escrita em contextos reais de uso possibilita a identificação de um número significativo de verbos de movimento acompanhados de um objeto direto que, na maioria dos casos, codifica o participante afetado pela ação verbal, a pessoa ou coisa que se move. Ao priorizar a investigação sobre o tipo de movimento expresso por verbos dessa natureza, o papel semântico de seus argumentos e o esquema imagético que os subjaz, este trabalho apresentou uma proposta de classificação semântico-sintática para esses verbos, dispondo-os numa rede construcional organizada com base nas realizações linguísticas do esquema superordenado que os licencia.

Referências

BANCO DE SENTENÇAS. **Justiça Federal do Rio Grande do Norte**, 2016. Disponível em: <<https://www.jfrn.jus.br/bancodesentencas/bancodesentencas.xhtml>>. Acesso em: 02 agosto 2016.

BANCO DE DADOS DO PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Projeto PEUL**, 2016. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/peul/>>. Acesso em: 05 abril 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luis F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* [recurso eletrônico]. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DU BOIS, John W. Argument structure. Grammar in use. In: DU BOIS, John W. *et al.* (Eds.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 12-60.

FERRARI, Lilian V. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. *Santa Cruz lectures on deixis*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1971.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, Cathy (Ed.). *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, California: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131.

_____. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (Ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-81.

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-255, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFERN, 2015. p. 135-165.

_____; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo B. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In. CEZARIO, Maria M.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

_____; SILVA, José R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

_____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989, p. 205-235.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez 2012 [1979].

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society 13*. Chicago: University of Chicago Press, 1977. p. 236-287.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF ó Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 93-113, 2010.

Revista AnaMaria, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 abril 2016.

Revista Caras, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

Revista Cláudia, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/>>. Acesso em: 13 maio 2016.

Revista Época, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/>>. Acesso em: 21 abril 2016.

Revista IstoÉ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/#>>. Acesso em: 03 junho 2016.

Revista Veja, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 10 junho 2016.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SLOBIN, Dan Isaac. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. (Eds.). *Syntax and Semantics*. v. 15 (Studies in transitivity). New York: Academic Press, 1982. p. 409-422.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. v. 1. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, Michael (Ed). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999.

TRASK, Robert L. *A Dictionary of grammatical terms in linguistics*. London/New York, Routledge, 1993.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Transitive motion event: use and cognition

Abstract: This paper focuses on the semantic-syntactic coding of the transitive motion construction, with the goal of dealing with the relationship between the type of event expressed by the construction and the cognitive schemes it triggers. The theoretical basis that underlies this work combines Functional Linguistics Centered on Use, Cognitive Linguistics and Construction Grammar, investigating structural, semantic, functional and cognitive aspects present in the instantiations of this construction. Empirical data were collected from different sources: Corpus Discurso & Gramática, the

Federal Justice Sentences Bank of Rio Grande do Norte, the UFRJ Language studies program database and texts available online at wide circulation magazine sites. The results of the research reveal the existence of a constructional scheme that sanctions three subschemas and seven micro-constructions that, in turn, reveal notions of caused movement, traveled movement and associated movement. From the syntactic-semantic perspective, the linguistic coding of the transitive movement event projects frames that manifest different types of movement, such as manipulation, transport and displacement; in terms of cognitive structure, the imagetic schemas point to the focused feature of the path.

Keywords: Functional Linguistics Centered on Use. Cognitive Linguistics. Construction Grammar. Transitive Motion Event.

Recebido em: 25 de setembro de 2020.

Aceito em: 15 de dezembro de 2020.

Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional

Maria Claudete Lima¹

Resumo: Este ensaio propõe uma tipologia das construções médias em português, baseada no Modelo Cognitivo Idealizado de Causalidade de Langacker (1991a), chamado “bola de bilhar”, e na noção de transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980). Para tanto, discutem-se as características centrais da voz média e analisam-se, quanto à forma de codificação, à expressão da causa, ao tipo de evento, à motivação pragmática e à saliência das entidades, ocorrências retiradas do *Corpus* do Português NOW (DAVIES; FERREIRA, 2018), que abrange textos escritos do Brasil e de Portugal, de 2012 a 2019. Partindo da noção de construto absoluto de Langacker (1991a), propõe-se uma tipologia das construções médias em português, que se manifestam de forma lexical, sintática e perifrástica. Os resultados sugerem que as construções de voz inseridas no domínio medial são expressões distintas do mesmo construto de não atribuição de causalidade, o qual inclui ainda as construções passivas e impessoais.

Palavras-chave: Voz média. Causalidade. Construto absoluto.

Introdução

Tradicionalmente, a voz é estudada como categoria verbal que expressa uma relação entre o verbo e o sujeito. Em português, a Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece três vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Esta taxonomia não é adotada unanimemente nas gramáticas normativas do português. Rocha Lima (1992), por exemplo, admite apenas voz ativa e voz medial. Esta última recebe subclassificações para englobar alguns usos da construção clítica: medial-passiva (*destruiu-se o casarão*), medial-reflexiva (*ele matou-se*) e medial dinâmica (*o gelo derreteu-se*). Melo (1980) considera apenas voz ativa e passiva, descartando a voz reflexiva por ser acidental a correferencialidade entre a pessoa do objeto e do sujeito.

Esse tratamento diverso, brevemente ilustrado, deriva de as variadas manifestações da categoria de voz não se encontrarem claramente caracterizadas. Afinal, as distinções de voz em português não se correlacionam a desinências específicas. Assim, do ponto de vista

¹ Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é professora do curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras da UFC. Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ceará, Brasil. E-mail: claudete@ufc.br. ORCID iD: 0000-0002-9866-9209

exclusivamente flexional, o verbo em português manifesta apenas a voz ativa (DUARTE, 2002).

Considerando-se, todavia, que uma categoria gramatical pode ser expressa não só por desinências, mas também por auxiliares e partículas (LYONS, 1979, p. 322), pode admitir-se, além da ativa, uma voz passiva em português expressa por auxiliar *ser* + participípio passado. Ainda assim, o estatuto da passiva como voz em português não é incontroverso. Camara Jr. (1985, p.165), por exemplo, considera que a construção passiva é uma oração nominal: “Do ponto de vista oracional, tem-se o mesmo tipo de frase em: (a) os soldados foram punidos; (b) os soldados foram covardes. (...) Assim, a chamada ‘voz passiva’ em português não tem caracterização morfológica”.

A dificuldade de caracterizar a categoria de voz em português se amplia com a inclusão das construções formadas com o clítico *se*. A distinção entre as variadas construções com clítico, se passivas, reflexivas ou nem uma nem outra, é explorada na literatura em diversas vertentes. De modo geral, reconhece-se o papel do contexto nessa diferenciação até mesmo em abordagens formais, como o faz Macambira (1986), ao tratar de voz reflexiva, recíproca e média.

A admissão do papel do contexto na diferenciação das construções de voz, especialmente as expressas por clítico, demonstra a insuficiência da caracterização formal, o que leva à proposição da voz como uma categoria essencialmente semântico-pragmática que ultrapassa a simples relação sujeito e verbo e atinge toda a oração. Essa concepção de voz encontra abrigo em uma abordagem cognitivo-funcional em que os limites entre léxico e gramática se diluem e em que as construções, entendidas como pareamento de uma estrutura conceitual complexa com um significante e uma função pragmática peculiar (GOLDBERG, 1995), formam um domínio conceitual ligado à noção de transitividade e causalidade.

Assim consideradas, as construções de voz situam-se em um *continuum* cujos extremos são, de um lado, o grau máximo de causalidade/transitividade, representado pela ativa prototípica, e, do outro, o grau mínimo de causalidade, representado pela média prototípica. O extremo mínimo dessa escala abriga uma variedade de construções que podem ser consideradas como membros de um mesmo domínio semântico-cognitivo. É o que se pretende discutir neste ensaio, tomando-se por base, principalmente, Langacker (1991a) e Kemmer (1993).

Para defender a caracterização do domínio médio em português como um fenômeno semântico-pragmático ligado à noção de causalidade, parte-se da noção de construto absoluto de Langancker (1991a) para se demonstrar, com dados do *Corpus* do Português NOW, como as variadas construções que se propõe inserir no domínio medial são expressões distintas do mesmo construto de não atribuição de causalidade.

Voz e causalidade

A dependência contextual na tipologia de construções de voz, sobre que se falou brevemente na seção anterior, é ilustrada pelas ocorrências a seguir, em que uma mesma codificação formal é interpretada como reflexiva (01), recíproca (02) e média (03).

- (01) No país, vários casos já foram registrados de jovens (entre 12 e 18 anos) **que se machucaram** ou se feriram através do jogo.²
- (02) Os dois, igualmente fortes e ferozes, **atracaram-se** rolando pelo chão. **Machucaram-se** um ao outro, cada um ferindo o inimigo sem piedade.³
- (03) Segundo a emissora, entre as pessoas **que se machucaram** está Débora Ribeiro Rodrigues, de 33 anos, que foi levada para o Hospital Estadual de Sumaré (SP)...⁴

Em (01), a notícia deixa claro que os jovens machucaram a si mesmos influenciados pelo jogo. Agiram sobre si como agiriam sobre outro participante, provocando em si mesmos os machucados. A ação parte do sujeito agente e atinge um objeto paciente, correferencial ao sujeito (CAMACHO, 2003). Em (02), similarmente a (01), o evento é provocado, mas, ao invés de agir sobre si mesmos, os participantes agiram um sobre o outro, exercendo ao mesmo tempo o papel de agente e paciente em relação a outro participante (MACAMBIRA, 1986). Em (03), o contexto de acidente esclarece que o efeito ocorreu de forma involuntária, a causa dos machucados não é atribuída a um agente volitivo, mas a um evento causativo, o acidente. O sujeito é o ponto de partida da mensagem e é afetado pelo processo tal como o referente do sujeito de (01), mas, diferentemente deste, não é o instigador do processo (KEMMER, 1993).

²<https://jornalsantateresanoticias.com.br/baleia-azul-uma-modinha-perigosa-da-internet-que-serve-de-alerta-para-os-pais/>

³<https://peregrinacultural.wordpress.com/2010/10/18/os-dois-leoes-fabula-de-florian/>

⁴<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/23/campinas-viatura-dos-bombeiros-atropela-pedestres-durante-caso-de-incendio.htm>

O fato de essas construções de voz dependerem de fatores sintático-semânticos leva ao reconhecimento da voz como um fenômeno não apenas morfossintático, restrito ao predicado, mas essencialmente como um fenômeno semântico-pragmático ligado a toda a oração (HALLIDAY, 1976⁵). Assim concebida, a voz relaciona-se à transitividade, encarada não apenas como uma relação entre verbo e complemento — categoria discreta que divide os verbos em transitivos, se admitirem complemento, e intransitivos, se não admitirem — mas como uma propriedade semântica escalar mais geral, ligada à conceitualização de eventos, em que entram fatores relativos ao sujeito, ao objeto e ao verbo (HOPPER; THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1993; SHIBATANI, 2006), tais como: (1) a quantidade de participantes; (2) a classificação semântica do verbo; (3) o contorno têmico-aspectual do evento; (4) a modalidade e o tipo de frase; (5) a agentividade do sujeito; (6) a afetação e individuação do objeto.

Todos os parâmetros definidores da transitividade são relativos à efetividade com que uma ação toma lugar e é transferida de um participante a outro⁶. Em outras palavras, tais parâmetros ressaltam a relação entre a transitividade e a noção de causalidade (DELANCEY, 1987)⁷, compreendida conceitualmente como a transmissão de energia de um participante a outro, noção que dá lugar à visão metafórica de um trajeto que começa no sujeito, entendido como *fonte*, e termina no objeto, entendido como *meta*.

Essa metáfora deriva de uma concepção de mundo em que objetos discretos se movem no espaço, entram em contato uns com os outros e participam de interações energéticas (LANGACKER, 1991a). O movimento dos objetos é comandado por *energia* (ou *força*), que alguns retiram de recursos internos e outros recebem do exterior. Assim, além da força ou energia (interação), são elementos do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)⁸ da

⁵Halliday (1976) distingue voz do verbo, ligada à forma verbal, e voz da oração, relacionada aos papéis semânticos.

⁶ Cabe lembrar que essa noção de “transferência” que está na origem do termo *transitivo* (< lat. *transitīvus*), derivado do latim *transīre* ‘passar de um lugar a outro’, também é atribuída aos verbos transitivos na gramática tradicional (CUNHA; CINTRA, 1985, ALMEIDA, 1980).

⁷ DELANCEY (1987, p. 60) afirma que “a base natural do protótipo de transitividade é a compreensão humana universal de que os eventos têm causas, isto é, que a base do protótipo de transitividade é um simples esquema CAUSA → EFEITO que deve sua universalidade a sua utilidade universal em lidar com o mundo real. (“the natural basis for the transitivity prototype is the universal human understanding of the physical fact that event have causes, i. e. that the basis of the transitivity prototype is a simple CAUSE → EFFECT schema which owes its universality to its universal utility in dealing with the real world”).

⁸ Modelo Cognitivo Idealizado é um tipo de construto, ligado à noção de Gestalt, inicialmente proposto por Lakoff (1987), que diz respeito ao modo como organizamos coerentemente o conhecimento enciclopédico de acordo com certos princípios cognitivos: os *frames*, os esquemas imagéticos e a metáfora e a metonímia (CIENKI, 2007).

causalidade: o *espaço* (movimento), o *tempo* (mudança) e a *substância material* (objetos). Esses elementos compõem o *modelo da bola de bilhar* que representa uma cadeia de ação: um objeto faz forte contato com outro, resultando em transferência de energia. O segundo objeto entra em contato com outro, resultando de novo em transferência de energia e assim indefinidamente, até que a energia se acabe ou nenhum contato seja feito. O núcleo da cadeia é o objeto inicial, e a cauda é o objeto final. Em cadeias de ação mais simples, o núcleo e o fim interagem sem intermediários, há apenas dois objetos participantes. A figura 1, retirada de Langacker (1987, p.283), representa uma cadeia de ação.

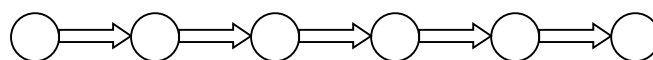


Figura 1: cadeia de ação (LANGACKER, 1987)

Essa conceitualização da experiência como uma rede causal se manifesta nas construções de voz. Frases ativas prototípicas, como (04), codificam um evento causativo canônico, em que há dois participantes numa relação assimétrica, um dos quais é agente arquetípico: “pessoa que voluntariamente inicia uma atividade física, resultando, através de contato físico, numa transferência de energia a um objeto externo”⁹, e o outro, um *paciente* também arquetípico: “objeto inanimado que absorve a energia transmitida via contato físico iniciado externamente e, por isso, experimenta uma mudança de estado”¹⁰.

(04) González_{ag} **chutou** a bola_{pac} e **derrubou** Celso Borges_{pac}¹¹

A voz ativa prototípica representa eventos causativos e apresenta alto grau de transitividade, conforme os parâmetros de Hopper e Thompson (1980). As demais vozes representam afastamentos dessa transitividade prototípica, codificando formas alternativas de conceber um evento, de modo a permitir diferentes tipos de oposição na estrutura do evento (CROFT, 1994).

⁹ The archetypal agent is a person who volitionally initiates physical activity resulting, through physical contact, in the transfer of energy to an external object (LANGACKER, 1991a, p.285).

¹⁰ An inanimate object that absorbs the energy transmitted via externally initiated physical contact and thereby undergoes an internal change of state (LANGACKER, 1991a, p.285).

¹¹ <https://pt.besoccer.com/noticia/clima-quente-mensagens-anonimas-denunciam-racha-na-costa-rica-jogadores-negam-451018>

Como desvios do protótipo, as demais construções costumam ser formas marcadas e se caracterizam pelos três domínios da voz: (1) a *impessoalização*, que diz respeito à supressão ou demissão do agente; (2) a *topicalidade*, que está ligada à acessibilidade do referente, à importância temática e à perspectivação; (3) a *detransitivização*, que envolve decréscimo nas propriedades da transitividade (GIVÓN, 1982). Esses três domínios confluem em uma mesma construção, o que mostra que construções particulares se comportam como organismos complexos em que as dependências mútuas não são acidentais:

(a) se a identidade do agente é suprimida, um outro argumento pode ser tópico da oração, daí a confluência entre impessoalização e topicalidade; (b) se o aspecto perfectivo/estativo/resultativo de um evento é focalizado, presumivelmente o estatuto do agente é menos importante, daí a confluência entre detransitivização e impessoalização; (c) se o tópico da oração é não agentivo, é provável que aspectos relativos ao paciente do evento, isto é, o estado resultante sejam focalizados; daí a confluência entre topicalidade e detransitivização (GIVÓN, 1982, p.139).

Tal confluência entre os parâmetros evidencia o caráter complexo da categoria de voz e mostra como reduzi-la à forma verbal seria ignorar seu papel na codificação de variadas distinções conceituais discursivamente significativas, relativas à origem e ao modo de desenvolvimento do processo, à saliência dos participantes e à natureza do seu envolvimento com o evento (SHIBATANI, 2006).

Consideradas em suas dimensões semântico-pragmáticas, as construções que se afastam da ativa prototípica em português são: (1) passiva; (2) impessoal (CAMACHO, 2000); (3) reflexiva; (4) recíproca; (5) média (CAMACHO, 2003); e (6) estativa (CROFT, 1994). Tais distinções podem se expressar por meios lexicais, gramaticais e sintáticos (SHIBATANI, 2006). Na seção seguinte, discute-se a construção média, considerando suas relações com os demais tipos de voz.

A voz média como construto absoluto

A voz média, um dos afastamentos da ativa prototípica, é a codificação de um construto em que uma situação de mudança é concebida de modo esquemático, perfilando

apenas uma relação temática (BECOME → STATE). Especialmente em abordagens formais, costuma ser relacionada à inacusatividade, fenômeno lexical ou sintático, segundo o qual o verbo tem como sujeito um argumento interno (RAPOSO, 2013).

No nível lexical, consideram-se inacusativos verbos como *adoecer*, *adormecer*, *desaparecer*, *desmaiar*, *morrer*, *nascer*, que “denotam situações que afetam a entidade que corresponde ao sujeito e sobre as quais este não tem controle; ou seja, o sujeito dos verbos inacusativos é tipicamente um paciente ou um tema” (RAPOSO, 2013, p.1206), como em (05a).

No nível sintático, consideram-se orações inacusativas não só as formadas com verbos inacusativos, mas também as relacionadas a uma construção transitiva construída intransitivamente com valor incoativo (CIRÍACO; CANÇADO, 2004), como os pares de (06). Em (06a), tem-se uma construção ativa com o agente “a vítima” como ponto de partida e o tema¹² “a porta”, como ponto de chegada. Em (06b), tem-se uma construção média construída apenas com o participante temático, denotando um processo de mudança não provocado.

- (05) a. **Fernando Gomes Freitas**, conhecido como Fernandinho Guarabu, um dos traficantes mais procurados do Rio de Janeiro, **morreu** na manhã desta quinta-feira (27) durante confronto com policiais militares no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro¹³.
- b. **Fernandinho Guarabu**, um dos traficantes mais procurados do RJ, **é morto pela polícia**¹⁴.
- c. **Policiais militares encontraram e mataram, durante um confronto, Fernando Gomes Freitas**, o Fernandinho Guarabu, na favela que ele chefiava, o Morro do Dendê, na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio¹⁵.
- (06) a. Quando **a vítima abriu a porta**, o homem teria dado vários chutes e socos¹⁶.
- b. A polícia contou que o jovem de 19 anos estava pendurado na janela do carro. Quando o veículo fez uma curva, **a porta abriu**, ele perdeu o equilíbrio e **caiu**¹⁷.

¹²Para Langacker (1991a), Tema é um macropapel que abriga os papéis semânticos de paciente, movido e experienciador.

¹³ <https://pleno.news/brasil/cidades/um-dos-maiores-trafficantes-do-rj-e-morto-durante-confronto.html>

¹⁴ <https://www.agoramt.com.br/brasil/fernandinho-guarabu-um-dos-trafficantes-mais-procurados-do-rj-e-morto-pela-policia/80669>

¹⁵ <https://www.agoramt.com.br/brasil/fernandinho-guarabu-um-dos-trafficantes-mais-procurados-do-rj-e-morto-pela-policia/80669>

¹⁶ <https://www.nsctotal.com.br/noticias/mulher-e-agredida-e-ameacada-de-morte-com-arma-pelo-ex-namorado-em-blumenau>

¹⁷ <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/01/18/jovem-cai-de-carro-em-movimento-e-sofre-traumatismo-craniano-em-tupa.ghtml>

Do ponto de vista semântico, não há diferença na concepção básica de evento expressa em (05a) e (06b), ou em (05c) e (06a). Tanto em (05a) como em (06b), fala-se de um processo que acontece a uma entidade afetada: *Fernando Gomes Freitas morreu*, em (05a), e *a porta abriu*, em (06b). Em (05c), como em (06a), fala-se de uma entidade com controle [*policiais militares*, em (05c), e *a vítima* em (06a)] que age sobre outra entidade causando-lhe uma mudança de estado. A diferença, portanto, não é conceitual, mas formal. Em (05a) e (05c), a oposição se expressa no léxico, por meio do uso de verbos diferentes, *morrer* e *matar*, respectivamente. Em (06a) e (06b), a oposição se dá no plano da estruturação sintática: um mesmo verbo¹⁸ é empregado intransitivamente, com o paciente na posição de sujeito ou transitivamente, com o paciente como objeto direto.

Partindo-se de uma noção de voz essencialmente semântica, baseada na conceitualização de eventos, dentro de um quadro teórico em que “léxico e gramática formam uma gradação plenamente descrita como uma conjunção de estruturas simbólicas” (LANGACKER, 2000, p.1), não se justifica considerar tais fenômenos como distintos, apenas por a manifestação formal ser distinta, como bem defende Shibatani, (2006):

Assim como no caso das causativas, as construções médias manifestam-se em três tipos — lexical, morfológico, e perifrástico — tanto em línguas individuais como entre diferentes línguas. O balinês, por exemplo, exibe os três tipos de construção média, permitindo que alguns tipos de situação sejam expressos morfológicamente ou perifrásticamente.¹⁹ (SHIBATANI, 2006, p. 234)

Construções como (05a) e (06b) representam um construto absoluto, concepção de evento autônomo que abstrai qualquer fonte de energia e que é permitida pela autonomia conceitual da mudança de estado e do Tema, ou seja, da relação temática²⁰ (LANGACKER, 1991b). Assim, em (07a), a seguir, a causação é conceitualmente dependente (D) da mudança de estado, **um homem quebrou*, mas a mudança de estado é conceitualmente autônoma (A)

¹⁸ Estamos desconsiderando aqui a hipótese de homonímia, para evitar discussão que nos afastaria do foco.

¹⁹Just as in the case of causatives, middle constructions come in three types — lexical, morphological, and periphrastic —both within individual languages and across different ones. Balinese, for example, exhibits all three types of middle construction, allowing some situation types to be expressed either morphologically or periphrastically (SHIBATANI, 2006, p. 234).

²⁰Langacker (1991b, p. 254) define relação temática como o núcleo conceitual de uma predicação processual: “a thematic relationship evolving through time constitutes the irreducible nucleus of an event conception”.

em relação à causação, uma vez que pode ser concebida sem referência à entidade causadora, como em (07b): *o vidro quebrou*, e conceitualmente autônoma em relação ao controle voluntário de um agente, pois pode ocorrer sem a concepção do controle voluntário: *A chuva quebrou o vidro*.

- (07) a. Segundo a Polícia Militar (PM), o atentado aconteceu durante o período de aula em a Escola Flora Calheiros, em o bairro Esperança de a Comunidade. Testemunhas relataram que **um homem quebrou o vidro** do veículo do professor²¹
- b. Em Guarulhos, o vidro de uma academia estilhaçou²². Clientes malhavam em o estabelecimento em o momento que **o vidro quebrou**, mas ninguém ficou ferido²³

Em geral, o componente autônomo tende a ser semanticamente mais específico, extensivo e concreto. Numa construção esquemática como *X quebrou Y*, por exemplo, o componente Y tem mais informação substancial, mais extensão, que o componente X, uma vez que é parcialmente delimitado pelo verbo a “entidades capazes de serem quebradas”, mas X é aberto, possuindo apenas a noção de “fonte de energia”. É essa carga semântica de Y que permite o construto absoluto, que consiste em perfilar o componente autônomo (A) independentemente do componente dependente (D), como nas frases citadas.

O contraste absoluto/energético, como matéria de construto, é independente da realidade objetiva e depende de convenções culturais e da escolha do falante (LANGACKER, 1991a). Em (05), por exemplo, o mesmo evento foi expresso como construto absoluto em (05a) e como construto energético em (05b) e (05c).

Embora as construções (05b) e (05c) representem um construto energético, há diferenças entre elas. Em (05b), a voz passiva perspectiva o evento energético a partir do final da cadeia de ação, que é mais saliente e tópico. Esta inversão do fluxo natural da energia, que normalmente parte da fonte para a meta, tem motivações pragmáticas, ligadas à topicalidade e à perspectivação (GIVÓN, 1993; CAMACHO, 2003)²⁴. Cognitivamente, *Fernandinho*

²¹<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/05/09/policia-civil-investiga-atentado-a-professor-em-escola-de-ro-carro-foi-incendiado.ghtml>

²² O contexto da notícia: “A chuva que caiu na Grande São Paulo desde a noite de segunda-feira (25) derrubou mais de 100 árvores na capital paulista e na Região Metropolitana e provocou estragos”

²³<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/02/26/chuva-volta-a-deixar-toda-a-cidade-de-sp-em-estado-de-atencao-apos-noite-chuvosa.ghtml>

²⁴ A escolha do sujeito pode ser influenciada por uma série de fatores: papel semântico da entidade, hierarquia de empatia, definitude e organização Figura/Fundo (LANGACKER, 1991a). Todos esses fatores indicam a saliência cognitiva de um dado referente que pode ser escolhido como sujeito, que tem máxima topicalidade e alto grau de proeminência.

Guarabu, um nome próprio no singular, tem mais proeminência morfológica e é mais individuado que *a polícia*, um nome comum e coletivo (VESTERINEN, 2006). (05c) representa o evento em um caminho natural do fluxo de energia: da fonte de energia (*os policiais militares*) para a meta (*Fernando Gomes Freitas*). As frases (08a) e (08b), a seguir, codificam o mesmo evento também por meio de uma construção ativa como (05c), mas a fonte de energia de (08a) e (08b) é mais baixa em agentividade, porque é expressa por nomes abstratos, menos salientes cognitivamente: *a operação matou o traficante – o tiroteio matou Guarabu*.

- (08) a. A Polícia Militar disse que as investigações sobre o envolvimento de policiais com traficantes do Dendê estão sob sigilo e que desde a última quinta-feira (27), dia da **operação que matou o traficante Fernaninho Guarabu**, a corregedoria da PM apreendeu R\$ 38 mil em dinheiro²⁵
- b. Imagens mostram momento logo após **tiroteio que matou Guarabu e comparsas**²⁶

Do mesmo modo que a baixa agentividade representa baixa transitividade, conforme os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), a causalidade, ligada à transitividade, também se submete à gradação a depender da saliência dos elementos nominais (LANGACKER, 1991a), como ilustram as construções (08a) e (08b).

A noção de causalidade, sendo matéria de construto e dependendo de escolhas do falante, nem sempre está explícita linguisticamente. Assim, um verbo, como *cair*, que normalmente denota um processo involuntário, pode ser usado para expressar um construto absoluto ou energético (LANGACKER, 1991a). Em (09), por exemplo, há uma oração com verbo *media tantum* (*que caiu*) encaixada em uma construção passiva com agente da passiva, semanticamente um instrumento que expressa a fonte de energia direta da mudança de estado construída autonomamente.

- (09) Autoridades dos Estados Unidos acreditam que **o avião ucraniano que caiu em Teerã**, no Irã, foi derrubado por um míssil iraniano, informou a imprensa americana nesta quinta-feira (9)²⁷.

²⁵<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/29/mensagens-revelam-a-troca-de-dinheiro-por-informacoes-sobre-operacoes-da-pm-na-favela-do-dende-na-ilha-do-governador.ghtml>

²⁶<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/06/5657946-imagens-mostram-momento-logo-apos-tiroteio-que-matou-guarabu-e-comparsas.html>

²⁷<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/09/algum-pode-ter-cometido-um-erro-diz-trump-sobre-queda-de-aviao-ucraniano-no-ira.ghtml>

Partindo-se dessa frase conceitualmente autônoma, pode-se acrescentar camadas de alinhamento A/D (Autônomo/Dependente) (LANGACKER, 1991a), em que *míssil* como instrumento inanimado é menos causal que um agente humano, como em C, que, por sua vez, parece menos causal que o agente humano em D, pela volição pressuposta na causativa com o verbo *mandar*.

- A. O avião caiu.
- B. O avião foi derrubado por um míssil./ Um míssil derrubou o avião.
- C. Os militares derrubaram o avião com um míssil.
- D. As autoridades iranianas mandaram os militares derrubarem o avião com um míssil.

Cumprе lembrar que, em (06b), o mesmo verbo *cair* foi empregado, mas nesse contexto claramente denota-se um evento não provocado: *ele perdeu o equilíbrio e caiu*. Diferentemente de (09), em que se atribui o evento a um míssil (instrumento controlado por um agente), em (06b), o evento resulta de outro evento não controlado e não provocado: a perda de equilíbrio. As duas orações com *cair* em (09) e (06b) são mediais e codificam um processo que ocorreu a uma entidade em um espaço de tempo delimitado, embora, em uma, o evento pareça ter sido provocado e, na outra, seja claramente não provocado. A codificação linguística, nos exemplos (09) e (06b), não expressa a diferença da realidade objetiva, embora ofereça ao falante alternativas para representar diferentes concepções de evento.

As construções médias lexical e sintática

A existência de verbos lexicalmente marcados como verbos mediais, os chamados *media tantum*, como *cair*, mesmo em línguas como o grego clássico, que tem marcas desinenciais para a expressão da média, parece dever-se à naturalidade da concepção autônoma do evento expresso pelos verbos mediais (SHIBATANI, 2006). Em geral, são verbos que expressam ações que normalmente se situam na esfera do sujeito ou processos fisiológicos naturais (KEMMER, 1993).

Estes verbos, embora possam ser usados na voz ativa, são mais comuns na codificação média, denotando eventos espontâneos (SAID ALI, 1964). São verbos como *envelhecer*,

adoecer, apodrecer, esfriar, derreter, entardecer, amadurecer e outros que expressam processos que se dão no sujeito de forma involuntária, por alguma causa interna ou força natural. (10a), por exemplo, expressa um processo que ocorre de modo espontâneo e afeta o sujeito. Nenhuma menção é feita a uma fonte de energia que provocou o evento, tido como natural²⁸. Já em (10b) a mudança de estado *tornar-se velho* é atribuída a uma fonte de energia externa — *maquiagem*, o evento passa a ser codificado como provocado e expresso por uma codificação ativa²⁹.

- (10) a. No filme, é Earl Stone, **um homem que envelheceu** distante da família, mais interessado em cultivar e desenvolver novas espécies de flores.³⁰
 b. Mais recentemente, o ator divulgou uma foto sua já na metade da **maquiagem que o envelheceu para a cena**³¹

Como as construções exemplificadas em (05a) e (06b), (10a) também apresenta a noção de incoatividade, ou seja, expressa uma mudança de estado pontual (CASTILHO, 1968)³². Em outras palavras, codifica o desenvolvimento do processo focado na mudança de estado, a porção intermediária de um evento: BECOME → STATE, como ilustra a figura 2, adaptada de Croft (1994). Na figura, as frases (a), (b) e (c) representam diferentes visões de uma mesma situação que envolve mudança provocada: a quebra da janela por meio de uma pedra. A visão de evento causativa (a) engloba causa, mudança e estado. A visão incoativa (b) perfila, ao mesmo tempo, a mudança de estado e o resultado, e a visão estativa (c) perfila apenas o resultado, sem noção de movimento (normalmente expressa por verbos estativos, como *estar*).

²⁸ O processo é desencadeado inevitavelmente pela passagem do tempo.

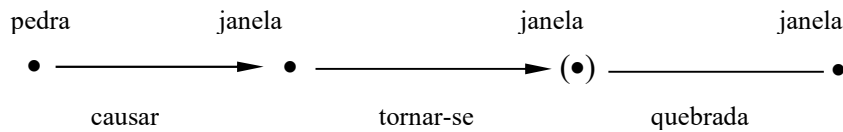
²⁹ Segundo Rio-Torto (2019, p.594), este é o uso predominante no português atual: “Com a evolução da língua, os verbos portadores de *en-* ... *-ec-* passam a denotar predominantemente processo com causador externo (*enriquecer, emagrecer*) e processos psicológicos (*enfurecer, enlouquecer, enraivecer, entontecer*)”.

³⁰<https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2019/02/03/a-licao-de-clint-eastwood-afinal-por-que-parar.ghtml>

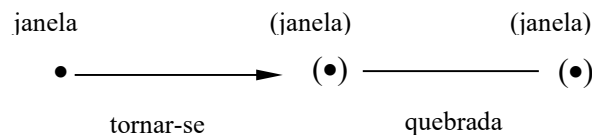
³¹<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-147961/>

³²Cançado e Godoy (2012) distinguem lexical e sintaticamente verbos como *abrir* e *envelhecer*, dentro de uma classe geral de verbos de mudança de estado, propondo três subclasses sintático-semânticas: (1) causativo-agentivos, que admitem como sujeito agente ou causa e aceitam passivização (*abrir, rasgar, queimar*: X, voluntária ou involuntariamente, causa Y ficar aberto/rasgado/queimado); (2) estritamente causativos, formada apenas por alguns verbos psicológicos, que não admitem sujeito agente, apenas causa, nem aceitam passivização (*preocupar, chatear, aborrecer*: uma eventualidade X, evento ou estado, causa Y ficar *preocupado, chateado, aborrecido*); (3) incoativos, formada por verbos que expressam mudança de estado que dependem de propriedades inerentes ao argumento interno, não admitem agente como sujeito, apenas causa, e não aceitam cliticização nem passivização (*amadurecer, adoecer, branquear*: pode existir uma eventualidade X que causa (motiva) Y ficar *maduro, doente, branco*), esses últimos ligados à noção de espontaneidade.

(a) Causativa: *a pedra quebrou a janela.*



(b) Incoativa: *a janela quebrou.*



(c) Estativa: *a janela está quebrada.*

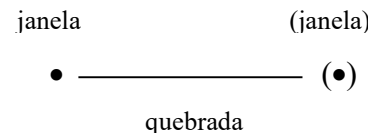


Figura 2 - Estrutura interna de um evento, segundo Croft (1994)

A relação entre as estruturas (a) e (b) tem sido tratada na literatura como alternância causativa/incoativa (também chamada de causativa/anticausativa; causativa/inacusativa), fenômeno comum não só em português, mas em muitas outras línguas (ROŚCIŃSKA-FRANKOWSKA, 2012; ALEXIADOU, 2015; WU; CIENKI, 2019), em que um mesmo verbo pode ser usado transitiva e intransitivamente, ou mais exatamente, ativa e medialmente, sem marcação por desinências ou perífrases. Tal possibilidade já está presente no sistema linguístico latino, em que, por exemplo, *aceto, are* ‘azedar’, derivado do adjetivo *acetus, a, um* ‘azedo’, podia significar tanto ‘tornar azedo’ como ‘tornar-se azedo’, como em *vinumacetat* ‘o vinho fica azedo’, em que se expressa a mudança de estado espontânea por um verbo intransitivo sem marcas formais (DUARTE, 1990).

Esse processo parece generalizado em português em que se tem uma série de verbos causativos relacionados a outros mediais sem variação formal: *cristalizar* ‘tornar-se ou tornar cristalizado’, *branquear* ‘tornar-se ou tornar branco’, *envelhecer* ‘tornar-se ou tornar velho’, *entristecer* ‘tornar-se triste ou tornar triste’, *enlouquecer* ‘tornar-se louco ou tornar louco’ (MALDONADO, 2007; LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2015). Parte desses verbos é formada de

adjetivos com o sufixo *-ecer*, a que se atribui o valor incoativo (CASTILHO, 1968³³; RIO-TORTO *et al.*, 2013), sufixo bastante produtivo no sistema verbal latino para marcar, nos tempos do *inflectum*, aspecto incoativo³⁴, a partir de verbos de estado ou diretamente de nomes adjetivos ou substantivos (DUARTE, 1990; HAVERLING, 1991), como ilustra o quadro 1.

Quadro 1: Formações latinas com o sufixo -sco

Adjetivo/substantivo	Verbo de estado	Verbo incoativo
<i>senex, senis</i> ‘velho’	<i>seneo, ere</i> ‘ser ou estar velho’	<i>senesco, ere</i> ‘tornar-se velho’
<i>aurora, ae</i> ‘manhã’		<i>auroresco, ere</i> ‘tornar-se manhã’
<i>maturus, a, um</i> ‘maduro’		<i>maturesco, ere</i> ‘tornar-se maduro’

Em português, não há esse padrão regular do latim. Todavia, por meio de derivação, convertem-se adjetivos (visão estativa) em verbos de mudança (incoativa): *pálido* > *empalidecer* (tornar-se pálido); *doido* > *endoidecer* (tornar-se doido); *triste* > *entristecer* (tornar-se triste); *magro* > *emagrecer* (tornar-se magro); *duro* > *endurecer* (tornar-se duro) (HLIBOWICKA-WĘGLARZ, 1998).

A média perifrástica

As paráfrases dos verbos incoativos, uma perífrase com *ficar/tornar-se* e participio/adjetivo, constituem outra forma de expressão medial que se apresenta às vezes

³³ Em geral, a formação é circunfixal, em que a uma base nominal se agrega um afixo descontínuo cujo segmento inicial pode ser *es-*, *a-*, *en-* e cujo segmento final é *-ear*, *-ejar*, *-ecer*, *-izar*: *esverdear*, *esclarecer*, *apodrecer*, *anoitecer*, *enraivecer*, *entardecer*, *encolerizar*, *aterrorizar* (BECHARA, 1999; RIO-TORTO, 2019).

³⁴ Na literatura, o sentido mais comum para o sufixo *-sco* latino e o *-ecer* português é o inceptivo. Todavia, como discute Haverling (1991), a partir de vários exemplos do latim clássico e tardio, o valor mais comum do sufixo é o de mudança de estado, que, no latim arcaico, podia ser gradual, nas formas derivadas com *-sco* não prefixadas, ou súbita, nas formas derivadas com prefixo *-sco* prefixadas, o que reflete a complexidade do sistema aspectual do verbo latino.

como alternativa à forma não perifrástica. A frase (11a), por exemplo, codifica um evento não provocado, atribuído a uma eventualidade: o capotamento. Embora a causa esteja codificada na oração, é desfocada ao ser expressa como um satélite de valor temporal (a causa precede o efeito: *post hoc ergo propter hoc*). Em (12), a causa não é expressa, por ser desconhecida como é explicitado no contexto.

- (11) a. **Veículo ficou destruído** após capotamento na Portinari³⁵
 b. **Uma mulher** teve um ataque de fúria e **destruiu o carro** de o ex-marido em Campo Grande, Cariacica, na manhã de sábado (22).³⁶
 c. Para sua infelicidade, no entanto, **ele destruiu o carro** depois de batê-lo em uma árvore dirigindo bêbado³⁷
 d. **O fogo alto** se espalhou rapidamente e **destruiu o carro**.³⁸
- (12) De acordo com a Polícia Rodoviária, **ninguém ficou ferido**. Não há informações sobre o que causou o fogo.³⁹

As frases (11b) e (11c) retratam uma situação causativa com sujeito agente. Todavia, em (11b), o agente é marcado por [+ controle] e [+ intencionalidade]: *A mulher destruiu o carro do ex-marido voluntariamente*, portanto, é mais agentivo que o sujeito de (11c), que representa uma situação similar à descrita em (11a), um acidente, mas representada por uma oração ativa: *ele destruiu o carro*. Trata-se de uma cadeia de eventos que acaba por atribuir ao sujeito a responsabilidade pelo resultado: *o carro ficou destruído*, embora ele não tenha tido a intenção de destruir:

- (13) Cadeia de eventos

Ele dirigiu bêbado [voluntariamente] > *Ele bateu na árvore* [sem querer] > *ele destruiu o carro* [sem querer]

Na construção medial (11a), a oração focaliza o resultado do acidente, apontando a causa direta. Na realidade objetiva, não se sabia ainda o que havia motivado o capotamento.

³⁵<https://gcn.net.br/noticias/399699/franca/2019/07/carro-capota-na-candido-portinari-e-deixa-dois-feridos>

³⁶<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/06/24/mulher-tem-ataque-de-fúria-e-destroi-carro-do-ex-marido-em-cariacica-es.ghtml>

³⁷<http://esporte.ig.com.br/lutas/2012-12-06/anderson-silva-ganha-carro-de-r-1-milhao-de-presente-do-ufc.html>

³⁸<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/06/21/carro-pega-fogo-em-bairro-da-regiao-noroeste-de-belo-horizonte.ghtml>

³⁹<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/06/30/carro-pega-fogo-dentro-de-tunel-na-pista-de-subida-da-rodovia-dos-imigrantes.ghtml>

Já na construção ativa, em (11c), atribui-se o efeito ao motorista como fonte de energia que provocou o evento ainda que involuntariamente, porque dirigiu bêbado. Na construção ativa de (11d), a fonte de energia externa é uma força natural, sem volição e sem controle, mas instigadora do processo.

Algumas construções com *ficar* + participio/adjetivo alternam com construções intransitivas de valor incoativo⁴⁰ que apresentam às vezes um clítico, especialmente, com verbos de processo mental: *zangar-se/ficar zangado*; *preocupar-se/ficar preocupado*; *alegrar-se/ficar alegre*; *entristecer-se/ficar triste*; *animar-se/ficar animado*; *emocionar-se/ficar emocionado* (BORBA, 1996). Em (14), o par *meu avô ficou doente/minha mãe adoeceu* exprime a mudança de uma entidade que passou de um estado de [não estar doente] para outro estado de [estar doente], ou seja, ambas expressam incoatividade⁴¹.

(14)a. Desde que **meu avô ficou doente, ela ficou muito deprimida**⁴².

b. **Minha mãe adoeceu** e fui morar com minha avó⁴³

As construções diferem quanto ao fato de (14a) focalizar não só a mudança de estado, como (14b), mas também o resultado. Assim, *ficar doente* situa-se aspectualmente entre *adoecer* e *estar doente*:

a relação entre elas é a de um antes para um depois: “a maçã amadureceu” exprime um facto anterior a “a maçã ficou madura”, podendo a segunda frase referir-se a um facto observado no momento presente, ao passo que a primeira só pode referir-se ao passado. (HERCULANO DE CARVALHO, 1984, p. 144-145)

Por situar-se no limite entre a mudança de estado e o resultado, construções com *ficar* + *v+do* permitem uma leitura de permansividade, como em (15), em que não se fala de um

⁴⁰ Nem toda construção medial perifrástica admite a alternância; *ficar destruído*, por exemplo, não alterna com *destruiu(-se)*: *O carro ficou destruído* - **O carro destruiu* - **O carro se destruiu*. Admite-se uma impessoal (a chamada passiva pronominal): *Destruiu-se o carro para esconder da polícia*.

⁴¹ *Ficar* apresenta, em português, dois significados, o de permanência (significado básico, segundo LEHMANN, 2008) e o de mudança. O valor incoativo depende da construção em que o verbo figura (forma com que se combina; tempo/aspecto/moço verbal em que é empregado, contexto geral em que é usado).

⁴² <https://www.jj.com.br/saude/um-novo-olhar-para-a-doenca-do-seculo-21/>

⁴³ <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2019/05/influenciadora-digital--indiciamento-por-estelionato-e-mal-entendido-1014180179.html>

portão que estava fechado e tornou-se aberto, mas de um portão, que já estava aberto e ficaria (permaneceria) aberto.

- (15) Os universitários afirmam que o portão lateral **ficava aberto**, o que facilitava o acesso⁴⁴.

Nesse caso, a construção com *ficar* + *v+do* parece ter uma leitura agentiva, uma vez que admite uma oração infinitiva final (WHITAKER-FRANCHI, 1989), como mostram as alternativas em (16), artificialmente criadas.

- (16)a. O guarda abriu o portão para facilitar o acesso.
 b. O portão foi aberto para facilitar o acesso.
 c. Abriu-se o portão para facilitar o acesso.
 d. ? O portão (se) abriu para facilitar o acesso.
 e. O portão ficou aberto para facilitar o acesso.

Essa possibilidade de leitura agentiva aproxima as construções com *ficar* + *v+do* das passivas, levando à sua inclusão em uma tipologia de construções passivas baseada no verbo auxiliar: *passiva eventiva*, formada com verbo *ser* e participípio; *passiva adjetiva ou resultativa*, formada por *ficar* + participípio/adjetivo; e *passiva estativa*, formada por *estar* + participípio/adjetivo (ESTRELA, 2013; MARTINS; NUNES, 2016). Se tais construções são agrupadas em uma mesma classe pela estrutura perifrástica similar, são separadas em subclasses pelo comportamento sintático-semântico: admissão ou não de um SP com valor agentivo; admissão ou não de advérbios agentivos (*voluntariamente*, *propositadamente*), produtividade de derivação com prefixo de negação (*indissoluto*/**indissolvido*; *incorreto*/**incorrigido*); combinação com tipos de predicados (resultativas tendem a ser usadas com eventos télicos, *destruir o carro*, mas não são compatíveis com estados: **ficar amado*) (DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

A indeterminação categorial das construções com *ficar*, ora consideradas passivas, ora médias, ora predicativas, deriva da própria polissemia do verbo *ficar* (LEHMANN, 2008) em combinação com o semantema do termo de valor adjetival com que se combina e do contorno têmporo-aspectual da oração. A construção com *ficar* que se enquadra no domínio

⁴⁴ <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/estudantes-reclamam-da-falta-de-seguranca-no-predio-de-engenharia-da-unitau.ghtml>

médio é a formada com participípio ou adjetivo que codifica uma visão de evento de mudança de estado não agentivo, como exemplificado em (11a), (12) e (14a).

A média facilitativa

Diferentemente dos tipos anteriores, a média facilitativa ou potencial é não eventiva, o que se reflete no uso de formas imperfectivas. São construções que focalizam a facilidade ou dificuldade de realização do processo, desfocalizando o agente. Em (17a), tem-se uma construção ativa: *você compra fácil as chamadas blue chips*. Em (17b), (17c), (17d) e (17e), tem-se a média facilitativa ou média potencial (VAN OSTEN, 1977; GÍVON, 1993; KEMMER, 1993), que, como as outras construções mediais já discutidas, não perfila o agente.

- (17) a. Especificamente as chamadas blue chips, que sempre são alvo de cenários especulativos, por acumularem altos índices de liquidez – **você compra fácil, vende fácil e perde fácil**.⁴⁵
- b. na hora da despedida, no portão de ferro **que se abre com dificuldade**, Karen, a mais velha, pede que a reportagem deixe uma mensagem⁴⁶
- c. Mesmo tendo profissão, **as portas nunca se abrem com facilidade** para quem tem em o currículo prisões por furto e tráfico⁴⁷
- d. A dobradiça possui um design de dupla resistência **o que permite ao notebook abrir com facilidade**⁴⁸
- e. **A porta de entrada deve abrir com facilidade e totalmente**. Nada de portas que emperram ao abrir ou com móveis atrás de ela, que impede a abertura total⁴⁹

Todavia, embora não perfilado, o agente nessas frases é conceitualmente concebido, pois a facilidade ou a dificuldade do processo deve-se à sua realização por um agente. Ao focalizar a dificuldade ou a facilidade do processo, a média potencial atribui certa

⁴⁵<http://www.infomoney.com.br/mercados/acoes-e-indices/noticia/5711063/quer-investir-bolsa-comece-forma-simples-escolha- apenas-uma-acao>

⁴⁶ <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,familias-das-vitimas-do-acidente-do-itaquerao-esperam-por-in-denizacao,1120136>

⁴⁷<http://www.midiamax.com.br/midiamais/livres-grades-presos-pelo-preconceito-ressocializacao-patina-mercado-trabalho-367387>

⁴⁸<http://www.techenet.com/2015/04/aspire-r11-e-a-nova-aposta-da-acer-para-o-mercado-dos-hibridos/>

⁴⁹<http://vidaestilo.terra.com.br/horoscopo/feng-shui/feng-shui-dicas-para-ter-mais-prosperidade-em-sua-casa,48cc3ca225d5c410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

responsabilidade ao Afetado, pois o maior ou menor esforço requerido do Agente pressuposto dependerá de propriedades internas do Afetado: em 17b, o portão de ferro se abre com dificuldade devido a alguma propriedade interna (ferrugem, falta de lubrificação das ferragens etc.). O mesmo pode ser dito das demais frases. Em 17d, essa propriedade é explicitada no contexto reconstruindo-se a rede causal: *a dobradiça de dupla resistência_{cau} permite⁵⁰ ao notebook_{Tm} abrir com facilidade*. Embora a fonte de energia esteja explícita no contexto, disjuntiva do Tema que é sujeito da oração medial, trata-se de uma propriedade interna ao notebook, o que leva à baixa distinguibilidade (KEMMER, 1993) entre o Tema e a Fonte da cadeia causal.

Do exposto, evidencia-se como a codificação da noção de medialidade em português é variada. Todavia, isso não impede que se reconheçam propriedades gerais que permitem abrigar todas as construções aqui discutidas em uma mesma categoria, como se propõe a seguir.

Considerações finais

Os quatro tipos de construções médias apresentados, embora tenham suas especificidades, partilham as seguintes características: (a) mudança de estado não provocada; (b) afetação do sujeito; (c) topicalização do Afetado; (d) causa não perfilada. Algumas dessas propriedades são partilhadas por outras construções de voz. A passiva, por exemplo, apresenta as características (b), (c) e (d), mas não (a), prototipicamente. Também a construção impessoal compartilha as propriedades (b) e (d), mas não (c) e (a).

Isso permite dispor as construções de voz detransitivas em português em uma macrocategoria semântica em que os membros compartilham alguns traços, embora não todos, como propõe Givón (1984), para quem as categorias se formam pela interseção de uma ou várias propriedades típicas. Propõe-se que essa macrocategoria seja a *não atribuição de causalidade* e que as variadas construções nela dispostas se distribuam de modo fluido, de tal modo que alguns membros de uma dada subcategoria podem se aproximar ou afastar mais de membros de outra subcategoria que daquela a que pertencem. Assim, a média perifrástica se

⁵⁰ Segundo Johnson (1990), a permissão é uma estrutura conceitual, uma Gestalten, ligada à noção de Força: representa uma força potencial diante da ausência de barreiras ou forças opostas.

aproxima da passiva por codificar o resultado, e a média facilitativa se aproxima da impessoal por pressupor um agente humano.

Essa distribuição se tornaria mais complexa e refinada se se incluíssem os subtipos semânticos de construções médias, como fez Kemmer (1993), de modo a se ter um mapeamento das construções de voz em português que permita entrever as relações apenas brevemente delineadas neste texto, o que poderá ser explorado em outro momento.

Referências

- ALEXIADOU, A. The causative alternation revisited: constraints and variation. *English Linguistics* 32: 1, English Linguistic Society of Japan, p.1-12, 2015.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1980.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BORBA, F. da S. *Uma gramática de valência para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMACHO, R. Em defesa da categoria de voz média no português. *Revista D.E.L.T.A.* 19:1, p. 91-122, 2003.
- CAMACHO, R. G. Voz e atribuição de tópico. versão parcial do trabalho *Construções de voz*, apresentado no X Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, Campos de Jordão, SP, de 8 a 13/02/98, 2000.
- CAMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CANÇADO, M.; GODOY, L. Representações lexicais de classes verbais do português. *Alfa*. V. 56 (1). São Paulo, p.109-135, 2012.
- CASTILHO, A.T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAERTS, D. and CUYCKENS, H. (Eds). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 27-47.
- CÍRIACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Caderno de Estudos Linguísticos*. 46 (2), p. 207-226, 2004.
- CROFT, W. Voice: beyond control and affectedness. In: FOX, Barbara; HOPPER, Paul J. (ed) *Voice: form and function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 89-117.

CUNHA, C.; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português NOW*. 1,4 bilhões de palavras. 2012-2019. Brigham Young University: Provo-UT, 2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DELANCEY, S. Transitivity in grammar and cognition. In: TOMLIN, R. S. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.53-68. Disponível em: https://www.academia.edu/3929827/Transitivity_in_Grammar_and_Cognition. Acesso em: 10 jun. 2020.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Particípios resultativos. *Textos selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, APL, p. 397-408, 2010.

DUARTE, P. M. T. *A derivação parassintética: uma abordagem sincrônica e diacrônica quanto aos aspectos gramaticais e semânticos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

DUARTE, P. M. T. Proposta para uma descrição do verbo quanto à categoria de voz. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 2, p. 1-7, 2 mar. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9095>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ESTRELA, A. Estrutura passiva: uma visão tripartida. In: TEIXEIRA, M. *et al. Ensinar e aprender num mundo plural*. Escola Superior de Educação de Santarém/Universidade Federal de Minas Gerais. 2013. p. 99-135. Disponível em: <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1136/1/ebook.pdf#page=99>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GIVÓN, T. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam: John Benjamins. v.1, 1993.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. Transitivity, topicality, and the ute impersonal passive. In HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. (eds) *Syntax and semantics: studies in transitivity*. Vol.15. New York: Academic Press, 1982. p. 143-160.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M.A.K. Estrutura e função da linguagem in: LYONS, J. (org.) *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976. p.134-160.

HAVERLING, G. On the sco-suffix, on prefixes and the development of the Latin verbal system. In: HERMAN, J. (Ed.) *Linguistics studies on Latin*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.41-53.

HERCULANO DE CARVALHO, J. G. Ficar em casa / ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais. In: HERCULANO DE CARVALHO, J. G.; SCHMIDT-RADEFELDT, J. (eds.), *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coimbra, 1984. p. 57-75.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. Recursos morfológicos de integração aspectual na língua portuguesa. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. Romanica VII*. Facultas Philosophica Philologica, 71. Lublin, 1998. p. 143-154.

HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse, *Language*, vol. 56. Baltimore, 1980. p.251-299. Disponível em: http://latina.phil2.uni-freiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Hopper_Thompson.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Concept, image, and symbol*. The cognitive basis of grammar. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1991b.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Descriptive application. Stanford/California: Stanford University Press, 1991a.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, California: Stanford University Press. v.1, 1987.

LEHMANN, C. A auxiliarização de *ficar*. In: PINTO DE LIMA, J.; SIEBERG, B. (eds.), *Questions of language change*. Lisboa: Colibri. 2008. p.9-26. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/ Acesso em: 12 jun. 2020.

LIMA, M. C. *A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344*. 2009. 471 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

MACAMBIRA, J. R. *Estrutura do vernáculo*. Fortaleza: EUFC, 1986.

MALDONADO, R. Grammatical voice in cognitive grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 829-68.

MARTINS, A. M.; NUNES, J. Passives e se constructions. WETZELS, L. W.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The handbook of Portuguese linguistics*. John Wiley & Sons, 2016. p. 318-337. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/9781118791844>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MELO, G. C. de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

OLIVEIRA, M. J. de. O morfema INCH e a alternância causativo-inchoativa em PB. *Domínios de Linguagem*, v. 9, n. 3, p. 91-103, 31 jul. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28824>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RAPOSO, E. Verbo e sintagma verbal. In: Raposo, E. et al. (Orgs.). *Gramática do Português (Vol II)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, cap. 28.

RIO-TORTO, G. et al. *Gramática derivacional do português*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

RIO-TORTO, G. Prefixação, sufixação e parassíntese no português: harmonia e competição. *Macabéa*, v. 8, n.2, jul-dez, 2019, p.585-602, 2019.

ROCHA LIMA, L. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROŚCIŃSKA-FRANKOWSKA, M. On derivation of causative and inchoative forms in Polish in comparison with English and other languages. *Generative Linguistics in Wrocław*. No.1. Wrocław: Center for General and Comparative Linguistics, 2012. Disponível em: <http://www.ifa.uni.wroc.pl/linguistics/documents/Onthederivation.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SHIBATANI, M. On the conceptual framework for voice phenomena. *Linguistics*. 44. p. 217–269, 2006.

VAN OOSTEN, J. Subjects and Agenthood in English. *Papers of 13^o Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, 1977. p. 459-471.

VESTERINEN, R. *Subordinação adverbial: um estudo cognitivo sobre o infinitivo, o clítico se e as formas verbais finitas no português europeu*. Doctoral Dissertation. Department of Spanish, Portuguese and Latin American studies. Stockholm: Stockholm University, 2006. Disponível em: <http://su.diva-portal.org/smash/get/diva2:199744/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

WHITAKER-FRANCHI, R. C.M. *As construções ergativas*. 1989. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

WU, S.; CIENKI, A. Transitivity, events, and gesture: the case of the causative-inchoative alternation. *Open Linguistics*. De Gruyter, 5, 2019. p.311-331.

Typology of medial constructions in Portuguese: a cognitive-functional proposal

Abstract: This essay proposes a typology of medial constructions in Portuguese based on the Idealized Cognitive Model of Causality (LANGACKER, 1991a) called “billiard ball” and on the notion of transitivity proposed by Hopper and Thompson (1980). Therefore, it discusses central characteristics of middle voice and analyzes, regarding the form of codification, the expression of the cause, the type of event, the pragmatic motivation and the salience of the entities, in occurrences taken from the Corpus of Portuguese NOW (DAVIES; FERREIRA, 2018), which covers texts written from Brazil and Portugal, from 2012 to 2019. By considering the notion of an absolute construal (LANGACKER, 1991a), the study proposes a typology of medial constructions in Portuguese manifested in a lexical, syntactic, and peripheral form. The results suggest that the voice constructions inserted in the medial domain are different expressions of the same construct of causality non-attribution, which also includes passive and impersonal constructions.

Keywords: Middle voice. Causality. Absolute construal.

Recebido em: 21 de novembro de 2020.

Aceito em: 15 de dezembro de 2020.

Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte e costura em construções transitivas

Lilian Ferrari¹
Caroline Soares²

Resumo: Este artigo investiga a metáfora de corte e costura no português brasileiro, que constitui, tal como a metáfora do conduto (REDDY, 1979), um dos mapeamentos metafóricos disponíveis para a referência à comunicação verbal. A partir de dados de uso retirados do *Twitter*, argumenta-se que a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE DE CORTE E COSTURA é normalmente aplicada à construção transitiva, engendrando duas extensões metafóricas: a extensão transitiva prototípica, instanciada pelos verbos *alfinetar* e *tesourar*, e a extensão transitiva resultativa, instanciada pelos verbos *alinhavar*, *costurar*, *tecer*, *tricotar*. Com o objetivo de investigar a produtividade da metáfora de corte e costura, a análise enfoca a frequência de sentidos literais e metafóricos para cada grupo de construções. Os resultados indicam que as extensões metafóricas de transitivas prototípicas, instanciadas por *alfinetar* e *tesourar*, são mais frequentes que suas contrapartes literais. Já as transitivas resultativas dividem-se em dois grupos: aquelas instanciadas por *costurar* e *tricotar* predominam em usos literais, já aquelas instanciadas por *alinhavar* e *tecer* ocorrem predominantemente em usos metafóricos.

Palavras-chaves: comunicação verbal; metáfora de corte e costura; construção transitiva; extensão metafórica.

Introdução

Uma das metáforas clássicas na literatura cognitivista é a chamada *Metáfora do Conduto*, identificada por Reddy (1979) e retomada por Lakoff & Johnson (1980), que concebe a comunicação verbal como transferência de um objeto de um doador para um receptor (por ex, *dar uma ideia a alguém*). Embora esse tipo de conceptualização tenha papel central na conceptualização da comunicação verbal, e produtividade reconhecida em inglês e outras línguas, como francês, italiano e holandês (MORRIS & WALDMAN, 2011), a

¹ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/University of Southern California, Los Angeles/ (1994), e Pós-doutorado na University of California, Berkeley (2006). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lilianferrari@uol.com.br. ORCID iD: 0000-0001-7808-4425.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Possui Mestrado em Estudos da Linguagem (2013), Especialização em Leitura e Produção de textos (2005) e em Língua Portuguesa (2007) pela Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: caroline.soares@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-6994-7997.

Metáfora do Conduto é apenas uma das possibilidades de conceptualização metafórica da comunicação verbal.

Este trabalho enfoca uma outra possibilidade de mapeamento metafórico que se mostra produtivo no português brasileiro, em que a comunicação verbal é concebida como atividade de corte e costura³. O objetivo é analisar usos associados a esse mapeamento metafórico, tais como *alfinetar alguém* ou *alinhar uma proposta*. Nesses casos, verbos associados ao domínio de corte e costura são instanciados em extensões metafóricas de comunicação verbal, projetadas a partir da construção transitiva literal (por exemplo, “As costureiras alinhavaram/alfinetaram o vestido”). Com base em exemplos atestados no uso, a partir de dados do *Twitter*, a análise busca destacar a distribuição das extensões metafóricas de corte e costura no *corpus* analisado.

O trabalho está organizado em três seções principais. A seguir, os pressupostos teóricos da pesquisa são apresentados, destacando-se trabalhos pioneiros sobre metáfora, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 1980; REDDY, 1979), bem como desdobramentos posteriores do tema, relacionados à noção de mesclagem conceptual no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER & TURNER, 2002). Na seção subsequente, a metodologia é detalhada, especificando-se a origem dos dados, objetivos e hipóteses da pesquisa. Por fim, apresenta-se a análise, em que são descritos dois tipos de extensões metafóricas relacionadas à metáfora de corte e costura, associada à comunicação verbal. Essas extensões tomam como ponto de partida duas construções transitivas instanciadas por verbos de corte e costura, a construção transitiva prototípica e a construção transitiva resultativa. Os resultados evidenciam a produtividade da metáfora de corte e costura no português brasileiro, indicando que, embora ambas as construções apresentem usos literais e metafóricos, as extensões metafóricas predominam na maioria dos casos.

³A metáfora de corte e costura no português brasileiro já foi atestada em trabalhos anteriores (FERRARI & PINHEIRO, 2015; FERRARI, 2020). Esses trabalhos enfocam a construção cognitiva do significado em termos dos processos de mesclagem conceptual ativados pelas extensões metafóricas. A contribuição do presente artigo, por outro lado, é contrastar a produtividade das instanciações dos verbos de corte e costura em construções transitivas literais e metafóricas.

Pressupostos teóricos

O livro *Metaphors we live by* (LAKOFF & JOHNSON, 1980) representa uma ruptura com relação à concepção tradicional de metáfora como ‘figura de linguagem’, vinculada a textos literários e usos mais elaborados da língua. Na verdade, ao utilizar a expressão ‘metáfora conceptual’, Lakoff & Johnson (1980) adotam a perspectiva de que as metáforas são formas de pensar, e não apenas expressões linguísticas. Além disso, ao tratar de metáforas produtivas no uso cotidiano do inglês, os autores deixam claro o caráter conceptual e não estritamente linguístico desses processos. Em linhas gerais, o processo metafórico é descrito como o mapeamento entre domínios⁴: de um domínio-fonte (mais concreto) e um domínio-alvo (mais abstrato), de modo que as expressões metafóricas são descritas como reflexos linguísticos desses mapeamentos cognitivos.⁵

Um importante marco inicial no tratamento da metáfora como processo cognitivo foi a caracterização da *Metáfora do Conduto* (REDDY, 1979), descrita um ano antes da publicação de *Metaphors we live by*. Segundo Reddy, várias expressões e sentenças do inglês indicam que a comunicação verbal é concebida metaforicamente como transferência de objeto de um doador para um receptor. Por exemplo, uma sentença como *He gave an idea to his friend* (“Ele deu uma ideia a seu amigo”) retrata a comunicação como uma ação realizada por um doador (“he/ele”) que transfere um objeto (“ideia/ideia”) para um receptor (“his friend/seu amigo”). Como, na realidade, ideias não são objetos, e não há garantia de que a ideia na mente do falante seja integralmente reproduzida na mente do ouvinte, fica evidente que se trata de uma conceptualização metafórica.

Nos termos de Lakoff & Johnson (1980), a Metáfora do Conduto envolve o seguinte mapeamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo:

⁴ Nos termos da Linguística Cognitiva, domínios são estruturas conceptuais que podem incluir experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento.

⁵ Lakoff & Johnson (1980) ressaltam que a metáfora conceptual é um processo cognitivo de mapeamento entre domínios, enquanto as expressões metafóricas são expressões linguísticas. Casasanto (2013) propõe a utilização dos termos *metáfora mental* e *metáfora linguística*, respectivamente, para destacar essa diferença. Por exemplo, a metáfora TEMPO É ESPAÇO é uma metáfora mental, que se reflete em metáforas linguísticas tais como “O tempo voa”, “O Natal vai chegar rápido”, etc.

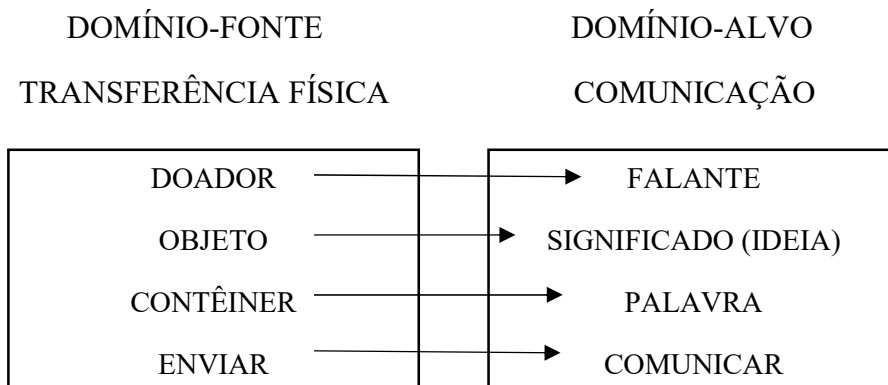


Figura 1: Projeção entre domínios na Metáfora do Conduto.

O mapeamento representado na Figura 1 permite a conceptualização do domínio-alvo de *Comunicação Verbal*, a partir do domínio-fonte de *Transferência Física*. Esse mapeamento é produtivo não apenas em inglês, mas em várias outras línguas (MORRIS & WALDMAN, 2011). No caso do Português, podemos elencar os seguintes exemplos:

- (1) Você pegou o que eu disse?
- (2) Ela colocou as suas principais ideias no texto.
- (3) Ele pronunciava palavras ocas.

O exemplo (1) retrata o significado linguístico como um objeto que o ouvinte poderia pegar, de modo que o falante é concebido como aquele que transfere o objeto (doador) e o ouvinte como aquele que o recebe (receptor). Assim, ‘compreender o significado’ é conceptualizado em termos de ‘pegar um objeto’. No exemplo (2), as ideias também são tratadas como objeto, que pode ser colocado em uma base concreta, de modo que o texto é conceptualizado em termos de recipiente. Em (3), as palavras são concebidas como contêineres, que podem estar ocas e não conter nenhum objeto (significado). Nos termos de Dancygier & Sweetser (2014), pode-se considerar que cada um dos exemplos acima adota diferentes pontos de vista no acesso ao domínio-fonte, colocando em proeminência aspectos distintos desse domínio. Nos termos de Langacker (1987, 1991), o que se verifica é que os exemplos caracterizam diferentes *construals*, que representam formas alternativas de acesso ao conjunto estruturado de conhecimento que estrutura o domínio de TRANSFERÊNCIA FÍSICA.

Com o desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), que deu origem à Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 1998, 2000, 2002; TURNER, 2014), a Metáfora do Conduto, de forma análoga a outros mapeamentos metafóricos, pôde ser caracterizada como um processo de mesclagem conceptual envolvendo quatro espaços mentais. Além dos dois espaços iniciais, o processo envolve um espaço genérico, em que são representados os elementos compartilhados entre esses espaços e, em especial, um espaço-mescla, onde é representado o significado novo que emerge da metáfora (FAUCONNIER & TURNER, 2002). A representação resultante é a seguinte:

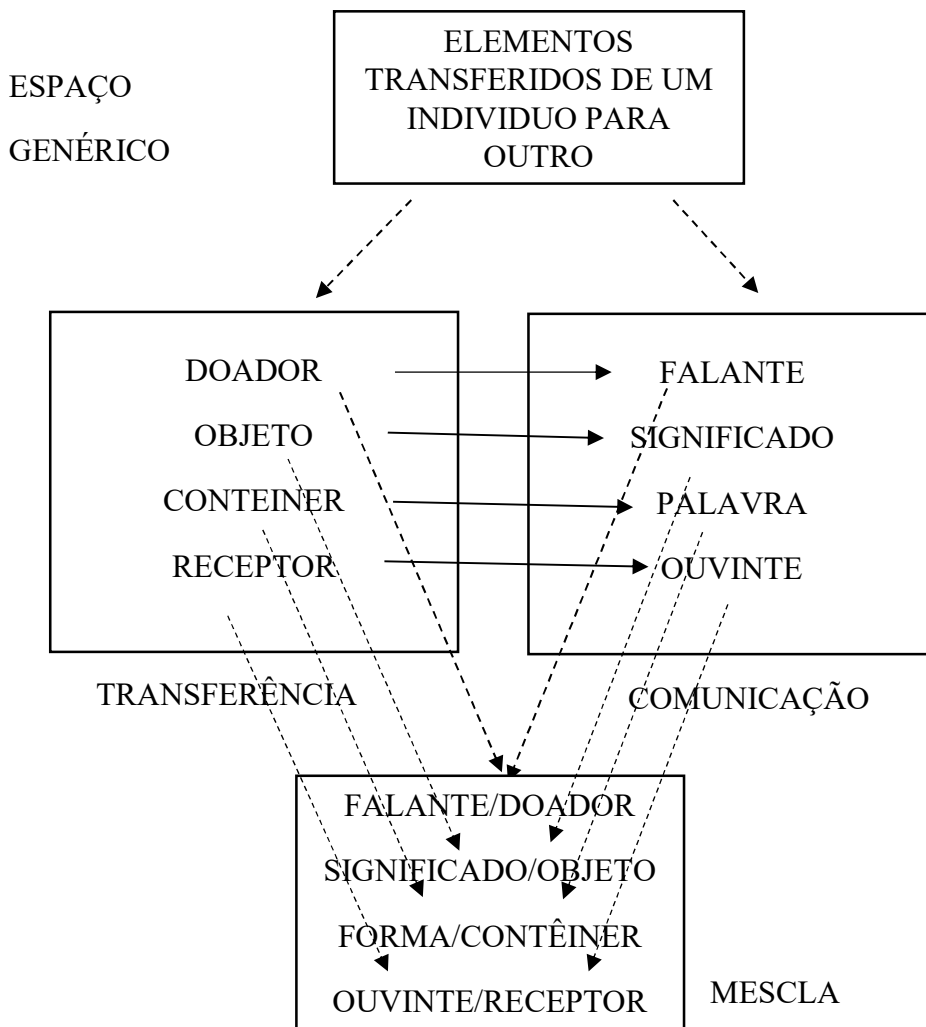


Figura 2 – Mesclagem Conceptual na Metáfora do Conduto.

Como indica a Figura 2, na mescla, a comunicação é transferência de objeto de um indivíduo (falante/doador) para outro (ouvinte/receptor). Isso ocorre porque a projeção de elementos provenientes dos espaços iniciais forma uma nova configuração, permitindo que novas relações sejam forjadas.

A estrutura emergente cria novo significado, de modo que a comunicação verbal, ao invés de ser enquadrada como o fenômeno complexo que realmente é, envolvendo processos cognitivos elaborados, passa a ser concebida como um processo relativamente simples e direto como a entrega de um pacote a alguém. A metáfora, portanto, facilita a referência à comunicação verbal na linguagem cotidiana.

Embora a Metáfora do Conduto seja bastante produtiva em português, a língua disponibiliza uma outra metáfora para a comunicação verbal. Nesse caso, o domínio-fonte deixa de ser a transferência física, e passa a envolver atividades de corte e costura, envolvendo linhas, tecidos, agulhas, alfinetes, entre outros. Ferrari (2020) denominou esse processo de *Metáfora de Corte e Costura*, descrevendo-o com base em processos de mesclagem distintos, em função de aspectos da atividade de corte e costura que podem ser colocados em proeminência, gerando estruturas emergentes específicas. Assim, as atividades relacionadas a ‘corte’ permitem conceptualizar metaforicamente a comunicação como capaz de afetar as relações interpessoais, enquadrando negativamente a imagem social dos indivíduos envolvidos. É o que ocorre em casos como *alfinetar* ou *tesourar* alguém, com sentidos aproximados de criticar e falar mal, respectivamente. Já as atividades relacionadas à costura/tessitura são recrutadas para conceptualizar metaforicamente a comunicação como colaborativa e construída passo-a-passo. É o caso de expressões como *costurar um acordo*, *alinhavar um comentário*, etc.

Ferrari (2020, p. 28-30) ressalta, ainda, que esses dois tipos de conceptualização estão associados a dois tipos de construção transitiva, a construção transitiva prototípica e a construção transitiva resultativa (IBBOTSON *et al.*, 2012; DIESSEL, 2015):

Construção Transitiva

Construção Transitiva Prototípica

Construção Transitiva Resultativa

Polo sintático	SN	V	SN
Polo semântico	X	AFETA	Y

Polo sintático	SN	V	SN
Polo semântico	X	CRIA	Y



TESOURAR
ALFINETAR



ALINHAVAR
COSTURAR
TECER
TRICOTAR

Figura 3: Construções transitivas e verbos de corte e costura.

Como apresentado na Figura 3, a Construção Transitiva Prototípica pode ser instanciada pelos verbos *tesourar* e *alfinetar*. Nesse caso, o objeto direto é afetado pela ação realizada. Assim, a semântica de *tesourar* sugere que o tecido perde sua estrutura original de forma irreversível (por ex., *tesourar* o vestido), enquanto o uso de *alfinetar* indica que o tecido é afetado, mas de modo superficial e reversível (por ex., *alfinetar* a bainha da saia). A Construção Transitiva Resultativa, por sua vez, pode ser instanciada pelos verbos *alinhavar*, *costurar*, *tecer* e *tricotar*: nesse caso, o objeto direto resulta da ação. A semântica dos verbos, em cada caso, acrescenta inferências específicas à atividade realizada: enquanto o verbo *alinhavar* enquadra o resultado como provisório, o verbo *costurar* já se refere a um resultado definitivo; com *tecer*, as inferências são de que se trata de uma ação mais detalhada, que se estende no tempo, enquanto *tricotar* também remete a uma ação prolongada, em que há movimento alternado de agulhas.

No caso das extensões metafóricas de corte e costura, a Construção Transitiva Prototípica envolve o *frame* de corte e costura, no *Input 1*, perfilando o agente, as ações que envolvem corte na atividade de corte e costura (no caso, *alfinetar* ou *tesourar*) e o paciente (no caso, um tecido ou algo do gênero). Esses elementos são projetados em contrapartes no

Input 2, de modo que o agente é projetado no falante, a atividade de corte e costura corresponde à fala, e o paciente é mapeado no ouvinte ou uma terceira pessoa:

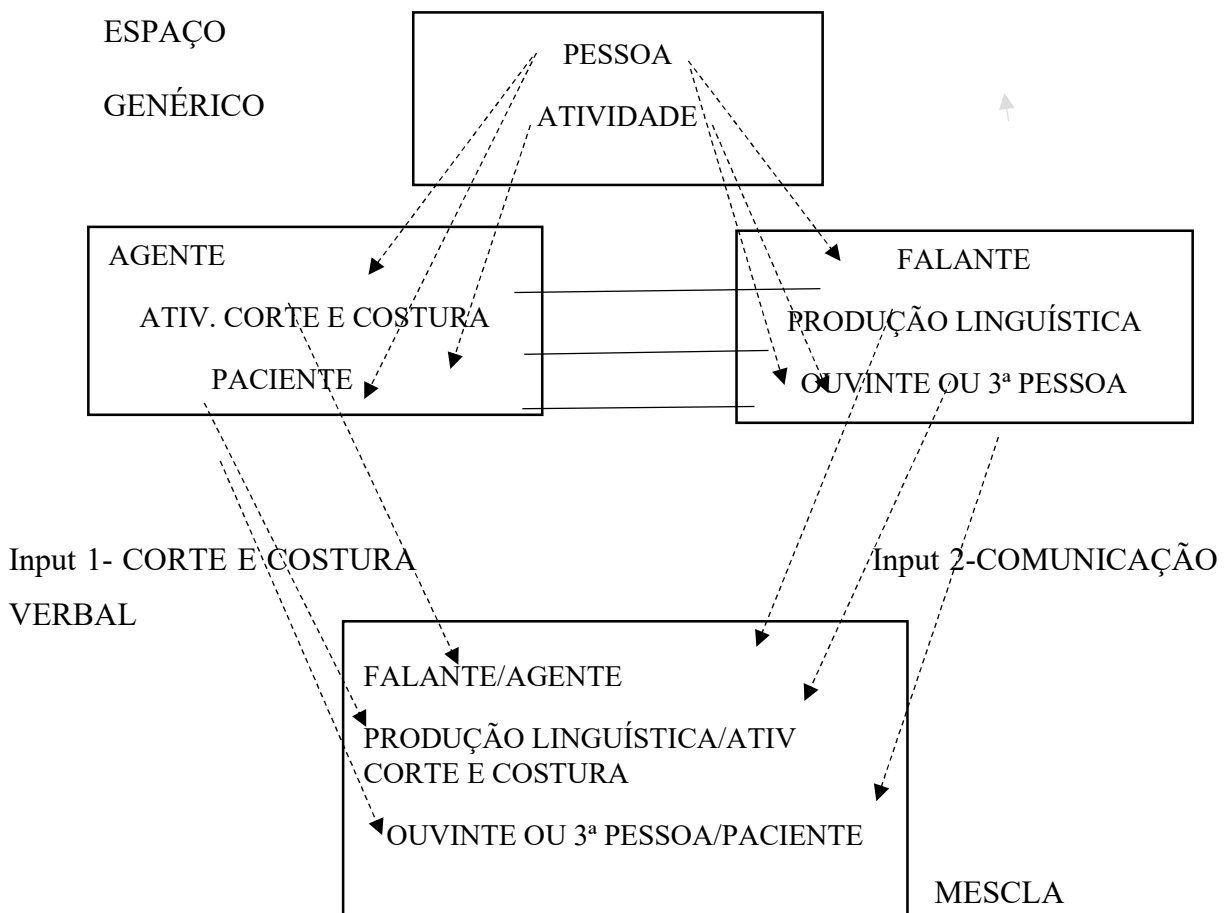


Figura 4: Mesclagem Conceptual referente à Construção Transitiva Prototípica.

Na mescla representada na Figura 4, o falante é agente, a fala é atividade de corte e costura e um outro indivíduo é paciente, ou seja, é afetado pela fala/ação.

Já na extensão metafórica Resultativa, o *frame* de corte e costura, no *Input 1*, é acessado a partir do agente, a atividade específica de costura/tessitura (alinhavar, costurar, tecer, etc.) e o resultado (no caso, um produto da atividade realizada). Esses elementos são projetados em contrapartes no *Input 2*: o agente é projetado no falante, a atividade de corte e costura na fala propriamente dita, e o resultado na mensagem:

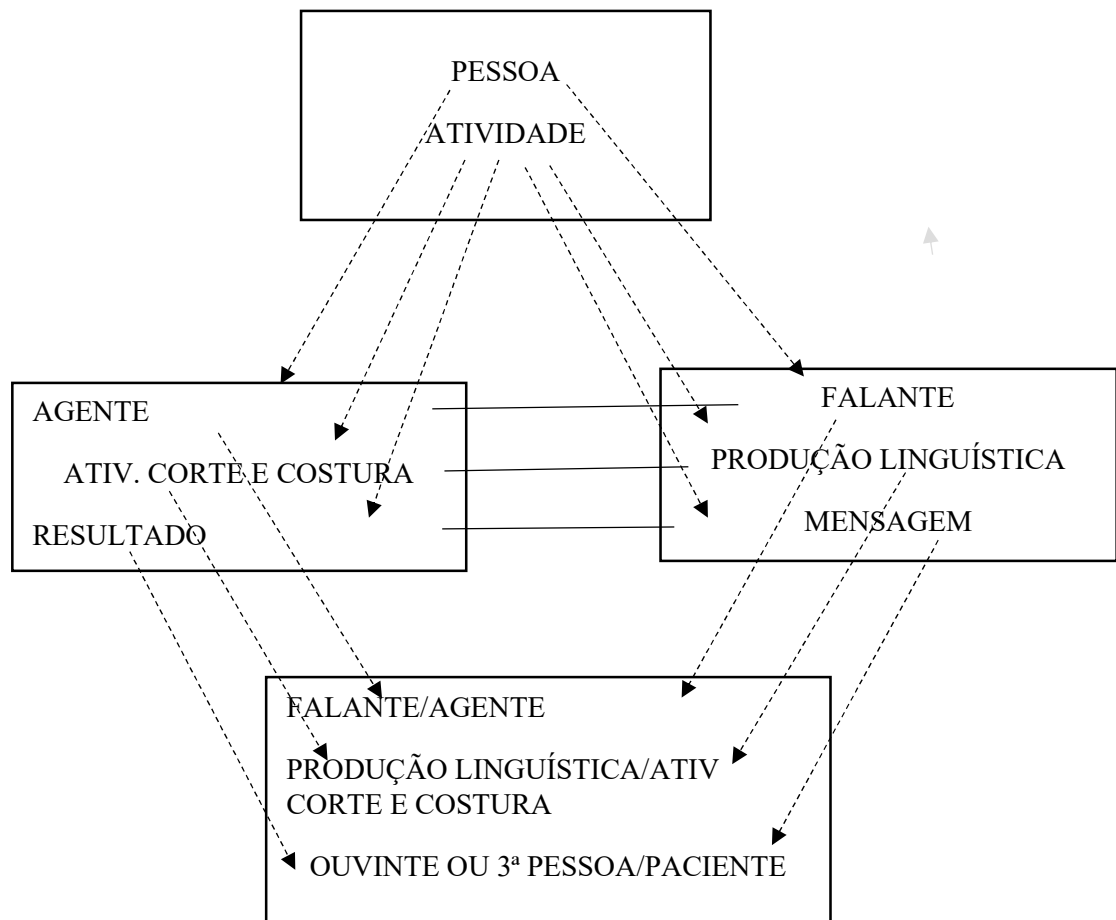


Figura 5: Mesclagem Conceptual referente à Construção Resultativa

Na mescla representada na Figura 5, o falante é agente, a fala é atividade de costura e a mensagem é resultado, ou seja, é criada pela fala/ação.

Esses usos, por sua vez, fazem parte de uma rede construcional associada às construções transitivas (IBBOTSON *et al.*, 2012; DIESEL, 2015), que servem de base para extensões metafóricas de significado. Tendo em vista que alguns lexemas podem passar por múltiplos mapeamentos metafóricos, e serem altamente polissêmicos (DIESEL, 2019, p. 103), outras extensões metafóricas instanciadas por verbos de corte e costura podem ocorrer, como será descrito na análise. Por outro lado, itens linguísticos que são frequentemente usados em conjunto, associados entre si, constituem unidades de processamento automatizadas, conhecidas como *chunks* (BYBEE, 2010, p. 33-45). A automatização, por sua vez, é um processo contínuo, de modo que há vários *graus de constituência* (BYBEE &

SCHEIBMAN, 1999), envolvendo a força das ligações sequenciais entre itens lexicais, contingente à frequência. Assim, quanto mais uma determinada palavra é seguida por outra, mais estreita a associação sequencial entre elas. No que se refere às estruturas sintáticas, há uma maior complexidade, já que essas construções costumam ser parcialmente esquemáticas, como é o caso da construção transitiva SUJEITO-VERBO-OBJETO, que pode ser parcialmente preenchida no segmento VERBO-OBJETO, com diferentes graus de idiomatização. Por exemplo, tanto *rasgar o verbo* (“reclamar veementemente de algo ou alguém”) quanto *alinhar um acordo* (“estabelecer interações comunicativas com o objetivo de começar a produzir um acordo”) são idiomatizados no português brasileiro, sendo que o primeiro em grau maior do que o segundo.

Assim, nos casos em que a frequência das extensões metafóricas transitivas for maior do que suas contrapartes literais, é possível cogitar que essas extensões se acham rotinizadas na língua. De fato, como será apontado na análise, a distribuição de instanciações transitivas literais e metafóricas sugere que algumas extensões metafóricas são mais idiomatizadas do que suas contrapartes literais.

Metodologia

Com o objetivo de analisar a produtividade da metáfora de corte e costura nas construções transitivas do PB, reuniram-se ocorrências literais e metafóricas retiradas do *Twitter* (<https://twitter.com/explore>), no período de abril de 2019 a outubro de 2020. A busca ocorreu a partir dos verbos de corte e costura *alfinetar*, *tesourar*, *alinhar*, *costurar*, *tricotar* e *tecer*, e, a fim de reunir uma amostra representativa, foram selecionados os primeiros 100 casos de construções transitivas para cada verbo. Assim, obteve-se um total de 600 casos.

Com relação aos verbos selecionados, os sentidos literais e metafóricos dicionarizados (FERREIRA, 1986, 2010) são resumidos a seguir:

Tabela 1 – Sentidos literais e metafóricos dicionarizados dos verbos de corte e costura

VERBOS DE CORTE E COSTURA	SENTIDOS DICIONARIZADOS LITERAIS	SENTIDOS DICIONARIZADOS METAFÓRICOS
Alfinetar	1. Picar com alfinete. 2. Marcar uma(costura) com alfinete.	1. Criticar, magoando. 2. Ferir com palavras; satirizar.
Tesourar	1.Cortar com tesoura.	1. Falar mal de.
Alinhavar	1. Coser a ponto largo, como preparo de costura que se fará depois com ponto miúdo.	1. Preparar, aprontar, improvisar: <i>Alinhavou uma desculpa por ter chegado tarde.</i> 2. Traçar os lineamentos gerais de; delinear; esboçar: <i>Alinhavou o romance para escrevê-lo mais tarde.</i> 3. Executar mal, apressadamente: <i>Entregou o trabalho, mas reconheceu que pudera apenas alinhavá-lo.</i>
Costurar	1. Coser 2. Unir com pontos de costura. 2. Fazer trabalho de costura.	1. Dirigir perigosamente no trânsito, cortando (outros veículos). 2. Fut. Desenvolver jogo de dribles e passes curtos bem coordenados por entre os adversários, envolvendo-os.
Tricotar	1. Fazer com o tricô.	1.Fazer intrigas; mexericar.
Tecer	1. Entrelaçar regularmente os fios de. 2. Fazer (teia ou tecido) com fios.	1. Compor, entrelaçando, trançar: <i>Na mata virgem os cipós tecem barreiras quase intransponíveis.</i> 2. Preparar, engendrar, armar, urdir: <i>tecer intrigas.</i> 3. Coordenar, compor (obra que exige cuidado e trabalho): <i>Teceu um belo ensaio literário.</i> 4. Levantar, promover, provocar: <i>tecer disputas.</i> 5. Mesclar, entrecortar: <i>A morte da filha teceu de tristeza e saudade o resto de seus dias.</i> 6. Ornar, ornamentar: <i>As flores tecem a mata de um belíssimo colorido.</i> 7. Fazer mexericos, intrigas, tramas.

Os verbos de corte e costura listados na Tabela 1 ocorrem em extensões metafóricas de comunicação verbal, com exceção do verbo *costurar* cujas extensões metafóricas descritas referem-se aos domínios do trânsito e do futebol. Como se verá na análise, entretanto, todos os verbos de corte e costura apresentaram usos metafóricos de comunicação verbal, bem como outros usos metafóricos.

As hipóteses estabelecidas para a pesquisa foram as seguintes:

(i) A Metáfora de Corte e Costura licencia extensões metafóricas de comunicação verbal da construção transitiva.

(ii) Extensões metafóricas da construção transitiva envolvendo a Metáfora de Corte e Costura predominam em relação a outras extensões metafóricas instanciadas pelos mesmos verbos.

A hipótese (i) relaciona construções transitivas literais e extensões metafóricas dessas construções, a partir da Metáfora de Corte e Costura, associada ao domínio de comunicação verbal. A hipótese (ii), por sua vez, enfoca a produtividade da metáfora de corte e costura em relação a mapeamentos metafóricos referentes a outros domínios.

Distribuição da metáfora de corte e costura nos dados

Nesta seção, apresenta-se a distribuição de usos literais e extensões metafóricas de corte e costura nas construções transitiva prototípica e resultativa. Como se verá, a análise evidenciou, ainda, que os sentidos metafóricos não se restringem à metáfora de corte e costura, mas podem estar relacionados a outras metáforas.

Construção Transitiva Prototípica

No caso da Construção Transitiva Prototípica, observemos a distribuição encontrada para os verbos *alfinetar* e *tesourar*.

Com relação a *alfinetar*, a distribuição de usos literais e metafóricos é a seguinte:

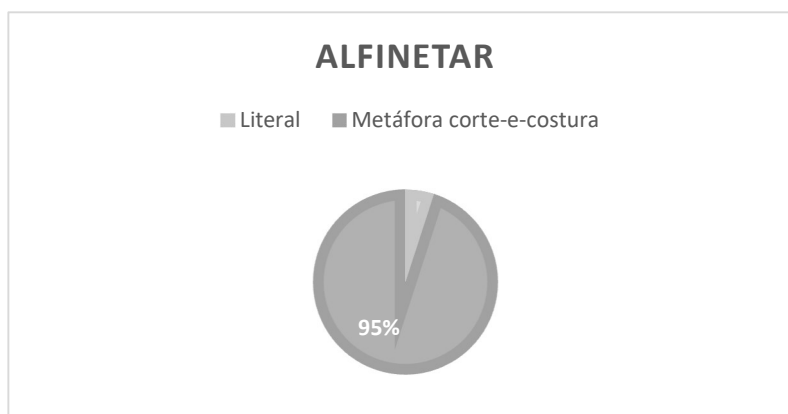


Gráfico 1 – Distribuição de usos do verbo *alfinetar* na Construção Transitiva Prototípica.

Como ilustra os gráficos acima, a instanciação do verbo *alfinetar* ocorre com usos literais em apenas 5% dos casos:

(4) gente e essa q *alfinetou* o tecido com a agulha da maquina meu deus (<https://twitter.com/rebecabcz/status/1231296280363720704>)

Em (4), tem-se o sentido de furar levemente com um alfinete; trata-se do sentido literal do verbo, em um contexto de corte e costura.⁶

Na grande maioria dos casos (95%), o verbo *alfinetar*, entretanto, é encontrado em extensões metafóricas. Vale notar, ainda, que não foram encontrados casos envolvendo outras metáforas; todos os usos metafóricos referem-se à metáfora de corte e costura:

(5) Angélica anuncia programa sobre simplicidade e é criticada nas redes.
"Com bilhões na conta é fácil", *alfinetou* humorista.
(https://twitter.com/search?q=alfinetou&src=typed_query)

No exemplo (5), a ação de *alfinetar* é interpretada como uma ação verbal que afeta negativamente aquele que é alvo do comentário. A sentença reporta uma crítica realizada pelo falante reportado (no caso, o humorista) à apresentadora Angélica; a contribuição semântica do verbo *alfinetar* é a de que se trata de uma crítica leve, mas capaz de causar desconforto.

Com relação ao verbo *tesourar*, a distribuição é a seguinte:

⁶ Nesse grupo, foram encontrados alguns casos de uso literal fora do contexto de corte e costura, como em *alfinetar um inseto*.

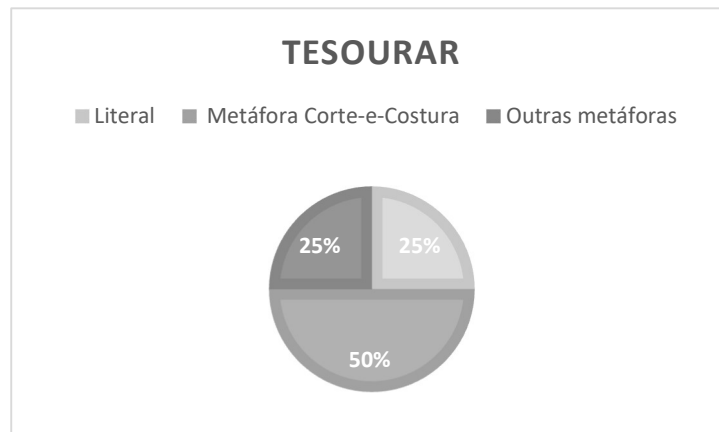


Gráfico 2- Distribuição de usos do verbo *tesourar* na Construção Transitiva Prototípica.

Como indica o gráfico 2, os usos literais correspondem a 25% dos casos, como ilustra o exemplo abaixo:

(6) Menina minha irmã já me deu uma surra com uma saia de tachinha kkkkkkkkkkkk
 Eu *tesourei* o vestido todinho depois
 (<https://twitter.com/coelhodoinferno/status/1251893338988519424>)

Em (6), o verbo *tesourar* indica a ação concreta de cortar um vestido com uma tesoura. Os usos metafóricos predominam, distribuindo-se entre extensões metafóricas envolvendo a metáfora de corte e costura (50%) e outras extensões metafóricas (25%). No primeiro caso, observemos o seguinte exemplo:

(7) lembrei da vez que o um amigo veio lá em casa buscar uma mochila dele e eu fiz ele tomar café com pão de queijo e passar duas horas *tesourando* desafetos
 (<https://twitter.com/projetodedercy/status/1268994000209481728>)

Como se observa, em (7), o uso de *tesourar* faz referência ao ato de falar mal dos desafetos. Trata-se, portanto, de uma extensão metafórica da construção transitiva engendrada pela metáfora de corte e costura.

Outros usos metafóricos também foram observados, entre os quais se observam extensões da metáfora TESOURAR É REDUZIR⁷:

⁷ Conforme observou um parecerista anônimo, a metáfora TESOURAR É REDUZIR está relacionada à metáfora EVENTOS SÃO OBJETOS. De fato, há uma relação hierárquica entre essas metáforas, de modo que a primeira é mais específica em relação ao nível mais esquemático EVENTOS SÃO OBJETOS, em que eventos (como narrativas e gastos) são entendidos como objetos físicos que podem ser manipulados, cortados etc. Para um

(8) *Tesouraram* todo o começo da novela pra agora ficar nessa barriga, há dias sem acontecer nada relevante

(<https://twitter.com/Angelicacrod/status/1172244608694312960>)

(9) Minha mãe é uma chata às vezes, cheia de *tesourar* meus gastos com meu pai affffkkkkkkk (<https://twitter.com/quelk3/status/782330842735579136>)

Como ilustram os exemplos (8) e (9), esses usos podem se referir à não exibição de cenas de uma obra audiovisual, ou mesmo de recursos financeiros, respectivamente.⁸

Construção Transitiva Resultativa

Nesta seção, enfocamos a distribuição dos verbos *alinhavar*, *costurar*, *tricotar* e *tecer* com relação à Construção Transitiva Resultativa.

Observemos, inicialmente, a distribuição de *alinhavar*:

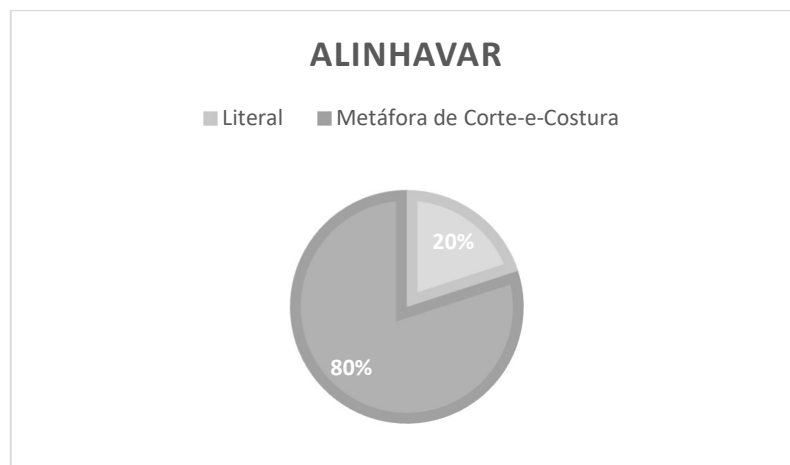


Gráfico 3- Distribuição de usos do verbo *alinhavar* na Construção Transitiva Prototípica.

Como demonstra o Gráfico 3, o uso literal é minoritário no *corpus*, ocorrendo em apenas 20% dos dados:

(10) Ajustei um pouco, deixei as peças mais certinhas e *alinhavei* a bainha também. Depois tenho que pedir pra alguém tirar foto pra mim. (<https://twitter.com/saletasubmersa/status/1117148843907387394>)

tratamento dos níveis de complexidade, mais esquemáticos ou mais específicos, de uma mesma metáfora, ver Dancygier & Sweetser (2014, p. 49-53).

⁸ Vale notar que, embora esses usos não estejam registrados nos dicionários consultados, corresponderam a 25% dos dados analisados.

Já extensões metafóricas de corte e costura corresponderam a todos os outros usos metafóricos, equivalendo a 80% dos dados, conforme ilustra o exemplo a seguir:

(11) Colorado já *alinhou* a negociação para comprar o meia Zé Aldo, que pertence ao Guarani de Palhoça e está emprestado até dezembro. (<https://twitter.com/brunofloresrd/status/1143311985507012608>)

O exemplo (11) refere-se a conversas preliminares estabelecidas entre representantes de dois clubes de futebol (Colorado e Guarani de Palhoça), para negociar a compra do jogador Zé Aldo.

Em termos de rotinização, a extensão metafórica mais frequente nos dados é *alinhar (um) acordo*, mas também são frequentes os objetos diretos *apoio*, *estratégia*, *negociação*, *parceria*, *projeto*, *proposta*, que envolvem interações comunicativas, e *discurso*, *história*, *verso*, que envolvem construções discursivas.

Com relação ao verbo *costurar*, a situação é um pouco diferente, já que os usos literais são bem mais frequentes do que os metafóricos:

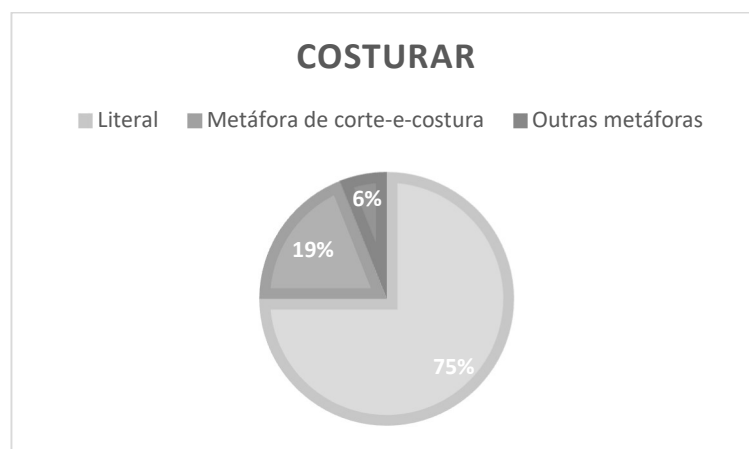


Gráfico 4 – Distribuição de usos do verbo *costurar* na Construção Transitiva Prototípica.

Como apontado no Gráfico 4, os usos literais correspondem a 75% dos casos. O exemplo, a seguir, ilustra esse tipo de uso:

(12) A minha mãe é artesã aqui de Duque de Caxias (baixada fluminense) e está *costurando* mochilas personalizadas nesse modelo. Você pode escolher entre cores lisas, ou as estampas que ela tem disponíveis. (https://twitter.com/_marlo7_/status/1309618038627590145)

A metáfora de corte e costura é a mais frequente entre os usos metafóricos (19% dos casos), como ilustra o exemplo a seguir:

(13) Com a reintegração de Cícero, o Botafogo *costurou* um acordo com o atleta. A diretoria calcula uma economia de mais de R\$ 3 milhões. Cícero não receberá mais direitos de imagem, somente salário de CLT.

(<https://twitter.com/OficialPPB/status/1314664542710964225>)

Em (13), a extensão metafórica de corte e costura (“o Botafogo costurou um acordo com o atleta”) refere-se a um acordo já realizado entre o jogador Cícero e o clube de futebol Botafogo. Tal como com *alinhar*, a expressão metafórica mais frequente tem *acordo* como objeto direto *costurar acordo*. A diferença entre as expressões parecem ser o caráter preliminar de *alinhar acordo*.

A outra extensão metafórica encontrada no *corpus*, ainda que com frequência baixa (6%), é MOVIMENTO EM ZIQUEZAGUE É COSTURA. Essa metáfora pode ser instanciada em contextos referentes ao trânsito ou, ainda, ao futebol:

(14) E esse motorista que tá *costurando* a avenida e passando os outros ônibus? Tô amando (<https://twitter.com/LuciferArrasado/status/1238407458042916865>)

(15) O cara *costurou* o meio campo do flamengo KKKKKKK (https://twitter.com/Jv_Oliveira07/status/1206994159116140549)

Enquanto o exemplo (15) busca retratar o movimento do ônibus que, para se deslocar mais rápido, vai alternando entre as pistas da avenida, o exemplo (16) faz referência aos movimentos de um jogador de futebol para driblar os jogadores do meio campo adversário. Com relação às instanciações do verbo *tricotar*, a distribuição é a seguinte:

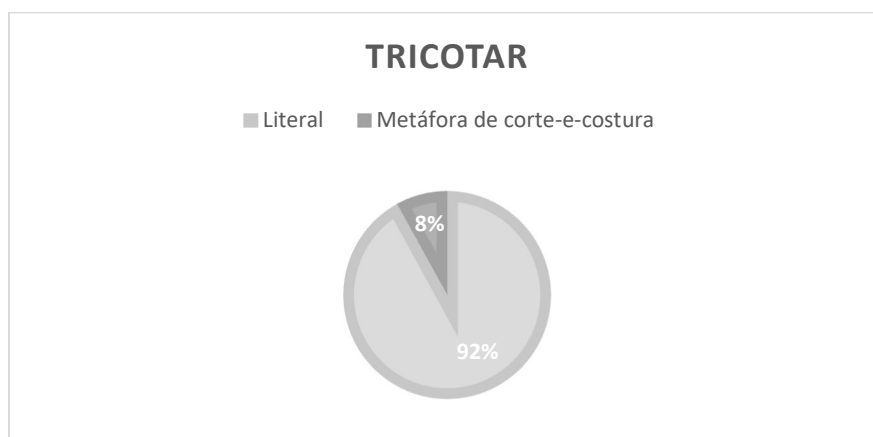


Gráfico 5 - Distribuição de usos do verbo *tricotar* na Construção Transitiva Prototípica.

Como indica o Gráfico 5, os usos literais são predominantes, correspondendo a 92% dos casos:

(16) *tricotei* esse gorrinho e agora to *tricotando* um cachecol pra combinar
 (<https://twitter.com/MariaDoTOP/status/1278729488206106624>)

Os usos metafóricos, por sua vez, restringem-se à metáfora de corte e costura, e pode ser ilustrada pelo exemplo a seguir:

(17) Qnd 2021 chegar já vamos começar a *tricotar* isso.
 (<https://twitter.com/draselinacrf/status/1314364746573979649>)

O exemplo (17) ocorre em uma conversa sobre o planejamento de uma viagem para participar da festa de São João em Campina Grande. A extensão metafórica, portanto, refere-se à sugestão para que se estabeleçam interações conversacionais futuras para realizar esse planejamento.

Por fim, as instanciações do verbo *tecer* apresentam a seguinte distribuição:

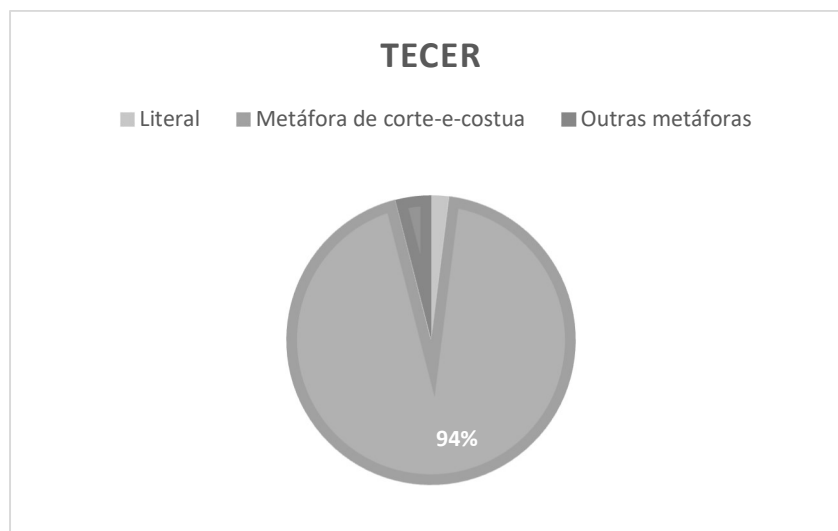


Gráfico 6 - Distribuição de usos do verbo *tecer* na Construção Transitiva Prototípica.

Como indica o Gráfico 6, diferentemente do que ocorre com *tricotar*, os usos literais de *tecer* são os menos frequentes, correspondendo a 2% dos casos. O exemplo a seguir ilustra esse tipo de uso:

(18) Eu não sei quem já ensaiou uns pontos de tricô ou crochê, mas *tecer* uma peça (colcha, cachecol, toalha de mesa, agasalho e afins) reserva a mágica do começar sem saber onde vai dar. (<https://twitter.com/nalusaad/status/1175436445777088512>)

Os demais usos são metafóricos, sendo que a metáfora de corte e costura é predominante (94%), como ilustra o exemplo a seguir:

(19) Silvia Helena também *teceu* elogios ao comportamento da filha e comentou sobre os conselhos que daria a ela. (<https://twitter.com/Metropoles/status/1313630117818626048>)

Outros usos metafóricos também ocorrem, correspondendo a 4% dos casos. Consideremos os seguintes exemplos:

(20) E o tweet anterior é basicamente sobre isso. Sobre entender a si mesmo e reconhecer que as vozes da sua cabeça te enganam. E, acima de tudo, olhar o outro com olhos de compaixão porque, às vezes, as vozes da cabeça dele também o enganam. Confiar é escolher com quem *tecer* a vida. (https://twitter.com/taynna_gripp/status/1309636907484274688)

(21) a culpa, que vem da consciência intranquila, começa a *tecer* sua trama e afetar a vida, o sono, a produtividade
(<https://twitter.com/caroldemarinho/status/1313812586236960769>)

No exemplo (20), a expressão *tecer a vida* atesta o mapeamento metafórico VIDA É TECELAGEM. Já em (21), há uma personificação, em que se retrata o sentimento de culpa como uma pessoa capaz de realizar a atividade de tecer. Trata-se, portanto, da metáfora genérica SENTIMENTO É PESSOA, a qual se articula à metáfora mais específica CULPA É TECELÃ.

Considerações finais

Este trabalho enfocou construções transitivas que permitem extensões metafóricas relacionadas à comunicação verbal, a partir da metáfora de corte e costura, que constitui um mapeamento metafórico produtivo em Português que se aplica à Construção Transitiva. Esse mapeamento engendra a extensão metafórica prototípica, em que o objeto direto é afetado pela atividade de corte e costura, e a extensão metafórica resultativa, em que o objeto direto é o resultado da ação de corte e costura.

A análise da distribuição da frequência de instanciações literais e metafóricas dessas construções, a partir de dados de uso retirados do Twitter, evidenciou que as extensões metafóricas prototípicas instanciadas por *alfinetar* e *tesourar* (ex. “alfinetar ou tesourar o candidato”) são mais frequentes que suas contrapartes literais (ex. “alfinetar ou tesourar o vestido”). Já as extensões metafóricas resultativas dividem-se em dois grupos: aquelas instanciadas por *costurar* e *tricotar*, em que predominam usos literais (ex. “costurar ou tricotar uma colcha”) e aquelas instanciadas por *alinhar* e *tecer*, que ocorrem predominantemente em usos metafóricos (*alinhar um acordo; tecer um comentário*).

Além disso, conforme previsto na hipótese (ii), as extensões metafóricas da construção transitiva, referentes à metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE DE CORTE E COSTURA, são mais frequentes que outras extensões metafóricas que partem da atividade de corte e costura como domínio-fonte (VIDA É ATIVIDADE DE CORTE E COSTURA, etc.).

Embora os dados aqui apresentados sejam relativos ao Português Brasileiro, é possível que a metáfora de corte e costura, associada à comunicação verbal, também possa ser observada em outras línguas. Em especial, a presente pesquisa sugere desdobramentos futuros em que se investiguem diferentes línguas, notadamente línguas românicas e outras variedades do Português. Com relação ao Português Europeu, a metáfora também pode ser facilmente observada, mas as semelhanças e diferenças entre as duas variedades no que se refere às extensões metafóricas em questão ainda requer investigação detalhada.

Referências

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____; SCHEIBMAN, J. The effect of usage on degrees of constituency: the reduction of don't in English. *Linguistics: an Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, 37(4), 1999, p. 575-596.

CASASANTO, D. The role of language in metaphor. In: Borkent, Dancygier & Hinnell (eds.). *Language and the creative mind*. Stanford, California: CSLI Publications, 2013. p. 3-18.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. DRABOWSKA, E. & DIVJAK, D. (eds.) *Handbook of Cognitive Linguistics* (eds.), Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p.295-321.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. 1998. Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, 22(2), p. 133-187.

_____. Compression and global insight. *Cognitive Linguistics*, 11(3-4), 2000. p. 283-304.

_____. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L.; PINHEIRO, D. Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo: a comunicação verbal para além da metáfora do conduto. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, UFPE, p. 1-25, 2015.

FERRARI, L. Construções gramaticais, metáfora e mesclagem: a comunicação verbal como atividade de Corte e Costura. DIAS, N.B & ABRAÇADO, J. (org.), *Estudos sobre o português em uso*, Uberlândia: Pangeia, p. 23-35, 2020.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª. ed. revista ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira*. – 8. ed. rev. atual. – Curitiba: Positivo, 2010.

IBBOTSON, P.; THEAKSTON, A.; LIEVEN, E.; TOMASELLO, M. Semantics of the transitive construction: prototype effects and developmental comparison. *Cognitive Science*, 36, p. 1268-1288, 2012.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, v. I. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive applications*, v.II, Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

MORRIS, P. K.; WALDMAN, J. A. Culture and metaphors in advertising: France, Germany, Italy, the Netherlands and the United States. *International Journal of Communication*, 5, p. 942-968, 2011.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*, 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1979]1993. p.164-201.

TURNER, M. *The origin of ideas; blending, creativity and the human spark*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

Amid needles and threads: the needlework metaphor in Brazilian Portuguese

Abstract: This paper investigates the NEEDLEWORK METAPHOR in Brazilian Portuguese, which, as well as the largely described CONDUIT METAPHOR (REDDY, 1979), constitutes one of the possible metaphorical mappings to refer to verbal communication. Drawing on examples of naturally occurring data retrieved from Twitter, it is argued that the metaphor VERBAL COMMUNICATION IS NEEDLEWORK ACTIVITY is usually applied to the transitive construction, and gives rise to two metaphorical extensions: the prototypical transitive extension, instantiated by the verbs *alfinetar* (*to pin*) and *tesourar* (*to snip*) and the resultative metaphorical extensions, instantiated by the verbs *alinhavar* (*to baste*), *costurar* (*to sew*), *tecer* (*to weave*) and *tricotar* (*to knit*). In order to investigate the Needlework Metaphor's productivity, the analysis focuses on the frequency of literal and metaphorical senses for each group of constructions. The results show that metaphorical extensions of prototypical transitives are more frequent than their literal counterpart. On the other hand, resultative transitives can be divided in two groups: the ones instantiated by *costurar* (*to sew*) and *tricotar* (*to knit*) predominate in literal uses, whereas the ones instantiated by *alinhavar* (*to baste*) and *tecer* (*to weave*) predominate in metaphorical uses.

Keywords: verbal communication; needlework metaphor; transitive construction; metaphoric extension.

Recebido em: 22 de outubro de 2020.

Aceito em: 10 de dezembro de 2020.

A influência da metáfora e do *chunking* na convencionalização de construções com o verbo ‘cortar’¹

Aparecida da Penha Krohling Christ²
Lúcia Helena Peyroton da Rocha³

Resumo: Embasados na concepção de que a linguagem é fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, analisamos, numa abordagem construcional, um grupo de sequências de palavras com o verbo **cortar** seguido de complemento que parecem formar uma única unidade, um *chunk* independente para fins de processamento e análise, muitas das quais denominadas expressões idiomáticas em abordagens lexicais. Vinculamo-nos ao quadro teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo, entre outros, os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987). Valemo-nos de um *corpus* com dados de uso efetivo da língua constituído por textos coletados no jornal A Gazeta, que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2017. Identificamos a frequência de 50 *tokens* e de 09 *types*, que nos permitem refletir sobre a influência do *chunking* e das projeções metafóricas na convencionalização dessas construções. Observamos que as construções identificadas no *corpus* não apresentam o mesmo grau de composicionalidade, o que nos levou a propor um *continuum* e a estipular critérios de análise que nos auxiliassem no processo de distribuição dessas construções no *continuum*.

Palavras-chave: verbo cortar; gramática de construções; expressões idiomáticas; processos cognitivos.

The influence of metaphor and chunking in the conventionalization of constructions with the verb ‘to cut’⁴

Abstract: From the concept that language is based on cognitive, socio-interactive and cultural processes, we analyzed, in a constructional approach, a group of word sequences with the verb *to cut* followed by complements that seem to form a single unit, an independent chunk for processing and analysis purposes, many of which are called idiomatic expressions in lexical approaches. We are linked to the theoretical and methodological framework of Usage-based Linguistics, supported by, among others, the functionalist and cognitive studies of Lakoff and Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott and Trousdale (2013), Bybee

¹ O presente artigo faz parte de um trabalho maior, da tese de doutorado intitulada ‘*cortando um dobrado*’: uma análise do verbo **cortar** em uso.

² Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo. Brasil. E-mail: cidinhakrohling@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9413-8630

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, na área de Sintaxe e Semântica. Atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Ufes. Brasil. E-mail: lhpr@terra.com.br. ORCID: 0000-0001-7422-5569

⁴ This paper is part of a broader project that leads to the doctoral dissertation entitled “Cortando Um Dobrado: Uma Análise do Verbo cortar em uso”.

(2016) and Langacker (1987). We worked in a corpus with effective use of language, consisting of texts collected from the newspaper A Gazeta, which circulates in the State of Espírito Santo, between January and December 2017. We identified the frequency of 50 tokens and 09 types, which allows us to reflect on the influence of chunking and metaphorical projections on the conventionalization of these constructions. We observed that the identified constructions in the corpus do not present the same degree of compositionality, which led us to propose a *continuum* and to stipulate analysis criteria that would help in the process of distributing these constructions in the *continuum*.

Keywords: verb to cut; construction grammar; idiomatic expressions; cognitive processes.

Introdução

De acordo com Goldberg (1995, 2006), a gramática exhibe os mesmos tipos de fenômenos que outras unidades linguísticas, como as palavras e, dessa forma, todas as construções, independente de sua dimensão, complexidade interna, grau de regularidade ou idiosincrasia, são tratadas como "signos", ou seja, como o pareamento de uma forma e de um significado. As construções variam em complexidade e esquematicidade, configurando um *continuum* entre léxico e gramática, segundo Bybee (2016), Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013).

Com base nessa abordagem, buscamos analisar construções com o verbo **cortar** seguido de complemento que parecem formar uma única unidade de análise, um *chunk* independente, possuindo dessa forma mais especificidade de preenchimento, estando mais próximas do polo lexical. Vinculamo-nos ao quadro teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987).

Valemo-nos de um *corpus* composto por dados de uso efetivo da língua, na modalidade escrita, constituído por textos coletados no jornal A Gazeta, que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro a dezembro de 2017.

Ao propormos que as construções analisadas neste artigo representam *chunks* independentes, assumimos, em consonância com Bybee (2016), que essas construções são formadas graças ao processo cognitivo denominado *chunking*. Podemos considerar que *chunk* representa as construções/unidades linguísticas armazenadas na memória e *chunking* é o

processo que permite tal representação. A esse respeito, Bybee (2016), citando Newell (1990), assegura que

um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana (BYBEE, 2016, p. 64-65).

De acordo com Bybee (2016, p. 64), “[...] A base cognitiva subjacente para a morfossintaxe e sua organização hierárquica é o *chunking* de experiências sequenciais, o qual se dá com a repetição [...]”. Esse processo influencia os demais processos cognitivos embasado na organização geral da memória. O *Chunking* é acionado pela repetição e seu acionamento contribui tanto para a compreensão quanto para a produção, ou seja, se for utilizado de forma frequente será mais facilmente produzido e compreendido. Ademais, é o processo que possibilita a formação e o uso de sequências de palavras pré-fabricadas ou formulaicas, como "cortar um dobrado", "de vento em polpa", "dar nó em pingo d'água", entre outras.

Em relação à organização cognitiva, o *chunk*, unidade de organização da memória, é distribuído num *continuum*, conforme figura 1.

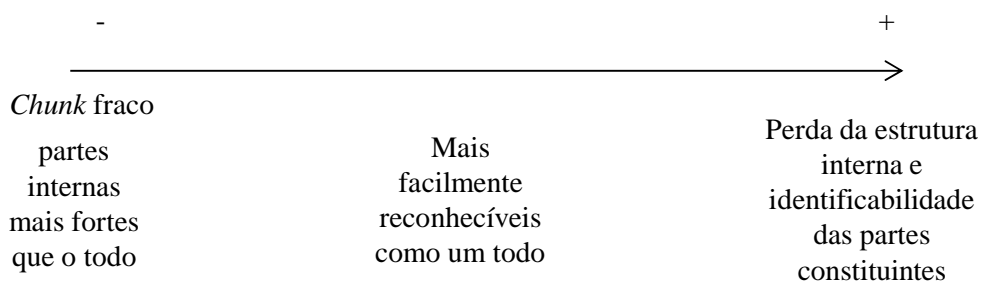


Figura 1 - Organização cognitiva do *chunk*

Fonte: Christ (2020, p. 35).

No polo mais extremo de alta frequência do *continuum* estariam, por exemplo, sintagmas em processo de gramaticalização. De acordo com Bybee (2016), dentro de *chunks*, há graus variados de coesão ou constituência que vão depender da frequência com que

ocorrem as cadeias das unidades. A interação de *chunking* com categorização está na origem das construções e fornece a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade semântica que, segundo Bybee (2016, p. 80), são medidas gradientes e independentes. Em relação a essas medidas, Langacker (1987) afirma que

Analisabilidade diz respeito à capacidade dos falantes reconhecerem a contribuição que cada estrutura componente faz para o todo composto; a questão da analisabilidade, portanto, surge principalmente no nível das expressões compostas individuais. A composicionalidade, por outro lado, pertence à regularidade das relações composicionais, ou seja, o grau em que o valor do todo é previsível a partir dos valores de suas partes (LANGACKER, 1987, P. 448).

Observamos em nosso *corpus* que nem todas as construções formadas com o verbo **cortar** seguida de complemento possuem o mesmo grau de composicionalidade, o que nos leva a postular a existência de um *continuum* para a distribuição das mesmas, conforme a figura 2.



Figura 2 – *Continuum* de composicionalidade

Fonte: Christ (2020, p. 208)

Para distribuir as construções nesse *continuum*, notamos no processo de análise possibilidades de alterações na forma que podem indicar um maior grau de analisabilidade, assim como de composicionalidade, uma vez que as partes internas da construção podem ser mais facilmente reconhecidas em separado. Essas possibilidades de alteração são: i) a possibilidade de topicalizar o sintagma nominal complemento do verbo **cortar**; ii) a

possibilidade de substituição do determinante que antecede o sintagma nominal; iii) a possibilidade de inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome.

Quanto ao significado, verificamos o grau de transparência, entendido neste artigo como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do significado mais básico associado aos itens lexicais para o significado da construção, assim como os processos cognitivos envolvidos, que podem indicar um maior ou menor grau de analisabilidade e composicionalidade.

Visto que o número de ocorrência das construções identificadas no *corpus* é reduzido, valemo-nos em alguns momentos de consultas rápidas realizadas na rede mundial de computadores, por meio da ferramenta de busca do *google*, para exemplificar as análises com exemplos do verbo em uso e observar as possibilidades de alterações na forma. Quando não identificamos tais exemplos, aplicamos testes com essa finalidade realizando as devidas adequações nas sentenças a partir de ocorrências do verbo **cortar** no *corpus*.

Como veremos na seção destinada à análise do *corpus*, outro processo cognitivo que influencia as construções em análise é a projeção metafórica uma vez que o significado de todas envolve a metáfora que representa o mapeamento de um domínio conceptual em outro (LAKOFF, 1986).

No presente artigo, por questões de espaço, apresentamos a análise pormenorizada de 02 construções, antes, porém, abordamos brevemente a Gramática de Construções.

A gramática de construções

De acordo com Evans (2007, p. 45), Gramática de Construções designa um conjunto de abordagens que assumem que a construção "é a unidade fundamental da gramática". Apesar dessas abordagens apresentarem diferenças, alguns pressupostos são compartilhados, como, por exemplo, a definição de construção como um "pareamento de forma e significado" [Lakoff (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016)].

As construções abarcam todos os níveis gramaticais, de morfemas a padrões mais gerais, embora o termo seja aplicado de forma mais usual a uma estrutura morfossintaticamente complexa parcialmente esquemática (BYBEE, 2016). Segundo Bybee,

as construções representam *chunks* rotinizados da linguagem, armazenados e ativados pelos usuários da língua como um todo.

Valemo-nos principalmente das contribuições de Traugott e Trousdale (2013, p. 8) que representam a construção com o seguinte esquema: [[F] ↔ [S]].

No polo da forma [F], estão os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos e, por sua vez, no polo do sentido, os aspectos do discurso, da semântica e da pragmática. Os autores apontam três dimensões para as construções: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização e asseveram que na maior parte dos casos uma construção pode ser caracterizada nas três dimensões. A seguir apresentamos o quadro, que sumariza e exemplifica as três dimensões. Tal quadro é uma adaptação realizada por Rosário e Oliveira (2016) para o português do proposto originalmente em Traugott e Trousdale (2013, p. 13) para o inglês.

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Quadro 1 - Dimensões das Construções

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós que se interconectam, ou seja, as construções se relacionam umas com as outras. Os autores propõem três níveis hierárquicos para as construções: os *esquemas*, os *subesquemas* e as *microconstruções*. Os esquemas correspondem a generalizações mais abstratas, “grupos de construções semanticamente gerais”, situados no nível mais alto da rede, cujas construções são instanciadas por *subesquemas*. No nível dos *subesquemas* situam-se os grupos de construções com mais especificidade semântica. Na visão dos autores, os esquemas são padrões rotinizados da experiência que são entrincheirados cognitivamente e não devem ser vistos como representações mentais.

No nível das *microconstruções*, estão situados os tipos específicos de construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 17), “apenas as microconstruções podem ser especificadas de forma substantiva e fonológica”. Elas são instanciadas por *construtos*, que são as ocorrências empiricamente testadas, as instâncias reais da construção. Os autores

argumentam que os usuários da língua que conhecem um determinado conjunto de *microconstruções* percebem, de forma inconsciente, os subesquemas e esquemas que as instanciam.

Com base na proposta de Traugott e Trousdale (2013, p. 13), as construções identificadas no *corpus* podem ser caracterizadas como: i) complexas, na primeira dimensão, por se constituírem de mais de uma palavra; ii) substantivas, na segunda dimensão, por serem inteiramente ou quase inteiramente lexicalmente preenchidas, o que corresponde a menor esquematicidade virtual; e iii) conteudistas ou lexicais, já que o conceito que elas veiculam é mais lexical que procedural. A maioria dessas construções é designada como expressão idiomática em abordagens lexicais.

As expressões idiomáticas podem ser vistas como um fator motivacional importante para o surgimento dos trabalhos relacionados à Gramática de Construções. Elas são unidades linguísticas convencionais que não podem ser previstas apenas pelo conhecimento que um falante possui sobre as regras gramaticais e o vocabulário de uma língua. São unidades cujo significado não surge da composição de suas partes, sendo necessária a apreensão do todo para que produzam sentido. Como as regras de análise gramaticais existentes até então não davam conta da explicação desse fenômeno, essas expressões eram relegadas a um *status* marginal nos estudos linguísticos.

Essas expressões foram estudadas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Segundo os autores, a língua possui um grande repertório de expressões que não podem ser aprendidas pelos falantes de uma dada língua apenas pelo conhecimento do léxico e das regras gramaticais, expressões que precisam ser aprendidas em um bloco único, ou seja, embora as expressões sejam compostas por mais de uma palavra, elas precisam ser aprendidas como um todo e não como a soma de duas ou mais palavras, como por exemplo a sequência “fazer média”. Nesse caso, ainda que o usuário da língua saiba que ‘fazer’ é um verbo e o que ele significa, assim como que ‘média’ é um substantivo e seu respectivo significado, tal conhecimento pode não ser suficiente para a compreensão da expressão idiomática “fazer média”, que segundo Urbano (2018, p. 200) significa “procurar agradar, ser aceito, bajular para tirar proveito”.

Segundo Urbano (2018, p. 19, grifos do autor), "*expressões tipicamente idiomáticas* são sequências de palavras, que apenas em conjunto e combinadas, expressam um sentido global, não traduzindo, pois, a soma dos seus diversos sentidos literais individuais". O autor

assume que a expressão idiomática é uma sequência de palavras relativamente fixa para enfatizar a possibilidade de variação que ocorre com essas expressões, desmistificando a fixidez absoluta ou cristalizada por vezes atribuída a tais sequências. A esse respeito, Urbano (2018) ressalta que

Ao se caracterizar a sequência das expressões idiomáticas como "relativamente fixas" ou de "fixidez relativa" tem-se em mente a queda ou a quebra de alguns mitos ou dogmas sobre as expressões idiomáticas, como a "intraduzibilidade, a indecomponibilidade, a irreversibilidade da ordem, a impossibilidade de substituição sinonímica", e outros, que, naturalmente, só estudos e testes específicos e aprofundados podem delimitar precisamente (URBANO, 2018, p. 19).

De acordo com Bybee (2016, p. 56), as expressões idiomáticas são instâncias de construções mais gerais que requerem representação direta, dada a imprevisibilidade de seu significado. Elas surgem de construções existentes mais gerais, e, em função dos contextos de uso nos quais são utilizadas "tomam novas implicações pragmáticas, significados ou formas." Todavia, a autora reconhece que, embora tenham um sentido metafórico específico, a expressão idiomática não deixa de ser associada às palavras que a compõem.

Em relação ao papel do contexto no processo de significação, Bybee (2016, p. 91-96) esclarece que as inferências realizadas frequentemente a partir do contexto⁵ podem tornar-se parte do significado de expressões ou construções e, dessa forma, "não há uma divisão clara entre os aspectos do significado que são derivados do contexto e os que são inerentes ao item lexical ou construção". Além disso, o significado "é sempre situado no contexto" que é determinado social e cognitivamente.

O fato de ser não composicional não implica que uma expressão idiomática ou uma expressão pré-fabricada não possa ser analisável, isso porque a analisabilidade e a composicionalidade são medidas distintas, sendo a analisabilidade uma noção sutil "[...] que não se refere à complexidade intrínseca de uma estrutura, mas sim à consciência das pessoas sobre certos aspectos dessa complexidade" (LANGACKER, 1987, p. 457).

⁵ O contexto no presente artigo é concebido como parte constituinte e constituído no processo de interação, que integra [...] duas entidades que se justapõem: um evento focal e um campo de ação no qual o evento se desenrola. Esses eventos englobam diversas dimensões, como a situação de enunciação [...], recursos extralinguísticos; [...] Os próprios atos de fala ou textos já produzidos [...] os conhecimentos de mundo compartilhados entre os participantes e a situação que ultrapassa o evento local (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 288).

Há um consenso entre diversos autores, de diferentes perspectivas, de que uma expressão idiomática pode ser utilizada e/ou interpretada tanto em seu uso idiomático como literal [LANGACKER (1977, 1987), CHAFE (1979), FILLMORE, KAY E O'CONNOR (1988), XATARA (1995), RIVA (2009), BYBEE (2016) e URBANO (2018)]. Na abordagem construcional assumida, tal fato decorre da instanciação dos mesmos itens lexicais em construções de natureza distintas, como podemos notar nos exemplos 1 e 2.

(1) Polícia abre inquérito para investigar abandono de bebê

RESGATE

Segundo os médicos que atenderam o bebê, o cordão umbilical tinha sido cortado poucas horas antes, o que é um indício de que foi abandonado logo após o parto. (A GAZETA, 12/07/2017 - Cidades, p. 12).

Nesse exemplo, o verbo **cortar** é instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que pode ser associada à representação da seguinte cena ‘alguém causando uma mudança de estado’ e ser descrita como X AFETAR Y. Essa construção pode ser considerada uma construção mais esquemática, na qual diferentes itens lexicais podem ocupar os *slots* destinados ao verbo e ao objeto direto, que se fundem com os papéis argumentais causa⁶ e paciente. Nessa mesma construção, o verbo **cortar** pode ser instanciado com diferentes sintagmas nominais relacionados ao corpo humano, fazendo emergir nas sentenças significados para esse verbo que denotam uma afetação concreta sobre o objeto direto, ou seja, a realização de um corte físico. Imagine, por exemplo, que a ocorrência policial tenha sido de um assassinato, então, poderíamos encontrar: “o braço/a perna/a garganta/a cabeça foi cortado(a) poucas horas antes”, e o significado que emerge para o verbo pode ser ‘dividir, separar, ferir, mutilar, decaptar’ dependendo dos itens lexicais que venham a ocupar o *slot* destinado ao objeto direto e do contexto.

Como vimos no exemplo 1, um sujeito agente, omitido pela coocorrência com a Construção Passiva, utilizou um instrumento cortante e efetuou um corte concreto no cordão umbilical, separando a mãe e o bebê. No excerto a seguir, o verbo **cortar** ocorre novamente com o mesmo item lexical, cordão umbilical, ocupando o *slot* destinado ao objeto direto, que em virtude da coocorrência com a construção passiva está no lugar do sujeito (paciente), porém, o significado que emerge no texto é diferente.

⁶ Em consonância com Goldberg (1995), assumimos que o papel argumental causa pode comportar tanto agentes como uma força natural.

(2) QUANDO É A HORA DE SAIR DA CASA DOS PAIS?**LAÇOS**

Para além das questões práticas, como contas pagas e roupas arrumadas, os laços familiares também deixam saudades. “O cordão umbilical não foi cortado”, diz Leia. (A Gazeta, 02/07/2017 - Cidades, p. 110 – grifo nosso).

No exemplo 2, temos a instanciação do verbo **cortar** numa construção que está mais próxima do polo lexical. Essa construção representa um “caso especial” da Construção Transitiva de Afetação, uma instância preenchida (GOLDBERG, 1995, p 79), um novo par de forma e significado: [[cortar + cordão umbilical] ↔ amadurecer, eliminar vínculos que tornam uma pessoa dependente da outra]]. Nesse caso, assim como em outros envolvendo construções dessa natureza com **cortar**, o significado da construção representa o resultado da incorporação de sentidos dos contextos nos quais a sequência de palavras ocorreu que levou a sua convencionalização em determinado momento, em decorrência da frequência de uso dessa sequência nos mesmos contextos, que foi reforçando o *chunk* e levou a sua categorização como uma nova construção.

Enquanto no primeiro exemplo, o significado da associação do verbo **cortar** + o substantivo ‘cordão umbilical’ é mais composicional, no segundo exemplo, a composicionalidade é enfraquecida. Esses exemplos indicam que o verbo **cortar** é instanciado em construções que parecem formar dois grupos com particularidades distintas, um composto por construções esquemáticas e outro por construções substantivas.

A maioria das expressões, mesmo as composicionais, possuem um significado convencionalizado mais específico do que seu valor composicional, como aponta Langacker (1987) ao sustentar que

[...] praticamente todas as expressões linguísticas, quando construídas pela primeira vez, são interpretadas com referência a um contexto situacional ricamente especificado, e grande parte desse contexto é retido à medida que se aglutinam para formar unidades estabelecidas (LANGACKER, 1987, p. 455).

Dessa forma, nem toda sequência de palavras cujo significado é mais abrangente que a simples soma de suas partes constituintes pode ser considerada uma “expressão idiomática”. A esse respeito, Urbano (2018, p. 20) esclarece que “entre as expressões idiomáticas típicas e expressões de vários outros tipos, abre-se muitas vezes um campo contínuo sem fronteiras

nítidas, em que muitas expressões podem ser consideradas apenas ‘parcialmente’ figuradas ou idiomáticas.”

Segundo o autor, a sequência “*matar a sede*” seria menos idiomática do que “*matar o tempo*”, porque o sintagma nominal ‘sede’ “mantém o sentido literal, diferentemente de matar o tempo, em que ambas as palavras jogam com sentidos figurados” (URBANO, 2018, p. 20). Bybee (2016) considera as sequências de palavras que funcionam como uma única unidade como expressões pré-fabricadas “*prefab*”. No entanto, destaca que as “expressões idiomáticas” constituem um tipo mais específico, já que seu significado em geral depende de metáfora, metonímia ou hipérbole.

Diante do exposto, entendemos que as construções idiomáticas fazem parte de um conjunto maior de construções que pode abarcar unidades linguísticas que não são reconhecidas como idiomáticas. E também, conforme Urbano (2018, p. 19) destaca, o termo ‘idiomático’ não é de aceitação conceitual pacífica. Por isso, neste artigo, nos referimos às construções mais próximas do polo lexical identificadas no *corpus* com o verbo **cortar** como construções substantivas, sejam elas reconhecidas e registradas como idiomáticas ou não.

Adotamos a caracterização dada por outros autores às construções idiomáticas e definimos as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* como unidades linguísticas convencionalizadas que podem ser consideradas *chunks* independentes para fins de processamento e análise, cujo significado não é previsível a partir da soma de suas partes constituintes, envolvendo em geral metáfora, hipérbole ou metonímia. Essas unidades podem ser analisáveis e admitem, de certa forma, variação [conf. Langacker (1977, 1987), Goldberg (2006), Bybee (2016) e Urbano 2018].

Análise do *corpus*

O verbo **cortar** origina-se do latim *curtare* que etimologicamente pode significar: encurtar, mutilar, dividir, conforme Bueno (1968), Nascentes (1969) e Ferreira (1983). Entre as diversas acepções registradas para esse verbo atualmente, a primeira acepção apresentada no Dicionário de usos do português do Brasil, de Borba (2002), é “dividir/separar”. O critério adotado pelo autor para organizar a ordem das acepções está diretamente ligado ao número de ocorrências, o que significa dizer que o verbo **cortar** nos dados de Borba (2002) ocorreu

muito mais vezes como ‘dividir; separar’. Por isso, vamos considerar que esse é o sentido mais básico associado ao verbo **cortar**.

Como vimos, as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* são constituídas de mais de uma palavra, possuem mais especificidade de preenchimento e menor esquematicidade, veiculam um conceito mais lexical e parecem formar uma única unidade que pode ser acessada como um todo, um *chunk* independente, cujo significado não pode ser associado à soma de suas partes constituintes.

Um dos fatores que se destacam no processo de observação das construções em análise é a influência do processo cognitivo de projeção metafórica, visto que o significado de todas as construções identificadas no *corpus* envolvem metáfora.

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, originada em Lakoff e Johnson (2002), somos capazes de compreender e experienciar um conceito em termos de outro, pois nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado e, dessa forma, nossa linguagem também é metaforicamente estruturada. Os autores constataram que a metáfora está entranhada em nosso cotidiano, não apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos. Segundo os autores, nossos conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos, porque, em geral, conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas. São as experiências concretas que temos que fornecem as bases para construir conceitos extremamente abstratos e elaborados como o de discussão.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 48), na cultura ocidental o conceito de discussão é estruturado a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Segundo os autores, a metáfora ao mesmo tempo em que realça certos traços elimina outros, por isso, embora discussão e guerra sejam totalmente distintas, assim como as ações realizadas em cada um dos eventos, “DISCUSSÃO é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48, destaque dos autores). Isso explica porque utilizamos termos relacionados à batalha, como “defender um argumento”, “atacar um ponto de vista”, “destruir um ponto de vista”, entre outros. No entanto, ela não se reflete apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos. Em nossa cultura, uma discussão sempre envolve um ganhador e um perdedor, uma disputa, o que não ocorreria, por exemplo, em uma cultura em que a discussão fosse estruturada em outros termos (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 47).

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 81), o fato de sermos seres físicos claramente delimitados leva-nos à experiencição de que estamos separados do mundo, ou seja, o mundo está fora de nós e, dessa forma, "cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora". Disso decorre o fato de projetarmos nossa própria orientação a outros objetos delimitados por superfície (como entrar em um ambiente ou sair dele), assim como ao ambiente natural (floresta, campo, etc.). Segundo os autores, mesmo quando não há uma demarcação física, nós impomos fronteiras, uma vez que a territorialidade é um dos instintos mais básicos do ser humano. É fato em nossas vidas a demarcação espacial dos territórios em metros, quilômetros, alqueires, ou seja, concebemos o solo como algo que pode ser mensurado, percorrido e dividido. Acreditamos que essa projeção esteja envolvida no significado da construção 'cortar caminho', apresentada na sequência.

Cortar (o) caminho

Identificamos a frequência de 05 *tokens* dessa construção no *corpus*. Em nossos dados, o complemento do sintagma nominal não estava precedido do artigo definido 'o', como podemos observar no exemplo 3.

(3) Motorista que invadiu posto vai se apresentar à polícia hoje

Em alta velocidade, o condutor não obedeceu a ordem de parada dos policiais e fugiu, no sentido Praia de Camburi.

Com o fluxo de veículos menor no sentido Centro de Vitória, o motorista tentou cortar caminho por dentro do posto, para fugir. [...]. (A Gazeta, 02/02/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

Todavia, Urbano (2018) registra a possibilidade de alternância entre essas duas formas, como também evidenciam os exemplos 4 e 5:

(4) "Cortar o caminho, mudar de rumo ou retornar, as vezes é melhor do que seguir e perder-se numa obscuridade sem volta!"⁷

(5) "To atrasadão vou cortar o caminho!"⁸

⁷ Fonte: <https://www.pensador.com/frase/OTOQ2OTg/>. Acesso em: 20/09/2019.

⁸ <http://www.videosnowhats.com/zap/to-atrasadao-vou-cortar-o-caminho/>. Acesso em: 05/10/2019.

Essa construção não permite a topicalização do sintagma nominal, a substituição do determinante, tampouco a inserção de itens lexicais. Os testes 1, 2 e 3 demonstram que tais alterações na forma implicariam mudança de significado ou problemas na estrutura da sentença.

Teste 1) *⁹ O caminho ele vai cortar.

Teste 2) Ele vai cortar *um* caminho [cortar = atravessar].

Ele vai cortar *seu* caminho [cortar = atravessar].

Teste 3) * Ele vai cortar *de vez* caminho.

Essa construção pode ser representada da seguinte forma [[cortar + (o) caminho] ↔ [utilizar atalho para encurtar o espaço a vencer]]¹⁰. A impossibilidade de alterações na forma não inviabiliza o reconhecimento de certa contribuição do verbo para a construção, pois ‘encurtar/reduzir’ é um significado que emerge para o verbo **cortar** em contextos concretos de uso, quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação. O mesmo pode ser dito em relação ao sintagma nominal, haja vista que entre os usos concretos registrados para ‘caminho’ constam “[...]1 qualquer faixa de terreno destinada ao trânsito; estrada; [...] 4 espaço em que se caminha; distância [...]” (BORBA, 2002, p. 265). Porém, o significado do todo envolve uma projeção metafórica do verbo **cortar**, visto que não ocorre nenhum tipo de modificação no ‘caminho’, o trajeto original (A) que o indivíduo percorreria se não optasse por uma rota alternativa, um atalho, o trajeto (B), ou seja, o caminho não será, e nem poderia ser, cortado concretamente.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 170), concebemos os caminhos como superfícies “(imagine um tapete desenrolando-se à medida que você caminha, criando, assim, um caminho atrás de você)”. Acreditamos que a Construção ‘cortar (o) caminho’ pode levar-nos a: i) realizar uma demarcação física do trajeto original (A), o caminho que seria percorrido normalmente, concebendo-o como um recipiente com uma orientação dentro-fora; ii) em seguida, por meio do esquema imagético trajetória, que consiste de ORIGEM (A), TRAJETO e DESTINO (B)¹¹, a conceptualizar o ‘atalho’, o caminho alternativo que ‘atravessa’ o caminho associado ao trajeto original, como uma área de corte nessa superfície, como sugere a figura 3.

⁹ A presença do asterisco antes da sentença indica que há problemas em sua estruturação.

¹⁰ Significado proposto por Urbano (2018).

¹¹ De acordo com Ferrari (2016, p. 86), os esquemas imagéticos “são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo”.

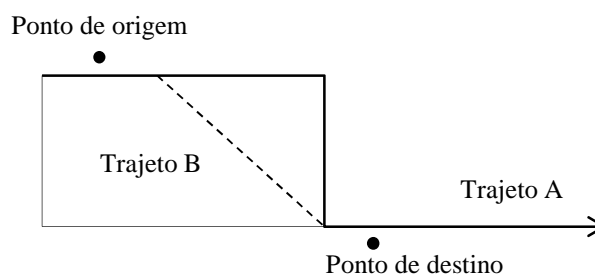


Figura 3 - Processo de conceptualização de ‘atalho’ como área de corte associado à Construção idiomática ‘cortar caminho’.

Fonte: Christ (2020, p. 216).

A linha contínua grossa representa o trajeto original (A), a linha pontilhada, o atalho (B), e a linha contínua fina, os limites impostos pela demarcação projetada metaforicamente (que concebe o trajeto original como um recipiente com orientação dentro-fora). Ao optar pelo trajeto B, reduzimos não o caminho, mas o deslocamento espacial. Apesar do significado dessa construção idiomática envolver um dos significados que emerge para o verbo **cortar** quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, ‘reduzir/encurtar’, ela é motivada pela Construção de Movimento Transitiva e, dessa forma, a ação que o agente realiza não envolve a afetação de um paciente, mas um movimento e todos esses significados são incorporados na projeção metafórica, ou seja, o ‘caminho’ é reduzido pelo movimento que o agente realiza.

Em nosso *corpus*, essa construção foi utilizada para se referir a um caminho físico. Todavia, o sintagma nominal ‘caminho’ pode representar qualquer tipo de distância, ou seja, etapas a serem vencidas para que um determinado objetivo seja alcançado, ampliando os contextos de uso, como vimos no exemplo 4, assim como na crônica intitulada “Cortando caminho”, que transcrevemos a seguir:

Trânsito parado, atrasado para a reunião, olho para o cruzamento à direita pensando numa alternativa de cortar caminho e reduzir meu atraso.

Cortar caminho. Tem hora que é a única alternativa que resta para não perder mais tempo. Enquanto a gente pensava em cortar caminho apenas dos nossos trajetos de ir e vir, tudo bem, racionalizar sempre é bom. Mas parece que estamos nos especializando na “cultura” do corte de caminho. Cabral foi o primeiro que pensou em cortar e caiu aqui. O Xará dele está preso de tanto cortar caminho, sangrar as contas públicas e encher o bolso.

Cortar caminho nos estudos, na escalada profissional, nas conquistas pessoais, até mesmo nos games que jogamos nas horas vagas.

Em uma maratona de Sioux, EUA, um sudanês venceu a prova quebrando o recorde do percurso. Venceu? Não. Os fiscais desconfiaram do tempo da

prova, checaram e descobriram que ele cortou caminho. Vitória cancelada [...] (CASTANHARI JÚNIOR, 2017, grifos nossos).

As reflexões instauradas pelo autor da crônica vão ao encontro da constatação de Lakoff e Johnson (2002) de que a metáfora está entranhada na forma como pensamos e agimos e, portanto, na linguagem. Na sequência, abordamos a construção ‘cortar o coração’.

Cortar o coração

Identificamos apenas 02 ocorrências do verbo **cortar** nessa construção, uma das quais é apresentada no exemplo 6.

(6) Aposentado de 81 anos reage a assalto e dá garrafada em bandido

"Ele teve câncer de garganta e não pode falar sem o aparelho. Acredito que por isso reagiu. É de cortar o coração saber que meu avô passou por isso". (A Gazeta, 12/05/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

A alteração ou supressão do determinante parece gerar mudança de significado, como podemos observar em 7.

(7) Médica corta coração de Gil e ganha música

Submetido a uma biópsia do coração, do qual foram extraídos quatro pedacinhos, para aprofundar as pesquisas sobre sua insuficiência renal, Gilberto Gil ficou tão impressionado com o procedimento médico, que resolveu fazer uma música para a cardiologista que o assiste, Roberta Saretta, integrante da equipe de Roberto Kalil, no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. [...]

Eis um trecho da música que Gil fez para a médica que cortou um pedaço do seu coração [...].¹²

Embora o texto do qual foi retirado o exemplo 7 pareça dialogar com a construção substantiva em tela, o corte físico existiu de fato e acreditamos que, por isso, o artigo definido não pode ser utilizado. O teste a seguir ratifica tal compreensão:

Teste 1) É de cortar um coração saber que meu avô passou por isso.

Embora não permita a substituição do artigo definido pelo indefinido, no uso, ela permite a alternância com o possessivo, como podemos observar no exemplo 8:

¹² Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/medica-corta-coracao-de-gil-e-ganha-musica.html>. Acesso em: 06/10/2019.

(8) Top 20 | Animações que vão cortar seu coração¹³

Quando você pensa em um filme de animação, geralmente o que vem à cabeça é algo colorido e divertido, leve como **Minions** ou **Meu Malvado Favorito**. É até fácil se esquecer que nem toda animação é para crianças e que, mesmo as que são, muitas vezes tocam em temas muito adultos, como nostalgia, preconceito, vingança, abandono e até morte.

Confira a seguir as 20 animações que trazem temas e cenas profundamente tristes. Não prometemos que todas vão te fazer chorar, mas com certeza cada uma delas te obrigará refletir e sentir o coração mais pesado ao menos por alguns momentos.

Constatamos ao longo da análise que a maioria das construções substantivas com **cortar** não permitem a substituição do artigo definido pelo indefinido, mas aceitam a substituição por um pronome possessivo. Parece-nos que essa possibilidade ocorre porque o pronome possessivo, assim como o artigo definido, permite a individualização dos substantivos. Enquanto o artigo definido restringe a extensão do significado dos substantivos, individualiza-os, definindo-os, o artigo indefinido trabalha no sentido oposto, realizando uma generalização. Como podemos observar no exemplo 8, a construção ‘cortar o coração’ é instanciada no título de um texto que sugere 20 animações comoventes para o leitor assistir. Pela natureza do suporte e do gênero textual onde ocorre, não há a intenção de falar que vai cortar um coração qualquer, mas o de alguém (de um VOCÊ = os telespectadores em potencial), por isso o possessivo é possível e se torna bem interessante no texto que parece buscar uma aproximação com o interlocutor.

Não identificamos nenhuma ocorrência com a topicalização do sintagma nominal sem a coocorrência de outras construções, o que tampouco nos parece aceitável, como sugerem os testes 2 e 3:

Teste 2) * É de o coração cortar de qualquer um, certo?

Teste 3) * Animações que vão seu coração cortar.

A topicalização parece só ser possível quando envolve o aspecto resultativo, como podemos observar em 09:

(09)— Nossa, eu já vi de tudo. De menina correndo a gente caindo descendo do ônibus pra poder entrar e fazer a prova. Tem mãe que chora mais que o filho quando não consegue

¹³<https://cinelogin.wordpress.com/2015/10/07/top-20-animacoes-que-vaio-cortar-seu-coracao/>. Acesso em: 06/10/2019.

entrar. A gente fica com o coração cortado, mas tem que seguir as ordens que vem de Brasília (grifo nosso).¹⁴

O teste 4 mostra que essa construção poderia aceitar a inserção de itens lexicais:

Teste 4) É de cortar *profundamente* o coração saber que meu avô passou por isso.

Quanto ao significado, é possível reconhecer a contribuição do verbo, que também pode ser instanciado na Construção Transitiva de Afetação com o núcleo do sintagma nominal ‘coração’ para descrever um corte, uma incisão realizada por objeto cortante, como vimos no exemplo 07, cujo significado que emerge é ‘fazer incisão’, o que certamente causa dor ao paciente, situação que pode ser contornada pelo uso de anestesia. Essa situação concreta serve de base para a projeção metafórica do significado associado ao verbo na construção substantiva.

De acordo com Amato (2010), a associação entre os bons sentimentos e o coração é histórica. Embora não seja o coração, mas o cérebro a base do comportamento humano, existe uma relação fisiológica entre o coração e a mente. A esse respeito, a autora nos diz que

Historicamente se diz que no coração está a origem do amor, da coragem, da bravura e que pessoas boas têm coração grande e ruins não têm coração. Porém, hoje sabemos que o cérebro é a base do comportamento humano, sede de todos os sentimentos, pensamentos e emoções. Entretanto, as experiências, quando geram muita emoção, afetam diretamente o coração. E as doenças cardíacas, por sua vez, também podem manifestar emoções, tais como medo, ansiedade e depressão, revelando que a interação entre coração e mente é recíproca.

Desde 1952 sabe-se que uma região do cérebro chamada sistema límbico, recebe informações externas, transformando-as em emoções. Ativa-se um complexo sistema nervoso e humoral que, através de reações físicas e químicas, controla o funcionamento de vários órgãos, inclusive do coração. Dessa maneira, a circulação sofre mudanças repentinas, intensas e com extrema rapidez e no espaço de 3 a 5 segundos, a frequência cardíaca pode aumentar até o dobro do normal, e dentro de 10 a 15 segundos a pressão arterial chega a ser duplicada. Tudo isso para que o indivíduo se prepare fisiologicamente, melhorando a performance, para enfrentar situações de risco e de curta duração (AMATO, 2010).

Dessa forma, as metáforas associadas ao coração podem ter como base experiências concretas dos indivíduos envolvendo as emoções e os processos fisiológicos desencadeados no órgão físico. Além dos exemplos mencionados pela autora “pessoas boas têm coração

¹⁴ <https://blogs.oglobo.globo.com/agora-na-educacao/post/coracao-cortado-diz-responsavel-por-fechar-portoes-em-local-de-prova-do-enem.html>. Acesso em: 06/10/2019.

grande e ruins não têm coração”, outro exemplo pode ser observado em sentenças como “Ele sim conquistou meu coração”¹⁵, em que o coração é reinterpretado como um território e, dessa forma, pode ser conquistado ou perdido.

Acreditamos que todas essas sentenças, assim como a construção substantiva em tela, se encaixam na metáfora EFEITO EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 117). Como a associação entre os sentimentos e o coração fazem parte da nossa cultura, podemos reconhecer a contribuição do sintagma nominal para a construção, como fornecendo a base concreta no domínio fonte para a projeção do significado metafórico “dar pena, dó, comover ao extremo”, ou seja, causar um efeito emocional atingindo o lugar onde estão guardados nossos bons sentimentos de forma incisiva, o que é realizado com o recrutamento do verbo **cortar**, fazendo com que a construção possa evocar também um sentimento de dor ou angústia.

Feitas essas considerações, apresentamos a tabela 1 com o número total de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus*.

Tabela 1 - Número de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus*

Construção	Número de ocorrências
cortar (o) ponto	14
cortar (o) caminho	05
cortar as asas	01
cortar na (própria) carne	21
cortar o cordão umbilical	02
cortar o barato de X	02
cortar o mal pela raiz	02
cortar o coração	02
cortar o nó (górdio)	01
TOTAL	50

Como mencionado anteriormente, verificamos que nem todas as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* possuem o mesmo grau de composicionalidade. Para auxiliar a distribuição dessas construções num *continuum*, elencamos alguns critérios para subsidiar nossas análises, cujo resultado sintetizado será apresentado na tabela 2, após a explanação dos mesmos.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1XopkZfyyS4>. Acesso em: 08/10/2019.

As colunas 2, 3 e 4 dizem respeito à questão da forma. O símbolo de adição indica a possibilidade de topicalização, substituição e inserção de itens enquanto o símbolo de subtração indica a impossibilidade.

A coluna 5 indica o ‘Grau de transparência’, entendido neste artigo como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do item lexical. O total apresentado nessa coluna foi obtido com base no seguinte cálculo:

a) para o verbo **cortar**:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, seu significado mais básico¹⁶, ‘dividir, separar’, ou significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, denotando a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(ii) 03 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, outros significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que não estão relacionados à realização de um corte por instrumento cortante;

(iii) 02 pontos são atribuídos nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(iv) 01 ponto é atribuído nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que não denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(v) Nenhum ponto é atribuído caso o significado que emerge na construção substantiva não possa ser relacionado a nenhum uso do verbo **cortar** quando instanciado em construções esquemáticas identificadas por Christ (2020).

b) Para o sintagma nominal:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o item mantenha seu significado mais básico na construção substantiva;

¹⁶ Estamos entendendo aqui o significado mais básico como a primeira acepção registrada no dicionário de usos de Borba (2002).

- (ii) 03 pontos são atribuídos caso o significado do item na construção substantiva seja sustentado metaforicamente e utilizado em outras construções com o mesmo significado que apresenta na construção substantiva;
- (iii) 02 pontos são atribuídos caso o significado mais básico do item sirva de base para a projeção metafórica na construção substantiva.
- (iii) 01 ponto é atribuído caso outros significados registrados em dicionário para o item sirvam de base para a projeção metafórica na construção substantiva.
- (iv) nenhum ponto é atribuído caso não possa ser identificada nenhuma contribuição do item para a projeção metafórica na construção substantiva.

Tabela 2 - Resultado sintetizado da aplicação dos critérios elencados para análise das construções substantivas com **cortar**

Construção ¹⁷	Topicalização	Substituição do determinante Indet./Possessivo	Inserção de itens lexicais entre verbo e nome	Grau de transparência verbo/nome
Cortar (o) ponto	-	-/+	+	1/1
Cortar (o) caminho	-	-/-	-	2/2
Cortar as asas	+	-/+	+	2/3
Cortar na (própria) carne	-	-/+	+	2/2
Cortar o cordão umbilical	-	-/-	+	2/2
Cortar o barato de X	-	-/+	+	1/3
Cortar o mal pela raiz	-	-/-	+	2/3
Cortar o coração	-	-/+	+	2/2
cortar o nó (górdio)	+	-/-	+	2/2

Fonte: Christ (2020, p. 239).

A distribuição das construções no *continuum* levará em conta os seguintes critérios

- 1) somaremos todos os símbolos de adição atribuídos a cada construção nas colunas 2, 3 e 4. Quanto maior o número, maior é o grau de analisabilidade de suas partes constituintes e menor é a força do *chunk*, ou seja, suas partes internas são mais fortes e ele se situa mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade;

¹⁷ Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de 'cortar o ponto', a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, uma vez que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

- 2) somaremos os pontos atribuídos na coluna 5 para cada construção. Quanto maior a pontuação, maior é a contribuição das partes constituintes para o significado da construção e maior é o grau de composicionalidade, situando a construção mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade.

Na tabela 3, apresentamos a somatória dos dados apresentados na tabela 2.

Tabela 3 - Total de pontos atribuídos na análise da forma e significado das construções substantivas com **cortar**.

Construção ¹⁸	Total de adições (coluna 2, 3 e 4)	Grau de transparência atribuído	TOTAL
Cortar (o) ponto	2	2	4
Cortar (o) caminho	0	4	4
Cortar as asas	3	5	8
Cortar na (própria) carne	2	4	6
Cortar o cordão umbilical	1	4	5
Cortar o barato de X	2	4	6
Cortar o mal pela raiz	1	5	6
Cortar o coração	2	4	6
cortar o nó (górdio)	2	4	6

Fonte: Christ (2020, p. 240).

Quanto maior a pontuação obtida, mais à esquerda no *continuum* se localiza a construção, o que a caracteriza como: mais composicional e com partes internas mais analisáveis quando comparada às construções à sua direita, como propomos na figura 4.

Mais composicional

o valor do todo é mais previsível a partir dos valores de suas partes constituintes.

+

_ as asas

_ o mal pela raiz

_ na (própria) carne

_ o nó (górdio)

_ o coração

_ o barato de X

Menos composicional

o valor do todo é menos previsível a partir dos valores de suas partes constituintes.

→

-

_ (o) ponto

_ (o) caminho

_ o cordão

umbilical

Figura 4 - Distribuição das construções substantivas com **cortar** no *continuum* da composicionalidade
Fonte: Christ (2020, p. 241).

¹⁸ Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de ‘cortar o ponto’, a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, já que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

As construções substantivas ‘cortar (o) ponto’ e ‘cortar (o) caminho’ são menos composicionais do que as demais, enquanto que a construção ‘cortar as asas’ é a mais composicional entre as 09 construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus*. Por sua vez, as construções ‘cortar o mal pela raiz’, ‘cortar na (própria) carne’, ‘cortar o nó (górdio)’, ‘cortar o coração’ e ‘cortar o barato de x’ são mais composicionais se comparadas a ‘cortar o cordão umbilical’ e menos composicionais se comparadas a ‘cortar as asas’. Christ (2020), com base na análise de um *corpora* do qual faz parte o *corpus* utilizado neste artigo, propõe uma rede de construções com o verbo **cortar** constituída de 03 níveis hierárquicos conforme figura 5.

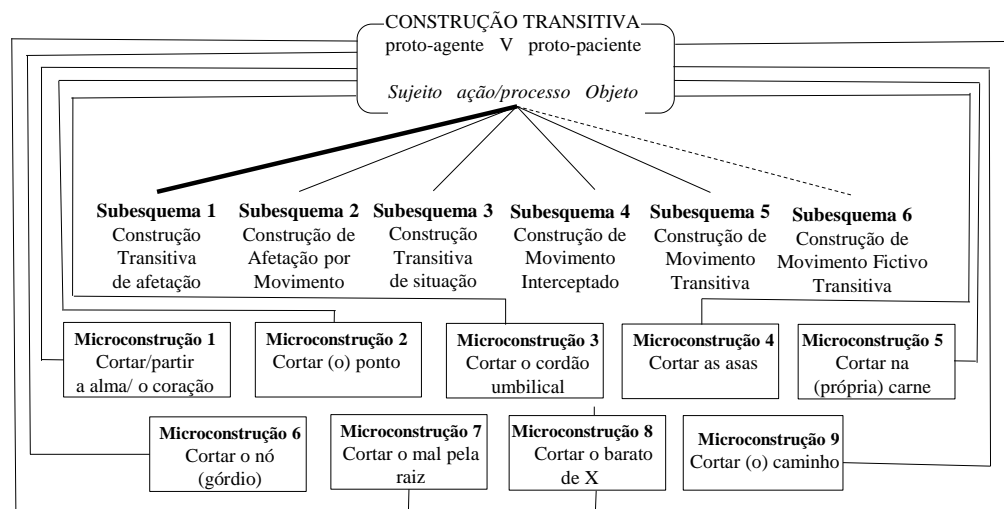


Figura 5 - Rede de construções com o verbo **cortar**

Fonte: Christ (2020, p. 242).

Na rede hierárquica, as 09 construções substantivas analisadas no presente artigo estão no nível das microconstruções, porque é nesse nível que se situam os tipos de construção que podem ser especificadas lexical e fonologicamente. Essas construções provavelmente surgiram em contextos de usos do verbo **cortar** em construções mais esquemáticas. No entanto, elas incorporaram sentidos específicos dos contextos nos quais a sequência de palavras formada pelo verbo **cortar** + sintagma nominal ocorria levando à convencionalização de um novo significado para essas sequências. Com a frequência de uso, tornaram-se unidades rotinizadas e independentes e, por isso, embora estejam situadas no

nível hierárquico inferior da rede de construções com o verbo **cortar**, elas são associadas diretamente à Construção Transitiva.

Considerações finais

Valendo-nos de um *corpus* composto por dados de uso efetivo da língua na modalidade escrita, constituído por textos coletados no jornal A Gazeta que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2017, analisamos construções com o verbo **cortar** seguido de complemento que formam uma única unidade de análise, cujo significado do todo envolve projeções metafóricas de domínios associados, em geral, ao uso concreto dos itens lexicais que as compõem. Essas construções possuem uma especificidade maior de preenchimento e menor esquematicidade virtual e veiculam um conceito mais lexical, sendo designadas neste artigo como construções substantivas.

A maioria das construções analisadas é designada como expressão idiomática em abordagens lexicais. O presente artigo defende a importância da abordagem construcional na análise do fenômeno e propõe a existência de um *continuum* para a distribuição dessas construções, uma vez que nem todas possuem o mesmo grau de composicionalidade. Para isso, aprofunda as discussões sobre composicionalidade e indica critérios que permitem medir o grau de composicionalidade e transparência das construções.

Apesar do número restrito de ocorrência das construções substantivas com o verbo **cortar** no *corpus*, frequência de 50 *tokens*, foi possível identificar a frequência de 09 *types*, que nos permitiram refletir sobre a influência dos processos cognitivos envolvidos. Além das projeções metafóricas, o processo de formação dessas construções envolve o *chunking*, um processo cognitivo que nos permite produzir e compreender sequências de palavras como unidades rotinizadas, independentes e que influencia a formação e o uso de construções linguísticas. Esperamos que as discussões apresentadas possam contribuir para os estudos da língua em uso.

Referências

- A Gazeta, Vitória (ES), jan./dez. 2017. Disponível em:
 <<https://digital.agazeta.com.br/pub/agazeta/>>. Acesso em: jan./ago. 2018.
- AMATO, M. C. M. De que maneira o coração está relacionado com as emoções (2010). In: *Manual para o médico generalista*. São Paulo: Roca, 2001. Disponível em:<<https://www.amato.com.br/content/de-que-maneira-o-cora%C3%A7%C3%A3o-est%C3%A1-relacionado-com-emo%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 08 out. 2019.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968. 8v.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTANHARI JÚNIOR, R. *Cortando caminho*. Ladeira da memória, 2017. Disponível em:
 <<https://ladeiradamemoria.wordpress.com/2017/06/08/cortando-caminho/>>. Acesso em: 13 de out. de 2019.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHRIST, A. P. K. “*Cortando um dobrado*”: uma análise do verbo “cortar” em uso. 2020, 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.
- EVANS, V. *A glossary of cognitivy linguistic*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- FERRARI, L. V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário de latim-português*. Porto: Ed. Porto, 1983.
- FILLMORE, C.J.; KAY, P.; O'CONNOR, M.C. Regularity and idiomatcity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argumentstructure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- _____. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 251-300.

LAKOFF, G. A figure of thought. *Metaphor and symbol*, v. 1, n. 3, p. 215-225, 1986.

_____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1977.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

NASCENTES, A. *Dicionario de sinonimos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1969.

RIVA, H. C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2009. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2009.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Functionalism and Construction Grammar Approach. *Alfa: revista de linguística (São José do Rio Preto)*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, H. *Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós*. São Paulo: Cortez, 2018.

XATARA, C. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 39, p. 195-210, 1995.

The influence of metaphor and chunking in the conventionalization of constructions with the verb ‘to cut’¹⁹

Abstract: From the concept that language is based on cognitive, socio-interactional and cultural processes, we analyzed, in a constructional approach, a group of word sequences with the verb *to cut* followed by complements that seem to form a single unit, an independent chunk for processing and analysis purposes, many of which are called idiomatic expressions in lexical approaches. We are linked to the theoretical and methodological framework of Usage-based Linguistics, supported by, among others, the functionalist and cognitive studies of Lakoff and Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2016) and Langacker (1987). We worked in a corpus

¹⁹ This paper is part of a broader work, of the doctoral dissertation entitled ‘*cortando um dobrado*’: uma análise do verbo *cortar* em uso.

with effective use of language, consisting of texts collected from the newspaper A Gazeta (2018), which circulates in the State of Espírito Santo, between January and December 2017. We identified the frequency of 50 tokens and 09 types, which allows us to reflect on the influence of chunking and metaphorical projections on the conventionalization of these constructions. We observed that the identified constructions in the corpus do not present the same degree of compositionality, which led us to propose a *continuum* and to stipulate analysis criteria that would help in the process of distributing these constructions in the *continuum*.

Keywords: verb to cut; construction grammar; idiomatic expressions; cognitive processes.

Recebido em: 26 de outubro de 2020.

Aceito em: 17 de dezembro de 2020.

A construção de atenuação do discurso com verbo suporte *trazer*: uma abordagem construcional baseada no uso

Fábio Rodrigo Gomes da Costa¹
Marcia dos Santos Machado Vieira²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a construção de atenuação do discurso, que, no plano da forma, é representada pela estrutura [trazer_vsuporte + _____ Elemento não-verbal predicante (com Ndeverbal)]predicador verbal complexo. Esta construção licencia subesquemas construcionais que ou envolvem SN com Ndeverbal ou SP com Ndeverbal no segundo *slot*, destinado a elemento não-verbal predicante. A construção e seus subesquemas construcionais estão interconectados em uma rede construcional por meio de *links* taxonômicos, horizontais, sintáticos e lexicais, conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2015). As expressões observadas, coletadas no banco de dados do site eletrônico da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), foram identificadas em discursos de deputados entre os anos de 2011 e 2019. O aparato teórico-metodológico desta análise é a Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Da análise de dados, destacam-se estes resultados: (i) o preenchimento de elemento não-verbal por SN com Ndeverbal viabiliza moldar o participante sujeito (que pode coincidir ou não com o enunciador) na figura de um porta-voz e (ii) seu preenchimento por SP com Ndeverbal viabiliza sobressair o papel do interlocutor no estado de coisas encaminhado pelo enunciador.

Palavras-chave: Construção com verbo suporte; Atenuação do discurso; Gramática de Construções Baseada no Uso; Linguística Funcional-Cognitiva.

Introdução

O propósito da pesquisa aqui exposta é realizar uma análise de dados oriundos de padrões construcionais licenciados por [Trazerv_{suporte} _____ X_{predicante} com Ndeverbal]predicador verbal complexo em que X_{predicante} com Ndeverbal pode ter a configuração de um sintagma nominal ou um sintagma preposicional. Em ambos os casos, esse sintagma liga-se ao verbo *trazer* com o qual forma uma unidade verbal que funciona à semelhança de um predicador verbal simples em predicções verbais. Padrões construcionais licenciados por essa construção de predicador

¹ Doutorando em Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo de pesquisa Predicar: Formação e expressão de predicados complexos e predicções. E-mail: fabiorodrigogc@yahoo.com.br. ORCID iD: 0000-0003-1831-2443

² Doutora em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. É líder do grupo de pesquisa registrado no diretório de grupos do CNPq Predicar: Formação e expressão de predicados complexos e predicções. E-mail: marcia@letras.ufrj.br. ORCID iD: 0000-0002-2320-5055

verbal complexo funcionam como atenuadores do discurso. A construção aqui focalizada é captada na representação mais esquemática: [Trazer v_{suporte} + _____ Elemento não-verbal predicante (com Ndeverbal)] predador complexo de atenuação do discurso. Ao observarmos os discursos de deputados na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), identificamos a recorrência de instanciações dessa construção segundo alguns padrões construcionais, conforme mostraremos a seguir:

- a) “Eu gostaria, porém, de também **trazer minha opinião**. Assim como respeito a opinião de alguns colegas, quero dizer que sou contra a lei de criminalização da homofobia. Não sou contra o homossexual, contra as lésbicas, acho que cada um escolhe sua vida, seu destino. Mas nós precisamos respeitar os que discordam. Acho que temos que ter um discurso respeitoso.” (ALERJ, 12/ 05/ 2011)
- b) “Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, servidores da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, quero aproveitar o meu tempo nesta tribuna hoje para tratar de alguns assuntos importantes que temos observado ao longo desses meses, com relação ao governo do Estado. Quero também aproveitar o momento para **trazer algumas explicações**, diante das falas de alguns Deputados que aqui vieram com o intuito de criticar sem **trazer uma solução** e de estender o tempo da fala para que a Sessão acabasse e não votássemos o projeto do governo no dia de hoje. Para não cair nessa estratégia da oposição, preferi aguardar o meu tempo no Expediente Final.” (ALERJ, 03/12/2019)
- c) “Sr. Presidente, Deputadas e Deputados presentes nesta Sessão. Importante tomar lugar neste plenário, **trazer à discussão** temas que são importantíssimos, mas que possamos fazer desse lugar, que é do parla, do parlamento, um lugar de fato pedagógico e que aí façamos citações de fato com os autores das citações.” (ALERJ, 06/08/2019)
- d) “Sr. Presidente, Deputado Roberto Henriques, Sras. e Srs. Deputados, ao retomarmos as atividades de Plenário, quero, cumprimentando os colegas parlamentares, **trazer de volta** um tema que aqui abordamos na última Sessão.” (ALERJ, 02/08/2011)
- e) “Muito obrigado, Deputado Waldeck Carneiro, que preside essa parte do Expediente Final, Sras. e Srs. Deputados, eu gostaria de abrir aqui a minha participação para **trazer ao conhecimento** dos senhores e da Casa fatos ocorridos, hoje. Estando eu ausente do plenário, no início dos debates desta tarde, fui informado que alguns Deputados se manifestaram sobre esse assunto, então, me julgo na responsabilidade de **trazer aqui esclarecimentos** aos Deputados, aos funcionários da Casa, e, evidentemente, à população carioca e fluminense.” (ALERJ, 05 de abr. de 2018)

Ao observarmos os dados acima, podemos identificar que as expressões “trazer minha opinião”, “trazer algumas explicações”, “trazer uma solução”, “trazer esclarecimentos”,

“trazer à discussão” e “trazer de volta” avizinham-se de certos predicadores simples, ou até são funcionalmente comparáveis a estes: *opinar, explicar, solucionar, esclarecer, discutir e voltar*. Enquanto nos predicadores complexos com verbo suporte *trazer* se explicita a relação de causação envolvida na predicação verbal e, por conseguinte, o papel de causador do participante sujeito, essas propriedades não são marcadas nos predicadores simples (quase) equivalentes.

Assumimos que os predicadores complexos com verbo suporte *trazer* configuram uma dinâmica de forças distinta da evocada pelos predicadores simples. Em ambas as expressões, o antagonista (ou o sujeito) é a entidade mais forte. No entanto, nas expressões com verbo suporte *trazer*, percebemos uma diminuição de sua energia volitiva devido à ação de movimento que conduz, inclusive, em direção à perspectivação de outro participante (o interlocutor e até um terceiro suposto participante na ação de *opinar, explicar, solucionar, discutir, esclarecer*). O acionamento do predicador complexo com *trazer* provoca a ativação de outra distribuição de forças: o encaminhamento da ação na cena enunciativa nesse movimento pode iluminar o movimento do causador (“trazer minha opinião”) ou a relação entre sujeito causador-autor/enunciador e seu interlocutor (“trazer à discussão”), podendo, ainda, até sugerir o envolvimento de terceiro(s) na responsabilidade pela ação (“trazer esclarecimentos”, até de outros); e, então, em alguma medida ou se subfocaliza o lugar agentivo do participante sujeito autor-causador ou, ainda, se lhe atribui um lugar de porta-voz. Essas possibilidades do nosso sistema conceptual de apresentar eventos de comunicação verbal como transferência ligam-se à alternância de perspectiva: um evento comunicativo pode ser conceptualizado de diferentes ângulos, entre os quais o da atenuação do participante sujeito. E esta manifesta-se, entre outros recursos linguísticos, pelo acionamento da construção aqui tratada.

A configuração de N_{deverbal} (singular ou plural) e de sua projeção em SN contendo ou não determinantes/quantificadores ou até modificadores sujeita-se a uma certa variabilidade (no que diz respeito à configuração sintagmática que se manifesta em cada construto) com potencial de afetar, em maior ou menor intensidade, a relação de associação, por similaridade, com predicadores verbais simples. Afinal, a partir de Machado Vieira (2010, 2018, entre outras referências), sabemos que a condição de N_{deverbal} sem determinante ou modificador ou de N_{deverbal} antecedido de determinante (em geral, artigo) que não colabore para o seu

funcionamento referencial (por ser apenas classificatório do estado de coisas mais geral, “ação/causação” na construção em estudo) é um dos parâmetros que propiciam o reconhecimento de predicadores complexos com verbo suporte.

O elemento incorporado não é um termo pleno, ou seja, item ou expressão com a função de estabelecer referência, designar especificamente uma entidade do mundo biossocial. Sua significação é mais genérica. Sua função, na verdade, é especificar o evento geral (estado, processo, posição ou ação) expresso pelo verbo-suporte. Ocorre, tipicamente, em sua forma básica, ou seja, não é acompanhado de qualquer determinante (artigo, pronome) ou modificador (adjetivo, advérbio de intensidade), nem é flexionado em número. Ocupa, preferencialmente, a posição depois do verbo-suporte.

O não-atendimento a essas condições morfossintáticas para o elemento não-verbal e para o verbo-suporte conduz à hesitação quanto ao grau de integração de V + ñV num predicador complexo. (MACHADO VIEIRA, 2010, p.425)

“Trazer ao conhecimento” também possibilita tornar proeminente o papel de causador do participante sujeito: porém, de modo comparável a um predicador simples não cognato, como *informar*. É comparável também a outra construção de predicador verbal complexo, com *slot* para verbos causativos, como *fazer/causar conhecer* (em que o participante causado de *conhecer* é diferente do participante causador). Já em construtos anteriores (como “trazer uma solução”), o participante causador coincide com o participante causado do evento envolvido “solucionar” (Causador *fazer/causar* Causado *solucionar*), o que se manifesta em “Eu gostaria, porém, também de trazer *minha* opinião”.

“Trazer de volta” soma-se aos predicadores complexos com potencial de tornar proeminente o papel do causador do participante sujeito, podendo ser associado a um predicador simples cognato ou não, como *voltar (a)* ou *retomar*. Opera, ainda, para sinalizar a noção de aspectualidade (retomada). Percebemos também que, assim como “trazer à discussão”, em “trazer de volta” o participante sujeito promove o interlocutor ao papel de participante do evento.

No entanto, conforme o dado abaixo, a comparabilidade entre o predicado complexo analisado e o predicador simples nem sempre é possível:

- f) Então, o que queremos aqui é **trazer esse conhecimento do dia a dia, trazer essa experiência**, trazer esse tempo de serviço para que possa contar como critério de avaliação, permitindo assim a reserva de 20% no número de vagas nos concursos para delegado de polícia. (ALERJ, 20 de jun. de 2017)

No excerto acima, entendemos que, em “trazer esse conhecimento do dia a dia” e “trazer essa experiência”, *trazer* mantém comportamento de predicador simples, em vista de não ser possível identificar um verbo pleno equivalente e de ele não formar um todo funcional com o elemento não-verbal que o acompanha. Neles, *trazer* tem comportamento de Vpredicador ao se compatibilizar a uma estrutura argumental de construção pessoal transitiva de movimento causado, comportamento diferente do que tem nos dados da construção verbo-nominal que constitui nosso objeto de estudo. Interessa a essa pesquisa mapear as diferentes configurações que o verbo *trazer* pode assumir ao ser atraído para um ou outro padrão construcional, bem como a relação de similaridade ou dissimilaridade dos predicadores que constitui com outros recursos de predicação, com outros predicadores (simples ou também complexos).

As construções de predicador com verbo suporte são expressões de natureza perifrástica que são morfossintaticamente equivalentes a verbos predicadores simples, ou também chamados de verbos plenos³. O verbo suporte, também denominado na literatura de verbo leve, verbo funcional, verbo operador, forma com um elemento não-verbal uma combinação cujo significado não está relacionado ao significado de cada constituinte. Assim, associamos à ocorrência “trazer uma solução” um significado (e não a cada uma de suas formas) que pode ser comparado ao do verbo pleno “solucionar” e que difere da soma dos significados “trazer + uma solução”. Por isso, a unidade complexa não é composicional. Essa não-composicionalidade que a caracteriza não alcança, em todas as instanciações de construção de predicação com verbo suporte, o grau de opacidade semântica e o de integração sintática e conceptual envolvidos no predicado complexo reconhecido (nitidamente) como a chamada “expressão idiomática/cristalizada” (cf. MACHADO VIEIRA, 2014, que trata de graus de construcionalização lexical, ou ESTEVES, 2012, tese sobre (semi) lexicalização).

³ “Verbos plenos são aqueles que semanticamente têm significação lexical e sintaticamente ocupam o núcleo do predicado em um sintagma verbal” (BORBA, 1996 *apud* CHISHMAN, R. L. O; ABREU, D. T. B, 2014. p. 156).

Nas expressões em foco neste artigo, podemos notar que o verbo suporte *trazer*, juntamente com um elemento não-verbal forma uma unidade funcional predicante, ou um predicador complexo. Esse elemento não-verbal é, em algumas leituras, comparado a objeto direto ou a oblíquo. Entende-se que ele, na verdade, não é um argumento, mas um elemento que se incorpora formal e funcionalmente ao verbo e com ele forma uma unidade verbal. Naturalmente, é possível, na triagem dos dados, esbarrarmos com instâncias de uso em que a incorporação/fusão do SN ou do SP a *trazer* é transparente e em que, então, tais instâncias se configuram como não-composicionais, ou com outros em que a incorporação/fusão é opaca ou relativamente opaca (casos de maior composicionalidade). Os dados abaixo exemplificam alguns casos de menor composicionalidade (mais cristalização formal-funcional):

- g) “Sr. Deputado José Luiz Nanci, meu colega de bancada, é um prazer tê-lo presidindo o Expediente Inicial desta Sessão; Deputado Altineu Côrtes, Deputado Zaqueu; senhoras e senhores, venho à tribuna mais uma vez **trazer à baila** um tema que tem sido recorrente nas duas últimas semanas na grande imprensa brasileira, em função da orientação da Resolução nº 4 do Conselho Nacional de Educação que trata da concepção da chamada “escola inclusiva”, que trata do olhar pedagógico para o atendimento, através dos diversos sistemas de educação no país, para meninos que têm algum tipo de necessidade especial.” (ALERJ, 05 de abr. de 2011)
- h) “Sr. Presidente, Srs. Deputados, Deputadas, servidores, imprensa, quero aproveitar esse espaço para **trazer à tona** a questão, ainda, da tragédia da Região Serrana e as preocupações da população que têm chegado até nós, no dia a dia nas ruas, através da internet e em alguns encontros, como o que aconteceu nesta segunda-feira próxima passada, no encontro com a Avit, Associação de Vítimas de Teresópolis.” (ALERJ, 05 de out. de 2011)

Ao observarmos as expressões “trazer à baila” e “trazer à tona”, podemos perceber que os elementos incorporados ao verbo (baila e tona) são semanticamente mais opacos e sintaticamente mais ligados; por isso, as expressões são configuradas como menos composicionais. Ou seja, tais expressões, em vista de sua menor composicionalidade, são mais cristalizadas (nos termos de MACHADO VIEIRA, 2014) que as expressões apresentadas anteriormente.

De acordo com Machado Vieira (2018), os predicadores complexos podem propiciar a codificação de um efeito semântico que não corresponde ao de uma forma verbal simples, independentemente de o verbo ser cognato ou não a um elemento não-verbal.

É possível notar que as expressões acima funcionam como atenuadores do discurso, pois visam à preservação da face do indivíduo: o indivíduo busca, ao mesmo tempo, proteger sua própria face e respeitar a do outro. De acordo com Brown e Levinson (1978), a face é a “a auto-imagem pública que todo membro deseja reivindicar por si mesmo” (BROWN e LEVINSON, 1978, p. 61)⁴. Defendemos que as construções com verbo suporte *trazer* prestam-se ao intuito de configurar predicções em que se conceptualizam pragmaticamente a imagem do participante sujeito (que pode coincidir ou não com o papel de enunciador) para a abordagem social de um público-alvo/interlocutor ou da relação daquele participante com este, (i) de modo a promover um certo distanciamento de efeito(s) do estado de coisas que a predicação, em seu ato de fala situado no espaço da polêmica/do debate, representa e (ii) em benefício dessa imagem.

Concebemos que a construção de predicação com verbo suporte *trazer* integra o conjunto de mecanismos táticos⁵ de ação linguística que se relacionam a uma configuração discursiva que opera em prol de tornar eficaz e lograr uma intenção de comunicação. De acordo com Burgo (2012), a atenuação pode ser conceituada com base em procedimentos que visam a diminuir a força ilocutória do enunciado a fim de abrandar efeitos de sentido não convenientes aos interesses e propósitos do enunciador. A autora esclarece que os procedimentos de atenuação diferem dos marcadores de atenuação. Os procedimentos podem interferir e modificar o núcleo da unidade discursiva, como, por exemplo, as paráfrases atenuadoras. Já os marcadores demonstram fixidez formal e grande frequência de uso, além disso, devido a sua natureza formulaica, apresentam alto grau de convencionalidade.

Como compreendemos que a construção analisada corresponde a um importante recurso retórico determinado contextualmente, consideramos ser pertinente investigar o uso dos padrões construcionais dela oriundos registrado nos discursos de deputados da ALERJ, pois é possível identificar sua presença como estratégia para o convencimento e para a configuração do lugar sociodiscursivo do enunciador no imaginário coletivo.

Esta pesquisa fundamenta-se no quadro teórico da Linguística Funcional-Cognitiva e nos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso. Conforme Goldberg (1995,

⁴ “(...)the public self-image that every member wants to claim for himself (...)” (BROWN e LEVINSON, 1978, p. 61).

⁵ Mecanismos táticos são as artes estratégicas de retórica do fazer linguístico na elaboração das relações interpessoais e/ou na organização do evento comunicativo.

2006), Croft (2001), Givón (1995, 2001, 2005), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Chafe (1994, 2018), a língua deve ser entendida como uma gramática que emerge do uso; deste modo, a inovação ou a mudança linguística é localizada na interação dos falantes e negociada entre falantes no curso da interação e numa comunidade (linguística ou de prática discursiva). Conforme a Gramática de Construções, uma rede de representações é formada por elos simbólicos e convencionais entre atributos de forma e função às quais indivíduos de uma comunidade chegam cognitivamente a partir das diversas experiências de uso ou processamento de uso nas quais se envolvem. Dessa forma, essa rede organiza-se com base em estabilização, variação e mudança de pareamentos forma-função/significado apreendidos via experiência.

Este artigo organiza-se em duas seções, além desta e da seção de considerações finais: na próxima seção, detalharemos nosso referencial teórico e informaremos escolhas metodológicas; depois, apresentaremos a construção formada com verbo *trazer* a partir dos dados coletados no site da ALERJ e, em seguida, projetaremos a rede de relações entre atributos de forma e função da construção de atenuação do discurso conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2015).

Aparato teórico-metodológico

De acordo com o ponto de vista da Gramática de Construções, o que o falante precisa saber para produzir enunciados é um conjunto de representações (a partir da experiência em comunidade linguística) interconectadas. “A totalidade do nosso conhecimento da linguagem é capturada por uma rede de construções: ‘um construct-i-con’” (GOLDBERG, 2003: 219).

O termo ‘construção’ é usado não somente em Gramática de Construções, mas também em diversas áreas da pesquisa linguística. Construção é definida como o pareamento entre forma e significado, que inclui palavras, expressões idiomáticas assim como padrões linguísticos frasais. Um padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja previsível a partir de seus componentes ou de construções reconhecidas como existentes.

Assim, de acordo com o ponto de vista cognitivo, todos os padrões gramaticais, tanto orais quanto escritos, são vistos como construções. Entendemos, portanto, que não há separação entre léxico e gramática, pois, conforme Diessel, “se a gramática consiste em sinais gramaticais, ou seja, construções, não há diferença de princípio entre gramática e léxico como em outras abordagens teóricas” (DIESEL, 2015, p. 302).

Conforme Hilpert (2014), uma definição amplamente citada de construção foi fornecida por Goldberg (1995):

C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$, de tal forma que nenhum aspecto de F_i ou de S_i seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa)⁶

Conforme a explicação de Hilpert (2014), a definição dada por Goldberg (1995) fornece três importantes noções. A primeira é que a construção combina uma forma linguística com um significado. A segunda é que uma construção é uma unidade de conhecimento, ou seja, não é uma forma que pode ser descrita sem que se faça uma referência ao conhecimento linguístico do falante, a uma representação mental. A terceira é que a definição fornece o critério de não previsibilidade. Assim, na relação forma-significado, um aspecto da forma ou do significado não é previsível.

Hilpert (2014) explica que o significado não composicional é a maneira mais fácil de identificar construções. Segundo o autor, construções não composicionais como “We’re back to square one” (Estamos de volta à estaca zero) são não previsíveis. Hilpert esclarece que a definição não trata apenas de significados não previsíveis. Assim, segundo ele, as construções podem ser identificadas também com aspectos não previsíveis de sua forma. Ele cita que um tipo de sentença específica ou um esquema morfológico, como “all of a sudden” (de repente), “by and large” (em geral) é uma forma de construção não previsível, pois não são instâncias de um padrão formal mais geral.

⁶ C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form–meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

Hilpert (2014) salienta que atualmente os pesquisadores da Gramática de Construções não utilizam o critério de não previsibilidade para qualificar alguma expressão como construção. A razão disto é que há expressões que são semanticamente e estruturalmente transparentes, mas que parecem se qualificar como construções. O autor cita como exemplo as sentenças abaixo:

- a) I love you. (Eu te amo.)
- b) I don't know. (Eu não sei.)
- c) Take a seat! (Sente-se!)
- d) Can I ask you something? (Posso te perguntar uma coisa?)
- e) How has your day been? (Como foi seu dia?)

Hilpert (2014) explica que a razão para ver as sentenças acima como construções é o fato de todas elas serem expressões muito frequentes e altamente convencionalizadas de dizer algo. O autor afirma que algumas expressões podem parecer expressões superficiais, mas que, devido ao uso repetido, tornaram-se a opção padrão em determinadas situações comunicativas.

De acordo com Hilpert (2014), Taylor (2012:100) oferece como exemplo a sentença “Quantos anos você tem?”, que não tende a ser substituída por “Há quanto tempo você nasceu?” a fim de pedir a idade do interlocutor. Assim, Hilpert defende que esse tipo de informação deve estar presente no *construct-i-con*. Por esse motivo, ele afirma que Goldberg propôs uma nova definição de construção:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Além disso, os padrões são armazenados como construções, mesmo que sejam totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente. (GOLDBERG, 2006, p.5, tradução nossa)⁷

⁷ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency. (GOLDBERG, 2006, p. 5)

Goldberg (2010) defende que, além do critério de não previsibilidade, os pares de formas e funções altamente frequentes também são reconhecidos como construções, mesmo quando composicionais. A autora acrescenta que, embora pareça que a adição de construções composicionais aumente desnecessariamente o tamanho da gramática, existem evidências de que as informações redundantes pertencem ao conhecimento linguístico.

Goldberg (2010) salienta que as sentenças raramente são compostas de uma única construção. De acordo com a autora, uma sentença normalmente envolve a combinação (unificação) de diferentes construções. Ela cita, como exemplo, a sentença “O esquilo quebrou sua noz” e afirma que, no exemplo, é possível identificar um sintagma verbal, um sintagma nominal, uma construção transitiva e uma construção de sujeito-predicado, assim como as construções individuais que correspondem a cada palavra da sentença (referidos, por DIESEL (2015), como lexemas).

Goldberg (2010) acrescenta que as construções podem ser combinadas livremente para formar expressões reais, desde que não haja conflitos. A autora cita que, na construção ditransitiva, na qual ocorre transferência de um remetente para um destinatário, existem restrições como em: “The man sent storage a Box” (O homem enviou (para o) armazenamento uma Caixa). Para a autora, não haveria restrições se a sentença fosse “The man sent a box to storage” (O homem enviou uma caixa para (o) armazenamento).

Goldberg (2010) advoga que as construções são motivadas por outras construções. Ou seja, generalizações amplas são representadas por construções que são herdadas por muitas outras construções. Assim, a construção ‘What’s X doing Y?’ (‘O que X está fazendo Y?’) não é totalmente idiossincrática, pois herda propriedades de várias construções mais gerais, incluindo o isolamento esquerdo, a inversão sujeito-auxiliar, as construções de sujeito-predicado e de sintagma verbal.

Assim, é consenso na Gramática de Construções que, além de o conhecimento linguístico do falante ser um grande repositório de construções gramaticais e que essas estão interligadas em rede, existe uma exigência de compatibilidade gramatical para combinação de construções que leva à integração delas em um processo de formação de enunciados.

De acordo com a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), o uso afeta o conhecimento linguístico do falante. Assim, a totalidade do conhecimento linguístico do

falante é construída a partir do *input*, ou seja, a experiência com o uso da língua molda continuamente o conhecimento internalizado do falante.

Além disso, a GCBU reconhece a possibilidade de representação redundante do conhecimento gramatical, portanto o compromisso dessa vertente é com a realidade psicológica e não com a economia descritiva. Assim, a GCBU se opõe às vertentes formalistas da Gramática de Construções, as quais se pautam na descrição econômica.

A partir dos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso, temos como objetivo realizar uma pesquisa qualitativa do uso de padrões construcionais licenciados por [trazerVsuporte _____X_{predicante} com Ndeverbal]predicador verbal complexo de atenuação do discurso. Partimos da hipótese de que essa estrutura corresponde, no plano do conteúdo, à função de atenuação do discurso.

Utilizamos para esta pesquisa o banco de dados da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ). Os dados coletados correspondem a discursos apresentados entre os anos de 2011 e 2019 e estão disponibilizados no *site* eletrônico <http://www.alerj.rj.gov.br>, mais especificamente no ícone “Discursos”. Para chegarmos a esse ícone, clicamos em “Processo legislativo”, na página inicial do site. Logo em seguida, ao clicarmos em “Plenário”, o site nos mostra a opção “Discursos”, no qual fizemos a busca dos dados. Ao sermos direcionados a uma nova aba no site, digitamos a palavra *trazer* no item “Pesquisar” a fim de realizarmos a busca. Digitamos o verbo suporte *trazer* no infinitivo em vista de, em buscas anteriores, não termos localizado este verbo flexionado.

Em nossa pesquisa, observamos o grau de produtividade, de composicionalidade e de esquematicidade dos predicadores complexos com verbo suporte *trazer*. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a produtividade está relacionada à frequência de uso e de tipo construcional. Quando são formadas novas microconstruções, há a potencialização gradual da frequência de uso, e não apenas da extensibilidade da construção em microconstruções. A noção de frequência, de acordo com Bybee (2003, 2006), compreende a frequência *token* e a frequência *type*. Esta corresponde à quantidade de diferentes expressões de um determinado padrão e aquela corresponde à extensão de uso de um determinado construto/uso. Utilizamos, portanto, em nossa análise, a palavra *construto* para nos referir às instanciações concretas da língua observadas nos textos consultados. A composicionalidade está relacionada ao grau de transparência entre forma e significado: quanto maior o acesso a um todo formal-funcional e

menor o acesso aos componentes desse todo, menos composicional é a unidade, mais teor construcional esta tem; expressões idiomáticas/idiossincráticas, por exemplo, tendem a ser exemplares não-composicionais. E a esquematicidade é propriedade resultante de um processo de esquematização cognitiva ancorada em categorização, generalização e abstração a partir de *input* disponível na experiência de usos linguísticos, pois, quanto maior é a captura de padrões mais gerais e de atributos formais e funcionais para configuração dos *slots* destes padrões, maior é o grau de abstração na representação linguística.

Análise de dados

Na análise dos dados, trataremos, na primeira parte desta seção, de apresentar as instanciações de uso do padrão construcional licenciado por [trazer_{Vsuporte} _____ Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal]_{predicador verbal complexo} bem como a motivação pragmática dessas instanciações. Na segunda parte, trataremos da construção de atenuação do discurso interconectada em uma rede construcional por meio de links horizontais, taxonômicos, lexicais e sintáticos, conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2015).

O verbo suporte *trazer* e a construção de atenuação do discurso

Neste trabalho, procuramos apresentar o padrão construcional licenciado por [Trazer_{Vsuporte} _____ Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal]_{predicador verbal complexo}. Assim como Machado Vieira (2018), entendemos como verbo suporte os elementos verbais que formam com um elemento não-verbal (em geral um substantivo ou adjetivo) uma unidade funcional predicante, ou um predicador complexo.

A estrutura com verbo suporte *trazer* juntamente com elemento de natureza não-verbal constituído de Ndeverbal corresponde a um padrão linguístico que é representado no plano da forma, por [Trazer_{Vsuporte} + X_{predicante com Ndeverbal}]_{predicador verbal complexo}. Podemos perceber que tal estrutura constitui um esquema sintático semipreenchido. O *slot* para preenchimento de X_{predicante com Ndeverbal} pode conter, conforme os dados coletados abaixo, elementos como “uma denúncia”, “a solução”, “a debate”, “à reflexão” etc.

- (1) “Mas a minha intenção em ocupar este expediente, Sr. Presidente, é para, também, **trazer uma denúncia** muito grave, porque, infelizmente, mostra a falência do Estado do Rio de Janeiro, em relação à responsabilidade que se tem na questão da segurança. Vejam, por exemplo, companheiros Deputados, os que estão me acompanhando pela TV Alerj, o que vou narrar aqui é uma situação que não dá para imaginar. Na Cidade de Deus, temos uma obra parada, há mais de dois anos, de uma escola que já consumiu milhões de reais, mas a construtora abandonou e, já há um bom tempo, o empenho do Secretário Wagner Victor, vê a necessidade de se oferecer o ensino médio para os estudantes da Região da Cidade de Deus, de Jacarepaguá, e a conclusão dessa obra.” (ALERJ, 20/09/2018)
- (2) “Diariamente, pais de família, trabalhadores, estão sendo vítimas desta obra federal que se encontra em total abandono. Hoje, ocupo o cargo de Deputada Estadual, mas nem por isso vou deixar de brigar pela população e de cobrar do Governo Federal as suas atribuições. Protocoliei, na Comissão de Obras Públicas, hoje, um pedido de audiência pública, para que possamos chamar a esta Casa os órgãos competentes para dar explicação. E, mais do que isso, **trazer a solução** desse problema.” (ALERJ, 18/04/2019)
- (3) “Em segundo lugar, quero trazer aqui um tema para reflexão, ligado à segurança pública, levantando o debate sobre a prevenção. Lembro quando estive no Ministério da Justiça e estimulei e defendi que tivéssemos aqui equipamentos tanto de proteção quanto para enfrentar a violência, equipamentos que pudessem permitir a atuação do profissional de segurança pública no sentido dele fazer o uso gradativo da força. E quando se estuda esse assunto e procura fazer com que os profissionais da segurança pública possam fazer o uso gradativo da força, um dos temas que temos que **trazer a debate** é sobre as armas que muitos chamam de arma não letal, mas que na realidade são armas menos letais.” (ALERJ, 21 de mar. de 2012)
- (4) “Boa tarde todas e todos! Eu queria cumprimentar aqueles que me antecederam nesta tribuna, cumprimentar a nossa Presidente em exercício, Deputada Fatinha, e, de uma forma breve, queria **trazer à reflexão** alguns pontos. O primeiro, partindo da premissa do gesto, ainda que singelo, feito no dia de hoje pela bancada feminina em razão da notícia de uma mulher que sofreu o assédio por parte de um ator de uma emissora famosa. Eu quero dizer que, nas relações do assédio, é preciso destacar que de um lado eu tenho uma vítima que tem uma condição de subalterna em relação ao autor. Então, é essa a condição de superioridade do autor que impõe à vítima a prática de uma conduta para que ela seja mantida ou seja reconhecida no seu trabalho.” (ALERJ, 06 de abr. de 2017)

Conforme os dados acima, percebemos que o elemento que segue o verbo suporte *trazer* é um sintagma nominal, como em (1) e (2), ou um sintagma preposicional, como em (3) e (4). Nos dados acima, identificamos que o verbo suporte *trazer*, em sua forma no

infinitivo, apresenta algumas particularidades. Em (1), constitui uma estrutura clausal, iniciada com a preposição “para”, que está inserida na sentença iniciada por “Mas a minha intenção em ocupar este expediente, Sr. Presidente, é...”.

Em (2), podemos perceber que a estrutura “trazer a solução” corresponde a uma cláusula que visa a retificar o conteúdo expresso na estrutura complexa “dar explicação” presente na sentença anterior. Assim, em “trazer a solução”, percebemos que a preposição “para” está em elipse, pois corresponde a uma nova explicação que substitui a estrutura “dar explicação”, que é iniciada com a preposição “para”.

Em (3), notamos que o verbo suporte *trazer* pertence a uma locução verbal (temos que trazer) e está inserido em uma cláusula relativa (que temos que trazer a debate). Em (4), também podemos observar que o verbo suporte *trazer* pertence a uma locução verbal (queria trazer). Em (3) e em (4), os elementos que seguem o verbo *trazer* são sintagmas preposicionais, no entanto, em (4), identificamos a presença de um objeto (alguns pontos) após o sintagma preposicional.

Ao analisarmos os construtos “trazer à discussão”, “trazer de volta”, “trazer à reflexão” e “trazer a debate”, percebemos que o sintagma preposicional que segue o verbo *trazer* pode ser representado por “para/a + Ndeverbal” ou “de+ Ndeverbal”. É possível notar que a estrutura denota a ideia de movimento, o que a aproxima da construção de movimento causado, cuja semântica básica definida como o argumento causador faz com que o argumento do tema se mova ao longo de um caminho e, conforme Goldberg (1995, 2006) é representada formalmente por "X CAUSES Y TO MOVE Z." Portanto, na análise dos dados, notamos que o movimento decorre do fato de o enunciador transferir ao interlocutor o papel de participante, permitindo-o que tenha contato com o tema a ser discutido.

A estrutura “trazer+sintagma nominal/sintagma preposicional” constitui, portanto, um padrão linguístico que, no plano da forma, apresenta esquema sintático semipreenchido e apresenta sequência fonológica. No plano do significado, percebemos que o padrão analisado apresenta informações de natureza pragmática. Entendemos que as construções “trazer uma denúncia”, “trazer a solução”, “trazer a debate” e “trazer à reflexão” equivalem semanticamente aos seus respectivos predicadores simples “denunciar”, “solucionar”, “debater” e “refletir”, mas não são equivalentes pragmaticamente a tais predicadores simples.

Entendemos que o que motiva o uso de construções com verbo suporte *trazer* é o fato de elas serem atenuadoras do discurso. Em (1), percebemos que o deputado busca diminuir a sua participação quanto à exposição da denúncia. “Fazer uma denúncia” ou “denunciar” são ações que possuem um efeito de sentido bastante intenso e, por isso, com o objetivo de amenizar essa conotação, vemos que o deputado utiliza a construção “trazer uma denúncia”. Ele assume a imagem/o papel de porta-voz da denúncia de outro(s), por meio do acionamento dessa microconstrução.

Em (2), percebemos uma tentativa por parte do enunciador de tirar a responsabilidade da ação proposta. Seu papel foi de apenas protocolar um pedido de audiência pública e cabe não somente a ele, mas também aos órgãos competentes chegarem a uma solução para o problema.

Em (3), o deputado busca a primeira pessoa do plural com o objetivo de diluir o seu grau de participação. Vemos que há uma tentativa de convocação para um debate realizada pelo deputado, mas que essa convocação deve partir daqueles que compõem o conjunto de deputados na câmara. O papel dele é, portanto, o de lembrar quanto à importância do debate, o que configura uma diminuição da sua responsabilidade.

Em (4), também percebemos a estratégia de diminuir seu papel participativo, pois não cabe somente a ele a reflexão do tema, mas sim de todos que lá estão. Assim, “trazer à reflexão” constitui uma estratégia atenuadora que visa a amenizar o seu grau de participação.

Ao analisarmos os dados, podemos observar que a construção analisada apresenta quatro subesquemas, conforme a representação abaixo:

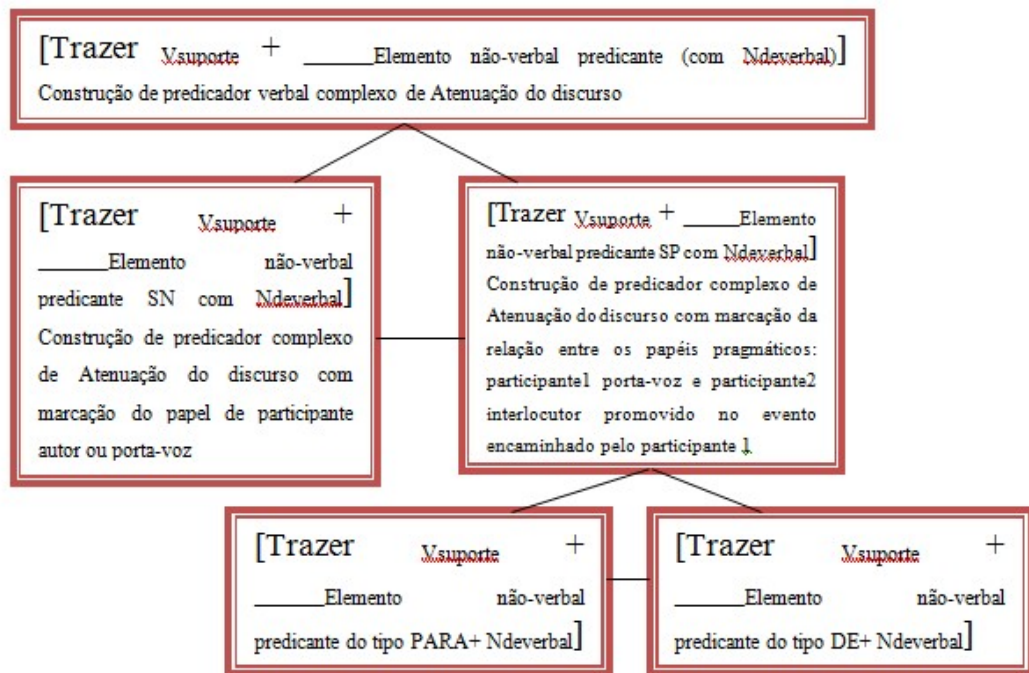


Figura 1 - Os subsquemas da construção de atenuação do discurso

Conforme a figura 1, a construção de predicador complexo de atenuação do discurso, cuja representação é [Trazer $V_{suporte}$ + _____ Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal] predicador verbal complexo de atenuação, apresenta os subsquemas [Trazer $V_{suporte}$ + _____ Elemento não-verbal predicante SN com Ndeverbal] e [Trazer $V_{suporte}$ + _____ Elemento não-verbal predicante SP com Ndeverbal]. O elemento deverbal pode ser preenchido por um sintagma nominal (SN) ou por um sintagma preposicional (SP). O primeiro viabiliza a tentativa de moldar um porta-voz, diminuindo o grau de participação do enunciador, dando-nos a impressão de que ele (o enunciador) não é o autor da denúncia apresentada (“trazer uma denúncia”) ou o autor da solução proposta (“trazer a solução”). O segundo viabiliza uma relação intersubjetiva em que sobressai o papel do interlocutor na ação encaminhada pelo enunciador. Assim, cabe ao interlocutor se envolver na reflexão (trazer à reflexão), na discussão (trazer à discussão), no debate (trazer a debate) promovidos a partir do encaminhamento feito pelo enunciador. O segundo, por sua vez, licencia o preenchimento de SP por meio de duas configurações, ligadas, por relação de herança, a *slots* da configuração da construção de estrutura argumental de movimento causado: [Trazer $V_{suporte}$ + _____ Elemento não-verbal predicante do tipo PARA+ Ndeverbal] e [Trazer $V_{suporte}$ + _____ Elemento não-verbal predicante do tipo DE+ Ndeverbal]. Dessas, o mais produtivo é o primeiro.

Assim, advogamos que o padrão construcional licenciado por [Trazer_{Vsuporte} + _____ Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal]predicador verbal complexo de atenuação constitui uma construção independente em vista de não ser possível reconhecer nenhum aspecto de sua forma ou função a partir de outra construção. Portanto, trata-se de padrão único ou idiossincrático.

Além disso, a construção com verbo suporte *trazer* tem como função a atenuação do discurso, pois visa à preservação da face do falante. Galembeck (1999) afirma que não é possível prever as ações do interlocutor, assim o falante adota mecanismos que possam resguardá-lo de algo que não deseja ser exposto e que evidenciem aquilo que deseja ser exposto. De acordo com o autor:

A necessidade de preservação da face torna-se particularmente relevante em determinadas situações, nas quais o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-lo, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestações de opiniões. Cabe acrescentar que a preservação da face deve ser necessariamente considerada em relação ao quadro geral da interação, e não como uma atitude isolada do falante (GALEMBECK, 1999, p.174 *apud* BURGO, 2012, p. 46).

A construção de atenuação do discurso e a rede construcional

De acordo com o ponto de vista cognitivo, a gramática é uma rede de sinais interconectados, ou, conforme Langacker, um “inventário estruturado” de “unidades simbólicas” (LANGACKER 1987: 57). Segundo Diessel (2015), os modelos de rede têm uma longa tradição na ciência cognitiva. Existem diferentes modelos de rede, mas o que todos eles têm em comum é que são projetados para “processar” dados e “aprender” por meio da experiência com o processamento de dados. Os modelos de rede são, portanto, modelos baseados no uso. Diessel (2015) considera a existência de quatro tipos de links entre os elementos linguísticos. Assim, para entender a arquitetura da rede gramatical na abordagem baseada no uso, é importante entender como as unidades simbólicas, ou construções, estão inter-relacionadas.

Conforme Diessel (2015), o primeiro tipo de *link* diz respeito à organização hierárquica da gramática, em que construções mais esquemáticas da estrutura linguística

instanciam construções concretas. Diessel (2015) argumenta que a relação entre construtos e construções é baseada em um processo de esquematização, como uma espécie de aprendizado implícito, conforme a figura abaixo:

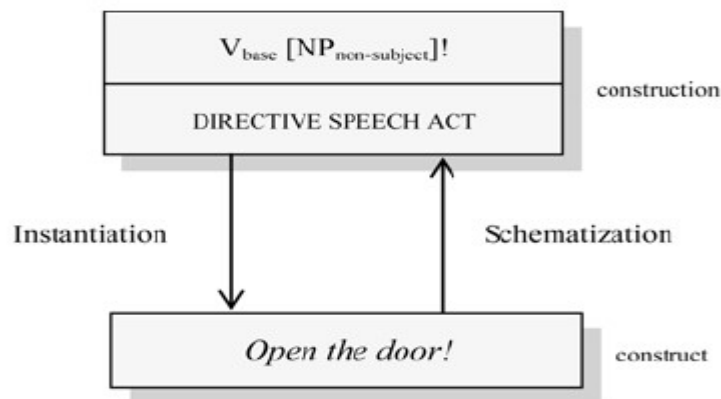


Figura 2 (DIESEL, 2015, p. 303)

Na figura acima, o construto “Open the door!”, em um nível abaixo da hierarquia construcional, está relacionado por meio de um processo de esquematização com a construção mais esquemática. Essa construção é representada, no plano da forma, por V_{base} [NP non subject] e, no plano do significado, por “directive speech act” (ato de discurso diretivo) e, por meio de um processo de instanciação, licencia o uso do construto “Open the door!”. Assim, o *link* que relaciona a construção e o construto é vertical e, por isso, é denominado por Diessel de *link* taxonômico.

Conforme observamos nos dados (1), (2), (3) e (4), as diferentes estruturas com verbo suporte *trazer* apresentam *links* taxonômicos com uma construção mais esquemática, conforme a representação abaixo:

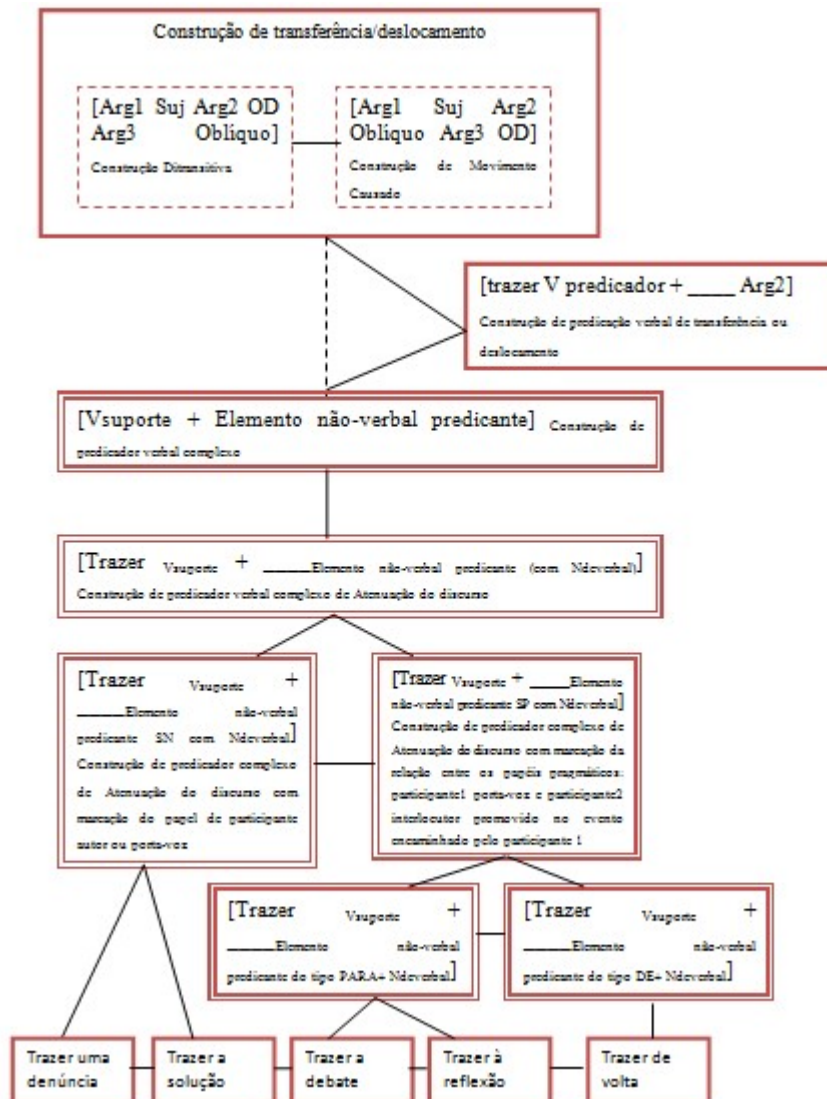


Figura 3 - Representação esquemática da construção de atenuação do discurso

Conforme a representação da figura 3, as expressões “trazer uma denúncia” e “trazer a solução” são instanciações da construção [Trazer Vsuporte + ____ Elemento não-verbal predicante SN com Ndeverbal], ao passo que as expressões “trazer a debate” e “trazer à reflexão” são instanciações da construção [Trazer Vsuporte + ____ Elemento não-verbal predicante SP com Ndeverbal]. Ambas as construções são subesquemas da construção [Trazer Vsuporte + ____ Elemento não-verbal predicante]predicador verbal complexo. Podemos observar que a construção [Trazer Vsuporte + ____ Elemento não-verbal predicante], juntamente com os subesquemas, em vista de serem semipreenchidos, são mais esquemáticos que as expressões “trazer uma denúncia”, “trazer a solução”, “trazer a debate” e “trazer à

reflexão”, porém são menos esquemáticos que a construção [Trazer_{predicador} + ____Arg2]

Construção de predicação verbal de Transferência ou Deslocamento.

Entendemos que o preenchimento do *slot* da construção [Trazer_{Vsuporte} + ____Elemento não-verbal predicante deverbal] por um elemento deverbal aciona um outro tipo de predicação, em que o predicador se associa ao elemento deverbal e sobressai em *trazer* um estatuto de verbo suporte. Esse predicador é, portanto, diferente do estatuto de predicador que ele tem quando se liga a um argumento complemento objeto direto ou oblíquo.

O segundo tipo de *link*, conforme Diessel, diz respeito às relações entre construções ao mesmo nível de abstração. Esse tipo de *link* é denominado pelo autor de *link* horizontal. De acordo com Pinheiro (a sair), as associações entre construções em um mesmo nível de abstração ocorrem entre itens como “dia” e “noite”, que, apesar de não terem semelhança formal, possuem relações semânticas. Além disso, o autor esclarece que a associação acontece com expressões fixas, como “pensar rápido” e “jogar fácil”, e padrões abstratos, como a Construção de Advérbio Canônico e a Construção de Adjetivo Adverbial.

Na figura 3, além da relação vertical ou taxonômica desde as expressões “trazer uma denúncia”, “trazer a solução”, “trazer a debate” e “trazer à reflexão” até a construção mais esquemática, podemos observar que há elementos relacionados por links horizontais. As expressões “trazer uma denúncia” e “trazer a solução” são licenciadas pela construção [Trazer_{Vsuporte} + ____Elemento não-verbal predicante SN com Ndeverbal] e estão em uma mesma relação de horizontalidade com as expressões “trazer a debate” e “trazer à reflexão”, licenciadas pela construção [Trazer_{Vsuporte} + ____Elemento não-verbal predicante SP]. Ambas as construções semipreenchidas estão também ligadas horizontalmente, pois constituem dois subesquemas da construção [Trazer_{Vsuporte} + ____Elemento não-verbal predicante deverbal].

O terceiro tipo de *link*, conforme Diessel (2015), diz respeito à relação entre construções e categorias sintáticas, como relações gramaticais (sujeito, objeto etc.) e classes de palavras (substantivo, verbo etc.). De acordo com o autor, a maioria das teorias gramaticais define as categorias sintáticas em um nível muito alto de abstração. Tais abordagens incluem um inventário universal de categorias altamente esquemáticas definidas antes da análise sintática.

Em contraposição a maior parte das abordagens linguísticas, Croft (2001) oferece uma alternativa em que as categorias sintáticas são emergentes das construções. Assim, segundo

Croft, “Construções, não categorias e relações, são as unidades básicas e primitivas da representação sintática” (Croft, 2001, p.45–46). Conforme Croft, as construções são as unidades básicas da gramática, porque, ao contrário do que normalmente se assume na teoria linguística, as configurações sintáticas não são deriváveis dos primitivos indivisíveis. Para ele, as categorias sintáticas são formadas no processo de aquisição e mudança linguística, portanto, são emergentes da análise inconsciente do usuário da língua e estão sujeitas a alterações.

De acordo com Diessel (2015), a relação entre construções e categorias é semelhante à relação entre construções em diferentes níveis de abstração. Enquanto as construções são generalizações sobre expressões concretas, os construtos e categorias são generalizações sobre partes recorrentes das construções. Segundo o autor, a partir dessa comparação, podemos pensar em relações gramaticais e classes de palavras como categorias emergentes da estrutura linguística que são ajustadas e reforçadas continuamente. Deste modo, assim como os construtos e as construções, as categorias e as construções são relacionadas entre si por meio de *links* taxonômicos que fazem parte do nosso conhecimento gramatical.

Na figura abaixo, podemos observar o *link* sintático inter-relacionando as construções com verbo suporte *trazer*:

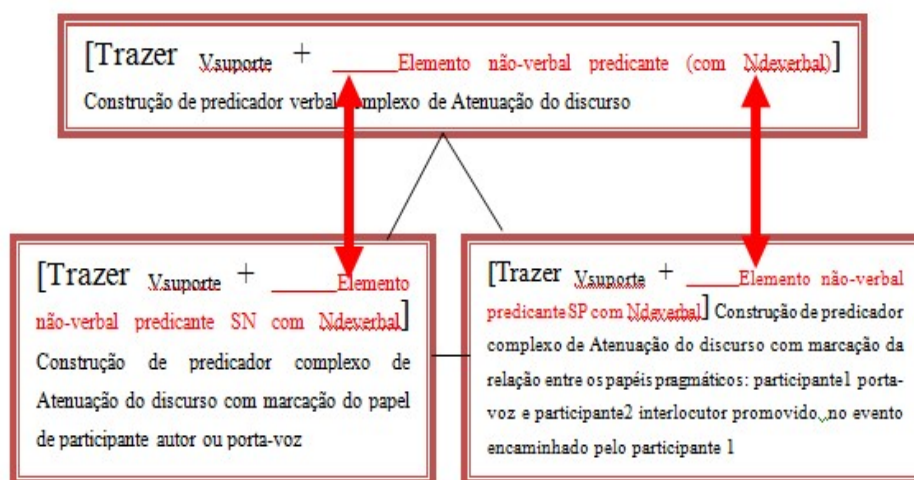


Figura 4 - A inter-relação entre as construções com verbo suporte trazer e as categorias gramaticais

Na figura acima, podemos ver que o *link* taxonômico interconecta categorias gramaticais. Na construção mais esquemática, a categoria “_____Elemento não-verbal predicante (com Ndeverbal)” licencia o uso das categorias “_____Elemento não-verbal predicante SN com Ndeverbal” e “_____Elemento não-verbal predicante SP com Ndeverbal”, que compõem as instâncias menos esquemáticas. Denominamos o elemento associado ao verbo *trazer* de elemento não-verbal predicante, devido a esse apresentar propriedade de verbalidade envolvidade/eventividade ou situacionalidade, que é uma característica de verbos ou predicadores verbais. Esse elemento que preenche o *slot* ligado ao verbo *trazer* não é, portanto, um argumento, ou seja, não se trata de um objeto do verbo. Assim, conforme demonstramos na figura 3, entendemos que as categorias sintáticas são configuradas como generalizações sobre partes da construção. E, assim como Croft, entendemos as construções como unidades básicas da representação sintática.

Diessel (2015) também defende a existência de links associativos entre construções (esquemáticas) e expressões lexicais (concretas). O autor acrescenta que, ao contrário da abordagem estruturalista e gerativista, em que as palavras individuais são irrelevantes para a análise gramatical, a abordagem baseada no uso defende que a estrutura linguística fundamenta-se na experiência do usuário da língua com expressões lexicais concretas.

Conforme Diessel (2015), Stefanowitsch e Gries (2003) desenvolveram uma análise coloconstrucional a fim de analisar as ligações probabilísticas entre lexemas e construções. Para ilustrar a análise, o autor apresenta a construção ditransitiva, que consiste em um sujeito, um verbo e dois elementos nominais e que denota um ato de transferência entre um remetente e um destinatário. Os autores demonstraram que lexemas individuais são mais frequentes em uma construção específica do que estatisticamente esperado, se as relações entre lexemas e construções fossem aleatórias. Assim, o verbo *give* (“dar”) é fortemente associado à Construção ditransitiva e pouco frequente em construções com verbo dativo. Já o verbo *bring* (“trazer”) é o contrário, ou seja, mais associado à construção com verbo dativo do que com a construção ditransitiva, conforme a figura abaixo:

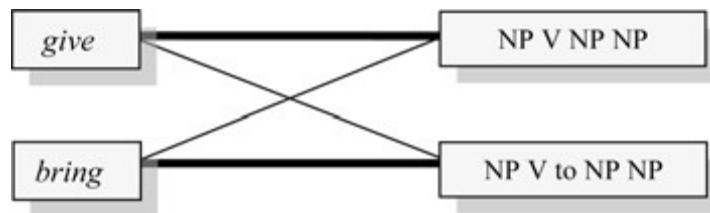


Figura 5 (DIESSSEL, 2015, p. 313)

Conforme Diessel (2015), tanto a construção ditransitiva quanto a construção dativa denotam ato de transferência, mas apresentam diferenças sutis de significado. Na construção dativa, há maior distância entre o remetente e o destinatário e, assim, a construção dativa está mais associada a atividades que envolvem movimento. Essa explicação, segundo o autor, permite-nos entender o motivo de os verbos “trazer” e “levar” serem mais frequentes em construções dativas. Já os verbos “dar” e “contar” são mais frequentes na construção ditransitiva. É possível concluir que há uma tendência a usar verbos que são compatíveis com o significado construtivo. Essa compatibilidade é denominada por Goldberg (1995:50) de “Princípio da coerência semântica”.

Segundo Diessel (2015), é possível pensar na relação entre lexemas e construções como parte de uma rede probabilística modelada pelo uso da linguagem. Assim, os verbos e outros lexemas e as construções são relacionadas entre si por conexões que resultam da experiência linguística do falante com expressões e construções lexicais específicas.

Conforme os dados que apresentamos em (1), (2), (3) e (4), foi possível identificar elementos lexicais (denúncia, solução, debate, reflexão) fortemente associados à Construção que denota Atenuação do discurso. Em vista dessa associação entre tais elementos e a construção mais esquemática, podemos afirmar que esses estão em um mesmo nível da hierarquia construcional e estão conectados por meio de *links* lexicais, conforme a figura abaixo:

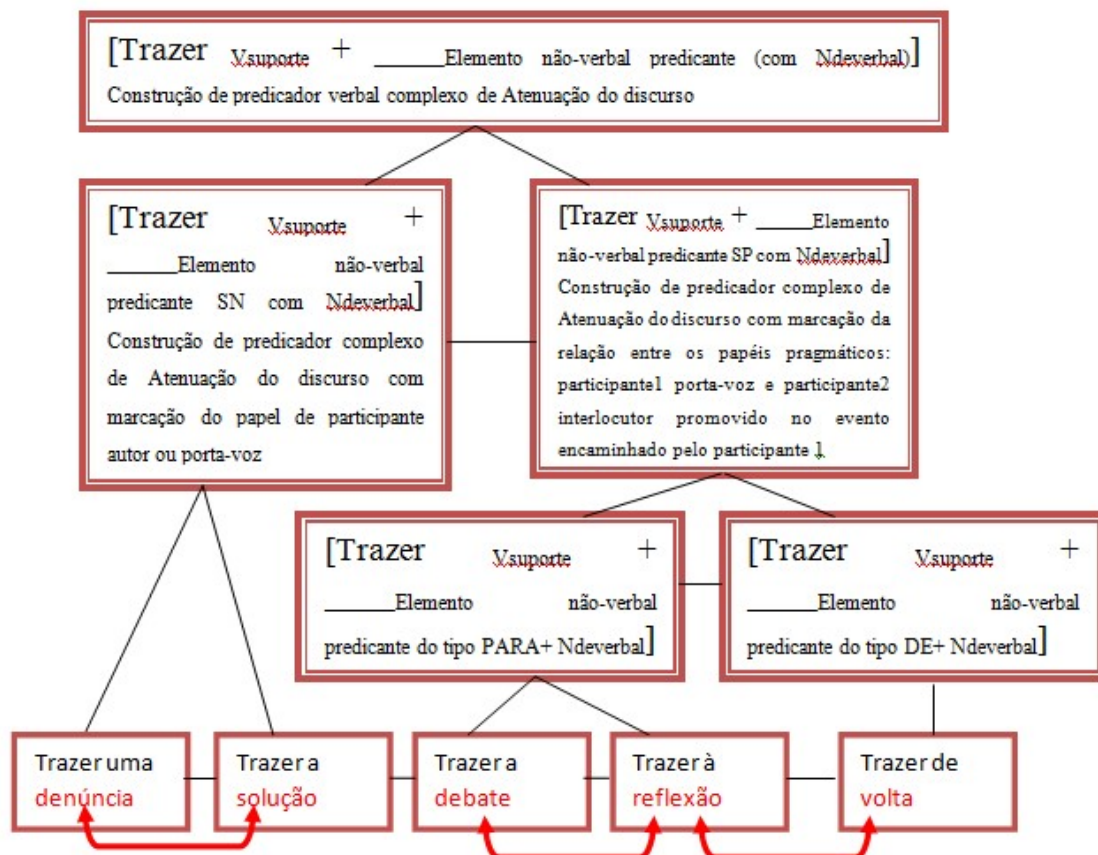


Figura 6 - A inter-relação entre as construções com verbo suporte trazer e os elementos lexicais

Conforme a figura acima, os elementos lexicais “denúncia” e “solução” são compatíveis a preencherem o *slot* de sintagma nominal e, portanto, estão conectados por link lexical. Da mesma forma, os elementos lexicais “debate”, “reflexão” e “volta” estão conectados por serem compatíveis a preencherem o *slot* de sintagma preposicional. Podemos dizer que tais elementos lexicais estão em um mesmo nível de hierarquia construcional em vista de serem elementos deverbiais predicantes e por serem compatíveis a preencherem o *slot* X com Ndeverbal na construção de atenuação do discurso.

Considerações finais

No presente trabalho, foi possível observar os diferentes usos da construção formada com verbo suporte *trazer*, tais como “trazer uma denúncia”, “trazer a solução”, “trazer a

debate”, “trazer à reflexão” etc. Tais usos constituem-se como instanciações da Construção de atenuação do discurso que, no plano da forma, é representada por [trazer v_{suporte} + _____

Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal] predicador verbal complexo.

A partir da observação dos dados, foi possível constatar que o papel de causador do participante sujeito da construção de predicação verbal complexa pode coincidir com o da predicação simples, como em “trazer uma denúncia”/“denunciar” ou “trazer uma opinião”/“opinar”. Ou, então, o papel de causador do participante sujeito pode coincidir com outra construção de predicação verbal complexa, como em “trazer ao conhecimento”/ “fazer conhecer”.

Observamos também que, quando o elemento deverbal é preenchido com sintagma nominal (SN), é realçado o encaminhamento feito pelo enunciador, como em “trazer uma denúncia” e “trazer a solução”. Ao passo que, quando o elemento deverbal é preenchido com sintagma preposicional (SP), o interlocutor é promovido à participante do evento, como em “trazer à reflexão” e “trazer à discussão”.

Conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2015), identificamos que as instanciações com verbo suporte *trazer* estão interconectadas por meio de *links* horizontais. Deste modo, as construções [Trazer v_{suporte} + _____Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal SN] e [Trazer v_{suporte} + _____Elemento não-verbal predicante SP] estão conectadas horizontalmente, pois constituem dois subesquemas da construção de atenuação do discurso, e instanciam respectivamente as construções “trazer uma denúncia”/“trazer a solução” e “trazer a debate”/“trazer à reflexão”. Tais construções estão, portanto, em um mesmo nível hierárquico.

Além disso, os dois subesquemas estão conectados por link taxonômico à construção de atenuação do discurso. Esta última, por sua vez, está conectada também por link taxonômico à construção mais esquemática, representada formalmente como [Trazer $v_{\text{predicador}}$ + _____Arg2] e funcionalmente como Construção de predicação verbal de Transferência ou Deslocamento.

De acordo com o modelo de rede apresentado por Diessel (2015), além do link taxonômico e do link horizontal, pudemos identificar que as construções estão conectadas por links sintáticos, que inter-relacionam as construções e as categorias sintáticas, conforme observamos entre [_____Arg2] e [_____Elemento não-verbal predicante com Ndeverbal]. Assim, conforme Croft, entendemos que as categorias sintáticas são emergentes das construções, pois essas, não

aquelas, são as unidades básicas e primitivas da representação gramatical. Também reconhecemos a presença do link lexical que interconecta os elementos compatíveis a preencherem o *slot* [____X com Ndeverbal].

Referências

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BURGO, V. H. Efeitos de atenuação no discurso político: polidez e preservação da face na interação verbal. *Revista Investigações*, vol. 25, número 2, 2012.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

_____. Thought-based linguistics. *How languages turn thoughts into sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

CHISHMAN, R. L. O; ABREU, D. T. B. Construções com verbos-suporte: propriedades gramaticais e discursivas. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 153-168, jun. 2014

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2015.

ESTEVES, G. A. T. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2012.

GALEMBECK, P. de T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, D. (Org.) *O discurso oral culto*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP - Projetos Paralelos, vol. 2, p. 173-194, 1999.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *Context as other minds – the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

_____. *Syntax*. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E.; SUTTLE, L. Construction grammar. *WIREs Cognitive Science*, 1, 4, p. 468-477, 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*, Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructions: A new theoretical approach to language, *Trends in Cognitive Sciences* 7/5: 219–24, 2003.

_____. *Construction. A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*, v. 1. Stanford University Press, 1987.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA et al. (Org.) *Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 91 -112.

_____. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. SOLETRAS online, n.28, 2014. p. 99-125.

_____. Perífrases verbo-nominais. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, p. 409-430.

PINHEIRO, D. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, a sair.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

The construction of speech attenuation with support verb *trazer* (to bring): a constructional approach based on the use

Abstract: This article aims to analyze the construction of speech attenuation, which, in terms of form, is represented by the structure [trazer_{Vsupport} + ______{Predictive non-verbal element (with Ndeverbal)}]_{complex verbal predicator}. This construction licenses constructional subschemes that either involve NP with deverbalN or PP with deverbalN in the second slot, intended for a non-verbal predicative element. The construction and its constructional subschemes are interconnected in a constructional network through taxonomic, horizontal, syntactic and lexical links, according to the network model proposed by Diessel (2015). The observed expressions, collected in the database of the website of the Legislative Assembly of Rio de Janeiro (ALERJ), were identified in speeches of deputies between the years 2011 and 2019. The theoretical and methodological apparatus of this analysis is the Functional-Cognitive Linguistics and the Usage-Based Construction Grammar (UBCG). From the data analysis, these results stand out: (i) the filling of non-verbal element by NP with deverbalN makes it possible to shape the subject participant (which may or may not coincide with the speaker) in the figure of a spokesperson and (ii) its completion by PP with deverbalN makes it possible to highlight the role of the interlocutor in the state-of-affairs forwarded by the speaker.

Keywords: Support verb construction; Speech attenuation; Usage-Based Construction Grammar; Functional-Cognitive Linguistics.

Recebido em: 03 de novembro de 2020.

Aceito em: 17 de dezembro de 2020.

A metaftonímia presente na construção X virar Uber

Roza Maria Palomanes Ribeiro¹

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo a construção X virar Uber. O fenômeno da *uberização*, crescente no Brasil, que levou desempregados a se cadastrarem como motoristas do aplicativo administrado pela empresa *UBER*, resultou no surgimento da construção em estudo, frequente na fala do brasileiro. O propósito da pesquisa é descrever a construção sob o viés teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente no que tange aos processamentos metafórico e metonímico (LAKOFF; JOHNSON, 2002; RADDEN; KÓVECSES, 2007; LAKOFF; TURNER, 1989; CROFT, 1993; GOOSSENS, 2002), partindo da hipótese de que o fenômeno da metaftonímia está presente na sua construção de sentido. Para tanto, coletaram-se dados através da ferramenta de buscas GOOGLE, levando-se em conta as 100 primeiras ocorrências distribuídas nas 10 primeiras páginas de busca, optando-se por um tratamento qualitativo dos dados. Após seleção e análise dos dados coletados, chega-se à conclusão de que ocorre, neste caso estudado, o fenômeno da metaftonímia do tipo metáfora da metonímia, em que a entidade conceptual Empresa *Uber* provê acesso mental à entidade conceptual motorista *de aplicativo*, dentro do mesmo domínio, configurando o processo metonímico. E, ao mesmo tempo, se dá um mapeamento entre domínios da experiência sustentados pela metáfora O HOMEM É UMA ENTIDADE NÃO HUMANA. Espera-se, com a pesquisa, contribuir para os estudos sobre metaftonímia.

Palavras-chave: Metáfora. Metonímia. Metaftonímia.

Palavras iniciais

A forma como moldamos o mundo está diretamente ligada à questão dos sentidos e do significado, que não pode ser visto simplesmente como um reflexo do que acontece ao nosso redor. Novas experiências e mudanças em nosso meio requerem a adaptação de categorias semânticas a transformações e circunstâncias, e entendemos que esses significados construídos na língua não se separam em um módulo independente da mente, mas refletem nossas experiências de uma maneira geral como seres humanos. Sendo assim, podemos dizer que o significado linguístico não pode ser separado de outros tipos de conhecimento de mundo que compartilhamos, ou seja, nosso conhecimento de mundo está integrado a outras capacidades.

Dito isso, cabe acrescentar que, uma vez que nossa natureza orgânica influencia nossa experiência com o mundo, tal natureza tende a se refletir nos usos da língua, embora não

¹ Mestre e Doutora em Linguística pela UFRJ. Professor associado de Linguística da UFRJ. Experiência de mais de 25 anos no ensino básico. Coautora dos livros Manual de Linguística e Práticas de Ensino do Português pela Ed. Contexto. Brasil. E-mail: rozapalomanes@terra.com.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8618-2922>

sejamos apenas seres biológicos, pois temos uma identidade cultural e social, e as línguas incorporam as experiências culturais e históricas.

A Linguística Cognitiva, dentre outros pressupostos, entende o conhecimento em conexão com as experiências de mundo do ser. Este entendimento permite que as unidades e as estruturas da linguagem sejam estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Assim posto, tendo por base teórica os pressupostos trazidos pela Linguística Cognitiva, o presente artigo tem como objetivo principal descrever os processos metafóricos e metonímicos subjacentes à construção X VIROU UBER², usada com muita frequência no Brasil, a partir do fenômeno de uberização. Tal fenômeno cresceu em todas as cidades brasileiras em face da alta taxa de desemprego que levou pessoas a se cadastrarem como motoristas do aplicativo administrado pela empresa UBER. Como já mencionado, novas experiências e mudanças em nosso meio requerem a adaptação de categorias semânticas, o que motiva a presente pesquisa. A análise pretendida se apoia particularmente nos estudos desenvolvidos Lakoff e Johnson (2002), Radden e Kövecses, (2007), Lakoff e Turner (1989), Croft (1993) e Goossens (2002).

Entendendo, como Lakoff e Johnson (2002), que nosso sistema conceptual desempenha papel central em definir nossa realidade cotidiana, sendo esse amplamente metafórico de forma que a maneira como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos cotidianamente é uma questão de metáfora, pretende-se responder, neste artigo, às seguintes questões: Que processos cognitivos, além da metáfora, atuam na construção de sentido da estrutura analisada? De que forma?

Para tanto, coletaram-se dados através da ferramenta de buscas GOOGLE, levando-se em conta as 100 primeiras ocorrências distribuídas nas 10 primeiras páginas de busca apresentadas, a fim de observar a frequência de uso da construção e os contextos em que é utilizada. Embora busquemos considerar o uso da construção para certificar que se trata de uma estrutura muito comum na fala cotidiana do brasileiro, a opção metodológica foi por um tratamento fundamentalmente qualitativo por entender que atende melhor à proposta da

² UBER é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Uber>)

pesquisa e porque o que se busca é descrever e compreender o fenômeno, respeitando o objetivo traçado, as orientações teóricas adotadas e o comportamento dos dados selecionados e observar os processos cognitivos que atuam na construção de sentido da estrutura analisada.

Este artigo encontra-se dividido em cinco seções que se seguem. Na primeira, dedicamo-nos a apresentar os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que sustentam a pesquisa aqui apresentada. Na segunda seção, trataremos dos processamentos cognitivos metáfora e metonímia da forma como são estudados por autores como Lakoff e Johnson (2002), Radden e Kövecses, (2007), Lakoff e Turner (1989), Croft (1993) e Goossens (2002). A seção três apresenta a metaftonímia tratada, primeiramente, por Goossens (2002), fenômeno importante para o presente estudo. Na quarta seção, são apresentadas as análises da construção estudada e, por fim, na quinta seção, tecemos as considerações finais.

Embasando a discussão: o aparato teórico

O surgimento da Linguística Cognitiva (doravante LC), no final do século XX, foi visto como a renovação do interesse por se estudar a conceptualização da realidade pela língua, uma vez que é uma abordagem da linguagem que vê o conhecimento em conexão com as experiências de mundo do ser. Geeraerts (2006) conceitua a LC como um arquipélago formado por várias ilhas teóricas, mas que estão estreitamente unidas pela forma de estudar as unidades e as estruturas da linguagem como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Negando a tese da *autonomia* da linguagem, a LC opõe-se às teorias formalistas. Pela importância que atribui aos aspectos *funcionais* dos fenômenos linguísticos, e por desenvolver uma análise linguística com base na observação da língua em uso, a LC é um tipo de linguística *pragmaticamente* orientada, tanto teórica como metodologicamente.

Para a LC, as categorias gramaticais são, como as lexicais, entidades simbólicas, isto é, significativas (simbolizam um conteúdo conceptual), estando intimamente relacionadas com a categorização, processos imagéticos, modelos cognitivos e culturais.

A LC caracteriza-se, ainda no quadro da ciência cognitiva, pela importância que atribui à semântica na análise linguística. A primazia da semântica decorre da própria perspectiva cognitiva: a linguagem funciona como um dispositivo cognitivo para a construção do conhecimento, acionando um conjunto de princípios relativamente limitados, que operam sobre os conhecimentos armazenados na memória ou presentes na situação comunicativa. Surge daí um de seus princípios centrais que é o caráter enciclopédico do significado das palavras (c.f. Langacker 1987). Embora, em teoria, todo o conhecimento sobre uma entidade esteja acessível, parte desse conhecimento é mais central e o padrão de centralidade e periferia é uma parte importante daquilo que distingue o significado de uma palavra da outra.

Entender o significado de uma palavra na visão cognitivista de conhecimento enciclopédico implica acessar a rede de conhecimento mais central, ativando-a em um determinado ponto ou pontos. Segundo Langacker:

The entity designated by a symbolic unit can therefore be thought of as a *point of access* to a network. The semantic value of a symbolic unit is given by the opened set of relations ... in which this *access node* participates. Each of these relations is a cognitive routine, and because they share at least one component the activation of one routine facilitates (but does not always necessitate) the activation of another³. (LANGACKER, 1987, p. 163)

Lakoff e Johnson definem a posição filosófica e epistemológica da LC como sendo o *experientialismo* (cf. Lakoff e Johnson 2002, Lakoff 1987, Johnson 1987). Isto pode ser explicado da seguinte forma: a cognição é determinada pela própria experiência corporal do homem e pela experiência individual e coletiva. Também se diz que a LC é paradigmática no sentido de que assinala que a interpretação e a aquisição de novas experiências são feitas à luz de conceitos e categorias já existentes, que, por isso mesmo, funcionam como *paradigmas* ou *protótipos*.

³ A entidade designada por uma unidade simbólica pode, portanto, ser vista como um ponto de acesso a uma rede. O valor semântico de uma unidade simbólica é dado pelo conjunto aberto de relações ... no qual esse nó de acesso participa. Cada uma dessas relações é uma rotina cognitiva e, por compartilharem pelo menos um componente, a ativação de uma rotina facilita (mas nem sempre exige) a ativação de outra. (LANGACKER, 1987, p. 163)

Importante destacar que, para Lakoff e Johnson (1999): (a) a mente é inerentemente corporificada; (b) o pensamento é quase totalmente inconsciente e (c) conceitos abstratos são amplamente metafóricos. Segundo os referidos autores, o homem usa a razão moldada pelo corpo, uma inconsciência cognitiva à qual não se tem acesso direto e um pensamento metafórico do qual se é amplamente inconsciente, sendo o pensamento abstrato quase que totalmente metafórico.

Dentro dessa perspectiva, a língua não é pura sintaxe, pura forma, independente de todo significado, contexto, percepção, emoção, memória, atenção, ação e da dinâmica natureza da comunicação. Aspectos centrais da linguagem brotam evolucionariamente do sensorio, do motor e de outros sistemas neurais presentes no homem. Assim, as categorias gramaticais são entidades simbólicas, isto é, significativas (simbolizam um conteúdo conceptual). Elas devem, portanto, ser consideradas não somente em termos das suas propriedades sintáticas, mas tendo em conta a sua base semântica.

Visto que a metáfora e a metonímia são fundamentais para a descrição e análise pretendidas, na próxima seção serão apresentados esses conceitos dentro do paradigma cognitivista.

A Metáfora e a Metonímia como processos cognitivos

A Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (2002), apresenta a metáfora como um processamento cognitivo intimamente relacionado à experiência humana cotidiana, isto é, a metáfora, assim como a metonímia, fazem parte do pensamento humano, se baseiam na experiência sensorio-motora e estruturam nosso pensamento e ações. Lakoff (2006) afirma que a metáfora – ou mapeamento entre domínios – é central à semântica das línguas naturais em seu dia a dia. Segundo o autor, o uso da metáfora em textos literários é uma extensão dos estudos da metáfora cotidiana. Para Lakoff:

o que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É, sim, o mapeamento ontológico que atravessa domínios conceptuais, de um domínio-fonte [...] para um domínio alvo [...]. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A língua é secundária. O mapeamento é primário. O mapeamento é convencional, isso quer dizer que

ele é uma parte fixa do nosso sistema conceptual [...]Se metáforas fossem meramente expressões linguísticas, nós esperaríamos que as expressões linguísticas diferentes fossem metáforas diferentes. (LAKOFF, 1993, p. 209).

A metáfora é, pois, concebida como um mecanismo cognitivo de conceptualização que torna possível significar o mundo em que se vive. O cerne da metáfora conceptual é experienciar alguma coisa em termos de outra e expressar, por meio da linguagem, o que é compreendido via experiência corpórea. A noção de domínio, portanto, desempenha papel crucial para que se compreendam situações mais abstratas, como experiências emocionais e culturais. A partir de um domínio-fonte, que é mais próximo da experiência humana física, concreta e bem conhecida, compreende-se um domínio alvo, mais próximo das experiências humanas emocionais, psíquicas, sendo, por consequência, mais abstrato e pouco conhecido. Como afirma Lakoff (1987, p. 288), "(...) metaphoric mapping involves a source domain and a target domain. ... The mapping is typically partial. It maps the structure in the source domain onto a corresponding structure in the target domain".⁴

O entendimento da metáfora como primariamente conceitual, convencional e parte do sistema comum de pensamento e linguagem (c.f Lakoff, 2006, p.186) foi primeiro apresentado por Reddy (1993). De acordo com seu ensaio *A metáfora do conduto*, foi possível perceber como a língua inglesa comum do cotidiano era amplamente metafórica. Conforme Lakoff (2006, p. 187), Reddy teria sido o primeiro a demonstrar, através de rigorosa análise linguística, que a metáfora é um processo cognitivo comum, usada cotidianamente.

Essa forma de se entender a metáfora permitiu estudos sobre metáforas conceptuais convencionais, impulsionados pelo próprio Reddy (1993), Lakoff e Turner (1989) e outros. Lakoff (2006), ao estudar a metáfora conceptual de algumas expressões cotidianas do inglês, como, por exemplo, as que se baseiam na conceptualização do AMOR COMO UMA VIAGEM, levantou as seguintes questões: Há um princípio geral regendo tais expressões que dá conta de como se relaciona viagem a amor? Há um princípio geral atuando em padrões de inferência que permitem relacionar viagem a amor?

Para Lakoff (2006), existe um princípio geral único que responde tanto pela polissemia quanto pela inferência. Esse princípio geral faz parte do sistema conceptual subjacente ao

⁴ “O mapeamento metafórico envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo. ... O mapeamento é tipicamente parcial. Mapeia a estruturano domínio-fonte em uma estrutura correspondente no domínio-alvo.” (tradução nossa).

inglês, que permite que se entenda o domínio do amor em termos do domínio da viagem. Tal princípio pode ser compreendido, de maneira informal, como um cenário metafórico:

The lovers are travelers on a journey together, with their common life goals seen as destinations to be reached. The relationship is their vehicle, and it allows them to pursue those common goals together. The relationship is seen as fulfilling its purpose as long as it allows them to make progress toward their common goals. The journey isn't easy. There are impediments, and there are places (crossroads) where a decision has to be made about which direction to go in and whether to keep traveling together.⁵ (LAKOFF, 2006, p. 190)

Por entender a metáfora como um mapeamento entre domínios da experiência, em AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF, 2006), tal mapeamento é possível por haver possibilidades de correspondência entre as entidades que constituem os domínios: no domínio-fonte, tem-se as entidades viajantes, veículo e destino, que podem ser relacionadas às entidades do domínio-alvo, amantes, relacionamento e objetivos do casal. O que permite a metáfora AMOR É UMA VIAGEM não é, somente, uma palavra ou expressão isolada. Para Lakoff:

It is the ontological mapping across conceptual domains, from the source domain of journeys to the target domain of love. The metaphor is not just a matter of language, but of thought and reason. The language is secondary. The mapping is primary, in that it sanctions the use of source domain language and inference patterns for target domain concepts. The mapping is conventional, that is, it is a fixed part of our conceptual system, one of our conventional ways of conceptualizing love relationships.⁶ (LAKOFF, 2006, p. 192)

⁵ Os amantes são viajantes em uma jornada juntos, com seus objetivos de vida comuns vistos como destinos a serem alcançados. O relacionamento é o veículo deles e permite que eles persigam esses objetivos comuns juntos. O relacionamento é visto como cumprindo seu objetivo, desde que permita que eles progridam em direção a seus objetivos comuns. A jornada não é fácil. Existem impedimentos e existem lugares (encruzilhadas) onde é necessário tomar uma decisão sobre qual direção seguir e se devem continuar viajando juntos. (LAKOFF, 2006, p.190, tradução nossa)

⁶ É o mapeamento ontológico entre domínios conceituais, do domínio de origem das viagens ao domínio de destino do amor. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e razão. O idioma é secundário. O mapeamento é primário, na medida em que sanciona o uso da linguagem do domínio de origem e padrões de inferência para conceitos de domínio de destino. O mapeamento é convencional, ou seja, é uma parte fixa de nosso sistema conceitual, uma das formas convencionais de conceituar relacionamentos amorosos. (LAKOFF, 2006, p.192, tradução nossa)

Com relação à metonímia, há estudos (c.f. Lakoff e Johnson, 2002 e Lakoff e Turner, 1989) segundo os quais a metonímia constitui, assim como a metáfora, um processo cognitivo, mais que algo puramente linguístico, por meio do qual há um deslocamento de significado. Ou seja, um termo linguístico que, em geral, é utilizado para designar dada entidade passa a designar um ser com a qual tenha uma relação de contiguidade, por exemplo. É através da metonímia que se realizam mapeamentos em um mesmo domínio, tornando possível o estabelecimento de conexões entre dimensões de um domínio conceptual.

Como bem afirmam Lakoff e Johnson (2002), metáfora e metonímia são processos cognitivos de natureza diferente, embora a metonímia, assim como a metáfora, estructure nossos pensamentos, atitudes e ações, sendo os conceitos metonímicos, tal como os metafóricos, fundamentados em nossa experiência. A metáfora é, como já dito anteriormente, um modo de conceber uma coisa em termos de outra, sendo sua função primordial a compreensão. A metonímia, no entanto, permite que se use uma entidade para representar outra, acumulando, assim, função referencial e de compreensão. Para Lakoff e Johnson (2002), a metonímia tem o mesmo uso da metáfora, mas é mais óbvia pelas associações físicas ou causais diretas que proporciona; a metonímia permite que se focalizem mais especificamente certos aspectos de dada entidade. Metonímia e metáfora não são, somente, uma questão de linguagem: são parte de como o homem age, pensa e fala no seu dia a dia.

Radden e Kövecses (2007) também estudam os processos cognitivos da metáfora e metonímia e entendem que a visão cognitiva da metonímia parte de três diferentes assunções:

- (a) a metonímia é um fenômeno conceptual;
- (b) a metonímia é um processo cognitivo;
- (c) a metonímia opera dentro de um MCI (modelo cognitivo idealizado)

Resumindo, trata-se de um processo cognitivo em que uma entidade conceptual provê um acesso mental a outra entidade conceptual, dentro do mesmo domínio.

Sendo assim, para fins de análise da construção em estudo, entendemos a metonímia como um fenômeno conceptual cujo uso é um reflexo de metonímias conceptuais mais gerais, um “fenômeno de transferência referencial baseado na contiguidade espaço-temporal, tal como é concebido pelo falante entre uma entidade e outra no mundo real” (SETO, 1999, p.91 – tradução nossa).

Ruiz de Mendoza (2000) distingue dois tipos básicos de metonímia, a saber: alvo-em-fonte e fonte-em-alvo. O primeiro tipo se refere ao caso em que o domínio-matriz representa um de seus subdomínios e o segundo tipo ocorre quando um subdomínio representa o domínio-matriz correspondente. Como exemplos respectivos têm-se (1) Ela está tomando pílula (se referindo a pílulas anticoncepcionais – exemplo de Ruiz de Mendoza, 2000, p.113) e (2) Você pode me dar uma mão aqui (se referindo a uma ajuda no trabalho - exemplo nosso).

A diferença entre os processos cognitivos metáfora e metonímia estaria no fato de que a projeção metonímica envolve um único domínio enquanto a projeção metafórica envolve dois. Lakoff e Turner (1989), em contribuições posteriores, propõem que há projeção entre domínios no processo metonímico, desde que estes se caracterizem como subdomínios de um mesmo domínio-matriz, o que exemplifica Mendoza (2000) citado no parágrafo anterior.

Há pesquisas na literatura cognitivista que defendem a ideia de haver uma relação simbiótica entre metáfora e metonímia nomeada de metaftonímia. Goossens (2002) trata do fenômeno da *metaftonímia* em que, em expressões linguísticas nas quais se percebe a origem metonímica, é possível perceber, também, correspondência metafórica. Esse fenômeno será melhor apresentado na próxima seção.

A Metaftonímia

Goossens (2002) foi o primeiro a defender uma interação entre a metáfora conceptual e a metonímia conceptual de modo a propor o termo *metaftonímia*. Segundo o autor, há situações em que o que originalmente é uma metonímia passa por uma metaforização, como é o caso de expressões como “bater cabeça” em “Margarida e Joana limpam a mesma janela e não limpam as demais; têm que combinar antes para não ficarem batendo cabeça”, quando se refere a um atrapalhar o outro em algum trabalho. Para Goossens (2002), pode haver (a) metáfora da metonímia; (b) metonímia dentro de uma metáfora (meter o pé no sentido de ir embora, por exemplo); (c) desmetonimização dentro de uma metáfora e (d) metáfora dentro da metonímia quando se usa a metáfora para dar mais expressividade à metonímia.

Goossens (2002) sugere que as metaftonímias são de dois tipos básicos, a saber: metaftonímia integrada e metaftonímia cumulativa. A metaftonímia integrada é aquela em que

na mesma expressão há uma metáfora e uma metonímia combinadas. Nessa categoria, Goossens (2002) inclui os casos de metonímia dentro da metáfora e metáfora dentro da metonímia. Quanto à metaftonímia cumulativa, para o referido autor, é aquela que implica que uma metáfora é derivada de uma metonímia ou vice-versa. São os casos em que há metáforas a partir de uma metonímia e metonímia a partir de uma metáfora.

Goossens (2002) afirma, ainda, que existem dois padrões atuais para a interação de metáfora e metonímia:

- (a) caso em que a base experiencial para a metáfora é uma metonímia, produzindo o que ele chama de metáfora da metonímia;
- (b) caso em que o funcionamento metonímico no domínio-alvo está incorporado a uma metáfora, i.e., metonímia dentro da metáfora.

Ainda segundo Goossens (2002), os outros tipos de metaftonímia são muito mais difíceis de conceituar sendo, portanto, casos excepcionais.

Entende-se que os exemplos da metaftonímia de Goossens (2002) são, essencialmente, desenvolvimentos metonímicos de uma fonte metafórica situacional. No entanto, autores como Ruiz de Mendoza e Díez (2002) afirmam que há outras maneiras nas quais a metáfora e a metonímia interagem:

Basically, metonymy is subsidiary to –and thus part of– metaphor. Since there are two basic metonymic schemas: part-for-whole (source-in-target) and whole-for-part (target-in-source), this yields four basic interactional patterns:

- (i) Metonymic expansion of a metaphoric source
- (ii) Metonymic reduction of a metaphoric source
- (iii) Metonymic expansion of a metaphoric target
- (iv) Metonymic reduction of a metaphoric target (RUIZ DE MENDOZA E DÍEZ, 2002, p.10)⁷

⁷ Basicamente, a metonímia é subsidiária e, portanto, parte da metáfora. Como existem dois esquemas metonímicos básicos: parte por todo (fonte emdestino) e todo para peça (destino na fonte), isso gera quatro interações básicas padrões:

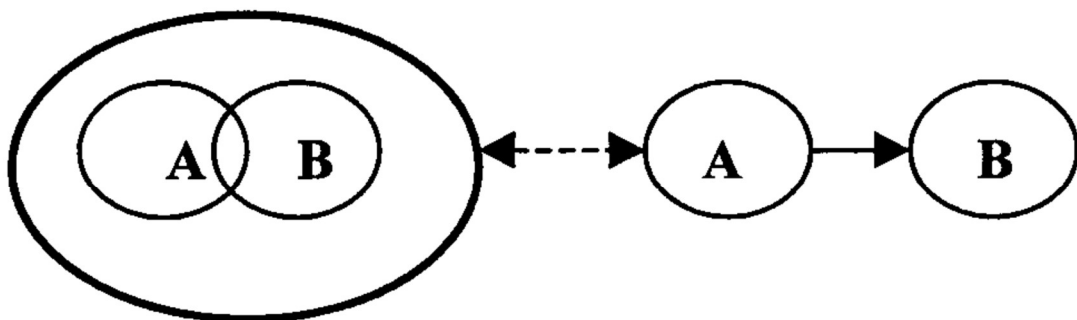
- (i) Expansão metonímica de uma fonte metafórica
- (ii) Redução metonímica de uma fonte metafórica
- (iii) Expansão metonímica de um alvo metafórico
- (iv) Redução metonímica de um alvo metafórico (RUIZ DE MENDOZA E DÍEZ, 2002, p.10, tradução nossa)

Esses padrões citados foram, originalmente, propostos e discutidos em Ruiz de Mendoza (1997) e, em seguida, em Ruiz de Mendoza e Díez (2002), sendo aplicados em estudos de caso recentes no contexto da multimodalidade.

Estudo do *corpus*: descrição da construção

A construção X virar UBER, objeto de estudo da presente pesquisa, se insere no rol das construções resultativas do português por apontar uma mudança de estado, possuindo um argumento semântico extra, o sintagma resultativo (SR), que indica o estado resultante de uma situação provocativa anterior, que pode vir ou não vir na mesma cláusula.

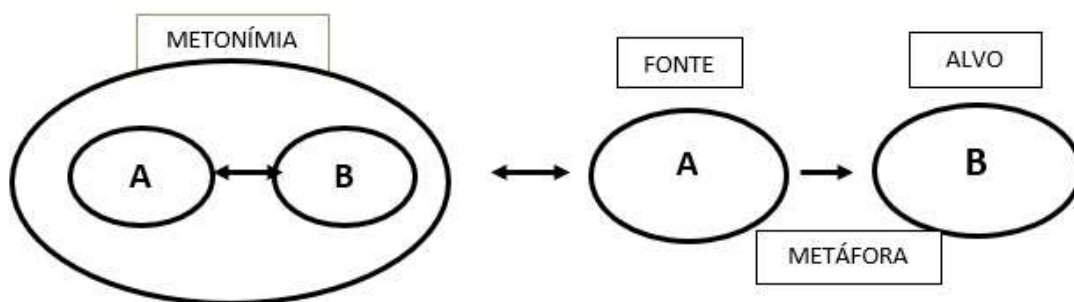
Sabe-se, pelos estudos realizados por Goldberg (1995), que a construção resultativa é uma extensão metafórica da construção de movimento causada associada à semântica *x causa y mover-se a z*. Porém, neste estudo, pretende-se analisar tal construção, com base no estudo de Goossens (2002), que aponta quatro possíveis interações entre metáfora e metonímia em construções gramaticais resultando no processo de *metafonímia*. Goossens (2002, p. 356) analisa o exemplo “Oh dear,” she giggled, “I’d quite forgotten.” como um caso em que há uma interpretação metafórica (ela disse o que disse como se estivesse rindo), com um vínculo conceitual com a leitura metonímica presente. É o que ele chama de *metaphor from metonymy* (metáfora da metonímia), como representado no esquema a seguir:



Esquema 1: metáfora da metonímia
Fonte: Goossens (2002, p.357)

Goossens assim explica o esquema: no lado esquerdo da imagem, dois domínios A e B se cruzam e são fundidos em uma única cena (a área circundante ao círculo). No lado direito, A e B são separados, mas, como a seta indica, resta um vínculo conceitual com a cena em que os dois estão juntos.

A partir do que propõe Goossens (2002), defende-se que, na construção de sentido da estrutura analisada neste artigo, ocorre um mapeamento de um domínio-fonte a um domínio-alvo, a partir da metonímia *o instrumento/serviço pelo utilizador*, como pode ser visto no esquema a seguir:



Esquema 2: Esquema conceptual da construção de sentido de X virar Uber.
Fonte: o pesquisador

O esquema 2, inspirado em Goossens (2002, p.357), representa o processo de *metaftonímia* pelo qual é submetida a construção X virar Uber. À esquerda da imagem, ilustra-se o processo metonímico em que há um deslocamento de significado: entidade A passa a designar um ser (entidade B) com a qual tem uma relação de contiguidade, ou seja, a entidade conceptual UBER provê acesso mental a outra entidade conceptual MOTORISTA QUE USA O APLICATIVO DA UBER. A ilustração leva em conta, também, que a metonímia opera dentro de um MCI. A partir daí, dá-se a metáfora da metonímia: via metáfora O HOMEM É UMA EMPRESA é que se transfere do domínio-fonte para o domínio-alvo a ideia de alguém que exerce a atividade desenvolvida pela empresa UBER. Assim, a construção passa a ser amplamente utilizada, sem causar estranheza ou dificuldades de interpretação pelo falante comum. Observemos alguns dados selecionados com a construção em estudo:

- (1) Jornalista virou Uber por um mês e lucrou só 30 reais por dia.⁸

⁸ <https://vejasp.abril.com.br/cidades/uber-teste-motorista-um-mes>

(2) Dione virou Uber há aproximadamente dois meses, após perder o emprego. “E aí comecei a ganhar muitas gorjetas por causa do meu atendimento.”⁹

Em (1) e (2), é possível perceber que é dentro do modelo cognitivo do esquema serviço/utilizado que o processamento metonímico se dá. A construção (1) é metonimicamente compreendida no sentido de ter o jornalista exercido a função de motorista do aplicativo administrado pela empresa UBER. Esse alvo metonímico forma parte de um modelo idealizado em nossa cultura. Segundo Lakoff (1987), os MCIs permitem distinguir figura e fundo. Não se dá uma simples soma de significados individuais. Na verdade, o MCI é um todo estruturado complexo em que se elegem variadas perspectivas para uma dada situação. Voltando aos exemplos (1) e (2), a partir do espaço metonímico criado, há um mapeamento de um domínio-fonte a um domínio-alvo (metáfora) em que *o jornalista* e *Dione* são vistos como a própria atividade desempenhada pela empresa UBER. Tal mapeamento se apoia na metáfora ontológica EMPRESA É UMA PESSOA/ O HOMEM É UMA EMPRESA.

Analisemos outros exemplos com a construção X virar Uber:

(3) Muita gente virou Uber no Brasil, mas esse é um mundo bem distante do glamour. A agência pública fez reportagem com um ex-jornalista que não consegue fugir da sensação de fracasso após ter virado motorista de aplicativo.¹⁰

(4) Atacante virou Uber após calote de time paraibano.¹¹

(5) Alexandre Frota virou uber por estar sem emprego na TV?¹²

(6) O vereador que virou Uber: A corrida de Uber era curta, do escritório ao centro da cidade. Ao abrir a porta do carro, a surpresa: no volante, Tonhão Dutra.¹³

Nos exemplos de (3) a (6), observa-se, aplicando-se o esquema 2, o qual considera a metaftonímia do tipo metáfora da metonímia, que a entidade conceptual Empresa *Uber* provê um acesso mental à entidade conceptual motorista *de aplicativo*, dentro do mesmo domínio, configurando o processo cognitivo metonímia. Ao mesmo tempo, ocorre o mapeamento entre domínios da experiência (metáfora), uma vez que há correspondência entre as entidades que

⁹ <https://www.brasildefatomg.com.br/2019/12/20/motorista-de-bh-incentiva-passageiros-a-interagirem-com-os-trabalhadores-da-rua>

¹⁰ <https://www.facebook.com/169590426398017/posts/2519028044787565/>

¹¹ <http://www.blogdomauriliojunior.com.br/2020/03/06/atacante-virou-uber-apos-calote-de-time-paraibano/>

¹² <https://www.e-farsas.com/alexandre-frota-virou-uber-por-estar-sem-emprego-na-tv.html>

¹³ <http://www.blogdoisPontos.com/2017/11/o-vereador-que-virou-uber.html>

constituem os domínios: no domínio-fonte, tem-se uma empresa que pode ser relacionada à entidade do domínio-alvo funcionário/trabalhador/motorista. O que permite a metáfora presente na construção de sentido da estrutura estudada não é, somente, uma palavra ou expressão isolada, como demonstra Lakoff (2006, p.192) ao dizer que a “metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e razão. O idioma é secundário. O mapeamento é primário, na medida em que sanciona o uso da linguagem do domínio de origem e padrões de inferência para conceitos de domínio de destino”. (tradução nossa).

Encerra-se, assim, a seção referente à descrição da construção X VIRAR UBER em que puderam ser percebidos os processos metafóricos e metonímicos subjacentes à estrutura analisada, além da interação entre metáfora e metonímia, o que permite a proposição de estarmos diante de um caso de metaftonímia.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado, levando-se em conta o objetivo principal do artigo, que é descrever os processos metafóricos e metonímicos subjacentes à construção X VIRAR UBER segundo os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, particularmente os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (2002), Radden e Kövecses, (2007), Lakoff e Turner (1989), Croft (1993) e Goossens (2002), chegamos à seguinte conclusão: a metaftonímia está presente na construção de sentido de *X virar Uber*. Pôde-se perceber, através da análise dos dados selecionados, que a construção passa por um processo metonímico em que há um deslocamento de significado de uma entidade a outra (*instrumento/serviço pelo utilizador*) com a qual tem uma relação de contiguidade, operando dentro de um mesmo domínio. A partir desse ponto, ocorre o que Goossens (2002) chama de *metáfora da metonímia*. É via metáfora O HOMEM É UMA EMPRESA que se compreende a ideia de que o termo Uber se refere, na verdade, a uma pessoa que exerce a atividade desenvolvida pela empresa mencionada.

Considera-se que as questões da pesquisa foram respondidas quando se demonstrou, na seção referente à descrição, quais processos cognitivos atuam na construção de sentido da estrutura analisada e de que maneira isso se dá.

Desta forma, cumpre-se o propósito do presente artigo, oferecendo uma descrição da construção X VIRAR UBER, observando-se questões relativas ao seu processamento com destaque para a metaftonímia.

Espera-se, assim, ter contribuído para os estudos sobre metaftonímia por acreditar que casos como o estudado, com uma origem metonímica e uma correspondência metafórica, sejam numerosos na fala do brasileiro. Com isso, deseja-se que novas pesquisas sobre o fenômeno sejam incentivadas.

Referências

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, 4(4), p. 335-370, 1993.

GEERAERTS, D. (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), p. 323-340, 2002.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. What Categories reveal about the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. Conceptual metaphor: the contemporary theory of metaphor. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: 2006. p. 185-238.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

RADDEN, G.; KÖVECSES Z. Towards a theory of metonymy. In: EVANS, V.; BERGEN, B.; ZINKEN, J. (org.). *The Cognitive Linguistics Reader*. London: Equinox, 2007, p. 335-359.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. in: Ortony, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*, Cambridge, 1993, p. 164-201.

RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, Francisco J. Cognitive and pragmatic aspects of metonymy. *Cuadernos de Filología*, Universidad de Murcia, 1997, Vol.6, p.161-178.

_____; Francisco J. The role of mappings and domains in understanding metonymy. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: a Cognitive Perspective*, ed by Antonio Barcelona, 109-132. Berlin & New York: Mouton, 2000, p.97-118.

_____; O. DÍEZ. *Patterns of Conceptual Interaction. Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Eds. R. Dirven and R. Pörings. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002, p. 489-532.

SETO, K. Distinguishing metonymy from synecdoche. In: K.U. Panther and G. Radden, eds. *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 91-120.

Metaphonymy in the construction X became Uber

Abstract: This article aims to study the construction X become Uber. The phenomenon of uberization, which is growing in Brazil, has led unemployed people to register as drivers of the application managed by the company UBER. With this, the construction object of study becomes frequent in the Brazilian's speech. The purpose of the research is to analyze the construction under the theoretical bias of Cognitive Linguistics, more specifically with regard to metaphorical and metonymic processing (LAKOFF; JOHNSON, 2002; RADDEN; KÖVECSES, 2007; LAKOFF; TURNER, 1989; CROFT, 1993; GOOSSENS, 2002). For that, data were collected through the search tool GOOGLE taking into account the first 100 occurrences distributed in 10 search pages presented, opting for a qualitative treatment of the data. After selecting and analyzing the data, it is concluded that, in this case, the metaphor phenomenon of the metaphor metonymy type occurs, in which the conceptual entity Uber Company provides mental access to the conceptual entity application driver, within the same domain, configuring the metonymic process. And, at the same time, there is a mapping between domains of experience supported by the metaphor MAN IS A NON-HUMAN ENTITY. It is expected, with the research, to contribute to studies on metaphonymy.

Keywords: Metaphor. Metonym. Metaphonymy.

Recebido em: 21 de julho de 2020.

Aceito em: 17 de dezembro de 2020.

A metáfora conceptual como fator relevante para mudanças construcionais: um olhar sobre as microconstruções *alto lá* e *toma lá dá cá*

Flávia Saboya da Luz Rosa¹

Resumo: No presente artigo, objetiva-se traçar relações de duas metáforas conceituais reconhecidas nos estudos cognitivistas, DISCUSSÃO É GUERRA e DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO, com os processos que resultam em mudanças construcionais das microconstruções *alto lá* e *toma lá dá cá*. A pesquisa fundamenta-se na Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998) ou Linguística Funcional Centrada no Uso (adaptação de BYBEE, 2010). Este trabalho tem como base, sobretudo, a abordagem construcionista de Traugott e Trousdale (2013) compatibilizada aos estudos sobre metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2003). Para a investigação pancrônica de *alto lá* (ROSA, 2019) valemo-nos do *Corpus* do Português e *Corpus* Tycho Brahe (século XIII ao XX), Diário do Congresso Nacional (séculos XX e XXI) e publicações contemporâneas da Web. Para o estudo sincrônico de *toma lá dá cá* (recorte de projeto em estágio inicial) foram coletados textos de 2000 a 2020 com uso da pesquisa avançada do Google. Por meio das análises dos contextos de mudança das microconstruções em foco, verifica-se o surgimento de novos conteúdos semânticos associados a conceptualizações socioculturalmente compartilhadas. Conclui-se, portanto, que a metáfora conceptual pode ser parte importante, junto a outros fatores tais como os históricos e os estruturais, nos processos de mudança e estabelecimento de construções linguísticas.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Mudança construcional. Construção. Funcionalismo. Cognitivismo.

Introdução

No que se refere a estudos linguísticos recentes, conforme apontam Martelotta e Alonso (2012), a tendência adotada por alguns pesquisadores, tanto brasileiros como estrangeiros, tem sido unir propostas do funcionalismo com algumas tradições teóricas da linguística cognitiva. Tal tendência tem sido chamada de Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998, 2003) ou Linguística Baseada no Uso (BYBEE, 2010). Esta última nomenclatura, de acordo com a autora, é, em certo sentido, um novo nome para o funcionalismo norte-americano, ao qual foi incorporada a abordagem construcionista²,

¹ Mestre (2012) e Doutora (2019) em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Atua como pesquisadora na linha Teoria e Análise Linguística junto ao Grupo de Estudos Discurso & Gramática - D&G UFF. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: flaviasaboya@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-6149-265X

² Traugott e Trousdale (2013) empregam indistintamente os adjetivos “*constructional*” e “*constructionalist*” para se referirem à abordagem tratada na obra. Muitos pesquisadores brasileiros optam pela tradução *construcional*, e há quem adote o termo *construcionista*. Aqui, preferimos a nomenclatura *construcionalista* pelas seguintes razões: 1) *construcional* parece mais caracterizar o que se configura por meio de ou se refere diretamente a construções do que apontar para a concepção teórica propriamente dita; 2) *construcionista* é o termo consagrado para referir-se à teoria educacional fundada por Seymour Papert, o construcionismo; 3) *construcionalista*, por

procedente do cognitivismo. A comunidade de pesquisadores funcionalistas no Brasil, a começar pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G)³, optaram por adaptar e acrescentar o termo *funcional* à denominação proposta por Bybee, adotando a expressão Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

No presente artigo, apresentamos ainda a compatibilização da abordagem construcionalista, sobretudo baseada em Traugott e Trousdale (2013), com a teoria da metáfora conceptual, fundamentada em Lakoff e Johnson (2003). A partir dos estudos das trajetórias de mudança das microconstruções *alto lá* e *toma lá dá cá*, temos verificado que o compartilhamento sociocultural de algumas metáforas conceptuais favorecem mudanças construcionais cujos resultados apresentam conteúdo aplicado ao âmbito discursivo. No que tange à análise das mudanças construcionais da microconstrução *alto lá*, classificada em Rosa (2019) como marcador discursivo refreador-argumentativo, verificamos a atuação de fatores históricos, estruturais e cognitivos. Em especial, consideramos o compartilhamento da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA como fator integrante desse processo de mudança. Concernente à análise das mudanças construcionais da microconstrução *toma lá dá cá*, que representa uma das instanciações da construção de correlação locativa⁴, concluimos que a partilha sociocultural da metáfora conceptual DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO⁵ integra e favorece o processo de mudança.

Os dados analisados para investigação pancrônica da microconstrução *alto lá* são provenientes dos seguintes *corpora*: *Corpus* do Português e *Corpus* Tycho Brahe (textos do século XIII ao XX), Diário do Congresso Nacional (transcrições de debates parlamentares dos séculos XX e XXI), além de algumas publicações contemporâneas de *sites* da Web. Por se tratar de estágio de desenvolvimento inicial da pesquisa sobre a microconstrução *toma lá dá cá*, o *corpus* utilizado representa um recorte sincrônico formado por textos produzidos nas duas últimas décadas, coletados por meio da ferramenta de pesquisa avançada do Google. É importante mencionar que preservamos a grafia dos construtos do modo exato como constava

analogia às perspectivas funcionalista, cognitivista, gerativista etc., apresenta um sufixo que, tradicionalmente, remete a fundamentações teóricas.

³ O D&G é um grupo de estudos e pesquisas interinstitucional, com sedes na UFF, UFRJ e UFRN.

⁴ O projeto, ainda em desenvolvimento, que trata das construções de correlação locativa, será abordado na seção de análise de dados.

⁵ Embora não esteja no formato canônico DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, a metáfora em questão foi mencionada por Lakoff e Johnson (2003) como uma das implicações da metáfora DISCUSSÃO É UMA VIAGEM. Outra tradução possível, num formato mais convencional, em que se mantém o verbo *ser*, seria DISCUTIR É PERCORRER UM CAMINHO.

nos dados. Sendo assim, nos exemplos, aparecerão estruturas como *toma-lá-dá-cá* (grafada com hífen) e *toma lá, dá cá* (grafada com vírgula). No texto principal, no entanto, optamos por manter a forma apresentada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)⁶. Neste artigo, por conta de o foco temático representar uma fração de pesquisas maiores, optamos por realizar análises exclusivamente qualitativas.

Para dar conta da proposta deste trabalho, apresentamos três seções: i) Fundamentação teórica, subdividida em três subseções: Construção, Mudança construcional e construcionalização e Metáfora conceptual; ii) Análise de dados, subdividida em duas subseções: A microconstrução *alto lá* e A microconstrução *toma lá dá cá* e iii) Considerações finais.

Fundamentação teórica

Com base, principalmente, na abordagem de Traugott e Trousdale (2013), apresentamos os conceitos dos termos *construção*, *mudança construcional* e *construcionalização*. Fundamentados nos postulados, sobretudo, de Lakoff e Johnson (2003), expomos o que se entende por *metáfora conceptual*.

Construção

Na visão de Traugott e Trousdale (2013) e de vários pesquisadores cognitivistas, como Goldberg (2006) e Langacker (2008), em um modelo construcionalista, a língua é composta por pareamentos forma-conteúdo⁷, também chamados de *construções*, organizados em rede.

Sendo assim, entendemos que as expressões em foco nesta pesquisa passam a ser empregadas como unidades simbólicas convencionais. As construções são unidades no sentido de que o signo é arraigado como um pareamento forma-conteúdo na mente do usuário

⁶ Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁷ Traugott e Trousdale (2013) utilizam a expressão “*form-meaning pairings*”, que tem sido traduzida por *pareamentos forma-significado*. Há ainda quem defenda a ideia de *forma-função* ou forma-sentido. Neste trabalho, optamos pelo par *forma-conteúdo*, por considerarmos o termo mais abrangente e possibilitar especificações referentes à *função*, *significado* e *sentido*, a partir da proposta de Oliveira e Arena (2019).

da língua, devido a aspectos de forte idiossincrasia ou grande frequência. Elas são simbólicas, pois são signos, associações entre forma e conteúdo. E são convencionais, por serem compartilhadas por um grupo de falantes.

Dos modelos de gramática descritos por Traugott e Trousdale (2013), interessa-nos, em particular, o enquadre apontado na *Radical Construction Grammar*, em que Croft (2001) faz a representação para a estrutura simbólica de uma construção, mostrando a relação, por nós adaptada, entre forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e conteúdo (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas)

Traugott e Trousdale (2013) apresentam três critérios bastante relevantes para análise da arquitetura das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade é a propriedade de categorização que envolve necessariamente abstração. Adaptando a proposta de Oliveira e Arena (2019) e compatibilizando-a com as definições de Traugott (2008), apresentamos a terminologia, aqui adotada, referente ao pareamento forma-conteúdo para os dois níveis mais baixos da hierarquia construcional: i) microconstrução (estrutura específica-significado) e ii) construto (estrutura substancial-sentido). A microconstrução representa uma virtualidade e o construto, o uso efetivo.

O segundo fator considerado importante para a análise construcional é a produtividade. Bybee (2003) distingue frequência *type* (o número de diferentes expressões apresentadas por um padrão particular) e frequência *token* (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto).

O terceiro fator de grande relevância no estudo de construções é a composicionalidade, que diz respeito à transparência entre forma e conteúdo. Do ponto de vista construcionalista, a composicionalidade é pensada em termos de correspondência ou incompatibilidade entre aspectos da forma e aspectos do conteúdo. Se um construto é semanticamente composicional, o entendimento do significado de cada item individual decodifica o significado do todo. Porém, se o construto não é composicional, haverá divergência entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo. Contudo, trata-se de um parâmetro gradiente e, portanto, os construtos podem ser classificados como mais ou menos composicionais.

Mudança construcional e construcionalização

Para analisar as transformações linguísticas sofridas pelas microconstruções em foco, devemos levar em conta os dois principais tipos de mudanças apontados por Traugott e Trousdale (2013): mudança construcional e construcionalização.

A mudança construcional é a mudança que afeta uma das dimensões internas de uma construção já existente, sem que ocorra a criação de nova construção. A alteração pode ser referente às propriedades da forma (sintática, morfológica, fonológica) ou relacionada às propriedades do conteúdo (semântico, pragmático, discursivo). A construcionalização costuma ser precedida e sucedida por mudanças construcionais, isto é, por uma sucessão de passos incrementais convencionizados.

A construcionalização é a criação de uma associação forma_{nova}-conteúdo_{novo}, ou seja, é o desenvolvimento de uma nova unidade ou signo. A construcionalização forma novos tipos de nós com alteração morfológica, sintática ou fonológica e alteração de conteúdo semântico, pragmático ou discursivo, codificado na rede linguística de uma população de falantes. De modo geral, é acompanhada de mudanças referentes à esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização envolve, minimamente, neoanálise de uma das propriedades da forma e de uma das propriedades do conteúdo construcional. Mudanças somente formais e mudanças somente de conteúdo não constituem construcionalização, tratando-se, sim, de mudanças construcionais. Traugott e Trousdale (2013) focam em dois tipos principais de construcionalização: a gramatical e a lexical. A construcionalização gramatical é o desenvolvimento, por meio de uma série de mudanças em micropassos, de um pareamento de forma_{nova}-conteúdo_{novo} que apresenta função principalmente procedural/gramatical. A construcionalização lexical é o desenvolvimento de um pareamento de forma_{nova}-conteúdo_{novo} que, no *continuum*⁸, está mais relacionado ao polo lexical, isto é, que faz referência a entidades/eventos do mundo biossocial.

⁸ A gramática de construções não apresenta divisão limítrofe entre expressões lexicais e gramaticais, e a abordagem construcionalista amplia as formas de se pensar na transição de expressões que vão do mais lexical ao mais gramatical. Trabalha-se, então, com a ideia de continuum, isto é, um número infinito de gradações de um extremo a outro.

Metáfora conceptual

Segundo Lakoff (2006), nas teorias clássicas, a metáfora era exclusivamente relacionada à linguagem e não ao pensamento. O termo *metáfora* era definido como uma expressão linguística nova ou poética em que uma ou mais palavras utilizadas para apontar determinado conceito são empregadas diferentemente de seu significado convencional e usual para manifestar um conceito “similar”. Contudo, os questionamentos sobre as generalizações que determinavam essas expressões linguísticas, classicamente chamadas de “metáforas poéticas”, levaram à compreensão de que o *locus* de tais generalizações não era a linguagem, e sim o pensamento.

De acordo com o autor, no pensamento, ocorrem mapeamentos entre domínios conceptuais, aplicados não só a novas expressões poéticas como também a muitas expressões da linguagem comum do dia a dia. Logo, a teoria geral da metáfora se dá pela caracterização desses mapeamentos mencionados, isto é, pela conceptualização de um domínio mental em termos de outro. Nesse processo, conceitos abstratos do cotidiano, como tempo, estado, mudança, intenção etc., também passam a ser metafóricos. A conclusão a que se chega é que a metáfora é absolutamente central à semântica da língua usual, e o estudo da metáfora literária é uma extensão do estudo da metáfora cotidiana. Esta é caracterizada por um enorme sistema de milhares de mapeamentos entre domínios, e esse sistema é usado na produção de novas metáforas. A esse respeito, Lakoff e Johnson (2003) declaram: “a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza”. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4).

A partir do que foi exposto, levando em conta a carga histórica que a palavra *metáfora* ainda encerra, optamos por utilizar o termo *metáfora conceptual* para indicarmos o mapeamento entre domínios no sistema conceitual. Já o termo *expressão metafórica* é aqui utilizado para nos referirmos a uma expressão linguística – sejam palavras, sintagmas ou sentenças – que é a realização patente do mapeamento entre domínios.

A teoria contemporânea de que a metáfora é principalmente conceptual, convencional e parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem também pode ser encontrada no ensaio de Reddy (1993). Em sua obra, o autor mostra que a metáfora é componente importante e indispensável do modo rotineiro de conceituar o mundo, e que o nosso

comportamento cotidiano reflete a nossa compreensão metafórica da experiência. Embora outros teóricos tenham tratado do assunto, Reddy foi o primeiro a demonstrá-lo por meio de rigorosas análises linguísticas, estabelecendo generalizações sobre diversos exemplos. Seu capítulo sobre o conceito de comunicação por metáfora impulsionou e direcionou um ramo inteiro da linguística e da ciência cognitiva para os estudos dos sistemas de pensamento metafórico que usamos para raciocinar e basear nossas ações, e que constituem grande parte da estrutura da linguagem.

Nos anos sucessivos ao trabalho de Reddy (1993), um enorme sistema de metáforas conceituais, rotineiras e convencionais, foi sendo descoberto. Trata-se de um sistema que estrutura nossa conceptualização do dia a dia, incluindo a maioria dos conceitos abstratos, e que está por trás de muitas expressões da linguagem cotidiana. Essa evidência fez cair por terra os equívocos a respeito do literal e do figurado. Assim como Lakoff (2006), e diferentemente das antigas suposições sobre a suficiência desse tipo de linguagem, assumimos como *literal*⁹ a ideia que não é compreendida por meio de metáfora. Muitos conceitos comuns podem receber tratamento metafórico ou literal. Porém, quanto mais distante da experiência física concreta e mais próximo de referências abstratas for o tema, maior será a probabilidade de conceptualização metafórica. O autor chega a afirmar que, em se tratando de abstrações e emoções, a aplicação metafórica é regra. Lakoff (2006) nos apresenta cinco tipos de evidência para a existência de um sistema de metáforas conceituais convencionais: i) Generalizações determinam polissemia, isto é, multiplicidade de significados relacionados a uma palavra; ii) Generalizações determinam padrões de inferência, isto é, casos em que um padrão de inferências de um domínio conceptual é usado em outro domínio; iii) Generalizações determinam novas expressões metafóricas (LAKOFF; TURNER, 1989); iv) Generalizações determinam padrões de mudança semântica (SWEETSER, 1990); v) Experimentos psicolinguísticos atestam a existência de um sistema de metáforas conceituais convencionais (GIBBS, 1990).

Conforme explicam Lakoff e Johnson (2003), a conceptualização está fortemente atrelada às questões culturais:

⁹ Atualmente, não tem sido raro escutar de falantes do português brasileiro a palavra *literalmente* com um sentido exclusivamente enfático, sem a oposição ao uso de um conceito de modo metafórico. Nesses casos, o maior estranhamento, ao menos por parte dos mais atentos a etimologias, ocorre justamente quando se emprega o termo anteposto ou posposto a uma expressão metafórica. Exemplo de fala de uma Técnica em Ensino a Distância, do Rio de Janeiro, sobre a dificuldade de marcar reuniões com professores em 2015: “Eu tive que, literalmente, laçar o professor no restaurante”.

cada cultura deve definir uma realidade social em que as pessoas têm papéis que façam sentido para elas e em termos dos quais possam funcionar socialmente. Não surpreendentemente, a realidade social definida por uma cultura afeta sua concepção da realidade física. O que é real para um indivíduo como membro de uma cultura é um produto tanto de sua realidade social quanto da maneira como isso molda sua experiência do mundo físico. Visto que grande parte de nossa realidade social é entendida em termos metafóricos, e visto que nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 147. Tradução nossa).

Nesse sentido, há o entendimento de que as experiências são elaboradas cognitivamente a partir de outras já existentes, havendo, assim, a projeção de uma experiência já incorporada e linguisticamente determinada a outra que deverá ser mapeada pelo pensamento e pela linguagem. No entanto, nosso sistema conceptual, normalmente, não é percebido num processo consciente e, na maioria das vezes, os pensamentos e ações ocorrem de forma quase automática, sem nos darmos conta de que há certas diretrizes de conduta por trás deles.

A linguagem, então, de acordo com Vereza (2012, p. 52-53) “desempenha um papel determinante na reificação da metáfora” estabelecendo uma relação direta entre pensamento, linguagem e realidade. “Assim, a linguagem, e não só o pensamento, é objeto de análise dentro da teoria de Lakoff e Johnson (2003), uma vez que apresenta marcas – explícitas ou não – das metáforas que a constituem”. Os exemplos de expressões linguísticas licenciadas pelas metáforas conceptuais *DISCUSSÃO É GUERRA* e *DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO* serão analisados na seção seguinte.

Análise de dados

Nesta seção, procede-se à verificação de alguns fatores, tais como os históricos, estruturais e cognitivos, nos processos de mudança construcional da microconstrução *alto lá* e da microconstrução *toma lá dá cá*. No que se refere aos processamentos cognitivos, é

analisada a relevância das metáforas conceptuais DISCUSSÃO É GUERRA e DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO como fatores favorecedores da mudança e do estabelecimento das construções em foco na língua portuguesa. As análises são apresentadas em duas subseções: A microconstrução *alto lá* e A microconstrução *toma lá dá cá*.

A microconstrução *alto lá*

Para que se entenda a origem, a composição e o emprego da microconstrução *alto lá*, faz-se necessária, primeiramente, a compreensão do significado do elemento *alto*, um comando utilizado em exercícios e combates de infantaria. Considerando uma das descrições de Bluteau (1728) sobre o termo e as explicações encontradas em Nascentes (1955) e Cunha (1997), concluímos tratar-se de adaptação em português da forma *halt*, correspondente ao imperativo do verbo alemão *halten* (parar), empregado para cessar a marcha da tropa.

❖ Conjuntura histórica

Tendo em vista que o termo é detectado nos *corpora*, na acepção anteriormente apresentada, a partir do século XVII, fazemos um breve comentário acerca do universo militar português durante a Idade Moderna. É importante destacar que as ações de guerra lusitanas, devido ao lançamento e manutenção do império no Brasil, causaram impacto de diversas naturezas na região, inclusive cultural e linguístico.

Segundo o historiador e professor da Universidade de Coimbra Rui Bebiano (1999), entre os séculos XVI e XVIII, Portugal foi fortemente marcado pela dedicação a constantes batalhas. Em se tratando da questão cultural, Bebiano declara que, ao longo desses três séculos, houve uma profusão literária em torno do tema. Tal bibliografia versava sobre o direito da guerra, a memória dos fatos marciais, a forma de dirigir operações, de treinar as tropas ou de construir mecanismos ofensivos e defensivos. O investigador de história afirma que, no extenso sermonário¹⁰ de temática guerreira, difundido ao longo do século XVII, os fragmentos memorialistas, a poesia e a literatura de cordel testemunham a intensão de situar a guerra como manifestação atrelada ao centro da vida e às preocupações dos portugueses da época.

¹⁰ Segundo Bebiano (1999), os sermões de temática guerreira foram difundidos sobretudo por Antônio Vieira. Não por acaso, encontramos, no texto do jesuíta, um dos primeiros registros da expressão *fazer alto*.

A partir do exposto, vislumbram-se os caminhos pelos quais alguns termos, inicialmente circunscritos às situações de treinamento e prática de guerra, tenham se descentralizado, passando a ser empregados em contextos mais variados, como é o caso de *alto*.

❖ Trajetória de mudanças

A partir da assunção de que o uso do termo na língua portuguesa iniciou-se em âmbito militar com o sentido de realização de parada da marcha da tropa, é possível analisar os fragmentos de texto dos *corpora*, com base na abordagem de Diewald (2002, 2006) sobre os tipos de contexto de mudança: atípico, crítico, isolado.

- (1) Quando dá a voz de fogo é sempre contra o palácio! Apertou-me com mais violência a mão, e, colocando a sua boca muito perto do meu ouvido, murmurou: - A mim ninguém me tira da cabeça que é o do Cercal! E, afastando-se, olhou-me fixamente para melhor descobrir o efeito da confiança. Nisto, do fundo do largo, elevou-se uma voz aguda e estridente, gritando: - Às armas! Era o João da tropa. Marchou em passo acelerado até defronte do palácio, onde estacou à voz de - **alto!** - Depois, com grandes gestos, ia executando sucessivamente as vozes que berrava - carregar! apontar! fogo! - Vestido com uma velha fardeta de soldado, esfrangalhada e a cair aos farrapos, com uma calça remendada listrada de trapos vermelhos e com um chapéu armado de papel na cabeça, segurava na mão uma cana, trazendo outra mais pequena pendente da cinta à laia de baioneta. Com a sua comprida barba e o olhar incerto de doido, tinha um ar estranhamente fantástico! (*Corpus do Português: O segredo da minha cadeirinha*, de Conde de Arnoso, 1886).

▪ Contexto fonte

No exemplo (1), anteriormente apresentado, merece destaque o seguinte trecho: “Nisto, do fundo do largo, elevou-se uma voz aguda e estridente, gritando: - Às armas! Era o João da tropa. Marchou em passo acelerado até defronte do palácio, onde estacou à voz de - alto! - Depois, com grandes gestos, ia executando sucessivamente as vozes que berrava - carregar! apontar! fogo!”. Nesse fragmento, verificamos o uso de *alto* em contexto fonte, isto é, em âmbito militar, exprimindo o sentido de comandar a interrupção da marcha da tropa. É importante ter ciência de que o vocábulo *alto* foi importado do léxico alemão e introduzido na língua portuguesa expressando esse sentido específico. Sendo assim, a expansão semântica do termo que passa a abranger a interrupção de outras atividades, em conjunturas diferentes

daquelas em que se inserem as práticas de guerra, deve ser avaliada como fenômeno do contexto atípico, conforme consta no próximo tópico.

- Contexto atípico

Diewald (2002, 2006) declara que a unidade linguística mostra uma expansão inespecífica de sua distribuição nos contextos em que não havia sido usada anteriormente, isto é, em contextos atípicos. Ainda acrescenta que, nesses contextos, faz-se uso de expressões existentes que – por meio de implicaturas conversacionais – aparecem em combinações incomuns e, ao mesmo tempo, podem ser facilmente interpretadas devido à estrutura composicional¹¹ dessas formas. Vejamos o exemplo a seguir:

- (2) Nada... nada de reflexões, continuou sorrindo-se; mãe Sara (permita que lhe chame assim), dê-me uma xícara do seu café e metade do seu pão... eu já estou bom... completamente bom... e sinto uma fome terrível... ah... então parece que duvidam... pois, meus bons amigos, eu não faço cerimônia... com licença. E dizendo isto o moço serviu-se de café e pão, e começou a fazer boa companhia aos seus hóspedes; já se dispunha a repetir segunda dose de café, quando a velha o suspendeu. - **Alto lá**, senhor! Não se come tanto de uma vez ao entrar em convalescença.. - Também acho-lhe razão, mãe Sara, e sujeito-me agora a suas determinações; porém, ali pelo correr das duas horas há de fazer-me o favor de servir-me com uma... está bem, não vamos tão depressa; com metade de uma galinha ensopada, guisada, assada, ou como lhe parecer. É certo que agora não tenho dinheiro, porém amanhã, mãe Sara, eu lhe prometo que há de ser paga [...]. (*Corpus do Português: O moço loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1845).

Em (2), observamos que o termo *alto*, que aparece vinculado ao afixoide¹² *lá*, é empregado em âmbito civil, num episódio em que pessoas tomam café da manhã num determinado estabelecimento. O protagonista da cena, que já havia se servido de café e pão, é interrompido ao tentar repetir a dose da bebida: “Alto lá, senhor! Não se come tanto de uma vez ao entrar em convalescença”. Visto que se trata de um contexto diferente do original, o consideramos contexto atípico.

No fragmento, constatamos o uso da expressão já existente, *alto*, em combinação incomum, *alto lá*, quando comparada ao contexto fonte. Apesar do surgimento da nova forma,

¹¹ Entendemos que, nesse estágio, o construto deva apresentar alguma medida de composicionalidade, mas não necessariamente composicionalidade total.

¹² Advérbio locativo que constitui subparte periférica de construções mais complexas (cf. BOOIJ, 2013), como ocorre, por exemplo, em *calma lá* (cf. ROSA, 2019), e não mais aponta para uma referência espacial no mundo biossocial.

o significado mais amplo de refreamento de uma atividade desenvolve-se a partir do contexto de origem, não mais restrito ao sentido de suspensão da marcha da tropa, mas expandido à cessação de outras práticas para além do cenário militar. Em se tratando da composicionalidade de *alto lá*, ainda que haja transparência parcial no significado do elemento *alto*, advindo da permanência das relações biossociais, é possível perceber que não há referência espacial por meio do *lá*, que constitui uma subparte da expressão dependente sintática e semanticamente da outra subparte, caracterizando-se como afixoide. Comparada à forma do estágio anterior, *alto lá* é considerada menos composicional, devido à transparência parcial do elemento *alto* e à vinculação da subparte afixoide. Com base em Rosa (2019), acreditamos que a emergência da unidade sintático-semântica *alto lá* tenha sido licenciada por analogia à macroconstrução $[V_{\text{indut}} \text{Afix}_{\text{Loc}}]_{\text{MD}}$ ¹³. Com surgimento de forma nova e estabelecimento do significado mais amplo a partir do original – o que constitui certa permanência semântica –, entendemos ter havido, do primeiro ao segundo estágio, mudança construcional, nas definições de Traugott e Trousdale (2013).

- Contexto crítico

Diewald (2002, 2006) declara que o contexto crítico deflagra o efetivo desencadeamento do processo de construcionalização, é marcado por ambiguidade e que entre as possibilidades de interpretação está o novo significado. Segundo a autora, nesse estágio, surgem novas construções que não podem ser reduzidas a uma combinação de expressões conhecidas sem perda de informação. A partir dessa noção, analisemos o exemplo a seguir:

- (3) Era ali o sumptuoso gabinete de leitura e música de D. Ifigénia. Ornavam as paredes dois retratos a corpo inteiro: Calisto Elói com a farda de fidalgo cavaleiro, e Ifigénia trajada de amazona... - Olha o meu marido! - clamou Teodora. - Aquela é a tal mulher? - perguntou à espantada Tomásia. - Aquela é a Sr.a D. Ifigénia. - Vou rasgar aquele diabo! - berrou a morgada, arrastando uma cadeira para trepar. - Isso **alto lá**, minha senhora! - acudiu irada a despenseira. - V. Ex.a não estraga coisa nenhuma. E, se continua nesse disparate, eu mando chamar o cabo da rua para a pôr lá fora. - Pôr-me a mim lá fora! - bradou Teodora. - Sim, minha senhora, que isto não são termos. Nem me parece senhora! Cá em Lisboa acções destas só as praticam as peixeiras. (*Corpus do Português: A queda dum anjo*, de Camilo Castelo Branco, 1866).

¹³ A construção marcadora discursiva (MD) é constituída por verbos indutores (V_{indut}) e afixoide de origem locativa (Afix_{Loc}) (cf. TEIXEIRA, 2015; ROSA, 2019). Em Rosa (2019), defende-se que, no século XIX, a construcionalização de *alto lá* ocorreu por meio do *melhor encaixe* (HUDSON, 2010) com algumas características da macroconstrução $[V_{\text{indut}} \text{Afix}_{\text{Loc}}]_{\text{MD}}$.

No exemplo (3), o emprego da expressão *alto lá* apresenta, ao menos, duas possibilidades de interpretação. Na primeira delas, captamos o significado desenvolvido no contexto atípico: interrupção de atividade. O narrador da história explica que, ao anunciar que rasgaria o mencionado retrato, Teodora arrasta uma cadeira para nela subir e concretizar o ato. Logo, o uso de *alto lá* pela despenseira pode apresentar o sentido de suspender o movimento de sua interlocutora de subir na cadeira para alcançar o retrato e então rasgá-lo. O que permite essa leitura é o conhecimento da conjuntura conversacional, nesse caso específico, a informação dada pelo autor de que Teodora estava “arrastando uma cadeira para trepar”. Sob essa ótica, o uso de *alto lá* estaria relacionado a cessar uma atividade vinculada ao mundo biossocial, conforme foi observado nos contextos anteriores.

Entretanto, é possível realizar uma análise diferente. Uma segunda interpretação fornece a ideia de que o emprego de *alto lá* pode estar associado não à ação de Teodora, mas ao seu enunciado “Vou rasgar aquele diabo!”. Assim, o significado da construção não mais expressaria interrupção de atividade/prática do mundo biossocial, passando a exprimir o refreamento de uma proposição, que antecede a refutação “V. Ex.a não estraga coisa nenhuma. E, se continua nesse disparate, eu mando chamar o cabo da rua para a pôr lá fora”. Desse modo, a atuação da microconstrução estaria relacionada ao âmbito discursivo. A anteposição do pronome demonstrativo “isso” à expressão *alto lá* parece favorecer tal interpretação, por assemelhar-se a características de construções mais cristalizadas como “isso é o que veremos” e afins, em que “isso” aponta para o enunciado anteriormente produzido. No entanto, se ainda há possibilidade de leitura semelhante ao contexto anterior, ou seja, relacionada à interrupção de atividade do mundo biossocial, em que “isso” refere-se ao movimento direcionado à destruição do retrato, então, o contexto em questão não pode ser considerado único, isolado.

Logo, entendemos que o construto em foco pertence a contexto crítico pelos seguintes motivos: observamos haver ambiguidade no uso de “alto lá” em (3), pois o sentido parece se relacionar tanto ao refreamento da ação de arrastar uma cadeira para nela subir e estragar o retrato quanto ao refreamento da afirmação “Vou rasgar aquele diabo!”; além disso, a segunda leitura fornece o novo significado de refreamento-argumentativo da construção, estritamente ligado ao discurso, que será tratado adiante no contexto isolado.

- Contexto isolado

Diewald (2002, 2006) afirma que esse contexto mostra a consolidação do processo de mudança em que o novo sentido é isolado, como um sentido separado do mais antigo. De acordo com a pesquisadora, as construções em contextos isolados assemelham-se apenas parcialmente a outras construções existentes e apresentam uma correspondência forma-conteúdo única. Analisemos o pertencimento do seguinte construto a esse contexto:

- (4) [...] salvou galhardamente a vida das garras de uma onça e é motivo de sobra para que eu lhe seja eternamente agradecida, e creio que também para que o primo não abocanhe e não despreze assim um homem, que não lhe fez mal algum. - Nenhum mal.. eu sei. e também que me importa a mim esse homem. Ou por sim, ou por não, amanhã ou depois, logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo. - **Alto lá, primo!** - atalhou Paulina com vivacidade; - menos essa.. temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui. - Isso era bem belo. e a mulada dele que lá fica à toa.. não hei de ser eu que hei de tomar conta dela. (*Corpus do Português: Histórias e tradições da província de Minas Gerais*, de Bernardo Guimarães, 1872).

No fragmento (4), o emprego de *alto lá* exprime, de forma isolada (sem ambiguidade), o sentido de refrear a proposição enunciada pelo primo de Paulina: “logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo”. Paulina, então, utiliza a construção refreadora para introduzir a sua posição contrária ao que foi dito “menos essa” e, em seguida, apresentar sua refutação “temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui”.

Nesse exemplo, a construção *alto lá* mostra-se ainda menos composicional do que nos contextos anteriores, pois a subparte nuclear *alto*, fortemente vinculada ao afixoide *lá*, já não expressa referência ao mundo biossocial, integrando uma unidade, em pareamento de forma e conteúdo, que aponta exclusivamente para o âmbito discursivo.

Entendemos que construtos como o apresentado em (4) são empregados em contexto isolado. De fato, conforme declara Diewald (2002, 2006), há semelhança formal desta construção exemplificada com aquelas de contextos anteriores, porém, comparando-se a expressão do contexto fonte com a deste estágio, é possível afirmar que houve pareamento convencional de uma nova forma e de um significado novo a serviço do uso discursivo, isto é, houve construcionalização.

❖ Compartilhamento cognitivo-cultural

No processo de mudança para o uso discursivo, em modo argumentativo de organização discursiva, da frase nominal interjetiva *alto*, originalmente empregada em cenários de combate, verificamos a atuação do que Lakoff e Johnson (2003) denominam de metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Constatamos que o uso das expressões *alto* e *alto lá* faz parte de uma conceptualização cultural, em que um fenômeno, a discussão, é praticado, compreendido e descrito em termos de outro, a guerra. Segundo Lakoff e Johnson (2003), numa discussão, apesar de não haver batalha física, há uma batalha verbal. No português do Brasil, o termo *discussão* apresenta, basicamente, duas acepções diferenciadas e metonimicamente relacionadas: *debate* e *bate-boca*. O modo argumentativo de organização discursiva está intimamente associado à acepção de *debate*: “Discussão em que se apresentam argumentos a favor ou contra alguma coisa (um argumento, uma proposta, uma ação etc.), visando a uma conclusão (debates parlamentares/judiciários)” (AULETE, 2019). Por essa razão, associamos a acepção de *debate* ao termo *discussão lógica*. A discussão também pode ser permeada por exaltação de ânimos e até mesmo resultar em altercação/bate-boca. Nesse caso, associamos a acepção de *bate-boca* ao termo *discussão irrefletida*. Sob um olhar mais específico, com foco na argumentação, constituinte dos debates ou discussões lógicas, constatamos haver paralelismo entre os mecanismos argumentativos e as investidas entre os beligerantes: proposição (ataque), justificação (defesa), refutação (contra-ataque), ponderação (espécie de trégua). A metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, vivenciada em tantas culturas como a nossa, é espelhada na linguagem cotidiana por uma ampla variedade de expressões, como, por exemplo:

- Suas reivindicações são *indefensáveis*.
 - Ele *atacou* todos os *pontos fracos* do meu argumento.
 - Suas críticas foram *certeiras*.
 - Eu *destruí* o argumento dele.
 - Eu nunca *ganhei* uma discussão com ele.
 - Você discorda? Então, *manda bala!*
 - Se você usar essa *estratégia*, ele vai *acabar com* você.
 - Ele *derrubou* todos os meus argumentos.
- (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5. Tradução nossa).

Para os autores, é importante observar que não apenas falamos de discussão em termos de guerra, mas também entendemos que realmente ganhamos ou perdemos discussões; vemos a pessoa com quem estamos discutindo como um oponente; atacamos suas posições e defendemos as nossas; planejamos e usamos estratégias; abandonamos posições indefensáveis e tomamos nova linha de ataque etc. Discussões e guerras são tipos diferentes de eventos – discurso verbal interativo e conflito armado – e as ações praticadas são diferentes em cada um deles. No entanto, a primeira é parcialmente compreendida, executada e abordada em termos da segunda, ou seja, o conceito, a atividade e, conseqüentemente, a linguagem referentes à discussão são metaforicamente estruturados por meio da noção de guerra. Vejamos um exemplo de nosso *corpus*, cujas expressões são referidas na Figura 1 adiante. As relações metafóricas, metonímicas ou analógicas específicas das expressões em destaque não serão aqui desenvolvidas em prol da observação maior sobre a metáfora conceptual em foco e o englobamento da expressão *alto*:

- (5) - Nego! exclamou formidavelmente o cônego que em sua casa, à sua mesa, punha de alto as suas opiniões. - E nego com os meus autores. Eles aí vão! E deixou-lhe cair em cima, como penedos de autoridade, os nomes venerados de Laboranti, Baldeschi, Merati, Turrino e Pavônio. Amaro afastara a cadeira, pusera-se em atitude de controvérsia, contente de poder, diante de Amélia, "enterrar" o cônego, mestre de teologia moral e um colosso de liturgia prática. - Sustento, exclamou, sustento com Castaldus... - Alto, ladrão, bramiu o cônego. Castaldus é meu! - Castaldus é meu, padre-mestre! E encarniçaram-se, puxando cada um para si o venerável Castaldus e a autoridade da sua facúndia. D. Josefa pulava de gozo na cadeira, murmurando para Amélia com a cara franzida de riso: - Ai, que gostinho vê-los! Ai, que santos! (*Corpus do Português: O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, 1875).

Expressões linguísticas	Domínio fonte: guerra	Domínio alvo: discussão
<ul style="list-style-type: none"> •1) "deixou-lhe cair em cima, como penedos" •2) "enterrar" •3) "Alto" •4) "ladrão" •5) "encarniçaram-se" •6) "puxando cada um para si" 	<ul style="list-style-type: none"> •1) contra-ataque •2) enterro: consequência da morte em guerra •3) interrupção da marcha •4) Inimigo •5) encarniçamento •6) disputa 	<ul style="list-style-type: none"> •1) refutação •2) completa desqualificação da proposição, sem possibilidade de réplica •3) refreamento da alegação •4) interlocutor •5) persuasão provocativa •6) sucessão de justificações

Figura 1: Domínios fonte e alvo da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA aplicados ao exemplo (5)

Fonte: Autoral.

O uso de *alto* no exemplo (5) retrata o emprego do que, originalmente, seria o comando de interrupção de marcha da tropa, atividade situada no mundo biossocial. Essa referência, mais concreta, serve, por meio de mecanismos metafóricos, a uma prática mais abstrata, situada no campo discursivo: o refreamento – no exemplo, trata-se de interrupção propriamente dita –, da justificação do locutor. É preciso atentar para o fato de que, ao proferir a palavra de ordem *alto*, o enunciador não só se vale da linguagem metafórica como também executa uma ação metaforicamente estruturada. Ele apropria-se da autoridade de um comandante para determinar a cessação da alegação alheia, munindo-se de uma espécie de patente habilitada pela detenção e convicção da verdade. Portanto, entendemos que a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA licencia o uso do comando *alto*, e, por conseguinte, *alto lá*, no domínio discursivo.

A microconstrução *toma lá dá cá*

O estudo da microconstrução *toma lá dá cá* integra o projeto, ainda em desenvolvimento inicial, intitulado *A construção de correlação locativa: movimento contínuo, multiplicidade, modo e mutualidade*. O referido projeto tem como objeto de pesquisa, como o próprio título indica, a construção de correlação locativa, representada por microconstruções tais como “pata aqui, pata acolá”, “poça daqui, lama dali”, “concorda aqui, discorda ali”, “balança pra lá, balança pra cá”, entre outras. Constituem os principais objetivos desta investigação: i) descrever o funcionamento da construção composta por segmentos correlatos $[X_1(\text{Prep})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep})\text{Loc}_2]_Y$, em que cada um desses segmentos é formado por subpartes nominais ou verbais (X_1, X_2) associadas a subpartes adverbiais locativas ($\text{Loc}_1, \text{Loc}_2$), podendo haver inserção facultativa de preposição (Prep) entre as subpartes; ii) verificar a hipótese de que as construções de correlação locativa apresentam conteúdo semântico-pragmático (γ) relacionado a movimento contínuo de seres ou de partes deles, multiplicidade quantitativa e/ou tipológica de elementos de um grupo, modo ou qualidade com que se realiza uma ação e mutualidade/reciprocidade de ações e/ou intenções entre as entidades envolvidas; iii) mapear, por meio de análise pancrônica, os estágios dos contextos de mudança construcional (DIEWALD, 2002, 2006; ROSA, 2019) e averiguar possíveis integrações paradigmáticas (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012).

Para atingir o propósito de elaboração do presente artigo, a análise desta seção circunscreve-se ao estudo referente à microconstrução *toma lá dá cá*, a partir dos resultados obtidos até o estágio atual de desenvolvimento do projeto de pesquisa anteriormente descrito. Embora os dados inicialmente coletados tenham sido produzidos nas últimas duas décadas, e o avanço investigativo rumo aos anos mais longínquos ainda seja uma etapa a ser cumprida em nossa agenda de pesquisa, é possível traçar uma trajetória preliminar de construtos em termos de composicionalidade e analisabilidade¹⁴. Os primeiros exprimem referência a contextos mais concretos do mundo biossocial, ao passo que os últimos expressam relações mais abstratas. É importante destacar que, mesmo no dado de uso mais concreto a ser exposto a seguir, a expressão *toma lá dá cá* já apresenta *status* construcional, isto é, já constitui relação biunívoca de forma e conteúdo, de modo que o somatório do significado de cada subparte não exprime com eficácia a totalidade do conteúdo da construção.

- (6) Atual campeão europeu, o Saracens havia acabado de receber a notícia de seu rebaixamento automático na Premiership inglesa e, mesmo assim, seu elenco estrelado encarou o clube de Paris de igual para igual e conquistou uma dramática e crucial vitória por 27 X 24, jogando com um homem a menos por vermelho a Skelton. Itoje cravou o primeiro try inglês logo a 1', mas Vakatawa respondeu para os franceses na sequência. O jogo foi um **toma lá dá cá** de emoção, com Mako Vunipola marcando o segundo try dos Sarries, enquanto Dupichot e outra vez Vakatawa responderam com os tries que colocaram o Racing na frente antes do intervalo. O segundo tempo, no entanto, foi do Saracens, com Itoje marcando novo try e Farrell chutando penal decisivo nos instantes finais. (Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/noticias/saracens-saints-e-ulster-nas-quartas-da-heineken-champions-cup>. Acesso em: 12 de set. de 2020).

No exemplo (6), o construto *toma lá dá cá* é empregado para indicar a boa performance de ambas as equipes de rugby, em que as jogadas realizadas de uma contra a outra resulta, de modo eficiente, na marcação de pontos. Observando o entorno linguístico, encontramos algumas expressões que contribuem para o entendimento de que o principal conteúdo semântico do construto é a mutualidade ou reciprocidade:

- “O Saracens [...] encarou o clube de Paris **de igual para igual**”;

¹⁴ Bybee (2010) distingue composicionalidade de analisabilidade. A primeira relaciona-se ao grau de previsibilidade do todo com base no significado das partes, a última refere-se à contribuição de cada componente para o conteúdo do todo. Tal entendimento nos permite tratar de *subpartes construcionais*. É importante destacar que tanto a composicionalidade quanto a analisabilidade são parâmetros gradientes e, portanto, nos referimos a construtos mais ou menos composicionais e/ou analisáveis.

- “Itoje **cravou o primeiro try** inglês logo a 1’, mas Vakatawa **respondeu** para os franceses **na sequência**;
- “Mako Vunipola **marcando o segundo try** dos Sarries, enquanto Dupichot e outra vez Vakatawa **responderam com os tries** que colocaram o Racing na frente antes do intervalo”.

A ênfase na paridade dos times é manifestada ao longo de quase todo o fragmento de texto. Até mesmo a informação inicial do êxito de uma das equipes, “conquistou uma dramática e crucial vitória por 27 X 24”, aponta para a equilíbrio entre os adversários, tendo em vista que, no âmbito esportivo, um jogo dramático corresponde a uma partida difícil de ser vencida, de placar apertado. O relato sobre a equivalência dos times é reformulado apenas na última linha: “O segundo tempo, no entanto, foi do Saracens”.

No trecho exemplificado, a mutualidade expressa por meio de *toma lá dá cá* está relacionada ao desempenho entre adversários de rugby, um esporte de contato físico pleno, portanto, o uso do construto aponta para uma ação concreta de reciprocidade por disputa, explicitada pelas formas verbais *toma* (= equipe recebe ataque do adversário e leva um ponto) e *dá* (= equipe realiza ataque ao adversário e marca um ponto). Embora o principal conteúdo semântico constatado no emprego do construto *toma lá dá cá* em (6) seja a mutualidade, também é possível verificar em seu uso a ideia de i) modo, já que qualifica a maneira como o jogo ocorreu: uma disputa acirrada; ii) movimento contínuo, pois as investidas e marcações de pontos de cada equipe são descritas como sequenciais às de seu oponente. Tendo em vista a divisão de campo característica desse esporte e o fato de a jogada de cada clube ocorrer em direção oposta àquela realizada pelo adversário, consideramos que o uso dos advérbios locativos *lá* e *cá* ilustram o deslocamento dos atletas de um extremo a outro do gramado. Contudo, não há, de fato, locomoção dos esportistas para o local em que se encontra o enunciador, conforme definição mais básica e original do advérbio locativo *cá*. Tampouco o conteúdo de ação sequencial está explícito na simples soma de significado de cada subparte da microconstrução, pois é a instanciação, nesse contexto específico, do pareamento forma-conteúdo de correlação locativa que promove a leitura de atos que se sucedem, como se houvesse a repetição *toma lá dá cá, toma lá dá cá, toma lá dá cá...* Por essas razões, o construto em foco não é considerado totalmente composicional, apesar de apresentar maior

analisabilidade do que os construtos exemplificados adiante; iii) multiplicidade quantitativa, já que a noção de repetição anteriormente apontada caracteriza a abundância de jogadas.

- (7) Em sala de aula, Maria presenciou dois fatos: primeiro ela viu que Jamal pegou o lanche de Cristiano. Pouco depois, ela vê Cristiano revidar ao pegar a caneta preferida de Jamal. Maria não relata esses incidentes ao professor, pois, para ela, foi um **"toma-lá-dá-cá"**, já que as ações, segundo sua visão, foram iguais.

(Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/17779560>. Acesso em: 11 de ago. de 2020).

Em (7), o emprego do construto *toma lá dá cá* também suscita, primordialmente, a ideia de mutualidade. No trecho narrado, a personagem Maria presencia, entre seus colegas de classe, dois atos socioculturalmente reprováveis e não os relata ao professor, porque “[...] **as ações**, segundo sua visão, **foram iguais**”. Isto é, em sua opinião, houve um dano que foi desagravado ao ser pago com outro dano. Nesse contexto, apesar de as atitudes atribuídas a Jamal e Cristiano representarem ações concretas (pegar o lanche e pegar a caneta), já não se referem a ações de reciprocidade por disputa (no caso, esportiva) com contato físico, como ocorre no exemplo anterior, e sim de reciprocidade por ação de revide. É possível ainda verificar que o uso do construto em tela exprime o modo como ocorreram as ações, ou seja, qualifica a cena como um ato provocativo e retaliativo. Diferentemente do que foi observado no dado anterior, o emprego de *toma lá dá cá* no fragmento (7) não expressa a ideia de repetição, referindo-se apenas a uma única ação causadora da reação e uma única ação de revide, conseqüente da primeira. Por conseguinte, não havendo repetição de atos, não ocorre multiplicidade dos mesmos. No que tange às referências ainda expressas pelos locativos, pode-se verificar que *lá* e *cá* não se relacionam diretamente com os locais em que se encontram narrador ou se passa a narrativa, mas com a ideia de direcionamento da ação, que parte de um personagem para atingir o outro e vice-versa. Tal direcionamento pode ser associado à máxima popular, bastante difundida na cultura brasileira, “tudo o que vai volta”, expressão relacionada à metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM. Sendo assim, constatamos que o uso de *toma lá dá cá* no trecho (7) é mais abstratizado e menos composicional do que em (6).

O ditado popular “tudo o que vai volta” apresenta basicamente duas implicações: i) Se você pratica o mal, recebe o mal e ii) Se você pratica o bem, recebe o bem. A primeira implicação pôde ser observada por meio da narrativa do exemplo anterior, em que o construto *toma lá dá cá* foi empregado para expressar ato de mutualidade por revide ou retaliação, ou

seja, em que se paga o mal com o mal. No contexto do âmbito da política, e muito em voga no discurso midiático contemporâneo para retratar um tipo de conduta do governo do Brasil, a microconstrução *toma lá dá cá* define mutualidade por meio de favores políticos. Tal uso representa uma curiosa apropriação da segunda implicação supracitada, em que se paga o bem pelo bem. O paradoxo está no fato de a relação benéfica e vantajosa entre os entes envolvidos nessas ações de reciprocidade ser, na maioria dos casos, avaliada como antiética pela sociedade de modo geral. Vejamos um exemplo desse emprego:

- (8) A nova política de Jair Bolsonaro parece a velha. Depois de muito assegurar que com ele era diferente, o capitão derramou um caminhão de dinheiro, desviado da educação, para abastecer as emendas parlamentares que garantiram a aprovação da reforma da Previdência na Câmara dos Deputados. Foi um **toma-lá-dá-cá** no melhor, ou pior, estilo do é dando que se recebe.
(Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/a-estranha-1%C3%B3gica-de-bolsonaro-1.361470>. Acesso em: 13 de out. de 2020).

No fragmento (8), o colunista descreve o direcionamento de verbas para as emendas parlamentares por parte do presidente da república, que recebeu como contrapartida dos integrantes do parlamento a aprovação da reforma da previdência na Câmara. Assim como no exemplo anterior, o emprego de *toma lá dá cá* em (8) expressa ações de reciprocidade, contudo, nesse caso, trata-se de mutualidade por meio de favores, em que um benefício é retribuído por outro benefício. Constatamos que as subpartes locativas da microconstrução analisada, *cá* e *lá*, não se referem a espaços físicos, como consta em suas acepções mais básicas, mas, constituindo o pareamento forma-conteúdo da correlação locativa, imprimem a ideia de direcionamento de ações mútuas.

- (9) A mais recente edição do Portuguese Brazilian Awards, que aconteceu no Castle Hotel & Spa, em Nova York, continua rendendo bons frutos para Antonia Fontenelle, que está à frente do ótimo "Na Lata". Um deles é a apresentação do evento no ano que vem. "Obrigada, Marcília Luzbet e Danilo Costa", escreveu no Instagram. Mais que depressa, uma internauta rebateu: "Convite pra tudo agora, né? Deus te proteja". Aí, foi um **toma lá, dá cá!** "Fui convidada antes da resposta da justiça. Meritocracia, babe". (Disponível em: <https://gente.ig.com.br/colunas/marcelo-bandeira/2019-07-22/ex-domino-bonitao-klaus-hee-pode-integrar-elenco-de-a-fazenda-11.html>. Acesso em: 22 de set. de 2020).

No fragmento de texto (9), o uso de *toma lá dá cá* exprime, sobretudo, mutualidade por revide discursivo. Em rede social, Antonia Fontenelle agradece aos organizadores do

Portuguese Brazilian Awards pelo convite para apresentar o evento do ano seguinte. No entanto, o comentário de uma internauta desagradada a socialite: "Convite pra tudo agora, né? Deus te proteja". Fontenelle, acreditando se tratar de comentário irônico em referência à decisão judicial que a reconhece como uma das herdeiras do diretor Marcos Paulo, rebate: "Fui convidada antes da resposta da justiça. Meritocracia, babe". No emprego do construto em (9), é possível relacionar a subparte *toma* ao recebimento da proposição discursiva (no caso, ofensiva/irônica) pela ouvinte (Fontenelle) e vincular a subparte *dá* à produção de resposta (no caso, justificção), no turno de fala seguinte, pela enunciadora (Fontenelle); os locativos *lá* e *cá* já não exprimem indicação de lugar concreto, e sim direcionamento de fala aos atores do ato discursivo. Além do conteúdo semântico de mutualidade por discussão, o uso do construto em análise também aponta para o modo, isto é, para a caracterização da discussão, que se dá em configuração argumentativa com uma proposição e uma alegação.

- (10) A vida é assim: cada um pensa de uma forma, a gente concorda ali, discorda ali¹⁵ e continuamos seguindo, em teoria, juntos. Acho que essa filosofia de vida era mais fácil de ser colocada em prática antes das redes sociais. Independente de política, time de futebol ou religião (coisas que me recuso a opinar), o que eu vi nas últimas semanas foi um **toma-lá-dá-cá** sem limites. Agressões gratuitas, desavenças entre amigos, desaforos. Uma tristeza virtual, diga-se. Eu sempre gostei muito das redes sociais por elas me aproximarem de amigos distantes. Pensava aqui comigo: poxa, eu em São Paulo, minhas amigas no Rio e em Salvador, minha família longe... Que bom que a gente consegue continuar perto, mesmo que virtualmente. E, pela primeira vez, eu pensei em sair das redes sociais. Triste com o que presenciei. Triste com o que li. (Disponível em: <https://dicademae.com/ta-tudo-bugado-mamae/>. Acesso em: 28 de set. de 2020).

No exemplo (10), verificamos que as subpartes *toma* e *dá* estão respectivamente relacionadas às ideias de recepção e produção de fala ofensiva. As subpartes locativas *lá* e *cá*, em emprego metaforizado, indicam o direcionamento de fala entre os atores do ato discursivo, que no fragmento em questão não aparecem de modo explícito. O construto empregado exprime i) mutualidade por discussão agressiva; ii) movimento contínuo, que, nesse contexto, é representado pela alternância incessante de turnos de agressões verbais; iii) multiplicidade quantitativa e qualitativa, evidenciada pelo uso do qualificador “sem limites”, que pode apontar tanto para alta produção de falas agressivas, quanto para os tipos dessa produção:

¹⁵ Com base em nossos estudos da construção de correlação locativa, $[X_1(\text{Prep})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep})\text{Loc}_2]_Y$, o preenchimento do *slot* Loc_1 é obrigatoriamente diferente do preenchimento do *slot* Loc_2 . Sendo assim, pressupomos que o construto pretendido pela autora do texto fosse algo como “concorda aqui, discorda ali” e que a expressão grafada tenha sido fruto de desatenção ou de fenômeno afim.

“Agressões gratuitas, desavenças entre amigos, desaforos”; iv) o modo como as relações discursivas ocorreram: com troca de ofensas.

Há basicamente três diferenças entre o uso de *toma lá dá cá* no exemplo (9) e no exemplo (10). i) No primeiro, estão explicitadas duas personagens envolvidas no ato de fala, ao passo que no segundo há indeterminação dos atores, citados, de modo genérico, como usuários de redes sociais; ii) o construto usado em (9) é empregado para descrever um único “bate e rebate”, isto é, uma fala provocativa e uma fala responsiva, já em (10), o construto é usado para definir uma sucessão de falas; iii) Em (9), verificamos a ocorrência de discussão argumentativa, em que se expõe uma proposição e se produz uma alegação para justificação, em (10), são descritas discussões agressivas com trocas de ofensas. No que se refere ao item (iii), Lakoff e Johnson (2003) classificariam o primeiro tipo de *discussão racional* e o segundo, de *irracional*. Aqui, conforme mencionado na subseção anterior, preferimos os termos *discussão lógica*, em que prevalece o raciocínio lógico para formulação dos elementos argumentativos, e *discussão irrefletida*, dominada pela exaltação de ânimos.

Apesar das diferenças contextuais mencionadas entre os dois últimos exemplos e de seu enquadramento em diferentes tipos de discussão, *lógica* e *irrefletida*, ambos os construtos são empregados em âmbito discursivo, distintamente dos exemplos anteriores, cujos construtos são usados para tratar de ações do âmbito biossocial. Verificamos que a direcionalidade espacial mais concreta observada no fragmento (6) por meio do uso dos locativos é metaforizada passando a exercer direcionamento da ação que parte de um personagem para atingir o outro, seja para o bem ou para o mal. No discurso, verifica-se a direcionalidade dos atos de fala, que apontam para cada um dos atores envolvidos. Essa transferência metafórica, que vai da concretude dos apontamentos espaciais para a abstração das relações discursivas, é possível por conta do compartilhamento sociocultural de certos padrões cognitivos, um deles é representado pela metáfora conceptual DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO. A capacidade que temos de transferir nossas experiências sensório-motoras para o domínio do texto permite pensarmos a discussão em termos da definição de um caminho. A esse respeito, seguem exemplos de expressões metafóricas propostas na obra de Lakoff e Johnson (2003):

- Ele *desviou-se* da linha de discussão.
- Você está *acompanhando* minha argumentação?

- *Partimos na direção errada novamente.*
 - *Estou perdido.*
 - *Você está andando em círculos.*
- (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. Tradução nossa.)

Tomando algumas expressões empregadas no fragmento (10) como base, podemos traçar relações entre o domínio conceptual do *caminho* (domínio fonte, mais concreto) e o domínio conceptual da *discussão* (domínio alvo, mais abstrato), conforme exposto na Figura 2:

Expressão linguística	Domínio fonte: caminho	Domínio alvo: discussão
<ul style="list-style-type: none"> •1) "Concorda aqui, discorda ali" (cf. nota de rodapé 7) •2) "Continuamos seguindo juntos" •3) "toma lá dá cá sem limites" •4) "me aproximarem de amigos distantes" •5) "consegue continuar perto" 	<ul style="list-style-type: none"> • 1) <i>aqui</i> e <i>ali</i> indicam diferentes pontos da trajetória, respectivamente, perto e longe de quem realiza o percurso. •2) a expressão indica a permanência de pessoas realizando a mesma trajetória em proximidade. •3) <i>lá</i> e <i>cá sem limites</i> indica a repetição incessante da trajetória que vai de um ponto longe até um ponto perto de quem realiza o percurso . •4) a expressão indica o ato de percorrer uma trajetória para se aproximar de pessoas que estavam distantes do local inicial de partida do viajante. •5) a expressão indica a permanência da pouca distância de percurso entre uma pessoa e outra(s). 	<ul style="list-style-type: none"> •1) <i>aqui</i> e <i>ali</i> referem-se a diferentes objetos de discussão ou tópicos/temas mais específicos pertinentes a um mesmo objeto. •2) a expressão refere-se à manutenção das relações discursivas, apesar das divergências. •3) a expressão refere-se à incessante e grave troca de ofensas verbais. •4) a expressão refere-se à facilidade das interações discursivas promovida por plataformas virtuais, apesar da distância geográfica entre os internautas. •5) A expressão refere-se à continuidade das interações discursivas por meio de ambiente virtual apesar da distância geográfica entre os internautas.

Figura 2: Domínios fonte e alvo da metáfora conceptual DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO aplicados ao exemplo (10)
Fonte: autoral

Entendemos que entre os fatores propiciadores das mudanças da microconstrução *toma lá dá cá*, tais como carga histórica e pressões estruturais, está o compartilhamento sociocultural da metáfora conceptual DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO. Tal compartilhamento licencia a transferência da direcionalidade mais espacial, como vista no exemplo (6), para a direcionalidade mais abstrata, a partir dos atos de fala discursivos, conforme verificamos nos fragmentos (9) e (10). Sendo assim, a mencionada metáfora

conceptual é compreendida como favorecedora da mudança construcional de *toma lá dá cá*, ou seja, como fator relevante para ocorrência do fenômeno de mudança em que há permanência da forma e modificação do conteúdo semântico-pragmático.

Considerações finais

A investigação pancrônica da trajetória de mudança da microconstrução *alto lá* proporciona um olhar mais holístico sobre fatores propiciadores das mudanças construcionais. Concluímos que os seguintes fatores contribuíram para a integração da microconstrução *alto lá* ao paradigma dos marcadores discursivos refreador-argumentativos no português brasileiro: i) a conjuntura histórica: nos séculos XVI a XVIII, em que Portugal dedica-se fortemente às guerras, havendo grande difusão da literatura de temática bélica e, conseqüentemente, dos termos a ela intrínsecos; ii) as neoanálises por meio de micropassos ao longo dos contextos de mudanças; iii) a analogização com características formais e de conteúdo da família [V_{indut} AfIX_{Loc}]_{MD} (cf. ROSA, 2019); iv) o compartilhamento sociocultural da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA.

Por meio da análise de dados sobre a microconstrução *toma lá, dá cá*, concluímos que o surgimento de conteúdos semânticos mais abstratos, em relação à semântica espacial mais básica, associa-se a conceptualizações socioculturalmente compartilhadas, como a metáfora conceptual DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO (LAKOFF; JOHNSON, 2003). É importante registrar que a investigação da microconstrução *toma lá dá cá*, assim como das demais instanciações da construção de correlação locativa, encontra-se ainda em estágio embrionário.

Assim, acreditamos contribuir para a área da Linguística Cognitivo-Funcional ou LFCU, propondo a comensurabilidade da abordagem construcionalista, sobretudo baseada em Traugott e Trousdale (2013), com a teoria da metáfora conceptual, fundamentada em Lakoff e Johnson (2003).

Em continuidade aos estudos aqui apresentados, incluímos em nossa agenda de pesquisa i) a compatibilização das conceptualizações metafóricas aqui apresentadas, tendo em vista a coerência e a existência de implicações compartilhadas entre essas metáforas, possibilitando a justaposição das mesmas e ii) o estudo pancrônico de determinadas

expressões linguísticas metafóricas para verificar se é possível flagrar, ao longo dos séculos, os níveis de compartilhamento sociocultural de alguns padrões cognitivos.

Referências

BEBIANO, Rui. Sobre a prática e a ideia de guerra em Portugal (séculos XVI a XVIII). *Janus*, ano 1999-2000.

BLUTEAU, R. *Vocabulário portuguez & latino*. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1728.

BOOIJ, Geert Evert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, p. 255-273, 2013.

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: DIEWALD, Gabriele; WISCHER, Ilse (Ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>. Acesso em: 13 de set. de 2020.

_____; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change*. New reflections, Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems and Tanja Mortelmans (Ed.). [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 111-133, 2012.

GIBBS, Raymond W. Jr. *Psycholinguistic studies on the conceptual basis of idiomaticity*. Cognitive Linguistics, 1990. p. 417-462.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUDSON, Richard. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LAKOFF, George. Conceptual metaphor: the contemporary theory of metaphor. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlim: 2006, p. 185-238

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, p. 87-106, 2012.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Gráfica jornal do comércio 1955.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ARENA, Ana Beatriz. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 30-58, jan-jun. 2019.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p.284-324.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TOMASELLO, Michael. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: TOMASELLO, Michael. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, 1998, p. 7-23.

_____. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection,*

Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VEREZA, Solange. Trajetórias da metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (Org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

The conceptual metaphor as a relevant factor for constructional changes: A view of *alto lá* and *toma lá dá cá* micro-constructions

Abstract: The objective of the present paper is to trace relations between two conceptual metaphors recognized in cognitive studies, ARGUMENT IS WAR and ARGUMENT DEFINES A PATH, with the processes that result in the construction change of *alto lá* and *toma lá dá cá* micro-constructions. The research is grounded in the Cognitive-Functional Linguistics (TOMASELLO, 1998) or Usage-Based Functional Linguistics (adapted from BYBEE, 2010). This work is based, above all, on the constructionalist approach of Traugott and Trousdale (2013), in compatibility with the studies on conceptual metaphor by Lakoff and Johnson (2003). For panchronic investigation of *alto lá* (ROSA, 2019) we used *Corpus do Português* and *Corpus Tycho Brahe* (from 13th to 20th centuries), *Diário do Congresso Nacional* (20th and 21st centuries) and contemporary publications from the Web. For synchronic study of *toma lá dá cá* (part of an early stage project) texts from 2000 to 2020 were collected using advanced Google search. Through contextual change analysis of micro-constructions in focus, we verify the emergence of new semantic content associated with socioculturally shared conceptualizations. We conclude that the conceptual metaphor can be an important part, along with historical and structural factors, in the processes of change and establishment of linguistic constructions.

Keywords: Conceptual metaphor. Constructional change. Construction. Functionalism. Cognitivism.

Recebido em: 21 de novembro de 2020.

Aceito em: 14 de dezembro de 2020.

As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida

Monclar Guimarães Lopes¹
Samara Costa Moura²

Resumo: o presente trabalho busca descrever as propriedades formais e funcionais de duas construções conectoras complexas: [com isso] e [como se não bastasse (x)]. O particular interesse por esses objetos, aparentemente tão distintos, está tanto no fato de eles estabelecerem relações coesivas mais amplas quanto no de operarem em diferentes níveis: conectam orações, períodos e/ou parágrafos. Para esta pesquisa, empregamos metodologia quali-quantitativa para o estudo de 60 dados do século XXI, extraídos do *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org). Fundamentamos nossas análises nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. CUNHA et al., 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; entre outros), em diálogo com os estudos da Linguística Textual (cf. FÁVERO, 2004; KOCH, 2003). Os resultados evidenciam que: i) tais construções estabelecem uma coesão híbrida, isto é, tanto sequencial quanto referencial, haja vista que, ao mesmo tempo em que apresentam elementos que promovem a conexão lógica, encapsulam porções precedentes do texto; ii) a porção encapsulada de material precedente está associada à posição assumida pela construção dentro do texto; iii) [com isso] é uma construção polissêmica e pode atuar como conector lógico ou como sequenciador; iv) [como se não bastasse (x)], além de atuar como conector de adição, expressa a postura epistêmica do falante.

Palavras-chave: Coesão sequencial e referencial. Construções conectoras. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Introdução

A coesão textual normalmente compreende dois tipos de processo: o encadeamento por referenciação (coesão referencial) e o encadeamento por sequenciação (coesão sequencial)³. No primeiro, atuam os mecanismos “responsáveis pela remissão a outro(s) elemento(s) presente(s) ou inferível(is) a partir do universo textual” (KOCH, 2003, p. 31), como pronomes, elipses, sintagmas nominais, entre outros; no último, os mecanismos

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: monclarlopes@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-6238-958X

² Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Discente dos Grupos de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO) e Discurso e Gramática (D&G), com sede na UFF. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: costamoura91@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-4115-1684

³ Há autores que apresentam outros processos além dos supracitados. Fávero (2004), por exemplo, inclui a categoria “coesão recorrencial”, que atende às estruturas paralelísticas e parafrásticas; Mendes (2015) separa as relações temporais (coesão temporal) do rol dos processos sequenciais (à qual chama de coesão estrutural); entre outros.

responsáveis pelo estabelecimento de diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciado, parágrafos e sequências textuais), como preposições e conjunções, por exemplo.

Na literatura linguística, costumam-se apresentar esses dois tipos de processo como completamente distintos, de modo que os elementos linguísticos devam ser vistos como mecanismos de uma ou de outra categoria, sem que uma se sobreponha à outra. Não obstante, neste trabalho, lidamos com duas construções que funcionam como mecanismos híbridos, visto que atuam tanto na coesão referencial quanto na sequencial. Como ilustração, vejamos duas ocorrências:

- (01) A Secretaria Estadual da Saúde confirmou mais 25 óbitos por Covid-19, que aconteceram entre 27 de agosto e esta segunda-feira (14). **Com isso**, o Rio Grande do Sul chega a 4.080 casos confirmados de coronavírus desde o início da pandemia. (Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/09/14/com-media-movel-estavel-rs-chega-a-4080-mortes-e-1579-mil-casos-de-covid-19.html>> - Acesso em: 14 de set. de 2020).
- (02) Outro detalhe sobre o garoto merece ser registrado. Assim como Peter Parker, o alter ego de o Homem-Aranha, Riquelme é vítima de um drama familiar. Ele foi abandonado pela mãe quando tinha 11 meses de idade e, atualmente, seu pai mora em outra cidade. Por isso, o garoto é criado por sua tia, o que revela outra incrível coincidência com sua “contraparte” dos quadrinhos. **Como se não bastasse tudo isso**, o “Garoto-Aranha” traz com si outra qualidade de todo super-herói que se preza: a abnegação. (Disponível em: <<http://arquivoconfidencial.blogspot.com/2007/11/garoto-aranha-salva-crianca-de-incendio.html>> - Acesso em: 20 de jul. de 2018).

Em (01), a construção conectora [com isso] estabelece uma relação de consequência entre o primeiro e o segundo períodos do texto, uma vez que o fato de o Rio Grande do Sul chegar ao número de 4.080 casos de Covid-19 se deve à soma dos casos previamente confirmados e dos 25 novos óbitos notificados pela Secretaria Estadual de Saúde. O valor consecutivo pode ser atribuído à preposição “com”, que comumente encabeça construções resultativas, responsáveis por encadear relações de conclusão, causa, consequência, entre outras. Além da preposição “com”, a construção é constituída de outro elemento, o pronome “isso”, um termo remissivo responsável pelo encapsulamento de todo o conteúdo expresso no primeiro período: “A Secretaria Estadual de Saúde confirmou mais 25 óbitos por Covid-19, que aconteceram entre 27 de agosto e esta segunda-feira (14).”

Em (02), a construção conectora [como se não bastasse (x)] introduz uma informação adicional aos fatos previamente narrados e faz isso por intermédio de uma estratégia valorativa, que promove uma apreciação do enunciador diante dos eventos sobre os quais fala. Afinal, as informações apresentadas nos três primeiros períodos do texto já bastariam, por si sós, para evidenciar as qualidades de Riquelme. Contudo, [como se não bastasse tudo isso], ele ainda é abnegado, como os outros super-heróis. De modo semelhante à construção [com isso], essa ocorrência também contém o pronome demonstrativo “isso”⁴ – que ocupa o *slot* X⁵ –, de função encapsuladora, o qual remete a todo trecho previamente narrado.

Com base nessas análises, defendemos que as duas construções complexas⁶ estudadas podem ser interpretadas como mecanismos coesivos híbridos, haja vista, de um lado, a promoção da conexão lógica – consequência em (01) e adição em (02); de outro, o encapsulamento de informação precedente, que é transformada em objeto de discurso⁷ em virtude do emprego de um elemento de natureza nominal.

Além de defender a existência de mecanismos híbridos de coesão, neste trabalho, investigamos a relação que se estabelece entre a localização da construção conectora e a porção encapsulada de informação precedente. O elemento encapsulador – como o pronome demonstrativo “isso”, por exemplo –, quando em conexões interoracionais, tem escopo remissivo menor que nas conexões interperíodos, que, por sua vez, também tem escopo reduzido em relação aos encapsuladores nas conexões interparágrafos. Como ilustração, observemos mais duas ocorrências da construção conectora [com isso]:

(03) No fim das contas, o Desterro venceu por 11x0 e garantiu os 3 pontos e a liderança prévia do grupo A. Neste domingo (30), o segundo dia de jogos da primeira rodada do Brasileiro de Hóquei sobre a Grama Feminino 2019 foi cheia de jogos apreensivos e emocionantes. O primeiro jogo do dia entre Desterro e Macau iniciou com muito estudo e atenção entre os times. O Macau vinha de um empate contra o Rio Hockey e o Desterro de uma larga vitória

⁴ Observamos, nos nossos dados, que o elemento X é preenchido por um elemento de função encapsuladora, como pronomes demonstrativos e/ou substantivos abstratos, que exercem o papel de nominalizações.

⁵ Por *slot*, entendemos a valência prevista em uma construção. Em [como se não bastasse (x)], X pode ser ocupado por termos de natureza nominal, por exemplo.

⁶ Segundo Traugott e Trousdale (2013), denominam-se construções complexas àquelas constituídas de mais de um elemento.

⁷ O termo “objeto de discurso”, no lugar de referência, tem sido largamente empregado nos estudos da referenciação (BERRENDONER e REICHLER-BÉGUELIN, 1995; MONDADA e DUBOIS, 2003; KOCH, 2003, entre outros), uma perspectiva sociocognitiva interacionista da referência, que sustenta a ideia de que o ato referencial seja uma atividade intersubjetiva e social, e não uma busca por uma relação direta entre as palavras e as coisas.

para o Deodoro, **com isso** os dois só pensavam em vencer. O Macau iniciou a partida embalado pelo ritmo acelerado das atletas e apostando nas jogadas pelo meio. (Disponível em: <<http://www.olimpiadatododia.com.br/hoqueisobreagrama/156204-brasileirao-feminino-inicia-com-grande-jogos-no-rio-de-janeiro/>> - Acesso em 15 de set. de 2020.)

(04) Uma colisão entre Alex Peroni e Sebastian Fernandes, companheiros de equipe na Campos Racing, forçou o acionamento do Safety Car Virtual na 22ª Volta, enquanto a bandeira verde acenou na 23ª volta para sinalizar um Sprint de uma volta para a bandeira quadriculada.

Buscando uma última tentativa de vencer, Armstrong novamente atacou Schwartzman na curva 3, cortando na frente de seu companheiro de equipe antes de ser atingido por trás quando o piloto russo travou suas rodas, atingindo o neozelandês.

Com isso, Hughes subiu para o segundo lugar, enquanto Schwartzman recebeu a bandeira quadriculada em primeiro lugar, mas teve uma penalidade de cinco segundos por seu acidente na volta final. (Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/flmania/hughes-vence-corrída-de-domingo-na-austria-apos-confusao-na-ultima-volta.html>> - Acesso em 15 de set. de 2020.

Em (03), temos um exemplo de conexão interoracional, em que o encapsulador “isso” remete à oração prévia: “O Macau vinha de um empate contra o Rio Hockey e o Desterro de uma larga vitória para o Deodoro”. Em (01), exemplo anteriormente citado, [com isso] remete a todo período prévio, constituído de duas orações: “A Secretaria Estadual de Saúde confirmou mais 25 óbitos por Covid-19, que aconteceram entre 27 de agosto e esta segunda-feira (14)”. Em (04), por sua vez, [com isso] refere-se a todo o conteúdo precedente, expresso nos primeiro e segundo parágrafos.

Em síntese, nosso objetivo principal é descrever tanto a existência de um mecanismo híbrido de coesão quanto o papel da localização da construção conectora em relação à porção de texto encapsulada, pois entendemos que tal análise seja uma importante contribuição para os estudos da coesão textual. Além desse objetivo, buscamos explicitar as funções morfossintáticas e os valores semântico-pragmáticos admitidos por [com isso] e [como se não bastasse (x)].

Para esse fim, empregamos uma metodologia mista de análise, a partir do estudo de dados empíricos do uso linguístico. Sustentamos a ideia de que qualquer trabalho que busque algum nível de generalização deve lidar com frequência de uso, tanto *type* quanto *token* (cf. BYBEE e THOMPSON, 1997), na medida em que as propriedades compartilhadas pela maior quantidade de ocorrências propiciam a identificação e a descrição das propriedades construcionais. Outrossim, investigamos esses dados à luz dos pressupostos teóricos da

Linguística Funcional Centrada no Uso, haja vista que esse é um modelo teórico que nos permite chegar a generalizações a partir da descrição dos diferentes usos linguísticos.

No intuito de promover uma apresentação didática da pesquisa, este texto está dividido em sete partes. Além desta introdução, seguem as seguintes seções: Fundamentação teórica e procedimentos metodológicos; Propriedades construcionais de [como se não bastasse (x)]; Propriedades construcionais de [com isso]; a coesão híbrida nas construções investigadas; A relação entre a localização da construção conectora e a porção encapsulada de informação precedente; Considerações finais. Por fim, incluímos as referências bibliográficas.

Fundamentação teórica e procedimentos metodológicos

A Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, LFCU – (cf. CUNHA et al., 2013; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; entre outros) é um modelo que serve à descrição gramatical das línguas naturais com base em dados empíricos do uso linguístico. A LFCU, assim como as outras abordagens funcionalistas, enxerga a gramática como uma estrutura emergente, constantemente suscetível à variação e à mudança por pressões do uso, e, por isso, considera o discurso e a pragmática em suas análises. Diferencia-se das outras abordagens funcionalistas por conceber a língua como um inventário de construções e por dar a mesma relevância ao estudo das propriedades formais e funcionais em suas análises. Nessa abordagem, sustenta-se a ideia de que forma e função sejam ligadas por um elo simbólico, indissociável, de modo que não haja, em nenhuma língua natural, forma destituída de função. Como ilustração, podemos citar os estudos de Goldberg (1995) sobre as construções de estrutura argumental, que, apesar de altamente abstratas/virtuais, apresentam uma semântica convencional:

1. Ditransitiva	X CAUSA Y A RECEBER Z	Suj V Obj1 Obj2
		Pat faxed Bill the letter.
		(Pat mandou uma carta para Bill).

Quadro 1 – a construção ditransitiva e a construção de movimento causado.
Fonte: Goldberg (1995, p. 3)

Acima, temos a representação esquemática da construção ditransitiva [Suj V Obj1 Obj2]. Apesar de essa estrutura parecer, num primeiro momento, destituída de conteúdo semântico – uma vez que revela apenas morfossintaxe em sua superfície –, ela não o é. Há um sentido altamente abstrato, de transferência de um objeto para um beneficiário, que se realiza em todos os usos concretos. Sendo assim, independentemente do verbo selecionado na construção, o sentido de transferência da A para B está presente: *ele comprou/enviou/escreveu/leu um cartão para a namorada*.

Nessa perspectiva, a unidade básica de análise linguística é a construção, definida como um pareamento de forma-função (cf. FILLMORE e KAY, 1993; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; entre outros). Para compreendermos melhor o que constitui forma e função nesse paradigma, recorreremos à representação simbólica da construção, elaborada por Croft (2001:18), na medida em que é um modelo robusto, amplamente empregado e referenciado nos estudos construcionistas:

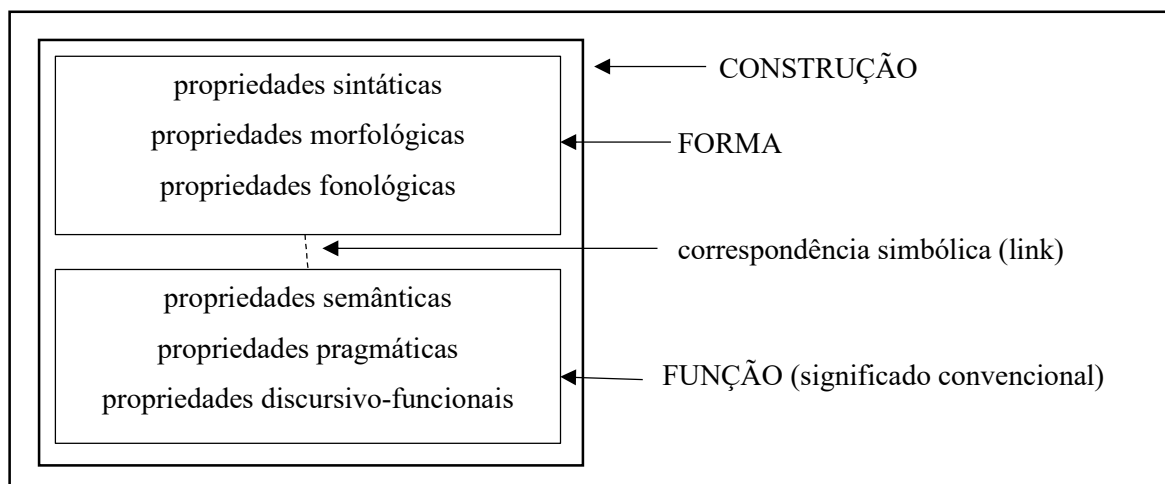


Figura 1 – a estrutura simbólica da construção.

Fonte: Croft (2001, p.18)

Como é possível verificar, cada uma das contrapartes da construção apresenta um conjunto de três propriedades. No polo formal, há as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; no funcional, as semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Sob essa ótica, uma descrição abrangente das construções linguísticas, com vistas à generalização, deve prever um estudo pormenorizado de todos esses aspectos.

Para este trabalho, porém, optamos por não investigar as propriedades fonológicas. Embora seja possível pensar em hipóteses que sirvam à identificação de propriedades sonoras, como, por exemplo, a existência de ênfase entoacional em [como se não bastasse (x)], todos os dados analisados são da modalidade escrita. Por isso, atemo-nos, aqui, apenas a cinco propriedades: duas formais (morfológicas e sintáticas) e três funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Abaixo, relacionamos os fatores que foram empregados como critérios de análise de acordo com cada propriedade construcional:

F O R M A	propriedades morfológicas	- categorias linguísticas de função encapsuladora que ocupam o <i>slot</i> x na construção [como se não bastasse (x)], como pronomes e substantivos abstratos (que exercem o papel de nominalizações).
	propriedades sintáticas	- a posição assumida pela construção conectora: se interoracional, interperíodo ou interparágrafo. - porção da informação recuperada (encapsulada) pela expressão conectora.
F U N Ç Ã O	propriedades semânticas	- o valor semântico atribuído à construção conectora.
	propriedades pragmáticas	- o papel do contexto linguístico para a atribuição de determinadas relações semânticas, altamente dependentes do entorno linguístico. - a postura epistêmica do falante em relação ao conteúdo enunciado.
	Propriedades discursivo-funcionais	- as funções argumentais dos conectores em relação à estrutura composicional do gênero e/ou da sequência tipológica. - as sequências predominantes em que as construções se apresentam.

Quadro 2 – fatores da análise.

Fonte: os autores

No que tange às propriedades formais, a identificação da categoria linguística foi planejada apenas para o *slot* X da construção [como se não bastasse (x)] porque ele é o único elemento variável, que, quando preenchido, pode ser ocupado por pronomes e substantivos abstratos, termos que costumam atuar como encapsuladores de informação precedente. Vale ressaltar que, na representação, o “x” encontra-se entre parênteses porque ele não é necessariamente preenchido. Vejamos um exemplo:

(05) Querido diário, a tarde hoje está bem chata, pouco mais de um ano passou, o Outono começou, o dia está novamente nublado, os minutos não passam, o dia está escuro demais, este blog está a tempo demais com o mesmo layout, este texto não sai da minha mente, enfim, e nada nem ninguém me agradam. **Como se não bastasse**, aquela velha música insiste em tocar, do nada, sem mais nem menos, como aquele colega de classe xereta que eu sempre fui, insistindo em me meter nos pensamentos alheios, sempre com um “que?!”. (Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>> - Acesso em: 20 de jul. de 2018.)

Em (05), embora não haja um elemento ocupando o *slot* X, há remissão a conteúdo precedente, tal como ocorre nos casos em que X é preenchido por um termo encapsulador, como observamos em “tudo isso” na ocorrência (02), por exemplo. Nesta última ocorrência (05), entendemos que [como se não bastasse (x)] introduz uma informação adicional e, ao mesmo tempo, faz remissão a todo conteúdo previamente descrito. Inclusive, temos a impressão de que o termo encapsulador está disponível discursivamente: [como se não bastasse (isso)], isto é, 1) *a tarde chata*; 2) *o dia nublado e escuro demais*; 3) *o blog com o mesmo layout*; 2) *nada nem ninguém me agradar*. A nossa hipótese em relação a esse aspecto é que já se tornou tão convencional a remissão a conteúdo precedente na construção [como se não bastasse (x)], que o elemento encapsulador, normalmente um pronome demonstrativo – uma categoria vazia de significado –, tornou-se obsoleto, descartável⁸. Por esse motivo, na representação desses casos, empregamos a elipse “Ø” para mostrar que o *slot* não foi preenchido: [como se não bastasse Ø].

Ainda sobre as propriedades formais, sabemos que os aspectos sintáticos são comumente associados aos constituintes oracionais, cuja unidade máxima é o período. Neste trabalho, assumimos um ponto de vista mais expandido sobre o escopo da sintaxe, em concordância com os estudos de Haselow (2016), para quem há uma divisão entre microgramática e macrogramática. A microgramática se refere aos padrões estruturais internos à oração/frase, basicamente no nível morfossintático. A macrogramática, por sua vez, diz respeito a unidades de texto maiores, articulando estrutura de informação e coerência textual em serialização baseada, por exemplo, em: (i) planejamento de fala, (ii) processabilidade, (iii) coerência textual, (iv) inserção contextual, (v) elementos macrogramaticais. Essa perspectiva atende, por exemplo, à análise da estrutura composicional dos gêneros e ao desenvolvimento das sequências tipológicas. Pela definição, percebemos que

⁸ Trata-se apenas de uma hipótese e não buscamos prová-la neste trabalho, já que isso exigiria investigação diacrônica. No entanto, o que é pertinente aqui é a percepção de que a construção atua na conexão lógica e na remissão de conteúdo precedente, a despeito da “inexistência” de um elemento encapsulador.

esta última categoria abarca propriedades que extrapolam a sintaxe (e, por isso, são retomadas mais à frente, durante a abordagem das propriedades discursivo-funcionais). No entanto, entendemos que a macrogramática seja também pertinente à sintaxe, uma vez que trata da combinação sintagmática, uma característica básica da sintaxe. Como veremos na análise dos dados, existem posições assumidas pela construção conectora que atuam mais no nível microgramatical, como observamos na ocorrência (03), em que [com isso] estabelece conexão interoracional, como também há outras posições em que ocorrem mais no nível macrogramatical. Na ocorrência (04), por exemplo, [com isso] encabeça o início do último parágrafo e introduz tanto uma relação consecutiva (nível sintático) quanto encabeça o desfecho da narrativa apresentada (nível discursivo-funcional).

No que tange às propriedades funcionais, os aspectos semânticos e pragmáticos são analisados conjuntamente. Enquanto a construção [como se não bastasse (x)] apresenta um conteúdo semântico mais convencional (em todas as ocorrências analisadas, observamos uma noção de adição), o sentido da construção [com isso] é bastante variável, dependente de aspectos discursivos (como a sequência tipológica envolvida) e também pragmáticos (como a presença ou não de conteúdo factual, bem como a progressão temporal). Nos nossos dados, observamos que [com isso] pode ser um conector de conclusão, consequência, explicação, ou ainda, pode atuar apenas como um sequenciador. De forma breve, tratamos dessas questões na seção *propriedades construcionais de [com isso]*. Paralelamente, na análise da construção [como se não bastasse (x)], buscamos identificar a postura epistêmica, definida por Fillmore (1990) como o grau de associação (ou dissociação) mental do falante com relação ao evento descrito. Conforme veremos na próxima seção, o emprego de [como se não bastasse (x)] está amplamente associado a contextos de avaliação, de modo que, além do valor semântico *adição*, é possível atribuir-lhe uma *modalização atitudinal*⁹.

As propriedades discursivo-funcionais, por sua vez, estão associadas, em especial, às conexões interperíodos e interparágrafos. Para essa análise, retomamos os conceitos apresentados de macrogramática, previamente citados nesta seção (HASELOW, 2016). Já justificamos que a macrogramática atende não apenas à sintaxe, como também às estruturas composicionais dos gêneros textuais e ao desenvolvimento das sequências tipológicas.

⁹ A modalização atitudinal é percebida quando identificamos a presença de elementos responsáveis por encenar “a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala” (KOCH, 2015, p. 135).

De um lado, gêneros de natureza argumentativa, como o texto argumentativo, por exemplo, apresentam diferentes fases, que costumam ser delimitadas em parágrafos. Sendo assim, o emprego da construção [como se não bastasse (x)], no início de um terceiro parágrafo, por exemplo, costuma introduzir um argumento adicional à tese defendida. Paralelamente, um [com isso] iniciando o último parágrafo costuma atuar como um introdutor de conclusão (isto é, serve à macroestrutura textual, na medida em que aponta para uma conclusão elaborada com base em todas as ideias do texto).

De outro, as sequências argumentativas, mesmo quando presentes em textos que não sejam predominantemente argumentativos, têm partes distintas. Como sabemos, os parágrafos argumentativos são comumente estruturados em duas partes: uma ideia central (a que se costuma chamar de tópico frasal, normalmente constituído de um período) e uma ideia secundária (que é o desdobramento do tópico frasal, isto é, uma justificativa, uma ilustração, etc., que pode ser constituída por um ou mais períodos). Sob esse ponto de vista, construções como [como se não bastasse (x)] e [com isso], quando em posição interperíodo, tendem a introduzir as ideias secundárias do parágrafo.

Em síntese, a macrogramática atua tanto nas propriedades sintáticas quanto nas discursivo-funcionais porque: a) estabelece combinação sintagmática, possibilitando a progressão textual a partir do encadeamento lógico, e faz remissão a conteúdo precedente, em diferentes porções do texto (aspecto sintático); b) exerce funções argumentais, na medida em que introduzem uma unidade textual – um argumento, a conclusão de um texto, ou ainda, as ideias secundárias de um parágrafo – (aspecto discursivo-funcional).

Por fim, as propriedades discursivo-funcionais também compreendem as sequências tipológicas predominantes em que as construções ocorrem.

Para esta pesquisa, levantamos 60 ocorrências do *Corpus Now*, disponível no site *O Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org). Trata-se de um *corpus* atual, bastante extenso (contém aproximadamente 1.1 bilhão de palavras), constituído de textos da esfera jornalística entre o período de 2012 a 2019. Entendemos que a sua escolha é pertinente, na medida em que as construções analisadas são abundantes em gêneros de sequência narrativa, expositiva e argumentativa. Como critério de seleção, escolhemos as dez primeiras ocorrências para cada tipo de conexão, tanto para a construção [como se não bastasse (x)] quanto para a construção [com isso], como podemos verificar abaixo:

	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS	
	[como se não bastasse (x)]	[com isso]
Conexão interoracional	10	10
Conexão interperíodo	10	10
Conexão interparágrafo	10	10
TOTAL	30	30

Quadro 3 – frequência das construções [como se não bastasse (x)] e [com isso]

Fonte: os autores

No nosso ponto de vista, esse método de seleção se justifica porque buscamos relacionar a posição da construção à porção encapsulada de informação precedente – mesmo nos casos em que o *slot X* não é preenchido, como vimos em (05). Além disso, essa estratégia também se mostrou necessária porque a maior parte das conexões disponíveis no *corpus* interligam períodos. As conexões interparágrafos são menos frequentes; as conexões interoracionais, mais raras.

Propriedades construcionais de [como se não bastasse (x)]

[como se não bastasse (x)] é um conector que introduz um valor de adição em relação ao conteúdo precedente, no qual se pode inferir a postura epistêmica do falante, quer positiva ou negativa (cf. FILLMORE, 1990 a, b)¹⁰. Apresenta-se, predominantemente, em sequências expositivas, argumentativas e narrativas. Vejamos, como ilustração, duas ocorrências.

- (06) Talvez Pedro já estivesse irritado o bastante para alguém pedir o barco dele para pregar, porém ele fez o que Jesus lhe disse. Quando Jesus acabou de pregar, disse a Pedro para lançar as redes ao mar. Pedro poderia pensar “Jesus está de palhaçada comigo”, mas ele ouviu e obedeceu a direção do Mestre. O resultado de ouvir a direção de Jesus foi uma pesca maravilhosa de forma que as redes se rompiam e Pedro teve até que pedir a ajuda dos pescadores do outro barco. Como se não bastasse os dois barcos foram completamente cheios de peixe a ponto de quase afundarem. Deus é maravilhoso, você não acha? Deus é

¹⁰ AUTORA 2, em sua dissertação de mestrado, identificou ocorrências em que é mais difícil identificar a postura epistêmica (se positiva ou negativa). Isso se deve ao fato de, nesses casos, a construção [como se não bastasse (x)] ocorrer em sequências expositivas, em que não observamos no contexto linguístico a existência de elementos apreciativos, em virtude do emprego de uma linguagem mais objetiva e impessoal.

poderoso para transformar toda situação desfavorável em uma pesca maravilhosa em sua vida. (Disponível em: <<http://www.viveremverdade.com.br/devocional/index.php?id=24/>>. – Acesso em: 03 de jul. de 2018).

- (07) O fiasco de Salve Jorge ao sucesso estrondoso de Avenida Brasil, mas não tem nada a ver. Claro que AB foi uma novela com qualidade ímpar, onde tudo foi um acerto, mas a questão é uma só: SALVE JORGE não teve história. Dezenas de personagens sem história e atores excelentes com participação pífia. Outro erro gritante foi o casal principal: Nanda Costa não comprometeu mas também não surpreendeu. Rodrigo Lombardi, péssimo ator não tem cacife para protagonista. Cenário Brasil/Turquia remetendo o público a tramas já apresentadas, e, **como se não bastasse** furos e mais furos absurdos no roteiro chegando a questionar a inteligência do público. Os poucos aplausos são para Giovana Antonelli; Totia Meireles e Dira Paes, que tiraram leite de pedra e mesmo em uma novela tão ruim conseguiram fazer um excelente trabalho. (Disponível em: <<http://blob.jovempan.uol.com.br/parabolica/salve-jorge-termina-com-a-pior-audiencia-dos-ultimos-anos-sem-respostas-e-com-problema-de-fuso-horario/>> - Acesso em: 10 de jul. de 2018).

Em (06), [como se não bastasse Ø] é um conector interperíodo, que ocorre em uma sequência narrativa e adiciona informações aos fatos apresentados no trecho precedente (*Talvez Pedro já estivesse ... os pescadores do outro barco*). Podemos perceber a presença de uma postura epistêmica positiva, em virtude da existência, no contexto linguístico, de elementos apreciativos como “maravilhosa” (*uma pesca maravilhosa*), “maravilhoso” (*Deus é maravilhoso*) e “poderoso” (*Deus é poderoso*). Trata-se de um contexto em que é possível notar um alto grau de intersubjetividade¹¹, pois o falante busca a adesão do leitor sobre aquilo que diz. Em (07), [como se não bastasse Ø] é um conector interoracional, presente em uma sequência argumentativa, que adiciona informações à oração *Cenário Brasil/Turquia remetendo o público a tramas já apresentadas*. Verificamos a existência de uma postura epistêmica negativa por meio do emprego de elementos que evidenciam uma atitude psicológica negativa do falante, tais como: *participação pífia, erro gritante, péssimo ator, furos e mais furos absurdos*.

Outras duas características pertinentes à construção [como se não bastasse (x)] são as seguintes: a) sua relativa mobilidade: pode conectar orações, períodos e parágrafos; b) seu escopo remissivo: pode encapsular informações de diferentes extensões (orações, períodos e parágrafos). Vejamos uma ocorrência:

¹¹ Para Traugott e Dasher (2002, p. 20), “a intersubjetividade se dá no relacionamento entre falante/ouvinte – escritor/leitor, em que cada participante é um sujeito falante que está ciente do outro participante como sujeito falante. Sob esse ponto de vista, é possível notar, no contexto linguístico, a representação da perspectiva ou do ponto de vista dos falantes”.

(08) Ao todo, são 45 figuras – todas mortas – denunciadas no livro, que surge como uma continuação da rubrica radiofônica apresentada pelos autores na catalã RAC 1. A premissa: apenas do que aparentemente se convencionou, nem todos os falecidos são bons – nem mesmo aqueles que durante anos (ou décadas) têm sido idolatrados e dados como exemplos de bondade ou genialidade.

Voltemos a Gandhi: segundo Otero e Giménez, o indiano terá escrito, nos tempos em que trabalho como advogado na África do Sul, que a raça branca deveria ser a predominante naquele país; e que “os europeus tentam colocar os indianos ao nível dos negros, que a única coisa que sabem fazer é caçar e cuja única ambição é ter gado suficiente para comprar uma mulher.

Como se não bastasse, também de acordo com os jornalistas espanhóis, já na fase final da vida o indiano-símbolo de paz terá ainda sido acusado de dormir com raparigas nuas, incluindo a mulher de um dos seus sobrinhos, na altura com apenas 17 anos. (Disponível em: <<https://observador.pt/2019/06/26/gandhi-era-racista-einstein-batia-na-mulher-e-madre-teresa-adorava-dinheiro-livro-revela-o-lado-negro-de-personalidades-idolatradas/>> - Acesso em: 10 out. 2020).

Em (08), temos um dado extraído de um texto que apresenta “o lado negro” de personalidades idolatradas. A construção [como se não bastasse Ø] está localizada no início do último parágrafo. Embora não haja a presença de um elemento de função encapsuladora, a construção faz remissão a um conteúdo precedente; no caso, às informações expressas no parágrafo anterior. O escopo se limita ao segundo parágrafo porque diz respeito, especificamente, à vida de Gandhi, dado que não é tratado no primeiro parágrafo. É possível observar que, nessa ocorrência, [como se não bastasse Ø] apresenta uma função mais argumental, já que a adição está a serviço da macrogramática (introduz um novo argumento no texto). Nas ocorrências (06) e (07), descritas anteriormente, temos, respectivamente, um conector interperíodo (que faz remissão a conteúdo presente nos 4 períodos antecedentes) e um conector interoracional (que remete à oração anterior do próprio período).

Em resumo, a partir das análises apresentadas, chegamos às seguintes propriedades construcionais de [como se não bastasse (x)]:

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Morfológicas	- Formada pela conjunção comparativa “como” + conjunção condicional “se” + advérbio de negação “não” + verbo “basta” no imperfeito do subjuntivo; - o slot X pode ser preenchido por elementos de função encapsuladora, como pronomes e substantivos abstratos (sobretudo, deverbais).
	Sintáticas	- Relativa mobilidade. Pode conectar orações, introduzir períodos e parágrafos; - Faz remissão a diferentes porções textuais.

FUNÇÃO	Semânticas	- Expressão de adição.
	Pragmáticas	- Presença de intersubjetividade na relação falante-leitor; - É possível identificar a postura epistêmica do falante (positiva ou negativa).
	Discursivo-funcionais	- Assume funções mais argumentais, a serviço da macrogramática; - Ocorre predominantemente em sequências expositivas, argumentativas e narrativas.

Quadro 4 – propriedades construcionais de [como se não bastasse (x)].

Fonte: AUTORA 2 (2020) - adaptado.

Propriedades construcionais de [com isso]

[com isso] também é um conector polissêmico, na medida em que introduz relações de conclusão, consequência e explicação. Também pode atuar como um sequenciador, quanto atua apenas na progressão temporal e, por isso, não lhe atribuímos um valor semântico de natureza lógica e/ou discursiva. Apresenta-se em sequências expositivas, argumentativas e narrativas. Assim como a construção [como se não bastasse (x)], tem relativa mobilidade – podendo conectar orações, períodos e parágrafos – e pode encapsular informações precedentes de diferentes extensões. Como ilustração, vejamos quatro ocorrências:

- (09) Em parte, isso, acontece graças à taxa de atualização da imagem de 120 Hz. Isso, aliás, é positivo também para quem joga games, que terá mais velocidade de imagem do que em modelos de 60 Hz.

Se a sua reclamação em relação a TVs 4K é a ausência de conteúdos compatíveis, as fabricantes desenvolvem há anos uma tecnologia chamada upscaling. Ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD. **Com isso**, a experiência de ver até mesmo TV aberta em um modelo 4K é melhor do que em um Full HD e isso pode ser notado com facilidade pelos consumidores. (Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/review-qlcd-tv-q80-reune-melhores-recursos-de-imagem-e-tem-app-da-apple/>> - Acesso em: 10 out. 2020.).

- (10) A primeira prova do fim de semana foi disputada no fim da tarde de sábado. Sérgio, após uma largada, pulou para o sexto lugar, mas, ainda, na primeira curva, voltou ao sétimo posto, ao evitar um toque no concorrente à sua frente. Em uma prova muito bem planejada, o piloto foi rápido nos primeiros giros e, **com isso**, não demorou a atacar seus adversários. (Disponível em: http://www.jornaldasavassi.com.br/ver_noticia/7211-Sergio_Sette_leva_Brasil_ao_alto_do_podio_na_Austria.html> - Acesso em: 10 out. 2020.
- (11) Há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, dando-lhes uma nova utilização e uma nova vida. **Com isso**, queremos contribuir para manter

a nossa história e valorizar o nosso patrimônio, porque o futuro do turismo e do país dependem disso, do que nos diferencia. (Disponível em: < <https://www.mundolusiada.com.br/turismo/grupo-portugues-abre-hotel-em-predio-historico-de-elvas/>> - Acesso em: 10 out. 2020.

- (12) E para integrar os intérpretes de Libras no vídeo foi necessário um trabalho de um mês e meio, pois tudo foi analisado pela instrutora de Libras, Maria Elisa Galvão, para o direcionamento correto do vídeo produzido.

Com isso, os alunos assistiram a um material que traz curiosidades sobre o campeonato mundial, como a criação da logomarca oficial para o Brasil e também a produção de vídeo da Fuleco, mascote oficial da Copa do Mundo 2014. (Disponível em: < <https://www.vidamaislivre.com.br/2014/06/17/prefeitura-de-guaruja-sp-adapta-material-sobre-a-copa-para-alunos-surdos-do-municipio/>> - Acesso em: 10 out. 2020.

Em (09), temos um texto de natureza argumentativa, que visa a defender as vantagens em se ter uma TV 4K, mais especificamente, procura fazer com que o interlocutor acredite na qualidade da TV. [com isso] estabelece uma relação de conclusão, que é um tipo de implicação lógica (P portanto Q), em que o enunciador ou interlocutor visa a construir um ponto de vista a partir de premissas (sendo uma explícita e outra implícita). No exemplo em questão, podemos identificar uma premissa explícita (*ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD*), inferir uma premissa implícita (o consumidor busca uma TV que tenha a melhor qualidade de imagem) e reconhecer a conclusão (*os consumidores notam facilmente a superioridade das TVs 4K em relação ao modelo Full HD*). Está em posição interperíodo e o elemento “isso” encapsula o período anterior: *ela faz uma melhoria automática de imagem, que a torna superior ao padrão Full HD*.

Em (10), temos uma sequência narrativa. [com isso] apresenta valor consecutivo, na medida em que há uma causa (*o piloto foi rápido nos primeiros giros*) e uma consequência expressa (*com isso, não demorou a atacar seus adversários*). A consequência prototípica se diferencia da conclusão prototípica¹² por dois aspectos: é mais factual e estabelece progressão temporal – há anterioridade na relação causa e consequência. Está em posição interoracional e o elemento “isso” encapsula a oração anterior: *o piloto foi rápido nos primeiros giros*.

¹² Assim como todas as categorias linguísticas, os domínios funcionais – como conclusão e consequência – também possuem propriedades prototípicas. Quando nos referimos aqui à consequência e à conclusão prototípicas, atemo-nos aos exemplares da categoria. Neste trabalho, optamos por não tratar das ocorrências menos prototípicas, em virtude de nossos objetivos e do espaço de texto de que dispomos.

Em (11), temos uma sequência expositiva. [com isso] introduz uma semântica de explicação e apresenta um valor análogo ao dos conectores coordenativos explicativos (apesar das diferenças morfossintáticas, uma vez que se apresenta em um nível transfrásico, no início de um período). Poderíamos, inclusive, dizer: “há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, **pois** queremos contribuir para manter a nossa história”. O valor semântico explicação se justifica porque não há ideia de conclusão (não há uma implicação lógica – P portanto Q – derivada de premissas) nem de consequência (não há relação temporal – de anterioridade e posterioridade – entre os períodos, aos quais seja possível atribuir, respectivamente, uma semântica de causa e outra de consequência). Está em posição interperíodo e o elemento “isso” remete a todo o período anterior: *há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, dando-lhes uma nova utilização e uma nova vida.*

Por fim, em (12), [com isso] atua como um sequenciador. Há um fato adicional apresentado, temporalmente encadeado: desenvolveu-se uma atividade para a inserção do trabalho dos intérpretes de Libras; em sequência, os alunos assistiram a um material que traz curiosidades sobre o campeonato mundial. É um sequenciador, e não um conector típico, porque não podemos atribuir-lhe uma relação lógico-semântica (consequência) nem discursivo-argumentativa (conclusão, explicação)¹³. Na ocorrência, [com isso] promove apenas o encadeamento temporal dos acontecimentos.

Cabe frisar que, em virtude da polifuncionalidade – [com isso] pode atuar como conector ou sequenciador – e da polissemia, a classificação categorial e semântica de [com isso] depende, em grande parte, do contexto linguístico. A distinção entre conclusão e consequência, por exemplo, está associada à factualidade e à progressão temporal. A conclusão prototípica¹⁴ se apresenta em sequências argumentativas, que se caracteriza pela apresentação de temas, com pontos de vista expresso, em caráter atemporal. Sendo assim, a relação entre P e Q não é estabelecida por uma sequência cronológica. Além disso, por pertencer ao campo das ideias (e não dos fatos), a conclusão é menos factual. A consequência

¹³ A divisão dos conectores em lógico-semânticos ou discursivo-argumentativos é atribuída aos estudos de Ducrot (1973), que separa a operação que consiste em ligar as asserções (lógico-semânticas), daquelas que apresentam uma função retórica ou argumentativa (discursivo-argumentativas).

¹⁴ Identificamos, nos dados, um segundo tipo de conclusão (não prototípico, menos frequente), em que se estabelece uma relação de conclusão com base em um fato. Nesses casos, é possível notar uma relação temporal entre o fato e uma ideia que se defende (cuja ação só pode ocorrer posterior ao fato ocorrido). Para esses casos, o traço distintivo entre conclusão e consequência é o da factualidade.

encontra-se em sequências expositivas e/ou narrativas, sempre apresenta uma relação de anterioridade e posterioridade (a causa é anterior à consequência) e o conteúdo expresso é mais factual.

A explicação ocorre em sequências expositivas e tem como objetivo esclarecer e/ou justificar uma informação previamente apresentada. Tem seu valor semântico atribuído tanto por um critério formal – fazendo-se as adaptações necessárias, é possível substituir a construção pelo conector coordenativo explicativo *pois* –, quanto pela impossibilidade de atribuir-lhe os valores de conclusão (não há uma implicação lógica derivada de premissas) nem de consequência (não há relação causal nem progressão temporal entre as informações encadeadas pela construção). Por fim, atribui-se à classificação de sequenciador quando, em sequência narrativa, observamos apenas a progressão do tempo, sem que seja possível a atribuição de um valor lógico-semântico ou discursivo-argumentativo.

Em resumo, a partir das análises apresentadas, chegamos às seguintes propriedades construcionais de [com isso]:

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Morfológicas	- Formado por dois elementos: a preposição “com” e o pronome demonstrativo “isso”; - pode atuar como conector e/ou sequenciador.
	Sintáticas	- Relativa mobilidade. Pode conectar orações, introduzir períodos e parágrafos; - Faz remissão a diferentes porções textuais.
FUNÇÃO	Semânticas	- Como conector, é polissêmico, podendo expressar semântica de conclusão, consequência e explicação. - Como sequenciador, apenas estabelece a progressão temporal entre os fatos narrados.
	Pragmáticas	- Devido à polissemia e polifuncionalidade (conector e sequenciador), sua classificação semântica e funcional depende dos elementos contextuais.
	Discursivo-funcionais	- Assume funções mais argumentais, a serviço da macrogramática; - Ocorre em sequências expositivas, argumentativas e narrativas.

Quadro 5 – propriedades construcionais de [com isso].

Fonte: os autores.

A coesão híbrida nas construções investigadas

Adotamos o termo *híbrido* para designar a interseção entre a coesão sequencial e a referencial. Essa escolha se justifica porque lidamos com duas construções complexas que apresentam propriedades dos dois processos coesivos: há elementos que promovem um encadeamento lógico – a preposição *com* e as conjunções comparativa *como* e condicional *se* – bem como termos encapsuladores, como o pronome demonstrativo *isso* ou substantivos abstratos, como os nomes deverbais, que nominalizam predicções do texto, transformando-os em objetos do discurso.

Podemos definir encapsulador como um elemento coesivo pelo qual “um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto” (CONTE, 2003, p. 177). Constituído por um nome geral como núcleo lexical, o encapsulador promove a transformação de parte de uma predicção, uma predicção inteira ou segmentos maiores de texto em objetos de discurso (em referência). Vejamos dois exemplos:

- (13) Um dia essa amiga, que chamarei de Maria, chegou para mim e falou: Flávia! “Estou namorando”. Olhei para ela e pisquei algumas vezes sem saber se dizia meus parabéns ou meus pêsames. Optei pelo primeiro. Ela me contou que o havia conhecido pela internet. Já achei aquilo a princípio estranho. Porém disse aquela velha frase que sempre me salvou: “Poxa, que legal”. Fiquei um pouco apreensiva por ela. Era estranho conhecer alguém pela internet, de outro estado, e **como se não bastasse todas essas loucuras**, ainda namorar a mesma. Era muita coisa para a minha cabecinha. Eu, que sou uma pessoa muito querida e de fácil convivência (sério), já achava que namorar perto já era problemático demais, imagine namorar alguém que você não sabe nem se mora no estado que diz morar. (Disponível em: <<http://baratakiller.com/index.php/non-sense/205-pensei-que-era-um-gato>> - Acesso em: 05 jul. 2018.
- (14) Com a pandemia, houve uma mudança no modelo de ensino, ainda que de forma temporária. E, mais importante, houve uma mudança na forma de se trabalhar. A maioria da população brasileira começou a trabalhar em home office. **Com isso**, as pessoas perceberam que também poderiam estudar em casa. (Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ser-educacional-ganha-forca-no-sul-e-sudeste-com-aquisicao-da-laureate/>> - Acesso em: 10 out. de 2020.

Em (13), o sintagma nominal “todas essas loucuras”, que preenche o *slot* X de [como se não bastasse (X)], tem como núcleo o substantivo abstrato “loucuras”, que faz referência a algumas predicções precedentes do texto: *estou namorando; ela me contou que o havia conhecido pela internet; era estranho conhecer alguém pela internet, de outro estado*. No

texto, só temos, de fato, referência, objeto de discurso, quando o falante emprega o termo “loucuras”, uma vez que referência e/ou objeto de discurso são constituídos por sintagmas nominais, que são categorias passíveis de se tornarem tópicos discursivos na progressão temática do texto. É exatamente por esse motivo que “todas essas loucuras” atua como um mecanismo de encapsulamento. Paralelamente a esse fato, a primeira parte da construção, a estrutura “como se não bastasse”, promove a sequenciação textual, por meio de uma semântica de adição. Por conseguinte, enquanto a primeira parte da construção – “como se não bastasse” – promove a coesão sequencial, a segunda – “todas essas loucuras” – promove a coesão referencial.

Em (14), o pronome demonstrativo “isso” encapsula todo o conteúdo presente no período anterior: *a maioria da população brasileira começou a trabalhar em home office*. Assim como *loucuras*, em (13), o elemento “isso” é responsável pela construção de um objeto de discurso, ao transformar, durante o desenvolvimento discursivo, uma predicação em referência, em tópico discursivo. Ademais, a preposição “com” introduz um valor consecutivo: há uma relação de causa e consequência entre os conteúdos presentes nos dois períodos (*as pessoas perceberam que também poderiam estudar em casa PORQUE a maioria da população brasileira começou a trabalhar em home office*), cujas ideias apresentam uma progressão temporal (a causa é anterior à consequência) e cujos conteúdos pertencem ao universo mais factual.

Vale ressaltar que, a despeito de o *slot X* de [como se não bastasse (x)] nem sempre ser preenchido, em todos os dados, observamos sempre uma remissão a conteúdo precedente do texto, como podemos observar em (15), em que [como se não bastasse Ø] remete ao conteúdo da oração anterior: “O software não precisa de instalação”:

- (15) Profissionais que editam áudio e até quem gosta de brincar com esse tipo de ferramenta conhece o renome de Audacity, um dos editores mais poderosos do mercado, que além de gratuito é em português. Agora, essa poderosa ferramenta vem ao auxílio de quem não trabalha em somente um PC. O software não precisa de instalação e, **como se não bastasse**, é possível rodá-lo diretamente do pendrive. Para isso basta baixar Audacity Portable, descompactar o arquivo e indicar o pendrive como o caminho da descompactação. Pronto! (Disponível em: <<http://www.baixaki.com.br/download/audacity-portable.html>> - Acesso em: 05 jul. 2018.

A relação entre a localização da construção conectora e a porção encapsulada de informação precedente

Nos dados, verificamos uma correlação entre a localização da construção conectora e o escopo remissivo do encapsulamento por ela promovido. Construções que atuam no nível microgramatical (HASELOW, 2016), como a conexão interoracional, apresentam escopo remissivo reduzido: restringem-se a uma ou mais orações do mesmo período. Por sua vez, construções que atuam no nível macrogramatical, como a conexão interperíodo e interparágrafo, apresentam escopo remissivo mais amplo: as conexões interperíodos remetem a um ou mais períodos anteriores, ao passo que as conexões interparágrafos remetem a um ou mais parágrafos anteriores¹⁵. Abaixo, vemos o quadro que sintetiza a relação existente entre localização da construção e a porção de texto encapsulada nas construções [como se não bastasse (x)] e [com isso]:

	[como se não bastasse (x)]		
	Posição Interoracional	Posição Interperíodo	Posição Interparágrafo
Remissão à oração anterior do mesmo período.	4		
Remissão a duas ou mais orações no mesmo período.	6		
Remissão ao período anterior.		3	
Remissão a dois ou mais períodos anteriores.		4	
Remissão a períodos do próprio parágrafo e de outros parágrafos.		3	
Remissão ao parágrafo anterior.			5
Remissão a dois ou mais parágrafos anteriores.			5
TOTAL	10	10	10
	[com isso]		
	Posição Interoracional	Posição Interperíodo	Posição Interparágrafo
Remissão à oração anterior do mesmo período.	7		
Remissão a duas ou mais orações no mesmo período.	3		

¹⁵ No intuito de identificar mais adequadamente o escopo remissivo nas conexões interperíodos e interparágrafos, selecionamos apenas ocorrências em que a expressão conectora apresenta dois ou mais períodos antecedentes (no caso da conexão interperíodo), bem como dois ou mais parágrafos prévios (no caso da conexão interparágrafo).

Remissão ao período anterior.		4	
Remissão a dois ou mais períodos anteriores.		6	
Remissão a períodos do próprio parágrafo e de outros parágrafos.		0	
Remissão ao parágrafo anterior.			8
Remissão a dois ou mais parágrafos anteriores.			2
TOTAL	10	10	10

Quadro 6 – relação entre a localização das construções investigadas e o escopo remissivo do encapsulamento.

Fonte: os autores.

Com base nas informações contidas no quadro 5, elaborado com base na frequência *token*¹⁶ das construções estudadas, constatamos que os dados apresentados apontam para a existência de uma relação direta entre posição da construção e a quantidade de informação por ela encapsulada. Sendo assim, quanto menor a unidade informacional em que ocorre a construção conectora (se conecta só orações, por exemplo), menor é quantidade de informação encapsulada. Analisemos, inicialmente, as ocorrências (16) e (17), logo abaixo:

(16) Essas pessoas deveriam ter consciência e perceber que não existe manifestação sem o vandalismo, infelizmente a realidade é essa. Tenho é VERGONHA de morar em um país que me rouba todos os dias de forma inaceitável. MINHA PRÓPRIA NAÇÃO ME ROUBANDO?? Realmente, QUE PAÍS É ESSE? Brasileiro é como filho rebelde. Gosta de contrariar mas não sai debaixo da saia do papai. Esse governo nada mais é que o retrato do povo. Elegem sempre os mesmos. Foram eleições em meio a debandada de pura corrupção, e **como se não bastasse** continuaram elegendo a massa podre de políticos. O Brasil tá reclamando do que agora? Errar é humano, persistir no erro é pura burrice. (Disponível em: <<http://aredacao.com.br/colunas/28473/pablo-kossa/o-mito-do-protesto-pacifico>> - Acesso em: 10 dez. 2019).

(17) O menu de degustações é, aliás, prova disso. A leveza de um weiss une-se a um tapilhau (tapioca, bacalhau à Brás e pesto), uma pepita de alheira casa com os fumados caramelizados de uma red ale, um queijo empanado com mel e alecrim fumado entre rúculas digladiam amargores e derretimentos com uma Neipa forte em lúpulo e, **como se não bastasse**, um brownie que à partida parece muito seco ilumina-se na umidade poderosa de uma stout produzindo notas de fumados, torrados, baunilha e café ou castanhas. (Disponível em: <http://www.publico.pt/2019/03/08/fugas/noticia/cevejarria-canil-erveja-nao-ladra-morde-1864279>> - Acesso em: 20 out. 2020).

Em (16), [como se não bastasse Ø] encontra-se em posição interoracional e remete ao conteúdo expresso na primeira oração do período: “Foram eleições em meio a debandada de

¹⁶ Por frequência *token*, compreendemos a quantidade de dados empíricos analisados. Nesta pesquisa, selecionamos 30 ocorrências para cada uma das construções estudadas.

pura corrupção”. Em (17), a construção encontra-se num período em que é precedida por três orações – [a leveza de um weiss une-se a um tapilhau (tapioca, bacalhau à Brás e pesto)], [uma pepita de alheira casa com os fumados caramelizados de uma red ale], [um queijo empanado com mel e alecrim fumado entre rúculas digladiamargores e derretimentos com uma Neipa forte em Lúpulo] – e faz remissão a todas elas. Nos nossos dados, a remissão em nível interoracional está relacionada à quantidade de orações que precedem [como se não bastasse (x)] no mesmo período. Quando há somente uma oração antecedente, apenas ela é encapsulada; quando há mais orações, todas elas são encapsuladas, até mesmo porque, nos dados investigados, todas as orações precedentes em um mesmo período pertencem a uma mesma sequência tipológica.

Vejamos, agora, três ocorrências que atuam na conexão interperíodo:

- (18) Recentemente, em entrevista ao Bom Dia Rio, da Rede Globo, Witzel falou sobre o quadro de servidores da corporação. “A Polícia Civil estava completamente desestruturada. O efetivo está hoje em um terço. Mas, estamos com concurso previsto para delegado e policial. **Com isso**, nós começamos a recompor a capacidade desses policiais de operar. Principalmente, a Polícia Judiciária”, disse o chefe do executivo estadual. (Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/noticias-concursos/edital-para-perito-criminal-e-autorizado-com-salario-de-até-r8-46934/> - Acesso em: 20 out. 2020).
- (19) Jimmy Butler vai para o Miami Heat! O time da Flórida receberá o ala-armador em uma chamada sign-and-trade com Philadelphia 76ers, segundo Adrian Wojnarowski, da ESPN americana. **Com isso**, Philly receberá em troca Josh Richardson. O valor da extensão será de US\$ 142 milhões por quatro anos. (Disponível em: <https://www.theplayoffs.com.br/nba/jimmy-butler-acerta-contrato-com-miami-heat/> - Acesso em: 20 out. 2020).
- (20) Em lista resumida, o abafa no Coaf se consumou, o Brasil perdeu mercado internacional para a China, a Ford vai embora, sem contar notícias de crimes eleitorais confessos, candidatos laranjas, lambança em cartões corporativos e uso de dinheiro público para disseminar ódio nas redes sociais.
 Em provável revelia daquele contingente, teve até vídeo pornô e, para coroar o “golden shower” do desgoverno, o ministro da Justiça (toma lá dá cá) teve reunião secreta com fabricantes de armas. **Como se não bastasse**, surge a recém-criada Fundação Casa de Mãe Joana, que é um trambique com dinheiro da Petrobras. (Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/fundacao-casa-de-mae-joana-a-parte-ou-governo-golden-shower-por-armando-coelho-neto/> - Acesso em: 20 out. 2020).

Em (18), [com isso] conecta dois períodos: [Mas, estamos com concurso previsto para delegado e policial] e [nós começamos a recompor a capacidade desses policiais de operar]. Sustentamos que a remissão é a somente um período por questões de natureza argumental. O

período anterior introduz uma reorientação argumentativa, por meio de um conector adversativo, além de um novo tópico discursivo: o concurso para delegado e policial. Em (19), há um escopo remissivo maior, já que [com isso] encapsula a informação de dois períodos – [Jimmy Butler vai para o Miami Heat], [O time da Flórida receberá o ala-armador em uma chama sign-and-trade... da ESPN americana]. Acreditamos que isso se deva à manutenção temática: Jimmy Butler é apresentado no primeiro período e retomado no segundo. Em (20), por sua vez, [como se não bastasse Ø], embora esteja em posição interperíodo, encapsula informações não só dos períodos anteriores, como também do parágrafo anterior. No nosso ponto de vista, isso se deve ao direcionamento argumentativo do texto. Todas as informações precedentes são críticas a ações passadas do Governo Federal e [como se não bastasse Ø] adiciona mais uma, agora por meio de um dado novo.

Por fim, vejamos duas ocorrências que atuam na conexão interparágrafo:

- (21) No dia 1º de fevereiro de 2011 o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (CFOAB) propôs, junto à Suprema Corte Brasileira, uma Ação Direta de Inconstitucionalidade em que foi questionada as emendas que introduziram e modificaram a Constituição do Estado do Amazonas, tendo em vista que concediam o pagamento de subsídio vitalício para os ex-governadores do Estado.

A ação, conforme o MP-AM, foi julgada “prejudicada, por perda do objeto, devido à comprovada revogação dos dispositivos impugnados com a Edição da Emenda Constitucional no 75 do Estado do Amazonas”.

Com isso, foi revogada no ano de 2011 a Emenda Constitucional que dava ensejo à concessão do benefício para o ex-governador. “Tornou-se, de forma superveniente, ilegal e ilegítimo, devendo, portanto, ser declarado nulo pelo Judiciário e seus efeitos concretos extintos pelo bem do direito e pela preservação do Erário Estadual”, diz o MP no pedido. (Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/06/28> > - Acesso em: 20 out. 2020).

- (22) De cara, o Exército enviou sinais sutis. Promoveu para o lugar de Ramos o ex-chefe da segurança presidencial de Dilma Rousseff, uma função técnica, mas que soa como pecado para ouvidos bolsonaristas pela associação à ex-mandatária petista.

Mais importante, nesta semana o Alto Comando escolheu dois generais da turma de 1981 da Academia das Agulhas Negras para ganhar a quarta estrela. O porta-voz presidencial, Otávio do Rêgo Barros, foi preterido e deverá encaminhar-se à reserva.

Com isso, a Força busca afastar-se um pouco do governo. Isso não quer dizer que a ala ideológica tenha ganho mão livre para agir naquilo que os militares consideram seu território, como ações com repercussão na defesa nacional. (Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2019/06/30/interna_politica,793399 >. – Acesso em: 20 out. 2020).

Em (21), [com isso] introduz o terceiro parágrafo do texto e remete às informações presentes no segundo parágrafo, isto é, à ação julgada prejudicada pelo Ministério Público de

Amazonas. Em (22), por sua vez, [com isso] remete-se aos dois parágrafos anteriores, em virtude da manutenção de um mesmo tópico discursivo: ambos os parágrafos têm como tema o Exército Brasileiro.

Considerações Finais

As sessenta ocorrências empíricas analisadas nesta pesquisa evidenciam que as construções conectoras [como se não bastasse (x)] e [com isso] promovem um processo de coesão que pode ser categorizado como híbrido, na medida em que atuam tanto na sequenciação lógica quanto na referenciação. De um lado, a preposição “com” e as conjunções comparativa “como” e condicional “se”, que são elementos constituintes dessas construções complexas, estabelecem a conexão lógica e/ou discursiva; de outro, o pronome demonstrativo “isso” ou, ainda, um substantivo abstrato de função nominalizadora estabelece a coesão referencial, pois transforma partes de predicacões, predicacões inteiras ou segmentos maiores de textos em objetos de discurso. Aliás, no caso da construção [como se não bastasse (x)], a função coesiva referencial mostra-se presente mesmo quando o *slot X* não é preenchido. Como argumentamos anteriormente, a nossa hipótese é que isso se deve a efeitos de frequência. Provavelmente, o uso recorrente de [como se não bastasse (x)] com *slot* preenchido foi fixando a função referencial na construção, de modo que hoje ela se mantém, mesmo com a diminuição da composicionalidade sintática da construção (isto é, com a elisão do sintagma nominal).

Paralelamente, vimos que há uma relação entre a posição da construção conectora e a porção de texto por ela encapsulada. Quanto menor a unidade estrutural em que se apresenta a construção conectora, menor o escopo remissivo e vice-versa. Sendo assim, conexões interoracionais remetem a porções menores de texto, quando comparadas a conexões interperíodos e, por sua vez, a conexões interparágrafos.

Também explicitamos os aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos das construções estudadas. Descrevemos a construção [com isso] como polifuncional – já que pode atuar como conector lógico ou como sequenciador – e polissêmico – já que pode introduzir relações de conclusão, consequência e explicação. Já à construção [como se não

bastasse (x)] atua apenas como conector e sempre estabelece uma semântica de adição articulada a uma modalização atitudinal, já que depreendemos, nas ocorrências, a postura epistêmica do falante, se positiva ou negativa.

Com base nas conclusões a que chegamos, acreditamos que este estudo seminal possa servir de referência à investigação de outras construções conectoras complexas que também atuam como mecanismos de coesão híbrida – como, por exemplo, *além disso, por isso, como se não fosse suficiente*, entre outros.

Referências

- BERRENDONER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M-J (ed.). *Du syntame nominal aux objects-de-discours*. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995.
- BYBEE, J.; THOMPSON, S. Three Frequency Effects in Syntax. *Berkeley Linguistics Society*, 23, p. 378-388, 1997.
- CONTE, M-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. (Org.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística. Vol 1. São Paulo: Contexto, p. 177-190, 2003.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, p. 13-39, 2013.
- DUCROT, O. *La preuve et le dire*. Mame: Repéres, 1973.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004.
- FILLMORE, C. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. *Papers from the twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. 1990.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. *Construction Grammar*. Berkeley: University of California, 1993.
- GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HASELOW, A. A processual view on grammar: Macrogrammar and the final field in spoken syntax. *Language Sciences*. 54. p. 77-101, 2016.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. Trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

MENDES, A. Organização textual e articulação de orações. In: RAPOSO, E. B. P. et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 1697-1700, 2015.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. (Org.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística. Vol 1. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.

MOURA, Samara Costa. *A construção [(como) (se) não bastasse]_{conector} sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Dissertação (Mestrado). 103f. Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, 2020.

OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

The connective constructions [com isso] and [como se não bastasse (x)] in the promotion of a hybrid cohesion: a usage-based study

Abstract: the present work aims to describe the formal and functional properties of two complex connective constructions: [com isso] and [como se não bastasse (x)]. The particular interest in these objects, apparently distinct, is in the fact that they establish broader cohesive relations and in the fact that they operate at different levels: they connect clauses, periods and paragraphs. For this research, we use quali-quantitative data methodology in 60 tokens extracted from the *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org) and base our analysis on the theoretical assumptions of Usage-Based Linguistics (cf. CUNHA et al, 2013; OLIVEIRA and ROSÁRIO, 2016; among others), in dialogue with the studies of Textual Linguistics (cf. FÁVERO, 2004; KOCH, 2003). The results show us that : i) such constructions establish a hybrid cohesion, that is, both sequential and referential, given that they present elements that promote the logical connection and encapsulate preceding portions of the text; ii) the encapsulated portion of preceding material is associated with the position assumed by the construction within the text; iii) [com isso] is a polysemic construction and functions as a connector or

a sequencer; iv) [como se não bastasse (x)] functions as an addition connector and expresses the epistemic posture of the speaker.

Keywords: Sequential and referential cohesion. Connective constructions. Usage-Based Linguistics.

Recebido em: 25 de outubro de 2020.

Aceito em: 10 de dezembro de 2020.

Análise funcional da construção conectora contrastiva *ômas olhaô*

Ivo Costa Rosário¹

Vania Rosana Mattos Sambrana²

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal investigar o uso da construção conectora *ômas olhaô* no âmbito das relações discursivas do português contemporâneo. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, com apoio na Gramática de Construções e nos estudos de coesão textual, analisamos ocorrências de *ômas olhaô* pelo prisma da construcionalidade, em perspectiva sincrônica, como demonstrado em Rosário e Lopes (2019). Os dados são captados em blogues brasileiros do século XXI. Por meio de metodologia qualitativa, a análise dos contextos de uso permite a conclusão de que essa construção conectora foi formada por meio de *chunking* e de neoanálises sintática e semântica a partir de dois marcadores discursivos pré-existentes. No português, *ômas olhaô* revela-se como um conector marginal, tendo em vista suas propriedades de uso no contexto de relações macrossintáticas, que extrapolam o âmbito do tradicional período composto. Em termos funcionais, atua na coesão sequencial entre proposições no campo das relações contrastivas, especialmente no nível do *modus*.

Palavras-chaves: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção conectora contrastiva. Mas olha.

Considerações iniciais

Este artigo propõe-se a investigar a construção conectora *ômas olhaô*, responsável por estabelecer relações coesivas contrastivas no plano textual ou discursivo. Partimos da premissa de que o conjunto de conectores³ responsáveis por estabelecer relações coesivas, tanto no nível da sentença quanto em outros níveis, é muito mais complexo e multifacetado do que nos fazem supor as tradicionais listas de conjunções coordenativas e subordinativas das gramáticas normativas do português.

¹ Docente de Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Líder do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações do Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rosario.ivo3@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-1315-6787

² Graduada em Letras Mestra e doutoranda em Estudos de Linguagem Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: v_rosana@oi.com.br. ORCID iD: 0000-0002-0593-4262

³ Assumimos o termo *conector* em uma acepção mais ampla que *conjunção* ou *conectivo*. Segundo Souza (2008), em um sentido mais abrangente, *conector* designa quaisquer expressões linguísticas utilizadas para ligar segmentos maiores ou menores do texto/discurso, estabelecendo relações semânticas diversas. Em determinados casos, esses elementos determinam a orientação argumentativa dos segmentos que introduzem. Além disso, os conectores podem ser representados por palavras gramaticais, por palavras lexicais ou por outras unidades linguísticas, como é o caso da construção conectora contrastiva *ômas olhaô*.

O campo da conexão em língua portuguesa é, de fato, bastante vasto, mas ainda carece de estudos, especialmente quando focalizamos outras instâncias distintas do tradicional período composto, como é o caso do nível da macrossintaxe (cf. RODRÍGUEZ, 2017). Afinal, muitos conectores servem a funções mais gerais no discurso, no sentido de que conectam porções que vão além do campo oracional *stricto sensu*.

Nesse grande campo de estudos, dentre muitas outras, está a construção conectora contrastiva *õmas olhaö*, eleita para esta investigação. Essa construção pode ser caracterizada, nos termos de Oliveira e Sambrana (2018), como um marcador discursivo (doravante MD) com função coesiva, sendo empregada especialmente para indicar relações macrotextuais.

Filiando-nos a uma abordagem construcional da gramática, defendemos que *õmas olhaö* é uma construção, no sentido de que é um pareamento de forma e significado, nos termos de Croft (2001), Goldberg (1995; 2006), Traugott e Trousdale (2013) e Rosário e Oliveira (2016). Dessa forma, em coerência com a perspectiva teórica adotada, consideramos que o MD *õmas olhaö* pode ser compreendido como um nó pertencente à atual rede dos conectores do português, responsável por integrar segmentos textuais. Por esse ponto de vista, propomos que a investigação seja encaminhada pelo prisma sincrônico da construcionalidade, como será explicitado em mais detalhes nas próximas seções deste artigo.

A combinação de partes do discurso é possibilitada pelo fenômeno da coesão, que vai muito além do papel desempenhado pelas conjunções prototípicas do português. De fato, como tem sido reiterado na literatura sobre o tema, os marcadores discursivos também podem colaborar com o papel de unir porções diversas, em uma situação que pode ultrapassar o nível do período (cf. SCHIFFRIN, 1987, p. 152). Assim, dizemos que *õmas olhaö* desempenha um papel conector menos canônico, tendo em vista que seu uso extrapola o nível do período composto (ou da oração complexa), atuando nas relações macrossintáticas.

Vejamos um primeiro dado de *õmas olhaö* com função conectora:

- (1) Ele ser Gay ñ muda o fato de ser o amor de a minha vida, ñ sei se um dia ficaremos juntos de verdade... mas se hover 1 % de chance os outros 99 eu tenho de esperança. Espero q tds fiquem bem... assim como espero e acredito que viverei intensamente esse amor impossivel... e de verdade.. ñ ligo se ele tiver outro... oque vai contar é oque ele é qdo está com mim. Isso sim me importa. Preciso de pessoas pra conversar.. se quiserem.. **mas olha...** de ser criticada eu já tô cheia... se ñ podem ajudar ñ estrovem. Garota, vou ser franca com vc! Estou passando por uma situação semelhante, fiquei muito amiga de um rapaz maravilhoso e mulherengo aliás. A gente se

aproximou demais. Cada momento junto é um sonho. Outro dia, fiz uma surpresa prá ele, e ele ficou louco, me declarou que cada momento com mim é único, que sou maravilhosa e me adorava demais. Mas como ele não fêz menção de namorar.

(Fonte: <http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2009/08/31/quando-me-apaixonei-por-um-gay-i/>. Acesso em 10/05/2020)

Em (1), õmas olhaö ilustra o objeto de investigação deste artigo. Trata-se de um marcador discursivo que cumpre o papel de conector no nível textual, ligando duas partes que traduzem pontos de vista opostos. Em um primeiro momento, a enunciadora diz: õPreciso de pessoas pra conversar... se quiseremö. Após õmas olhaö, a falante diz: õde ser criticada eu já tô cheiaö. Como está claro, cria-se um contraste no plano discursivo, o que pode ser captado, inclusive, por meio de pistas lexicais (pessoas para conversar vs. ser criticada), que denotam duas experiências que se contrapõem, já que a primeira é considerada positiva e a segunda, negativa. O uso do MD õmas olhaö, portanto, prepara o ouvinte ou o interlocutor, indicando que o falante ou enunciador reorientará o discurso para um outro ponto de vista oposto ao já enunciado.

Na literatura, há outros estudos que reforçam o papel conector de alguns marcadores discursivos. Por exemplo, no campo da língua espanhola, Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4093) consideram esses elementos de dupla função como conectores extraoracionais. Vejamos:

Um conector é um marcador discursivo que vincula semântica e pragmaticamente um membro do discurso com outro membro anterior. O significado do conector proporciona uma série de instruções que guiam as inferências obtidas pelo conjunto dos membros relacionados. [...] De acordo com seu significado, se distinguem três grupos de conectores: ðconectores aditivosð que unem um membro anterior com outro de mesma orientação argumentativa; ðconectores de causalidadeð que conectam uma consequência com sua causa; e ðconectores contra-argumentativosð que anulam ou atenuam algumas das conclusões inferidas anteriormente.

Os autores espanhóis defendem que os marcadores discursivos podem veicular as noções de adição, causalidade e contra-argumentação. Com base em dados do português, este artigo endossa a proposta dos teóricos espanhóis ao apontar a existência de marcadores discursivos do tipo contrastivo. Esses elementos linguísticos são utilizados no texto como

responsáveis por enlaçar enunciados que expressam proposições com sentidos opostos, como foi ilustrado em (1), o que seria muito próximo aos chamados conectores contra-argumentativos citados por Martín Zorraquino e Portolés (1999).

Após estas considerações iniciais, o artigo apresenta outras seções que se destinam a explorar analiticamente o papel funcional de *õmas olhaõ*. Na seção seguinte, aprofundamos um pouco mais os pressupostos teórico-metodológicos enunciados nesta primeira parte do trabalho. Em seguida, exploramos o conceito de coesão, especialmente com base em Marcuschi (1986; 2012), Koch (2009; 2013) e Halliday e Hasan (1976). Em seguida, resgatamos as reflexões realizadas e sumarizamos os traços da construção conectora contrastiva *õmas olhaõ*, que é o foco deste artigo. Por fim, apresentamos algumas considerações finais e as referências bibliográficas.

Pressupostos teórico-metodológicos

Este artigo está baseado na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU). Essa vertente teórica conjuga pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva, especialmente pelo viés da Gramática de Construções (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Trata-se, portanto, de uma linha de investigação que descreve os usos linguísticos como realizações concretas da língua, à luz de processos cognitivos de domínio geral (cf. BYBEE, 2016). Esse é o motivo para a LFCU também ser chamada Linguística Cognitivo-Funcional. Afinal, os usos concretos da língua são considerados como projeções de processos conceptuais de caracterização do mundo físico e social.

Nas palavras de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 20), a LFCU considera a língua como *õum sistema adaptativo complexo*, uma estrutura fluida constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas. Assim, aspectos mais estáticos convivem com traços dinâmicos, o que sempre envolve variação e mudança em curso, com expansões semânticas, pragmáticas e categoriais. Logo, para a LFCU, a língua é um objeto dinâmico, nunca totalmente estático em sua natureza. É justamente esse caráter maleável que permite o surgimento de novas construções, como é o caso de *õmas olhaõ*.

A Gramática de Construções (doravante GC), por sua vez, constitui-se como um importante modelo para apoiar a abordagem teórica da LFCU, visto que mobiliza princípios cognitivos gerais para a explicação de fatos linguísticos. No âmbito da abordagem construcional, Bybee (2010) descreve o léxico como um grande inventário de construções, criado coletivamente para cumprir objetivos sociocomunicativos. Os eventos de uso têm o papel de modificar esse grande inventário, especialmente por meio de expansões.

Na perspectiva da LFCU, a unidade básica da gramática é a construção. Teoricamente as construções são dotadas de dois polos: o polo da forma, que se compõe de elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos; e o polo do sentido, composto de componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Neste trabalho adotamos mais especificamente a noção de construção cunhada por Goldberg (2006, p. 5):

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente⁴. (GOLDBERG, 2006, p.5, tradução livre)

Nessa definição de Goldberg (2006), há um refinamento do conceito de construção, sensivelmente distinto do apresentado em obra da mesma autora em 1995. De fato, nessa definição supra apresentada, reconhece-se que também os padrões armazenados totalmente previsíveis são igualmente construções, e não só aqueles não composicionais. Com isso, alguns arranjos morfossintáticos com algum nível de transparência semântico-pragmática também podem alcançar o status de construção na língua.

De modo pioneiro no Brasil, Rosário e Lopes (2019) cunharam o termo *construcionalidade*, de modo a permitir um trabalho estritamente sincrônico, a partir de categorias, parâmetros e princípios propostos pelos autores construcionistas anteriormente citados. Assim se define construcionalidade:

⁴ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions cognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

Relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. (ROSÁRIO; LOPES, 2019, p. 92)

No âmbito da LFCU, este artigo filia-se à perspectiva da construcionalidade, pois se centra metodologicamente em uma análise de recorte sincrônico, sem lançar mão de dados históricos. A construcionalidade está fundada no corpo de conhecimentos teóricos produzidos por Traugott e Trousdale (2013), apropriando-se de conceitos originalmente desenvolvidos para o tratamento da diacronia.

Dentre os muitos pontos desenvolvidos pelos autores citados, neste trabalho, destacamos o conceito de composicionalidade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19), que está associada ao grau de transparência entre forma e significado das diversas construções. Se uma construção é bastante composicional, isso significa que há grande transparência entre os elementos que a compõem e baixa opacidade, ou seja, seu significado é próximo ao significado da soma das suas partes. Por outro lado, a perda de composicionalidade pode levar ao processo cognitivo de *chunking*, por meio do qual agrupamos e conceptualizamos unidades ou partes como um todo mais global, formando *chunks*, como é o caso das frases feitas, por exemplo.

Essa noção de composicionalidade é gradiente, de modo que as construções podem variar em diferentes níveis de opacidade. Retomando Goldberg (2006), reiteramos que nem sempre as construções são totalmente destituídas de composicionalidade. A frequência de um determinado uso pode funcionar, de fato, como um indício de que uma expressão é uma construção (pareamento de forma e significado) na língua, mesmo que suas subpartes ainda sejam parcialmente recuperadas em termos sintáticos e/ou semânticos.

Na formação de novas construções, também é muito comum o fenômeno da *neoanálise*, que consiste em uma nova análise de uma estrutura recém-criada (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21). As neoanálises podem ocorrer tanto no plano da forma (neoanálise sintática) quanto no plano do conteúdo (neoanálise semântica), como será demonstrado empiricamente adiante.

Por fim, um último conceito bastante central para este trabalho é o de expansão, que está sempre intimamente relacionado à mudança linguística e às polissemias atestadas

sincronicamente. Himmelmann (2004) apresenta um refinamento desse conceito, apresentando-o em três diferentes dimensões:

a) *mudança da classe hospedeira*, com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, em face da entrada de novo membro na classe; b) *mudança de contexto sintático*, envolvendo metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e consequente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) *mudança de contexto semântico-pragmático*, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 238)

Em termos metodológicos, a LFCU sempre trabalha com dados de língua real, compreendidos como usos flagrados em situações naturais de comunicação. Assim, toda pesquisa está sempre baseada em análise de *corpus*.

Como citado na introdução, para esta pesquisa, selecionamos um *corpus* sincrônico, representativo do português brasileiro do século XXI. O *site Corpus do Português*⁵, em sua versão mais atual (2015-2016), constitui a fonte de captação dos dados desta pesquisa. No total, foram coletados 100 *tokens* de *õmas olhaõ* na função de construção conectora contrastiva. Como este trabalho é de natureza eminentemente qualitativa, esses dados foram considerados suficientes para a análise empreendida.

O gênero discursivo que caracteriza o *corpus* de análise é o *blogue*. Justificamos essas escolhas pelo fato de *õmas olhaõ* ser uma construção conectora ainda bastante marcada pela informalidade. Assim, certamente a construção em estudo não teria frequência considerável em textos mais formais, o que é uma questão a ser investigada mais pormenorizadamente em desdobramentos futuros desta pesquisa.

Feitas essas observações de cunho teórico-metodológico, passamos à análise do conceito de coesão e seu efeito no texto. Essa etapa será fundamental para compreendermos melhor como se estrutura a construção conectora *õmas olhaõ*, responsável por estabelecer relações coesivas contrastivas no plano discursivo.

⁵ O *site Corpus do Português* pode ser acessado por meio do endereço eletrônico www.corpusdoportugues.org/x.asp.

O efeito de coesão

O conceito de coesão tem sido trabalhado por diversas vertentes, com especial foco na Linguística Textual. Por esse motivo, selecionamos importantes autores dessa linha teórica para desenvolver este tópico. Iniciamos esta seção com Marcuschi (2012). Em seguida, trazemos a visão de Koch (2009; 2013) e, por último, o trabalho realizado por Halliday e Hasan (1976).

Em Marcuschi (2012), o efeito de coesão, também chamado de conexão sequencial, é apontado como um fator constitutivo da textualidade. Para o autor, esses fatores dão conta da estruturação da sequência superficial do texto (MARCUSCHI, 2012, p. 50). Vejamos a aplicabilidade desse conceito a partir de um dado de língua real:

(2) Antes de mais nada, queria esclarecer uma coisa: é claro que eu confio em o seu taco. Eu sei que você é um cara experiente, bom de cama, cê é foda, na cama cê esculacha, na sala ou no quarto, cê é sinistro etc etc etc.. Quem sou eu pra vir dar pitaco na sua arte de passar o rodo nas meninas, né? **Mas olha...** Eu tenho a seguinte teoria: algumas coisas na vida jamais serão excessivas. Inclua aí nessa lista dinheiro, bons amigos, conhecimento, almoço na casa da vó, saúde e peitos. Eu até incluiria aí na lista a cerveja, mas lembrei do povo depressivo nas reuniões do AA e mudei de ideia. (Fonte: http://www.areah.com.br/colunas/geral/coluna/10394/1/pagina_1/dez-movimentos-do-cara-bom-de-cama.aspx. Acesso em 10/05/2020)

A coesão é um fator que depende do modo organizacional da superfície do texto. Sintaticamente, a estruturação de “Quem sou eu pra vir dar pitaco na sua arte de passar o rodo nas meninas, né?”, que antecede “mas olha”, é constituída de uma sequência substantiva interrogativa ou interrogativa de instanciação, nos termos de Azeredo (1990, p. 71-72). Após o uso de “mas olha”, o falante utiliza uma sequência transitiva direta (“Eu tenho a seguinte teoria”), encadeada por sequência predicativa (“algumas coisas na vida jamais serão excessivas”). Entre essas duas partes citadas, “mas olha” encontra-se autônomo, no sentido de não fazer parte da predicação de nenhuma das porções ligadas, visto que é externo a elas.

Em outras palavras, não é possível resgatar um sentido totalmente composicional de “mas” e de “olha”, tomados individualmente. Também não é possível defender que esses elementos estejam estruturalmente preservados em seus aspectos sintáticos canônicos. Em termos formais e funcionais, não há mais uma conjunção coordenativa sindética adversativa

ao lado de um verbo perceptivo-visual transitivo. Esses elementos, de fato, sofreram neoanálise, tanto em termos de forma como de significado.

Esse comportamento sintático-semântico de *õmas olhaõ* ratifica a proposição de que esse conector é marginal ou não canônico. Afinal, não integra relações sintáticas típicas como a que se observa na combinação de orações subordinativas ou coordenativas do tradicional período composto. Ao contrário, a relação coesiva que esse elemento estabelece se dá no âmbito da chamada sintaxe textual ou macrossintaxe, podendo haver grande autonomia dos elementos ligados, como se observou em (2).

Para Koch (2009, p. 35), coesão é a forma como *õos* elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um *tecidoõ* (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamenteõ. Logo, a coesão está implicada em relações de conexão mais amplas que as tradicionalmente descritas pelas gramáticas normativas.

Koch (2009; 2013) acrescenta que os mecanismos de coesão pertencem a dois grandes grupos: a coesão referencial (aquela em que os elementos da superfície textual se correferenciam) e a coesão sequencial (que garante a continuidade do sentido). Quanto à coesão sequencial, Koch (2013, p. 53) a define dessa forma: [...] procedimento linguístico por meio do qual se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

Fica claro que o conceito de coesão sequencial (cf. KOCH, 2009; 2013) é bem semelhante ao de conexão sequencial (cf. MARCUSCHI, 2012). Vejamos mais um dado:

(3) [...] mas aqui eu tenho um filho que estuda em uma escola publica de qualidade o dia todo, eu não pago um centavo por ela, tenho condições de conhecer Paris (inclusive levei meu filho em a Disney de Paris) Grécia, Dinamarca, Alemanha, enfim, aqui tudo é perto e mais barato para se viajar, aqui pobre e rico pode desfrutar de comer caviar, as diferenças sociais, por enquanto, são menos do que em o Brasil, **mas olha**, envelhecer na Europa, aí é onde está o meu ponto, NAO (para mim) só tenho um filho, aqui as famílias mandam os filhos embora de a casa logo cedo, os laços familiares não são tão entrelaçados como a nossa quente cultura. Eu nem quero me imaginar aqui em uma casa de velhos, ou mesmo dentro de a minha própria casa, com 70 ou mais de idade, neste frio, sem amigos [...],
(Fonte: <http://www.coisaparecida.com/2011/07/por-que-e-tao-dificil-ter-vontade-de-voltar-a-viver-no-brasil/>. Acesso em 10/05/2020)

Em (3), *õmas olhaõ* cumpre a função de marcar o discurso, direcionando a atenção do falante para a informação que será veiculada a seguir. De uma forma bem ampla, o excerto acima pode ser dividido em duas grandes partes. Na primeira parte, o enunciador apresenta as vantagens de morar na Europa. Na segunda parte, a partir de *õmas olhaõ*, apresentam-se os pontos negativos dessa escolha, tendo seu foco na questão do envelhecimento. Assim, fica bastante claro o papel da construção conectora contrastiva ao cumprir a função de realizar a integração de duas informações em nível mais macro, no plano discursivo. Por meio de *õmas olhaõ*, o falante consegue organizar a informação em dois blocos que se unem pelo viés do contraste. Esse arranjo discursivo é possibilitado justamente por meio de um mecanismo de coesão sequencial (cf. KOCH, 2009; 2013).

Halliday e Hasan (1976) indicam que ocorre coesão quando ãa interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe ao outro, no sentido de que um não pode ser decodificado exceto pelo recurso do outro.õ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4)⁶. Vejamos esse conceito aplicado a mais um dado:

(4) Para poder fazer a especialização de medicina e de Geriatria você vai precisar fazer: Medicina > Clínica Médica > Geriatria. Não vou mentir, o vestibular de medicina realmente é bem difícil, em geral, é o mais concorrido nas faculdades onde ele existe. Em relação ao custo de uma faculdade particular de medicina é em média de R\$ 2500,00 fora a moradia e a duração é de 8 anos (6 anos de medicina e 2 anos de residência). **Mas olha**, não desista não viu!! Se você quer fazer medicina, só tem um jeito: estudar e batalhar os vestibulares, é difícil, mas vale a pena. Boa sorte!! Estes dois ramos de a medicina realmente são bem interessantes. Em relação a dificuldade, Cirurgia Plástica é mais difícil, exige uma maior precisão e também um certo senso artístico. Já em a cirurgia geral, o caso é mais variado, você atendendo diversos tipos de pacientes.

(Fonte: <http://www.guiadacarreira.com.br/artigos/profissao/carreira-medicina/>. Acesso em 10/05/2020)

No exemplo (4), observamos que *õmas olhaõ* sinaliza para o ouvinte que o falante apresentará, logo em seguida, uma informação em uma orientação discursiva oposta à apresentada anteriormente. Isso é possível, como já vimos, porque a construção *õmas olhaõ* expressa sentido contrastivo, agregando-se ao plano contextual do discurso.

⁶ *õ*Cohesion occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another. The one PRESSUPOSES the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it.õ [tradução nossa] (HALLIDAY and HASAN, 1976, p. 4).

Vale reiterar que o sentido de contraste não é inteiramente satisfeito só com o uso de *õmas olhaõ*. A sequência textual posterior a esse conector (*õnão desista não viu!!õ*) indexa ao contexto uma reorientação discursiva, no sentido de animar o interlocutor quanto à carreira médica, apesar de todas as suas dificuldades. O recrutamento da construção conectora contrastiva facilita essa transição de sentidos, desencadeando um efeito de coesão para o discurso.

Com o uso desse exemplo (4), fica ainda mais claro que o efeito de coesão contrastiva se dá, de fato, no nível proposicional ou discursivo. Essas relações macrossintáticas, por natureza, extrapolam o nível mais básico e tradicional do período composto.

Em síntese, nos dados (1), (2), (3) e (4), *õmas olhaõ* não apenas desempenha o papel de marcador discursivo, mas também a função de conectar proposições ou sequências discursivas em nível macro, por meio de relações coesivas contrastivas. Percorrida essa trajetória de análise, já podemos sumarizar as propriedades principais desse conector na próxima seção deste artigo.

A construção conectora *õmas olhaõ*

A constituição simbólica de *õmas olhaõ* não é o mero resultado da soma de suas partes, ou seja, não se trata de uma conjunção coordenativa adversativa *õmasõ* justaposta a uma determinada flexão do verbo *õolharõ*. Ao contrário, esses dois elementos são produto de neanálise, tanto em termos sintáticos como semânticos. Vejamos mais um dado de língua em uso para provar essa asserção.

(5) Acho que fofinho só os que aparecem em filmes mesmo, todos limpinhos, rosinhas e pequeninos... hahaha! Ahahaha, adorei! Nunca tinha ouvido falar em Iômere, haha, e olha que sou de Santa Catarina. E nunca vi um porco assim gigante, queria ver! E quando você vê no zoológico os porcos são mais tipo Babe:) hahahaha bizarro! **Mas olha**, se isso te serve de consolo, porcos normais não são desse jeito. Estão muito mais pra Babes do que pra essa coisa alienígena. Claro, não são tão cor-de-rosas e bonitinhos, mas definitivamente não são bizarramente gigantes. (Fonte: <http://blog.beyond-obvious.net/o-dia-em-que-eu-vi-o-porco/>. Acesso em 10/05/2020)

O uso de *õmas olhaö*, em (5), prepara o ouvinte para uma proposição que se opõe a outra proposição estabelecida anteriormente no discurso. A continuidade do tema é sustentada por argumentos que se dispõem em sentidos contrastivos e, nesse contexto, o uso de *õmas olhaö* coopera para a coesão dos sentidos negociados. Assim, as informações apresentadas inicialmente no discurso, opostas às posteriores, não causam estranheza ao ouvinte/leitor.

A construção conectora *õmas olhaö*, como já foi salientado, é constituída de duas subpartes. A primeira subparte é formada originalmente pela conjunção *õmasö*, que tem função mais gramatical. A segunda subparte, por sua vez, é formada por um verbo de percepção visual, *õolhaö*, reconfigurado metaforicamente para uma atividade de projeção mental.

Em termos semânticos, o *õmasö* já não mais se restringe a marcar adversidade. Funcionalmente expande seu sentido, marcando relações discursivas no nível do *modus*. Em termos sintáticos, *õmasö* já não conecta sentenças no âmbito do tradicional período composto por coordenação, formado por uma coordenante e uma coordenada. Ao contrário, em termos macrossintáticos, apresenta-se mais *õfrouxoö*, ocupando um lugar menos rígido no encadeamento discursivo.

Em termos semânticos, o *õolhaö* já não consiste em *õenxergarö*, *õverö* algo físico na cena. Ao contrário, em *õmas olhaö*, o termo *õolhaö* é tomado em um sentido mais abstrato e virtual, via projeção metafórica, colaborando na construção para uma espécie de chamamento ou convite, em termos de tentar captar a atenção do leitor ou interlocutor. Assim, de um uso perceptivo-visual, *õolhaö* passa a ser usado com sentido perceptivo-mental. Em termos sintáticos, *õolhaö* já não é mais um verbo transitivo direto canônico, pois passa a ocorrer no contexto sem complemento. Além disso, fixa sua forma no imperativo, admitindo variação mínima, visto que os dados só demonstraram o uso de *õmas olheö* ou *õmas olhemö*.

Portanto, *õmas olhaö* já não revela um uso totalmente composicional. Ao contrário, indica um *chunk*. Afinal, quando *mas* e *olha* coocorrem no discurso, ambos os elementos são neoanalisados e passam a funcionar como uma única unidade de forma e sentido, ou seja, uma nova construção na rede dos conectores do português. Assim, *õmas olhaö* já não é mais processado cognitivamente como se fosse uma conjunção mais um verbo, mas como uma construção conectora que estabelece relações coesivas contrastivas no plano discursivo.

Assim, por meio de mudanças de contexto sintático e de contexto semântico-pragmático, nos termos de Himmelmann (2004), ocorre também uma verdadeira mudança de

classe hospedeira, tendo em vista que a categoria dos conectores contrastivos amplia-se para abrigar *õmas olhaõ*, mesmo que de maneira um pouco marginal, tendo em vista suas propriedades já elencadas.

É verdade que, na literatura levantada, constatamos que tanto *õmasõ* quanto *õolhaõ* já são recrutados como MD em usos isolados no português. Urbano (1999), por exemplo, ao salientar aspectos interacionais, aponta a polifuncionalidade do marcador discursivo *mas*, que acumula funções de sequenciador tópico e orientador da interação. Ainda nas palavras desse autor, *mas* é recrutado para apoiar tomada de turno com intuito de estabelecer contra-argumentação ou para *õengatar* uma digressão opinativaõ (URBANO, 1999, p. 217). Risso et al (2002) também destacam que *mas*, na função de marcador discursivo, carrega a tendência de transparecer o seu sentido gramatical original, o que também se coaduna com a indicação de Schiffrin (1987, p. 128).

Os estudos de Marcuschi (1986), Urbano (1999), Risso (1999) e Risso *et al* (2002; 2015) identificam o elemento *olha* como marcador discursivo de base verbal. Em estudos mais recentes, Martins (2013) e Sambrana (2017) também atestam a macrofunção de *olha* como um marcador de chamamento de atenção que veicula funções textual-interativas e discursivo-pragmáticas. Isso se deve ao fato de a conceptualização do sentido original estar vinculada à captação da atenção. De fato, *olha* passa por um processo de expansão semântico-pragmática articulando sentidos cada vez mais intersubjetivos e afastados de sua configuração composicional original.

Assim, sem dúvida, a construção *õmas olhaõ* carrega, por efeito de persistência⁷, sentidos de seus usos anteriores, que já atuavam e atuam na marcação discursiva. Por outro lado, *õmas olhaõ*, como vimos argumentando, não é sintática nem semanticamente a mera soma dessas duas partes, visto que cada uso (*õmasõ*, *õolhaõ* e *õmas olhaõ*) cumpre uma função distinta no discurso. Ademais, o efeito de persistência flagrado em *õmas olhaõ* não invalida a defesa de seu estatuto construcional. Afinal, como afirma Goldberg (2006), até padrões armazenados *õtotalmente previsíveisõ* ou com algum nível de transparência semântico-pragmática são construções, e não só aqueles não composicionais.

No esquema a seguir, é possível sintetizar as propriedades de *õmas olhaõ*, a partir das neoanálises (sintática e semântica) flagradas na composição dessa construção conectora

⁷ Consideramos como efeito de persistência os traços originais de sentido lexical carregados por usos mais abstratizados, ou mais gramaticais, (conf. HOPPER, 1991, p.22).

contrastiva. Como se verá, de fato, esses elementos (õmasö) e (õolhaö) já não conservam suas propriedades mais prototípicas. Vejamos:

mas		olha	
Nível sintático	Nível semântico	Nível sintático	Nível semântico
Não conecta apenas sentenças no âmbito do tradicional período composto por coordenação, formado por uma oração coordenante e uma oração coordenada. Ao contrário, em uma verdadeira macrossintaxe do discurso, apresenta-se mais õfrouxoö, ocupando diversas posições.	Não mais se restringe a marcar adversidade. Funcionalmente expande seu sentido, marcando relações discursivas no nível do <i>modus</i> .	Não é mais um verbo transitivo direto canônico, pois passa a ocorrer no contexto sem complemento verbal. Além disso, fixa sua forma no imperativo, admitindo variação mínima, visto que os dados só atestaram o uso de õmas olheö ou õmas olhemö.	Não consiste em õenxergarö, õverö algo físico na cena. Ao contrário, é tomado em um sentido mais abstrato e virtual, via projeção metafórica, colaborando na construção para uma espécie de chamamento ou convite, em termos de tentar captar a atenção do leitor ou interlocutor. De uso perceptivo-visual, passa a um sentido õperceptivo-mentalö



[mas olha] conector	
Polo formal	Polo funcional
Conector que atua no nível discursivo, ligando porções diversas, especialmente no nível da macrossintaxe discursiva. Constitui um <i>chunk</i> , com perda de composicionalidade sintática.	Significado contrastivo. Opõe diferentes pontos de vista ou informações, especialmente em situações de maior informalidade. Sofreu neanálise semântica com relação aos seus constituintes.

Figura 1: Esquema da formação e dos traços da construção conectora õmas olhaö

Fonte: (elaboração dos autores)

As mudanças ocorridas em õmasö e em õolhaö permitem postular que, de fato, õmas olhaö é uma nova construção na língua, mesmo que a investigação tenha sido conduzida em recorte sincrônico, sem acesso a dados históricos. Afinal, como postulam Rosário e Lopes (2019), a construcionalidade permite atestar as (re)configurações de uma dada rede linguística mesmo quando há apenas suporte em dados sincrônicos, visto que o estado atual do sistema normalmente espelha os movimentos históricos desenvolvidos ao longo do tempo. Essa é a razão para a convivência de camadas distintas em uma mesma sincronia. Com base no objeto de investigação deste artigo, a construcionalidade mostra que usos mais clássicos de õmasö e de õolhaö convivem com seus usos mais contemporâneos, baseados em novos arranjos sintáticos e semântico-pragmáticos, como é o caso da construção conectora contrastiva õmas olhaö.

Frisamos que as mudanças de sentido são acompanhadas de claras mudanças de forma, pois há perda das fronteiras sintáticas e recategorizações. Seguindo a visão de Traugott e Trousdale (2013), podemos representar a construção em estudo da seguinte maneira:

[[mas] _{conjunção} + [olha] _{verbo perceptivo-visual}] [mas olha] _{conector}

Figura 2: Formação da construção conectora opositiva õmas olhaö

Fonte: (elaboração dos autores)

No novo pareamento de forma e sentido [mas olha]_{conector}, há reconfiguração dos elementos presentes em [[mas]_{conjunção} + [olha]_{verbo perceptivo-visual}]. Afinal, na construção conectora contrastiva õmas olhaö, entra em cena um elemento de natureza coesiva que tem o objetivo de projetar o espaço atencional do ouvinte ou leitor para uma oposição entre proposição A e proposição B, especialmente no nível do *modus*.

Antes de concluirmos esta seção, vale destacar a defesa de Rodríguez (2017) com relação a algumas áreas da gramática. Para a autora, elementos periféricos e limítrofes da gramática, como os marcadores discursivos e alguns conectores marginais, são costumeiramente olvidados, haja vista a tendência de conferir tratamento analítico apenas a construções e usos mais centrais da gramática. Com isso, estruturas não canônicas costumam ser relegadas uma espécie de õlimboö devido a sua não prototipicidade. Esse parece ser o caso de õmas olhaö.

Considerações finais

A macrossintaxe discursiva é um campo de trabalho que ainda demanda muitas investigações. De fato, grande parte dos estudos no campo da conexão ainda estão muito focados no âmbito do tradicional período composto. Com isso, por força da Tradição gramatical, há muitas esferas de organização discursiva sem a devida descrição no campo dos estudos linguísticos.

A investigação de õmas olhaö representa um desses pontos ainda pouco desbravados. O comportamento sintático-semântico desse conector em língua portuguesa atesta sua produtividade e relevância no plano das relações contrastivas. Assim, apesar de marginal,

pode ser considerado um novo nó na rede das relações contrastivas em construções mais complexas que o tradicional período composto.

No novo nó da rede da conexão contrastiva consubstanciado por [mas olha]_{conector}, há recategorização dos elementos [mas]_{conjunção} e [olha]_{verbo perceptivo-visual}. Afinal, a construção conectora contrastiva *õmas olhaõ* é um *chunk* de natureza coesiva cujo objetivo é projetar o espaço atencional do ouvinte ou leitor para uma oposição entre duas partes, especialmente no nível do *modus*.

Dessa forma, atestamos uma mudança na classe hospedeira, que decorre da conjugação de uma mudança sintática tanto em *õmasõ* quanto em *õolhaõ*, visto que ambos os elementos são rearranjados em termos colocacionais. Concomitantemente, também se verifica uma mudança semântico-pragmática que afeta ambos os elementos, como se demonstrou por meio do quadro 1 da seção anterior.

Em síntese, na perspectiva da LFCU, *õmas olhaõ*, à luz dos argumentos apresentados, é, de fato, uma nova construção, formada por neoanálises sintática e semântica. Devido às suas características, é um conector não prototípico, tendo em vista seu sentido mais lato, profundamente associado a questões de ordem discursiva. Entretanto, apesar de sua não prototipicidade, ainda assim demanda a atenção dos pesquisadores e requer pesquisas ainda mais aprofundadas, tendo em vista que o cenário das pesquisas nessa área ainda é bastante incipiente. *Mas olha...* Este artigo é uma primeira incursão nessa seara.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In:*

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Hong Kong: Longman, 1976.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, HILMMELMANN & WIEMER (ed.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, Paul. On the principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, vol. 1, 1991, p. 17-35.

KOCH, Ingedore V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, 2012.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. Los marcadores discursivos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva del español*. Madri: Espasa, vol. 3, 1999.

MARTINS, Lauriê Ferreira. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. 2013. 245f. Dissertação (Mestrado em Linguística) ó Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; SAMBRANA, Vânia Rosana Mattos. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. In: *Confluência*, v. 1, p. 327-349, 2018. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/252>

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: NEVES, M^a. Helena de Moura. *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, v. VII, 1999, p. 259-298.

_____. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, v. 1, 2015, p. 371-481.

_____; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore V. (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VI, 2002, p. 21-57.

RODRÍGUEZ, Catalina F. Macrosintaxis y lingüística pragmática. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Sevilha: CLAC 71, p. 5-34, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/CLAC.57301>. Acesso em: 02 ago. 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. In: *Soletras*, v. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/36318>

_____; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

SAMBRANA, Vânia Rosana Mattos. A Construção Marcadora Discursiva Perceptivo-visual Vpv(x)MD. VIII Seminário dos Alunos dos programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF - Estudos de Linguagem, 2017, Niterói. *Anais do VIII Seminário dos Alunos dos programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF- Estudos de Linguagem*. Niterói: Letras da UFF, 2017. v. 1. p. 928-940. Disponível em <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Ling>

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOUZA, T. B. *Conectivos coordenativos portugueses: por um estudo do sentido no universo textual*. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2008.

TRAUGOTT, E. Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Mª Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VII, 1999, p. 195-258.

Functional analysis of the contrastive connective construction *ômas olhaö*

Abstract: This paper aims to investigate the use of the connective construction *ômas olhaö* (ôbut lookö), in the scope of discursive relations in contemporary Portuguese. Based on the theoretical-methodological assumptions of Functional Usage-Based Linguistics, articulated to the Construction Grammar and the studies on cohesion, we analyze occurrences of the connector *ômas olhaö* through the prism of constructionality, in synchronic perspective, as demonstrated by Rosário and Lopes (2019). The data is collected from 21st century Brazilian blogs. Through qualitative methodology, the

analysis of usage contexts allows the conclusion that this connective construction was formed by chunking, and by syntactic and semantic neoanalysis of two conventionalized discursive markers. In Portuguese, *õmas olhaõ* reveals itself as a marginal connective, considering its properties of use in the context of macrosyntactic relations, which go beyond the scope of the traditional complex sentence. In functional terms, it acts in the sequential cohesion between propositions in the field of contrasting relations, especially at the *modus* level.

Keywords: Functional Usage-Based Linguistics. Contrastive connective construction. *Mas olha* (But look)

Recebido em: 04 de setembro de 2020.

Aceito em: 10 de dezembro de 2020.

Marcadores discursivos focalizadores com “bem” sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda¹
Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fundamental propor uma rede construcional constituída por marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo na segunda pessoa do discurso e pelo advérbio focalizador *bem*, como, por exemplo, “olha bem”, “veja bem” e “repara bem”. A fim de cumprir o objetivo proposto, baseamo-nos, do ponto de vista teórico, na Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), abordagem que concebe a língua como um inventário de construções organizadas em rede. Também para o cumprimento do objetivo proposto, realizamos uma análise sincrônica de dados a partir de um *corpus* escrito sincrônico atual, cujas amostras representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017. Para o tratamento dos dados, adotamos, do ponto de vista metodológico, o equacionamento entre a análise qualitativa dos dados e o cálculo da frequência de uso (CUNHA LACERDA, 2016). Como resultado mais proeminente, a análise realizada aponta que as construções identificadas, cuja forma mais genérica é [verbo imperativo + *bem*], apresentam diferentes funções, entre as quais se destacam a chamada de atenção do interlocutor pelo locutor e a focalização de um elemento da seqüência discursiva.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização gramatical. Focalização. Marcadores discursivos focalizadores. Marcadores discursivos com “bem”.

Introdução

Este trabalho, apoiando-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA,

¹ Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009), doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2003). Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Pesquisadora do Grupo de Estudos “Discurso & Gramática”; e coordenadora do NUPACT/UFJF. Minas Gerais, Brasil. E-mail: patricia.cunha@ufjf.edu.br. ORCID iD: 0000-0002-0970-224X

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando na área de Linguística e cognição, com foco na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e na Abordagem Construcional da Mudança. Atua como Analista de Instrumento de Avaliação na Fundação Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Fundação CAEd/UFJF) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, Brasil. E-mail: gustavo.grpb@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-0598-9810

2016), tem como objetivo fundamental propor uma rede construcional constituída por marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo na segunda pessoa do discurso e pelo advérbio focalizador *bem*, como, por exemplo: “olha bem”, “veja bem” e “repara bem”. Esses marcadores discursivos têm como objetivo a chamada de atenção por parte do locutor a seu(s) interlocutor(es). A seguir, apresentamos duas ocorrências que caracterizam o objeto de análise deste trabalho:

- (1) “A maquiagem mineral é ótima para peles sensíveis por ter uma formulação mais ‘natural’ o que a torna hipoalergênica. Veja bem, isso NÃO significa que você não terá alergia, significa que o risco de uma reação alérgica é menor.”. (Corpus escrito blogs).
- (2) “A novela é de 1995. Talvez você, leitor do Gigablog, não fosse nascido (ou era bebê demais para guardar lembranças). Vamos tentar refrescar sua memória: um dos protagonistas era o cigano Igor, papel do ator Ricardo Macchi, que tinha falas um tanto lacônicas para expressar seu amor. "Eu te amo, Daaara" era a mais famosa delas. Pois bem, por que raios estou falando disso aqui no blog? Repare bem na abertura da novela Explode Coração (não dá para negar que Hans Donner bebe de uma fonte inesgotável de criatividade bizarra)” (Corpus escrito blogs).

Os exemplos acima apresentam os marcadores discursivos focalizadores em destaque em ocorrências reais de uso, nas quais podemos perceber que a função em comum é a chamada de atenção para um elemento do discurso por parte do locutor em relação a seu interlocutor. Nas ocorrências (1) e (2), os marcadores utilizados são, respectivamente, “veja bem” e “repare bem”, em que o advérbio “bem” apresenta foco avaliativo, indicando um pedido de análise feito pelo locutor a seu interlocutor com foco avaliativo em relação a uma informação do discurso, pois o locutor deseja que seu interlocutor avalie uma informação sob o mesmo ponto de vista, de modo a tentar convencê-lo de tal posição.

Vale destacar aqui que, embora os marcadores discursivos já tenham sido amplamente explorados nos estudos linguísticos (SCHIFFRIN, 1987; MARCUSCHI, 1989; BRINTON, 1996; ROST-SNICHELOTTO, 2008; entre outros), ainda há poucos estudos que visam à análise desse objeto sob um viés construcional, principalmente sob a abordagem da construcionalização gramatical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse sentido, uma de nossas hipóteses é a de que os significados do verbo e dos advérbios têm impacto na função de cada marcador; por outro lado, a partir de características em comum, é possível agrupar os

marcadores estudados em uma rede taxonômica hierarquicamente organizada, cujo nível mais alto configura uma abstração com base nas similaridades identificadas.

A fim de cumprir o objetivo proposto neste trabalho, contamos, do ponto de vista metodológico, com um *corpus* escrito sincrônico atual, cujas amostras representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017 e cujos textos foram retirados de *blogs* de diferentes temáticas, apresentando uma modalidade mais informal da língua (OLIVEIRA, 2012, 2016; MARTINS DALL'ORTO, 2018). A análise foi feita a partir do método misto – que equaciona a análise quantitativa e a qualitativa –, já que, como destaca Cunha Lacerda (2016), o método misto pode contribuir substancialmente para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se fazem regulares na língua.

Nesse sentido, a fim de efetivamente propor uma rede construcional constituída por marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo na segunda pessoa do discurso e pelo advérbio focalizador *bem*, este trabalho organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, discutimos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso, tratando, de modo particular, das proposições de Traugott e Trousdale (2013) acerca da construcionalização gramatical; em um segundo momento, tratamos da noção de focalização do ponto de vista teórico e definimos marcadores discursivos; já em um terceiro momento, apresentamos os procedimentos metodológicos a partir dos quais se constitui a análise; em um quarto momento, tratamos efetivamente da análise dos dados e da proposta de rede construcional; por fim, nas considerações finais, sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir da realização do trabalho.

A construcionalização gramatical no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso compreende a denominação adotada, mais recentemente, para se referir às pesquisas funcionalistas que coadunam princípios formulados no âmbito do funcionalismo de vertente norte-americana e da Gramática de Construções (BYBEE, 2010; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016).

Na contemporaneidade, a pesquisa funcionalista que se baseia na centralidade do papel do contexto e que se pauta no pressuposto de que a estrutura linguística deriva de processos cognitivos gerais tem recebido a denominação de *Usage Based Linguistics* – Linguística Centrada no Uso – ou *Cognitive-Functional Linguistics* – Linguística Cognitivo-Funcional (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). De modo bastante particular, essa vertente mais contemporânea do Funcionalismo tem sido denominada, no Brasil, de Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – a fim de que, primordialmente, seja demarcada a identidade funcionalista em uma Linguística que seja centrada no uso.

Nesse contexto, para a Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – há uma relação estrita e indissociável entre os aspectos formais e os aspectos funcionais de uma construção. Enquanto, no funcionalismo clássico – que, nos termos de Rosário e Oliveira (2016), compreende os estudos pioneiros da vertente norte-americana – assume-se a correlação função > forma, na Linguística Funcional Centrada no Uso, assume-se a bidirecionalidade *função < > forma*. Nesse sentido, forma e função assumem igual estatuto e igual importância (OLIVEIRA; ARENA, 2016).

Nesse sentido, a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU (ou versão contemporânea do funcionalismo) – constitui-se a partir de noções e princípios basilares da Gramática de Construções, tomando como referência os modelos construcionistas: i) que assumem o compromisso de explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais; e ii) que são, nesse sentido, identificados epistemologicamente com a Linguística Cognitiva e também com a Linguística Funcional.

A Gramática das Construções (GrC), em todos os seus modelos, pode ser considerada uma teoria de gramática em sintonia com os pressupostos sociocognitivos enfeixados pela Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FILLMORE, 1982; FILLMORE *et al.*, 2003; CROFT; CRUSE, 2004). Formulada no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções defende o postulado de que, de uma perspectiva sincrônica, a língua é constituída de pareamentos forma-significado – as chamadas construções –, organizados em rede (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). E, mais recentemente, a partir de Goldberg (2016), compreende-se que as construções da língua constituem pareamentos forma-função.

Assumir os pressupostos da Gramática de Construções quer dizer que o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções. Nesse sentido, a construção é a

unidade básica da língua (GOLDBERG, 1995, 2006). E a língua, como outros sistemas cognitivos, compreende uma rede de nós ligados por elos, e as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquias de herança (LANGACKER, 1987).

Nesse contexto, a publicação da obra *Constructionalization and Constructional Changes*, por Traugott e Trousdale, em 2013, traz importantes contribuições para o tratamento sistemático de processos de mudança linguística no que se refere tanto à gramática como ao léxico. Ao proporem um modelo teórico para a compreensão da mudança, Traugott e Trousdale (2013) assumem a centralidade da noção de rede construcional e defendem que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se a partir de redes taxonômicas de construções, as quais seriam hierarquicamente constituídas e organizadas.

Fundamentando-se na proposta da *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001), os autores partem do princípio de que nenhuma construção é instanciada de modo isolado, uma vez que a língua seria constituída por redes construcionais hierarquicamente organizadas, em que cada construção representa um nó específico. Traugott e Trousdale (2013), ao defenderem que as construções da língua se organizam em redes taxonômicas, operam com a distinção entre quatro níveis, a saber: construto, microconstrução, subesquema e esquema.

Os construtos compreendem as ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Desse modo, estão relacionados à frequência *token*, que caracteriza o número de ocorrências de determinada construção (BYBEE, 2003). Já as microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e significado e já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por sua vez, os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas. E os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata e esquemática, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (*slots*).

Além disso, os autores propõem um modelo que compreende a mudança linguística a partir de duas diferentes dimensões, as quais eles intitulam de mudança construcional e construcionalização. Enquanto a construcionalização envolve a emergência de novas construções na língua a partir do pareamento entre forma e significado, a mudança construcional está relacionada à dimensão interna da construção, uma vez que são afetados os

subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles relacionados à forma (subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva). E, como ainda assumem Traugott e Trousdale (2013), a diferença entre construções lexicais e construções gramaticais reside no grau de complexidade interna de cada uma delas (GOLDBERG, 1995), de modo que a fronteira entre elas é difusa.

Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo mais pontual, na noção de construcionalização gramatical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), assumimos, neste trabalho, que os marcadores discursivos focalizadores constituem casos de construcionalização gramatical, em que se observa a chamada de atenção por parte do locutor a seu(s) interlocutor(es).

Focalização e marcadores discursivos : uma breve discussão

No âmbito de sua gramática funcional, Dik (1989) apresenta a linguagem como um instrumento de interação verbal, a qual é definida como uma atividade estruturada, regida por normas e convenções, sendo uma atividade cooperativa, na qual dois falantes cooperam para sua realização. Sob essa perspectiva, o autor apresenta o conceito de foco e focalização, afirmando que a função pragmática do foco pertence à função focalizadora do discurso, isto é, a informação focalizada é aquela mais proeminente e relativamente mais importante no conjunto comunicativo. Em outras palavras, o foco é motivado pela necessidade de contraste de um elemento em relação a outros no enunciado. A partir disso, o autor postula que a função de foco pode se manifestar por meio dos seguintes recursos focalizadores: i) proeminência prosódica; ii) ordem especial de constituinte; iii) marcadores especiais de foco; e iv) construções especiais de foco. A partir do que postula Dik (1989), a delimitação do foco ocorre a partir de operadores do discurso, os quais, levando-se em conta as construções analisadas nesta pesquisa, podem ser o modo verbal (imperativo) e os advérbios, que, como veremos na seção dedicada à análise, apresentam claras noções de escopo que dialogam com as questões postas pelo autor em relação ao foco e à focalização.

O uso do modo imperativo nos marcadores discursivos analisados nesta pesquisa

também indica que há uma relação com o tipo de focalização, principalmente no que se refere ao foco dado ao interlocutor, uma vez que este é chamado a participar do discurso por meio do marcador. Travaglia (2006), ao tratar do modo imperativo, afirma que as formas verbais essencialmente marcam modalidade, além de marcarem um enunciado no tempo presente que visa a uma ação em um tempo futuro. Sob essa perspectiva, vale ressaltar que Palmer (1986), em sua obra “Mood and Modality”, já trata exatamente dessas questões destacadas por Travaglia (2006): o modo e a modalidade verbal.

Palmer (1986) define o conceito de modo verbal como um sistema basicamente e prototipicamente binário, no qual as proposições têm tipicamente o caráter *realis* ou *irrealis*. Além disso, para o autor, o modo e o sistema modal são maneiras com que as línguas geralmente lidam gramaticalmente com a modalidade, pois essa se configura como o *status* da proposição que descreve o evento (PALMER, 1986), como uma categoria que está rigorosamente associada ao aspecto e ao tempo de uma proposição, mas que nem sempre está marcada no complexo verbal.

O conceito de modo, então, assim como a modalidade, tem relação com o evento e a proposição em que aparece; por isso, também se relaciona aos conceitos de *realis* e *irrealis*. Palmer (1986) também define esses conceitos de forma binária: *realis* diz respeito ao que é factual e real, ao passo que *irrealis* diz respeito ao oposto, ao que não é factual e o que é irreal. Portanto, por se tratar de um pedido, uma solicitação etc. e caracterizar algo que não depende do locutor, o imperativo se encaixa no conceito de *irrealis*. O autor também relaciona o imperativo à modalidade deôntica, por seu caráter claramente diretivo, por indicar um comando e também pelo fato de caracterizar eventos possíveis no futuro.

Outro aspecto relevante sobre o modo imperativo é que, normalmente, ele não ocorre em orações subordinadas ou em perguntas por ser performativo. Consequentemente, os marcadores discursivos analisados nesta pesquisa também ocorrem de forma independente de outra oração, no que tange à sintaxe e à sua forma, contudo, isso não impede que haja marcadores que desencadeiem uma oração subordinada, uma vez que o modo imperativo configura uma oração independente que pode ou não requerer uma oração subordinada. No que tange ao foco, consideramos que, por incluir o interlocutor no discurso, ao chamar a sua atenção, o locutor faz uso do modo imperativo com consciência de sua força semântica, a qual, como explicitou Palmer (1986), está associada à modalidade deôntica, à modalidade da

necessidade, da ordem, da obrigação, da volição e da permissão.

Nesse sentido, como assumimos neste trabalho, os marcadores discursivos analisados atuam como elementos focalizadores tanto no que tange ao modo imperativo dos verbos, quanto ao escopo do advérbio *bem*, que se liga aos verbos de percepção para formar as construções analisadas. Sob essa perspectiva, também delimitamos, nesta seção, a concepção de marcador discursivo assumida neste trabalho.

Em termos gerais, os marcadores discursivos são entendidos como unidades do discurso que sequenciam um tópico conversacional com a finalidade de o locutor chamar a atenção de seu interlocutor para o tópico a ser discutido. Os marcadores discursivos podem ser, então, expressões da fala (como “ei”, “ah”, “oh” etc.), verbos, conjunções, advérbios e, até mesmo, combinações entre mais de um desses elementos, como é o caso dos marcadores discursivos analisados nesta pesquisa.

Marcuschi (1989) trata dos marcadores discursivos sob a nomenclatura de marcadores conversacionais (MCs). Nesse sentido, o autor afirma que “elementos de todas as classes gramaticais e formas sintáticas podem em princípio funcionar como MCs” (MARCUSCHI, 1989, p. 290), o que significa, então, que não se identifica um marcador pela classe gramatical, mas sim pela função que aquela forma passa a adquirir no discurso. O autor, então, os classifica como i) MC simples: realizados apenas com um só lexema, tais como as interjeições, advérbios, verbos etc.; ii) MC composto: os que têm caráter sintagmático, com tendência a pouca variação morfológica; iii) MC oracional: que se realiza como pequenas orações, podendo ocorrer em diversos tempos e modos verbais, englobando os marcadores de caráter estritamente semântico e pragmático, como a repetição de frases curtas; e iv) MC prosódico: que se realiza apenas com recursos prosódico, como entonação, pausa, hesitação etc..

Como este trabalho visa a analisar a construcionalização gramatical de marcadores discursivos formados por um verbo no modo imperativo associado a um advérbio, podemos entender que, conforme as definições de Marcuschi (1989), essas construções configuram-se como marcadores compostos, pois todos eles apresentam funções sintagmáticas e tendem a pouca variação morfológica, já que, nos termos de Bybbe (2010), eles constituem *chunkings*, ou seja, unidades de processamento linguístico.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na subseção 4.1, tratamos da descrição do *corpus* sincrônico sob análise. Posteriormente, na subseção 4.2, abordamos o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso na investigação das ocorrências (CUNHA LACERDA, 2016).

A constituição do *corpus*

Como este trabalho visa à análise de marcadores discursivos que apresentam formas originadas a partir dos padrões fluidos de uso da língua, cujas motivações podem ser cognitivas e discursivas, uma análise de dados sincrônicos torna-se viável e produtiva para esta pesquisa.

O *corpus* escolhido para a análise apresentada nesta pesquisa consiste de textos escritos retirados de *blogs* disponíveis na internet. Esses *blogs* apresentam temáticas variadas (estilo de vida, maquiagem, viagem etc.), e a escolha desse gênero textual, como defendem Oliveira (2012, 2016) e Martins Dall’Orto (2018), deve-se ao grau de menor formalidade presente nesses textos, já que seriam caracterizados por um menor grau de monitoramento da escrita com o objetivo de se aproximarem de seu público-alvo e de se tornarem mais acessíveis, apresentando maior ocorrência de construções que estão em processo de mudança na gramática e no léxico da língua. Com isso, construções de marcadores discursivos tenderiam a ocorrer com frequência considerável em textos como esses, uma vez que se caracterizam, dentre outras funções – como a chamada de atenção –, como conectores dos elementos e passagens textuais.

Neste trabalho, realizamos uma análise sincrônica de dados a partir de um *corpus* escrito sincrônico atual, cujas amostras representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017. Nesse sentido, vale destacar que as amostras referentes aos anos de 2008, 2011 e 2014 foram compiladas por Oliveira (2012, 2016) e Martins Dall’Orto (2018). Como assumimos neste trabalho, por se encontrarem muito próximos os anos que compõem as amostras,

consideramos que, de modo geral, elas representam, de forma bastante correlata, o objeto de estudo analisado.

Cada amostra analisada é composta de trezentas mil palavras, totalizando um milhão e duzentas mil palavras, como apresentado na tabela abaixo.

Tabela 1 - Constituição do *corpus*

<i>Corpus</i>			
Origem	Nível de formalidade	Amostra	Total de número de palavras analisadas
<i>Blogs</i>	Informal	2008	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2011	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2014	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2017	300.000
Total			1.200.000

Os dados retirados desse grande *corpus*, divididos por marcador discursivo e suas respectivas frequências de uso, estão apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 - Número de ocorrências dos marcadores discursivos com *bem*

<i>Corpus Blogs – 2008, 2011, 2014 e 2017</i>			
Marcador discursivo	Veja bem	Repara bem	Olha bem
n.º	16	2	1
Total: 19			

Conforme os dados apresentados na Tabela 2, podemos concluir que temos um marcador prototípico, o qual é mais produtivo: *veja bem*. Outro aspecto importante a ser ressaltado a partir dos dados dessas tabelas é que os marcadores destacados podem estar conjugados em relação aos pronomes *tu*, *você* e *vocês*³. Contudo, consideramos que as ocorrências devem ser entendidas como formas diferentes de se dirigir ao interlocutor, representando, até mesmo, diferença de registro. Entretanto, como se configuram como o mesmo verbo, não há necessidade de separá-los para análise e contabilização.

³ Destacamos aqui que estas três possibilidades ocorrem em virtude da variação das formas imperativas que caracterizam o português brasileiro.

O método misto de análise

Este trabalho, ao propor organizar em rede as construções de marcadores discursivos focalizadores, como “olha bem” e “veja bem”, assume, do ponto de vista metodológico, o método misto de análise.

Como destaca Cunha Lacerda (2016), o método misto é importante para a análise de dados de pesquisas sobre mudança linguística por apontar evidências empíricas sobre os níveis esquemáticos de uma rede construcional. Para autora, o método misto está pautado no equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa, que, aplicadas à análise, relacionam-se à frequência *token* e à frequência *type*. Segundo Bybee (2003, 2007), enquanto a frequência *token* diz respeito à frequência de ocorrência de uma unidade – geralmente uma palavra ou morfema – em um *corpus* de análise, a frequência *type* relaciona-se à frequência de um padrão particular. Nesse sentido, a partir de Bybee (2003, 2007), Traugott e Trousdale (2013) consideram que a frequência *token* corresponde à extensibilidade de uso de determinado construto, isto é, ao número de vezes que um mesmo padrão aparece atestado empiricamente. Por sua vez, a frequência *type*, de acordo com os autores, está relacionada à extensibilidade de uso de construções de natureza relacional e esquemática, isto é, ao número de diferentes padrões construcionais que determinada construção mais esquemática apresenta e sanciona.

Schiffirin (1987) também defende o método misto de análise ao julgar que o equacionamento dos métodos quantitativo e qualitativo permite ao pesquisador a obtenção de mais ocorrências e uma análise adequada dos padrões que podem estar sendo formados. E essa análise, segundo a autora, pode ser baseada em uma descrição prévia, porém deve ganhar novas elaborações e adequações de acordo com o que os dados mostram.

Embora seu trabalho não se dedique pontualmente à proposição de uma metodologia no âmbito da abordagem construcional da mudança, Traugott e Trousdale (2013) também sinalizam que o método misto é adequado para a análise de trabalhos no âmbito da mudança linguística. Para os autores, esse método de análise de dados permite que o pesquisador estabeleça uma relação entre frequência e entrincheiramento das construções, além de

possibilitar a verificação do grau de abstração que um dado grupo de construções pode apresentar para uma comunidade de fala. Os autores também afirmam que a propriedade da esquematicidade está relacionada ao aumento de produtividade e à generalidade semântica. Segundo eles, o método quantitativo de análise pode contribuir para verificar a natureza do entrincheiramento das construções e dos esquemas, além de fornecer pistas sobre prototipicidade de uma microconstrução, já que o *chunking* é um importante fator que pode demonstrar como uma microconstrução se desenvolve ao longo do tempo, desde que analisado a partir de um *corpus*.

No que se refere ainda à metodologia, vale destacar que, para o delineamento dos níveis esquemáticos que compõem a rede construcional proposta no trabalho, assume-se uma análise *bottom-up*, pautada na consideração inicial dos construtos e em sua posterior separação por padrões microconstrucionais a fim de agrupá-los em subesquemas e em esquema.

Análise de dados

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados realizada para esta pesquisa referente aos marcadores discursivos focalizadores com *bem*, como, por exemplo, “olha bem”, “veja bem” e “repara bem”. Desse modo, os objetivos desta análise são: a) descrever os pareamentos forma-função de marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo e pelo advérbio *bem*, tendo em vista a intenção de agrupá-los em rede, demarcando seu caráter focalizador e seus respectivos objetos de focalização; b) propor uma rede construcional desses marcadores que abranja os padrões de todas as construções e que apresente os níveis esquema, subesquema e microconstrução.

Nesse sentido, organizaremos a análise da seguinte maneira: i) apresentaremos a descrição do esquema; ii) apresentaremos cada subesquema com suas respectivas microconstruções; iii) sistematizaremos uma proposta de rede construcional para os marcadores discursivos analisados neste trabalho.

O esquema

O objeto de análise deste trabalho – marcadores discursivos focalizadores com *bem* – é composto, no nível mais genérico da rede – o esquema –, pelas características referentes à sua forma e à sua função, descritas no quadro abaixo.

Esquema	
Forma	[verbo* no modo imperativo em na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i>] *em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”.
Função	Chamada de atenção a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo a uma informação do discurso.

Quadro 1 – Descrição do esquema da rede

A representação da forma, no esquema, que abrange as características de suas respectivas microconstruções, é representada por [verbo no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem*], em que, na posição de verbo, encaixam-se apenas os verbos de percepção cognitiva – tais como “olhar” e “ver” –, no modo imperativo, na segunda pessoa do discurso, a qual é representada pelos pronomes “tu”, “você” e “vocês”. Juntamente com o verbo, temos o advérbio *bem*, que apresenta escopo avaliativo em relação ao verbo e à informação focalizada. Já a função deste subesquema é descrita como uma chamada de atenção em relação a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo para uma informação do discurso. Isto é, os marcadores discursivos que fazem parte da hierarquia deste subesquema apresentam essa função em comum, que diz respeito a um pedido de análise feito pelo locutor a seu interlocutor com foco avaliativo em relação a uma informação do discurso, pois o locutor deseja que seu interlocutor avalie uma informação sob o mesmo ponto de vista, de modo a tentar convencê-lo de tal posição.

Nesse caso, o foco avaliativo incide sobre dois pontos: o verbo e a informação focalizada. Primeiramente, devemos ter em mente que os advérbios, como destaca Neves (2000), constituem uma palavra periférica que funciona, em um sintagma, como satélite de um núcleo – ou constituinte. E esse núcleo – ou constituinte – pode ser, dependendo das

subclasses do advérbio, um verbo, um adjetivo (ou sintagma com valor adjetival), um advérbio (ou sintagma com valor adverbial), um numeral, um substantivo ou um pronome. No caso particular deste trabalho, o advérbio *bem*, sendo um advérbio de modo, tem a função de modificar a maneira como o interlocutor deve analisar a informação, mudando o sentido do verbo. Por outro lado, em relação à informação focalizada, esta deve ser analisada da maneira solicitada pelo locutor. Desse modo, o foco avaliativo recai sobre essa informação. E essa informação focalizada, conforme mostraremos mais adiante, pode ocorrer por meio de uma oração encaixada, de uma oração coordenada, de um sintagma nominal, de um sintagma preposicional, entre outros. A forma como ela é apresentada será de acordo com a idiosincrasia de cada microconstrução, que requer um tipo de forma diferente para ter o seu pareamento próprio de forma e função.

O esquema sob análise subdivide-se em dois subesquemas, os quais abrangem as microconstruções de marcadores discursivos focalizadores com o advérbio *bem*, a saber: a) subesquema 1.1 – com foco em um pedido de apreciação; e b) subesquema 1.2 – com foco avaliativo-argumentativo. Na tabela abaixo, apresentamos a distribuição do esquema no que se refere ao quantitativo de marcadores discursivos pertencentes à sua hierarquia.

Tabela 3 – Distribuição quantitativa das microconstruções vinculadas ao esquema

Esquema – Foco Avaliativo (<i>bem</i>)					
Marcadores Discursivos					
<i>Ver</i>		<i>Olhar</i>		<i>Reparar</i>	
Veja bem	9	-	-	-	-
Vejam bem	7	Olhem bem	1	Reparem bem	2
Total de marcadores discursivos			19		

Na tabela acima, podemos verificar que há um total de 19 marcadores discursivos pertencentes à hierarquia do esquema, sendo, dentre estes, 16 com o verbo “ver” (9 referentes a “veja bem”; e 7 referentes a “vejam bem”); 1 referente ao verbo “olhar” (mas especificamente, ao marcador discursivo “olhem bem”); e 2 referentes a “reparar” (também referentes ao plural, “reparem bem”). Isto posto, nas subseções seguintes, nos ocupamos de descrever os subesquemas bem como as microconstruções pertencentes às suas hierarquias.

Os subesquemas

Na análise dos dados, foram identificados dois subquemas, os quais denominamos de subesquema 1 e subesquema 2. Nesse sentido, nas seções a seguir, apresentaremos cada subesquema no que se refere à sua representação formal e à sua função e suas respectivas microconstruções.

Subesquema 1 e seus respectivos padrões microconstrucionais

O primeiro subesquema abrange as microconstruções que apresentam em comum o foco em um pedido de apreciação por parte do locutor, isto é, os marcadores discursivos pertencentes a este subesquema apresentam a característica de sequenciar um tópico (MARCUSCHI, 1989), ou seja, de iniciar um pedido de avaliação. No quadro abaixo, representamos a forma e a função deste subesquema.

Subesquema 1 – Foco em um pedido de apreciação	
Forma	[verbo* no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + (porção do discurso)] *em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”.
Função	Pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, a um elemento do discurso.

Quadro 2 – Descrição do subesquema 1 da rede construcional

A forma deste subesquema é descrita por [verbo no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + (porção do discurso)], em que, na posição de “verbo”, se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”. Esses verbos podem apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. Além do verbo, a forma desse subesquema apresenta o advérbio “bem” e uma porção do discurso, a qual se trata de uma

parte do texto em que o locutor enuncia o elemento do discurso a ser avaliado. A função deste subesquema é descrita como um pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, em relação a um elemento do discurso. Vale destacar, nesse sentido, que a apreciação se configura como a avaliação da forma, da apresentação, da aparência e da composição de uma entidade no mundo (WHITE, 2003). Dessa forma, um locutor usa os marcadores discursivos deste subesquema a fim de que seu interlocutor aprecie um elemento do discurso da mesma maneira que ele. Isto é, há uma intenção de convencimento por parte do locutor e, nesse caso, o uso do marcador indica uma tentativa de “elucidação” da situação a partir da perspectiva do locutor.

Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes a este subesquema, no qual podemos verificar que há, em sua hierarquia, 1 marcador discursivo “veja bem”, 1 marcador discursivo “olhem bem” e 2 marcadores discursivos “reparem bem”.

Tabela 4 – Distribuição quantitativa do subesquema 1 da rede construcional

Subesquema 1 – Foco em um pedido de apreciação					
Marcadores Discursivos					
<i>Ver</i>		<i>Olhar</i>		<i>Reparar</i>	
Veja bem	1	-	-	-	-
-	-	Olhem bem	1	Reparem bem	2
Total de marcadores discursivos			4		

A seguir, sistematizamos, no quadro abaixo, o pareamento forma-função que caracteriza cada uma das microconstruções pertencentes à hierarquia do subesquema 1. E, subsequentemente, apresentamos e analisamos ocorrências representativas de cada padrão microconstrucional em particular.

Microconstrução 1.1 – <i>Veja bem 1</i>	
Forma	[(oração avaliativa) + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + (oração avaliativa)]
Função	Pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.

Microconstrução 1.2 – <i>Olha bem 1</i>	
Forma	[verbo “olhar” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + NP + (oração avaliativa)]
Função	Chamada de atenção a uma apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.
Microconstrução 1.3 – <i>Repara bem 1</i>	
Forma	[verbo “reparar” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + PP + (oração avaliativa)]
Função	Pedido de análise detalhada, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.

Quadro 3 – Pareamento forma-função das microconstruções do subesquema 1

A primeira microconstrução é descrita por: [(oração avaliativa) + verbo *ver* no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + (oração avaliativa)], em que “oração avaliativa” representa orações que apresentam conteúdo avaliativo, seja explícito ou não, por meio do uso de adjetivos, construções avaliativas (“eu acho que”, por exemplo) ou ainda sintagmas nominais com valor avaliativo. A representação entre parênteses significa que essas orações podem ocorrer explícitas ou implícitas e que o marcador discursivo “veja bem” ocorre de forma parentética, ou seja, pode ocorrer no início, no meio ou no final do discurso. A sua função é descrita como um pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Ou seja, o locutor pede que seu interlocutor examine um elemento do discurso conforme a avaliação apresentada. O foco do marcador incide sobre a avaliação, ainda que esta esteja implícita, já que a intenção do locutor é convencer seu interlocutor de sua posição. Abaixo, apresentamos uma ocorrência extraída do *corpus* analisado a fim de ilustrar esta microconstrução:

- (3) “Essa sou com muitas lindas sacolas no dia em que fui pela primeira vez na Sephora (era no começo da viagem). Mas só uma sacola é de lá, **vejam bem!**” (*Corpus* escrito *blogs*).

Neste exemplo, a locutora relata um episódio em que participou de um desfile de uma marca e, logo depois, saiu às compras em uma loja de uma marca famosa. A locutora apresenta uma imagem em que ela aparece segurando algumas sacolas e avalia-as como lindas. O marcador ocorre neste exemplo de modo a focalizar esta avaliação, destacando

também o fato de que apenas uma dessas sacolas é dessa loja famosa. Nesta oração, a locutora apresenta uma avaliação implícita, pois deseja que seu interlocutor aprecie a sacola dessa loja específica da mesma maneira que ela, julgando-a como linda e, talvez, como uma loja que venda produtos caros.

Já a segunda microconstrução do Subesquema 1 apresenta a seguinte forma: [verbo “olhar” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + NP], em que “olhar” pode ocorrer com as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. Esta forma compõe-se também do advérbio *bem*, de um sintagma nominal (NP) e de uma oração avaliativa, representada entre parênteses por ter a possibilidade de ocorrer explícita ou implícita, por meio de referência a uma avaliação do contexto do texto em que o marcador discursivo se insere. A função desta microconstrução também é descrita como uma chamada de atenção para uma apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Nesse sentido, o locutor chama a atenção de seu interlocutor em relação a uma apreciação que ele mesmo faz de um elemento do discurso, desejando que seu interlocutor tenha o mesmo tipo de avaliação. O foco avaliativo acarretado pelo advérbio *bem* incide sobre a avaliação da oração avaliativa, como uma forma de dizer “avalie da mesma maneira que eu avalio”. A seguir, apresentamos uma ocorrência representativa deste padrão construcional:

- (4) “[...] a parceria com o designer indiano manish arora resultou nessa linha wonderful, que tem disparado as embalagens mais looosho que eu conheço. tudo multi colorido... **olhem bem** a palette "eyes on manish", um escândalo! e conforme reza a lenda, os tons alaranjados seguem firmes & fortes ;)”. (*Corpus* escrito *blogs*).

Em (4), a locutora trata de novos produtos de maquiagem e cosméticos que uma marca lançou. Ao chamar a atenção para uma paleta de sombras, a locutora usa o marcador discursivo “olhem bem” de modo a mostrar sua avaliação acerca desse produto e também a pedir que seu interlocutor aprecie da mesma forma que ela. Para isso, o foco avaliativo gerado por *bem* é fundamental, pois focaliza o modo como o interlocutor deve apreciar tal elemento do discurso (a paleta de sombras para olhos).

Por sua vez, a terceira microconstrução do subesquema 1 é descrita por [verbo “reparar” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + PP + (oração avaliativa)], em que “reparar” apresenta as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e

“vocês” referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. É composta também pelo advérbio *bem*; por um sintagma preposicional (PP), devido à regência do verbo “reparar” que pede a preposição “em”; e uma oração avaliativa, representada entre parênteses porque pode ocorrer explícita e encaixada ao PP ou coordenada, ou, ainda, pode ocorrer implícita, referenciando uma avaliação já expressa anteriormente no contexto. Descrevemos a função desta microconstrução como um pedido de análise detalhada, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Devido ao uso de “reparar”, cujo sentido é “ter a atenção despertada por”, esta função apresenta um caráter mais específico no pedido de análise. Dessa maneira, o locutor solicita a seu interlocutor que analise muito atentamente um elemento do discurso com base na avaliação que apresenta, de modo que a análise do interlocutor seja semelhante à do locutor. A seguir, apresentamos uma ocorrência representativa deste padrão microconstrucional:

- (5) “Nem preciso repetir o tanto que gostei de estar em Fortal né? Vocês já viram e ouviram muita coisa sobre esse assunto. Mas agora, preciso dividir maissss fotos que tirei durante o bate papo! Começando pelo make up super Verão! Olha só... **Reparem bem** no detalhe dos olhos, com uma sombra laranja e delineador preto. O que eu mais gosto dessa proposta é que, apesar da sombra ser laranja, não ficamos com cara de carnaval, sabe?”. (*Corpus* escrito *blogs*).

Em (5), a locutora compartilha fotos de uma viagem realizada a Fortal durante o verão, nas quais chama a atenção acerca dos detalhes de sua maquiagem. Nesse sentido, a locutora usa o marcador discursivo de modo a pedir uma análise mais apurada de um detalhe da maquiagem; logo após, ela apresenta a sua avaliação acerca desse detalhe. Dessa maneira, o uso de *bem* faz com que o foco avaliativo incida sobre a maneira como o interlocutor deve, segundo a locutora, analisar a imagem apresentada por ela.

Subesquema 2 e seus respectivos padrões microconstrucionais

O segundo subesquema caracteriza-se pelo foco avaliativo-argumentativo. Nesse caso, sua característica avaliativa deve-se ao advérbio *bem*, ao passo que o caráter argumentativo se deve ao contexto em que se insere o marcador discursivo. Sendo assim, o contexto argumentativo é um objeto de focalização que ocorre em sequências ou textos

argumentativos, criados a partir da argumentação instanciada pelo locutor. Nesse sentido, a argumentação é entendida como uma expressão e uma defesa de um ponto de vista elencadas de modo a sustentar uma posição que está em disputa (SCHIFFRIN, 1987). Outro aspecto deste subesquema é que, devido ao objeto de focalização ser uma sequência argumentativa, todos os verbos utilizados nos marcadores discursivos são metaforizados, isto é, não apresentam seus sentidos dicionarizados. Como os sentidos dos verbos de percepção cognitiva estão vinculados à nossa experiência de mundo, e essa experiência é percebida pelo nosso intelecto, a meteforização ocorre como um meio de transferir as informações de modo mais palatável, principalmente com os verbos de percepção visual, conforme sinaliza Sweetser (1990). Com isso, representamos, no quadro a seguir, as representações de forma e função deste subesquema.

Subesquema 2 – Foco avaliativo-argumentativo	
Forma	[(oração) + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + (oração)]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, dos argumentos apresentados no discurso sob foco avaliativo.

Quadro 4 – Descrição do subesquema 2 da rede construcional

A forma deste subesquema é descrita por [(oração) + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + (oração)], em que “oração” está representada entre parênteses por poder ocorrer como encaixada ou coordenada, além de ter que apresentar conteúdo argumentativo. Compõe também a forma deste subesquema o verbo “ver” no modo imperativo, apresentando as marcas morfológicas dos pronomes “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso, e o advérbio *bem*, denotando foco avaliativo. Já a função deste subesquema é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, em relação aos argumentos apresentados no discurso sob foco avaliativo. Nesse sentido, o locutor solicita ao interlocutor que faça uma análise dos argumentos apresentados, de modo a reforçar a defesa desses argumentos. O uso do advérbio *bem* no marcador configura foco em relação ao modo como esse argumento deve ser analisado. Assim, podemos entender que o locutor pede que o interlocutor analise este argumento sob o seu ponto de vista. Logo, os marcadores discursivos com objeto de focalização, em uma sequência argumentativa pertencente a este

subesquema, configuram uma estratégia subjetiva de convencimento, baseada no escopo avaliativo que inclui todo o discurso, sinalizando um fenômeno subjetivo em que os argumentos têm significado cultural e podendo ser motivados para diferentes fins (VIEIRA, 2007).

Na tabela abaixo, mostramos o resultado quantitativo referente aos marcadores discursivos deste subesquema, os quais se referem apenas ao verbo “ver”, nas formas “veja bem” – 9 ocorrências – e na forma “vejam bem” – 6 ocorrências. A saber:

Tabela 5 – Distribuição quantitativa do subesquema 2 da rede construcional

Subesquema 2 – Foco avaliativo-argumentativo	
Marcadores Discursivos	
<i>Ver</i>	
Veja bem	9
Vejam bem	6
Total:	15

A seguir, sistematizamos, no quadro abaixo, o pareamento forma-função que caracteriza cada uma das microconstruções pertencentes à hierarquia do subesquema 2. E, em seguida, apresentamos e analisamos ocorrências representativas de cada padrão microconstrucional em particular.

Microconstrução 2.2.1 – <i>Veja bem 2</i>	
Forma	[(porção do discurso) + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + (oração argumentativa)]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, da informação do texto anterior (anafórico) e do argumento da oração argumentativa (catafórico) sob foco avaliativo.
Microconstrução 2.2.2 – <i>Veja bem 3</i>	
Forma	[(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + (oração argumentativa)]

Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, como foco avaliativo no argumento da oração argumentativa (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico).
Microconstrução 2.2.3 – Veja bem 4	
Forma	[(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + <i>bem</i> + oração encaixada]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo no argumento da oração encaixada (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico).

Quadro 5 – Pareamento forma-função das microconstruções do subsquema 2

A primeira microconstrução é descrita por [(porção do discurso) +verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem*+ (oração argumentativa)], em que “porção do discurso” se refere a partes do texto em que o locutor desenvolve o tema ou a tese. Por sua vez, a “oração argumentativa” representa a oração – ou orações – em que são apresentados os argumentos focalizados pelo marcador discursivo. Ambas estão representadas entre parênteses devido ao caráter parentético do marcador discursivo, que contém o verbo “ver” nas formas do modo imperativo “veja” ou “vejam” em conjunto com o advérbio *bem*. A sua função é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor em relação ao interlocutor, acerca da informação do texto anterior (anafórico) e do argumento da oração argumentativa (catafórico) sob foco avaliativo. Ou seja, dentro de um contexto argumentativo em que o locutor apresenta sua tese, o uso do marcador indica um reforço de direcionamento da atenção do interlocutor em relação a um dos argumentos apresentados para sustentar a sua tese. Logo, o foco avaliativo gerado pelo advérbio *bem* indica a maneira como tal avaliação do argumento deve ser realizada, isto é, sob o mesmo ponto de vista do locutor. A seguir, apresentamos uma ocorrência representativa deste padrão microconstrucional:

- (6) “Agora, a maquiagem tem várias graças. Uma delas é estar voltando para casa e resolver, num impulso, comprar um novo lápis azul só pra experimentar, sem que isso signifique um rombo no orçamento. **Veja bem**, não é pensar “ai acho que hoje quero comprar um lápis azul só para experimentar, acho que vou ao shopping procurar”. (*Corpus* escrito *blogs*).

Em (6), a locutora elenca alguns dos encantos de usar e comprar maquiagem. Segundo ela, um desses encantos é comprar novos produtos apenas para teste sem que haja

comprometimento do orçamento. Porém, a locutora argumenta – chamando a atenção para esse argumento com o marcador discursivo “veja bem” – que o encanto não é o impulso com intenção de comprar e experimentar, mas sim deparar-se com o produto e comprar porque se interessou por ele. Nesse sentido, o uso do marcador reforça o argumento da locutora e marca o seu pedido de análise para esse seu ponto de vista, focalizando-o de modo avaliativo por meio do advérbio *bem*. O caráter anafórico do marcador se dá pela referência à tese da locutora, ao passo que o caráter catafórico se dá pelo apontamento em relação ao argumento apresentado após o marcador discursivo.

No que se refere à segunda microconstrução do subesquema 2, sua forma é representada por [(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + *bem* + (oração argumentativa)], em que “porção do discurso” está representada entre parênteses, bem como “oração argumentativa”, pois se trata de um marcador parentético. Compõem também esta microconstrução a conjunção aditiva “e”, “ver” no modo imperativo, apresentando as formas “veja” ou “vejam”, referentes à segunda pessoa do discurso, e o advérbio *bem*. A função desta microconstrução é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo no argumento da oração argumentativa (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico). Ou seja, o locutor solicita a seu interlocutor que analise – sob o mesmo ponto de vista – a informação do discurso e o argumento usado para sustentá-la. Desse modo, o foco avaliativo, gerado por *bem*, leva o interlocutor a ter o mesmo posicionamento que o locutor. Abaixo, apresentamos uma ocorrência representativa:

- (7) “Sempre fui apaixonada pelo mar, minha mãe conta que era uma criança calma. Fui aquela criança que deu trabalho zero, sabe quantas vezes acordei de madrugada? NENHUMA. Sai da maternidade e já dormia a noite toda. Minha mãe acha que nasci com ‘alma’ velha, e veja bem, eu também acho rsrs!”. (*Corpus escrito blogs*).

Nesta ocorrência, a locutora relata que foi uma criança muito calma, segundo sua mãe. Devido a isso, a mãe da locutora opina que a locutora nasceu com alma de uma pessoa mais velha, e a locutora concorda com essa opinião. Desse modo, para pedir a atenção do seu interlocutor em relação a seu próprio posicionamento, a locutora usa o marcador discursivo “veja bem”, que, com o foco avaliativo gerado por *bem*, faz com que o interlocutor reflita acerca dos pontos apresentados por ela anteriormente. E, por esse posicionamento, o

interlocutor é levado a chegar à mesma conclusão da locutora.

Por fim, a terceira microconstrução do subesquema 2 apresenta como forma [(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso + bem+ oração encaixada], em que “porção do discurso” é entendida por parte do texto do locutor que contém o tema ou a tese defendida por ele. Além disso, também compõem esta microconstrução a conjunção aditiva “e”; o verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso (apresentando as marcas morfológicas dos pronomes “você” ou “vocês”); o advérbio *bem*; e uma oração encaixada, na qual se apresenta o argumento da sequência argumentativa do texto. Já a sua função, descrevemos como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, como foco avaliativo no argumento da oração encaixada (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico). Nesse sentido, o locutor solicita ao seu interlocutor que analise – sob o mesmo ponto de vista – um argumento, apresentado em uma oração encaixada ao marcador discursivo. O foco avaliativo gerado pelo advérbio *bem* recai sobre o argumento da encaixada, de modo a produzir o efeito de “analise como eu analiso”. A seguir, apresentamos uma ocorrência representativa deste padrão microconstrucional.

- (8) Quem tem medinho pode começar com acessórios (ótimos), tipo sapato, bolsa, lenço, bracelete, broche – um desses de cada vez não scandaliza ninguém, em nenhum ambiente. E **vejam bem**, amigas, que a intenção não é mascarar a mensagem sexy da estampa de animal, mas acrescentar à essa outras leituras possíveis – pra gente ficar mais interessante e menos literal, no caso.”. (*Corpus escrito blogs*).

Em (8), a locutora trata de roupas com estampas de animais, defendendo que são estampas que evidenciam a sensualidade de quem as usa, porém, para que as pessoas fujam da obviedade do conteúdo sensual que essas estampas passam, a locutora defende o uso de peças menos sensuais ou mais discretas. Ao usar o marcador discursivo, a locutora sinaliza que a intenção de usar peças menos óbvias não é mascarar a sensualidade dessas peças, mas sim causar um impacto diferente em quem vê as pessoas as usando. Desse modo, a locutora usa o marcador para focalizar seu argumento, visando a levar seu interlocutor a ter o mesmo ponto de vista que ela, o de que tais estampas podem ser usadas de maneira diferente.

Uma proposta de rede construcional

A partir da análise realizada, em que foram apresentados os níveis esquemáticos que caracterizam os marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo na segunda pessoa do discurso e pelo advérbio focalizador *bem* no *corpus* analisado, apresentamos a seguinte proposta de rede construcional:

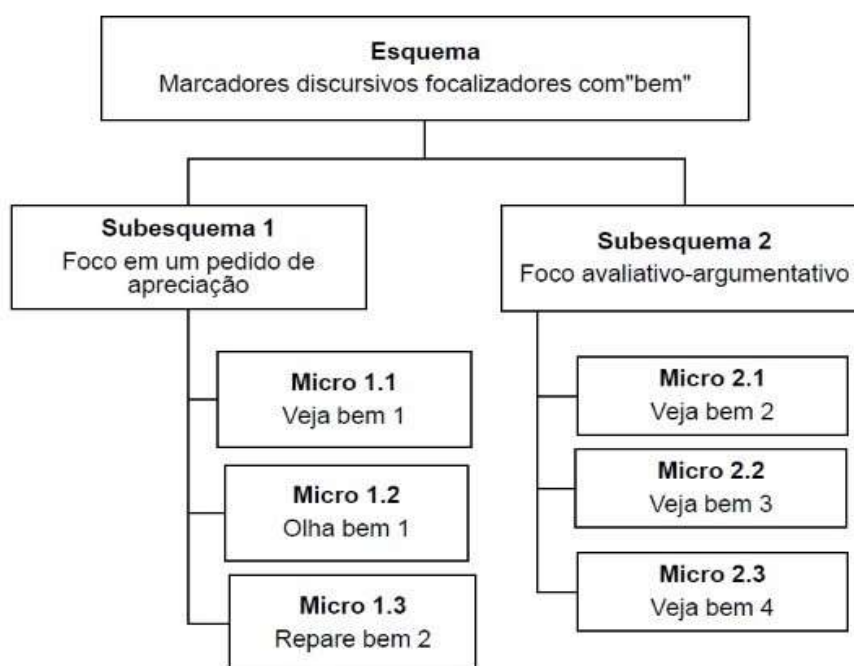


Ilustração 1 – Proposta de rede construcional

Esta proposta de rede construcional apresenta seis padrões microconstrucionais pertencentes ao esquema marcadores discursivos com função focalizadora com o advérbio *bem*, distribuídos em dois subesquemas. Nesse caso, os marcadores discursivos pertencentes ao esquema apresentam foco avaliativo devido ao uso do advérbio *bem*, e esse foco é caracterizado, conforme demonstramos, por um pedido de avaliação sob o mesmo ponto de vista do locutor.

Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi propor uma rede construcional para os marcadores

discursivos focalizadores com *bem*, os quais são também formados por um verbo de percepção cognitiva no modo imperativo na segunda pessoa do discurso, como, por exemplo, “olha bem” e “veja bem”. Para a realização da pesquisa, nos pautamos nos pressupostos teóricos da construcionalização gramatical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). De acordo com os autores, novos pares de forma e sentido passam a fazer parte da gramática da língua, estabelecendo novos nós em uma rede construcional hierarquicamente organizada.

Com base na caracterização dos padrões construcionais identificados, chegamos à conclusão de que a nossa proposta de rede é composta pelos seguintes níveis: esquema; subesquema 1 – foco em um pedido de apreciação – e suas respectivas microconstruções; e subesquema 2 – foco avaliativo-argumentativo – e suas respectivas microconstruções. Esse formato de rede foi constituído por meio de uma análise *bottom-up*, ou seja, para que chegássemos aos níveis mais altos da rede, partimos da análise dos construtos, separando-os por padrões microconstrucionais e agrupando-os posteriormente em subesquemas e em esquema. Nesse contexto, verificamos que a rede, então, passa a ser compreendida a partir de um *continuum* que vai de menos *irrealis* a mais *irrealis*, isto é, de mais factual a menos factual. Tal conclusão, pautada nos pressupostos de Palmer (1986), diz respeito às funções dos marcadores discursivos em relação a seu objeto de focalização, já que os marcadores discursivos com objeto de focalização em argumentação seriam cada vez mais *irrealis*, pois estariam baseados na contrafactualidade, isto é, seriam mais subjetivos em relação à realidade, já que se referem a julgamentos e pensamentos do locutor em relação a um elemento do discurso.

No que se refere à hipótese levantada no trabalho, pudemos confirmá-la a partir da análise de dados realizada. Conforme verificamos, de fato, os significados do verbo e dos advérbios concorrem para o estabelecimento da função de cada marcador discursivo em particular. E, nesse sentido, ao mesmo tempo em que cada padrão microconstrucional apresenta uma função específica e idiossincrática, há características formais e funcionais compartilhadas entre todos os marcadores discursivos, o que permite, do ponto de vista analítico, agrupá-los em subesquemas e, em um nível mais abstrato, em um esquema mais geral.

Com base nessas conclusões e em outras encaminhadas durante a realização do trabalho, acreditamos que esta pesquisa apresenta contribuições relevantes para o estudo de

marcadores discursivos e, de modo geral, para os estudos sobre construcionalização gramatical, já que apresentamos uma proposta de rede construcional para os marcadores discursivos focalizadores com o advérbio *bem* identificados no *corpus* analisado. É nesse contexto que procuramos demonstrar que a instanciação dos marcadores discursivos focalizadores com *bem* está presente na sincronia atual. Entendemos, dessa maneira, que a pesquisa realizada, embora não se configure como fechada ou estanque, mostra-se relevante para os estudos que têm como alvo de investigação o uso real da língua, podendo contribuir, de algum modo, com aqueles que se dedicam à construcionalização gramatical e, de modo mais específico, aos marcadores discursivos e à noção de focalização.

Referências

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação linguística, mudança linguística e construcionalização*. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BRINTON, L. J. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Lingüística / Revista do*

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, dez de 2016.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar I*. Dordrecht: Foris, 1989.

FILLMORE, C. J. *et al.* Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*. vol.16, n.3, 2003. p. 235-250.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *A constructionist approach to language*. Trabalho apresentado durante o XXI Seminário Nacional e VIII XXI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Volume 1, Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-322.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. *Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa - uma proposta de rede construcional a partir da Linguística*

Funcional Centrada no Uso. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

_____. *O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa*: uma abordagem construcional. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

OLIVEIRA, M. R. de.; ARENA, A. B. *Arquitetura construcional e competição pelo uso*. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro) funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 7, 2008, p. 109/7-130.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal em português*: a categoria e sua expressão. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. em

WHITE, P. *An introductory tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <[http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal Guide](http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal%20Guide)>. Acesso em: 10 set. 2004.

Discursive markers focalized with "bem" on a functional linguistic perspective centered in the use.

Abstract: This work intends to propose a constructional network constituted by discourse markers with focalizing function which are composed by cognitive perception verbs in imperative in second person of speech and by the focalizing adverb *bem*, for instance, “olha bem”, “veja bem” and “repara bem”. In order to fulfill the proposed objective, we take as theoretical approach the contributions of the Usage-Based Functional Linguistics (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), which conceives language as an hierarchically organized inventory of constructions. Also to achieve the proposed objectives, we performed a synchronous analysis of data from a current synchronic written *corpus*, which its samples represent the years 2008, 2011, 2014 and 2017. In the treatment of the data, we adopted from a methodological point of view the equation between the qualitative analysis of the data and the calculation of the frequency of use (CUNHA LACERDA, 2016). As a prominent result, the analysis demonstrates that the identified constructions, in which the most generical form is [verb in imperative + *bem*], have different functions, highlighting among them the call for the interlocutor’s attention by the speaker and the focalization of an element in the discourse sequence.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Grammatical construcionalization. Focalization. Focalizing discourse markers. Discourse markers with “bem”.

Recebido em: 30 de outubro de 2020.

Aceito em: 20 de dezembro de 2020.

Propriedades funcionais da relativa livre introduzida por *quem*

Edvaldo Balduino Bispo¹

Aline Priscilla Albuquerque Braga²

Resumo: Neste artigo, investigamos aspectos funcionais (semânticos, semântico-cognitivo e sociointeracionais) implicados no uso da oração relativa livre introduzida por *quem* no Português Brasileiro (PB). Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional, conforme Givón (1984, 1995), Martelotta (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015). Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa de natureza interpretativista. Utilizamos como fonte de dados empíricos anúncios de jornal e cartas particulares produzidos no século XIX, provenientes da plataforma de *corpora* do projeto *História do Português Brasileiro* (PHPB). Os resultados indiciam que (i) o pronome *quem* aponta para um referente caracterizado pelos traços semânticos [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO] e [+/-GENÉRICO]; (ii) não há restrição quanto aos tipos semânticos de verbo que podem predicar a relativa livre e a oração em que ela se encaixa; (iii) o *quem* pode exercer uma variedade de papéis semânticos; (iv) questões de natureza sociointeracional, a exemplo de subjetividade, intersubjetividade e inferência pragmática, motivam o uso da relativa livre nos dados analisados.

Palavras-chave: Aspectos funcionais. Oração relativa livre. Linguística Funcional.

Considerações iniciais

As orações relativas são definidas na literatura linguística como um tipo de oração subordinada que, sintaticamente, se caracterizam como estruturas modificadoras de um núcleo nominal. Em seus estudos, Keenan (1985) afirma que existem dois tipos de orações relativas, condicionados à presença ou à ausência de um Sintagma Nominal (doravante, SN) ao qual a relativa se vincula. Quando elas apresentam o SN expresso, são denominadas relativas com antecedente; quando não exibem esse SN ou o exibem dentro da relativa, são consideradas relativas sem antecedente. Para exemplificar essa distinção, atentemos para os dados em (1), (2) e (3).

¹ Mestre (2003) e Doutor (2009) em Estudos da Linguagem pela UFRN. Atualmente, é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Câmpus de Natal, onde atua nas áreas de Língua Portuguesa, na graduação, e de Linguística, na pós-graduação. Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: edbbispo@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-5607-3407

² Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda pelo mesmo Programa. Professora da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: alinealbuquerquebraga@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-0813-0515

- (1) A sua carta de 6 do mes proximo passado| me deo grande saptisfação [...] de ter| achado com saúde toda a sua Familia, **á quem| rendo os meus respeitos**, que igualmente são derigi=|dos por minha mulher [...] (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)
- (2) **Quem quizer aprender a traduzir e fallar as Línguas Franceza e Ingleza**, dirija-se a Diogo Antonio Archer (Portuguez [...] (*Corpus* PHPB, anúncio, século XIX)
- (3) Remeto-lhe sua Burra que condusio o Vigario, porem que aqui estava intregue ao Rodrigues que tinha fugido e foi pega-do no Bucarú, **aquém vier aparte d'elle** direi o ocorrido [...] (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)

A oração destacada em (1) ilustra um caso de oração relativa com antecedente (*toda a sua Família*), ao passo que as exemplificadas em (2) e em (3) correspondem a relativas sem antecedente, visto que não há SN a que essas orações se vinculem.

Tomada como um universal linguístico, segundo apontam Bispo (2009), Bispo e Furtado da Cunha (2019), a oração relativa tem sido investigada por muitos estudiosos e em diferentes perspectivas, conforme mostram Bispo e Oliveira (2014) e Bispo (2018). As relativas sem antecedente, foco deste artigo, são também denominadas relativas livres na literatura linguística e têm sido investigadas principalmente por pesquisadores gerativistas. É o caso de Brito (1988), Mória (1992), Medeiros Junior (2005; 2014) e Marchesan (2008; 2012) – no que concerne, primordialmente, à descrição de aspectos da constituição sintática desse tipo oracional e, em menor grau, à explicitação de suas propriedades semânticas.

Braga (2018) e Bispo (2020) investigaram as relativas sem antecedente à luz do funcionalismo linguístico. No primeiro trabalho, a autora trata de características formais (morfossintáticas) e de aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos e cognitivos envolvidos em ocorrências da relativa livre introduzida por *quem*. No segundo, o pesquisador discute, em uma abordagem funcional-construcionista, relativas sem antecedente introduzidas por *quem* em adágios populares do tipo *quem cala consente, quem desdenha quer comprar*.

Dito isso, este artigo representa o desdobramento da pesquisa realizada por Braga (2018). Em linhas gerais, objetivamos analisar aspectos funcionais – mais precisamente, semânticos e discursivo-pragmáticos – implicados em instâncias de uso da relativa livre introduzida por *quem*. De modo específico, pretendemos (i) caracterizar os traços semânticos do referente para o qual o pronome *quem* aponta, (ii) atestar os tipos semânticos de verbos

presentes na relativa livre e na oração em que ela se encaixa, (iii) verificar os papéis semânticos atribuídos ao pronome *quem* tanto pelo predicador da relativa livre quanto pelo da oração matriz, (iv) explicitar a atuação de processos sociointeracionais nas ocorrências da oração sob enfoque.

Sustentamos nossa discussão em pressupostos da Linguística Funcional, conforme Givón (1984, 1995), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), entre outros. Os dados desta pesquisa compõem-se de textos extraídos do conjunto de *corpora* do projeto *História do Português Brasileiro* (daqui em diante, PHPB), especificamente anúncios de jornal e cartas particulares que circularam no Brasil ao longo do século XIX.

Além da introdução e da conclusão, organizamos este artigo em cinco seções. Na próxima, apresentamos a perspectiva teórica que fundamenta esta pesquisa. Na terceira seção, explicitamos os aspectos metodológicos do trabalho. Em seguida, discutimos fatores semânticos e semântico-cognitivo relacionados aos usos da relativa livre introduzida por *quem*. Na penúltima seção, tratamos de questões sociointeracionais envolvidas em instâncias desse tipo oracional.

Linguística Funcional

Fundamenta a discussão aqui empreendida a Linguística Funcional de vertente norte-americana, nos termos de Givón (1979, 1984, 1995), Thompson e Couper-Kuhlen (2005), Martelotta (2011), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), entre outros. Conforme Furtado da Cunha e Bispo (2013), para essa vertente teórica, a configuração gramatical de uma língua é estreitamente relacionada e moldada por fatores cognitivos, semânticos, pragmáticos e discursivos, que atuam em conjunto. Assim, a estrutura linguística emerge do uso, das práticas interacionais situadas.

Nesse contexto teórico, a língua é tomada como uma estrutura maleável, governada pelo uso que dela fazemos em situações reais de comunicação. A gramática de uma língua natural, por sua vez, consiste de um conjunto de padrões regulares e de formas em processo de regularização, decorrentes da sedimentação de rotinas comunicativas e sensíveis a

demandas internas e externas ao sistema linguístico (MARTELOTTA, 2011). Resulta desse entendimento que o estudo dos fenômenos linguísticos deve levar em conta o *locus* em que eles efetivamente se dão, o que inclui todos os fatores que os contingenciam. É preciso, pois, lidar com dados de fala, escrita e/ou multimodais para melhor explicar tais fenômenos (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Para análise dos dados empíricos aqui considerados, valemo-nos dos seguintes fatores:

i) semânticos (tipos semânticos de verbos; traços semânticos dos nomes; papéis semânticos dos nomes); ii) semântico-cognitivo (princípio de iconicidade); iii) sociointeracionais (inter/subjetividade, inferência sugerida, polidez e preservação das faces).

Quanto à classificação semântica dos verbos que ocorrem como predicador da relativa livre e da oração em que ela se encaixa, consideramos a proposta de Borba (1996, 2002), inspirada em Chafe (1979) e sintetizada no quadro a seguir.

Quadro 1 – Classificação dos verbos por tipo semântico

TIPO DE VERBO	DEFINIÇÃO
Ação	Indica um fazer por parte do sujeito, isto é, uma ação. Ex.: A velha gritava desaforos.
Processo	Exprime um acontecer (algo pelo qual o sujeito passa) ou um experimentar (algo que ele experimenta). Ex.: O bebê acordou .
Ação-processo	Expressa uma ação que atinge um complemento, provocando uma mudança ou promove a existência de algo. Ex.: José quebrou o pires.
Estado	Expressa uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito. Ex.: Marinésio tem três filhos.

Fonte: Adaptado de Borba (1996)

Para atestar os traços semânticos do *quem*, introdutor da relativa livre, levamos em conta, em nossa análise, as propriedades semânticas dos nomes conforme descritas em Chafe (1979) e resumidas no quadro 2.

Quadro 2 – Propriedades semânticas dos nomes

TIPO DE NOME	DEFINIÇÃO
Animado	Concebido pelo falante como pertencente à categoria dos animais. Ex.: Eu assustei o elefante .
Humano	Algo que diz respeito apenas a seres humanos. Ex.: Eu assustei o elefante .
Definido	Algo de cuja identidade o falante supõe o conhecimento prévio por parte do ouvinte ou dele mesmo. Ex.: A água escorreu no chão.
Genérico	Algo que se refere a uma classe inteira de itens e não a um único membro da classe. Ex.: Esquilos gostam de amendoim .

Fonte: Adaptado de Chafe (1979)

Os papéis semânticos, de acordo com Cançado (2005), correspondem às propriedades semânticas que são atribuídas aos argumentos a partir das relações estabelecidas entre os termos da proposição em que eles se encontram. Para este artigo, consideramos duas propostas de classificação para os papéis semânticos dos nomes: a de Borba (1996, 2002) e a de Fillmore (1971 *apud* CASTILHO, 2012), conforme expostas nos quadros 3 e 4, respectivamente.

Quadro 3 – Papéis semânticos segundo Borba (1996, 2002)

PAPÉIS SEMÂNTICOS	DEFINIÇÃO
Agente	Aquele que, por si mesmo, desencadeia uma atividade, física ou não, sendo a origem dela e seu controlador. Ex.: A estudante quebrou o vaso.
Paciente	Aquele que é afetado ou efetuado pela ação verbal. Ex.: Os animais morreram.
Experimentador	Aquele que experimenta o que o conteúdo semântico do verbo da oração expressa. Ex.: Helena sente frio.
Beneficiário	Aquele que é o destinatário de um benefício. Ex.: Lúcia herdou da tia um gato siamês.
Suporte	Aquele que é mero suporte das propriedades. Ex.: O prefeito eleito tem fazendas em Goiás.

Fonte: Adaptado de Braga (2018, p. 31)

Quadro 4 – Papéis semânticos propostos por Fillmore (1971)

PAPÉIS SEMÂNTICOS	DEFINIÇÃO
Agente	O “instigador” do evento.
Contra-agente	Força ou resistência contra a qual a ação é realizada.
Objeto	Entidade que se move ou muda.
Resultado	Entidade que surge como resultado de uma ação.
Instrumento	Estímulo ou causa física do evento.
Fonte	Lugar de onde algo se move.
Alvo	Lugar para onde algo se move.

Fonte: Adaptado de Castilho (2012, p. 255)³

O princípio de iconicidade, outro conceito operacional caro a este estudo, diz respeito à correlação motivada entre as estruturas morfossintáticas de uma língua (a forma) e as funções semânticas e pragmáticas que desempenham (conteúdo) (GIVÓN, 1984). Nesse sentido, a estrutura linguística reflete, em alguma medida, a função a que serve nas práticas interacionais.

Evidências translinguísticas demonstram que acréscimos de conteúdo semântico têm correspondência na codificação formal (GIVÓN, 1995; CROFT, 2001). Assim, por exemplo, formas derivadas, que carregam mais conteúdo que as primitivas, são, em geral, maiores do que estas (seguir > seguinte; julgar > julgamento). Conforme Givón (1984), a iconicidade compreende três subprincípios: quantidade, integração/ proximidade e ordenação. De acordo com o primeiro subprincípio, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de material linguístico para codificá-la; ou quanto mais imprevisível (nova) for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada e vice-versa. O subprincípio da proximidade entre os constituintes preceitua que os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática, conforme se dá com a aposição de afixos ao radical (perto + íssimo = pertíssimo), em que o conteúdo das partes é visto como um todo integrado. Por fim, o princípio da ordenação linear estabelece que os constituintes se ordenam, no tempo e no espaço, segundo pressões cognitivas e/ou comunicativas, em termos de relevância discursiva que se pretende imprimir a uma dada porção da informação ou mesmo em termos de distribuição da informação (velha/dada vs

³ Da fonte de onde a tabela foi retirada, não constam exemplificações dos papéis semânticos propostos por Fillmore (1971).

nova). É o que ocorre, por exemplo, em casos de topicalização, como em “Café eu não tomo”. Desse modo, a iconicidade é estimulada por questões de clareza e transparência, de forma a reduzir a opacidade entre a forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático.

De suma relevância para as análises empreendidas sob a ótica da Linguística Funcional são os aspectos sociointeracionais. Neste artigo, utilizamos subjetividade, intersubjetividade, inferência sugerida e estratégias de polidez e preservação das faces.

De acordo com Traugott e Dasher (2002), a subjetividade refere-se à expressão do eu, à representação do ponto de vista do falante em relação a si mesmo, ao outro ou ao próprio dizer. Já a intersubjetividade, conforme os autores, relaciona-se à consideração, pelo falante, de seu interlocutor, seja para agir sobre ele ou para manifestar um julgamento. Envolve estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/ distanciamento entre os parceiros no processo comunicativo (SCHIFFRIN, 1990; BISPO; SILVA, 2013; BISPO; SANTOS, 2019).

Ao interagirem, os falantes criam e negociam significados, amparados no conhecimento que compartilham ou supõem compartilhar com seus interlocutores e nas inferências que podem fazer no ato comunicativo. Trata-se da inferência pragmática, a qual diz respeito ao processo interacional em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística diferente do convencional, lança uma implicatura e conta com a colaboração do interlocutor para que este, por meio de pistas co(n)textuais, apreenda (ou infira) o significado pretendido. Nos termos de Traugott e Dasher (2002), consiste na reanálise, em significado semântico, de sentidos pragmáticos já convencionalizados.

Consideramos também, nesta investigação, as Estratégias de Polidez e Preservação das Faces. Segundo argumenta Marcuschi (1989), qualquer indivíduo possui dois tipos de face: a positiva e a negativa. Enquanto a primeira concerne à procura pela aceitação de sua personalidade, de seus desejos; a segunda, por sua vez, corresponde à sua proteção, isto é, à liberdade de poder agir independentemente do que o outro espera que seja feito.

De acordo com Goffman (1973), durante uma interação, alguns atos de fala – a exemplo de ordens e pedidos – podem constituir-se como uma ameaça à face positiva que os falantes buscam preservar. Para protegerem a própria face e/ou a de seu(s) interlocutor(es), os participantes de um ato comunicativo, a partir de suas escolhas linguísticas, fazem uso de mecanismos de polidez e preservação da face para garantir uma boa comunicação.

Essas noções serão relevantes para verificar se a configuração estrutural de algumas ocorrências da relativa livre introduzida por *quem* e a recorrência a elas podem ser uma estratégia para que o escrevente seja polido com o seu interlocutor e, conseqüentemente, tenha a sua face (ou a de ambos) resguardada durante a comunicação.

Aspectos metodológicos

Considerando a tipologia da pesquisa, adotamos uma abordagem eminentemente qualitativo-explicativa com suporte quantitativo-descritivo (SILVA, 2004; LAKATOS; MARCONI, 2010). Utilizamos, portanto, o método misto, que envolve a combinação de elementos da pesquisa qualitativa e da quantitativa com o propósito de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno estudado (JOHNSON; ONWUEGBUZIE; TURNER, 2007; CUNHA LACERDA, 2016). De acordo com Schiffrin (1987), a associação dos dois métodos de pesquisa, ainda que de forma assimétrica, como é o caso, permite ao pesquisador obter um número maior de ocorrências e uma análise adequada da formação e da estrutura de determinados padrões.

A natureza qualitativa da pesquisa diz respeito ao caráter explicativo/ interpretativista do trabalho, no sentido de identificar aspectos semânticos, cognitivos e interacionais implicados em instâncias de relativas livres introduzidas por *quem*. O viés quantitativo está relacionado à caracterização do objeto de estudo em termos de mensuração das ocorrências e distribuição quanto aos fatores semânticos considerados (tipo semântico de verbo, propriedades semânticas do referente ao qual o pronome *quem* remete).

O banco de dados utilizado para o empreendimento deste trabalho consiste em um recorte da plataforma de *corpora* do projeto PHPB. Particularmente, consideramos anúncios de jornal e cartas particulares que representam o PB escrito ao longo do século XIX em cinco estados brasileiros (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo). A escolha por esse conjunto se deveu à disponibilidade de dados na plataforma referida, relativos à primeira e à segunda metades do século. Em termos de volume textual, delimitamos a amostra por número de palavras: 20411 para os anúncios e 20401 para as cartas, o que resultou em 337 amostras do primeiro gênero e 90 do segundo. O levantamento de dados mostrou 319

ocorrências da relativa livre introduzida por *quem*, sendo 281 nos anúncios de jornal e 38 nas cartas particulares.

Após a identificação de todas as ocorrências no *corpus*, procedemos a um levantamento quantitativo em relação aos seguintes fatores analíticos: (i) traços semânticos do referente para o qual o pronome *quem* aponta; (ii) tipologia semântica do predicador da relativa livre e da oração matriz; (iii) papel semântico exercido pelo *quem* em relação ao verbo da relativa e ao verbo da oração principal. Para os demais fatores, os de natureza semântico-cognitiva e sociointeracional, realizamos uma análise meramente qualitativa.

Fatores semânticos e semântico-cognitivo da relativa livre introduzida por *quem*

Nesta seção, descrevemos os aspectos de natureza semântica e semântico-cognitiva envolvidos em instâncias da relativa livre introduzida por *quem*. Para tanto, consideramos os fatores referidos na seção de metodologia.

Em relação aos traços semânticos do referente para o qual o pronome *quem* aponta, vejamos os dados de (4) a (8).

- (4)[...] não declaro o portador desta por. estar a espera **de quem sair primeiro que mepoça conduzir o cobre** (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)
- (5)[...] Anexa á cadeira de Pharmacia está a offi-|-cina onde se manipulam as preparações. É, par-|ticularmente, para esta que tenho chamado sempre| a atenção **de quem pôde satisfazerlhe as necessida-|-des**. Porém tem sido de balde o clamor de muitos| annos! [...] (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)
- (6)[...] **Quem quizer arrendar um sítio com grande plantação de Café** procure a Lidoro Victor Galle para contratar-se pois o mesmo está a mudar-se para o Sertão. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)
- (7)[...] por elle foi encontrado na Ponte da Boa- | vista, huma trouxa de roupa suja: **quem | pois, for seu dono**, dirija-se a secretaria da | prefeitura, que dando os signaes certos, lhe | será entregue. || Recife 28 de Novembro de 1840. || Lhiz Francisco Barbalho (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)
- (8)[...] Nossos respeitos á Excelentissima Senhora, e| a toda a sua illustre familia, e disponha| como quizer **de quem pensa ser com subida| estima e gratidão**

De Vossa Excelência | Affectuoso Amigo e Obrigado Colega (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)

A ocorrência destacada em (4) foi retirada de uma carta particular na qual o remetente informa ao destinatário que, caso falte uma parte da quantia de dinheiro que o escrevente lhe mandaria, iria enviá-la em outra oportunidade, quando a primeira tropa que pudesse levá-la saísse. Em um determinado trecho da correspondência, o autor diz que não pode ainda declarar a identidade do portador, “*por estar a espera de quem sair primeiro que me possa conduzir o cobre*”. O uso do *quem*, nesse dado, faz referência a uma terceira pessoa fora da situação comunicativa, cuja identidade parece ser desconhecida pelos interlocutores. Trata-se, portanto, de uma referência não definida/genérica, conforme Chafe (1979).

A relativa livre em (5) também foi retirada de uma carta pessoal. Consiste em uma correspondência entre um professor de uma faculdade baiana e o encarregado pela confecção das memórias históricas da referida instituição de ensino. Em um trecho da carta, o docente reclama que a faculdade não dispõe de verba suficiente para realizar “preparações” em larga escala e que isso fora informado, havia anos, à pessoa (ou às pessoas) que poderia(m) resolver o problema. Para referir-se a tal(is) pessoa(s), o remetente usa a oração “*quem pode satisfazer-lhes as necessidades*”. Nesse caso, o *quem*, assim como no dado (4), faz referência a uma terceira pessoa. Contudo, nessa amostra, a identidade dela parece ser de conhecimento do remetente, embora, ao que parece, ele não pretende informá-la ao destinatário. Esse dado representa um uso em que o pronome *quem* designa um referente semanticamente definido/não genérico.

As ocorrências em (6) e (7) foram retiradas de anúncios de jornal. Nos dois trechos, os anunciantes fazem uso da relativa livre para referir-se aos possíveis leitores dos anúncios, configurando-se como uma referência à segunda pessoa da enunciação. Apesar disso, elas diferem quanto ao referente para o qual o pronome *quem* aponta: em (6), ele pode remeter a qualquer leitor, assumindo, dessa maneira, um sentido não definido/genérico. Em (7), diferentemente, o *quem* se refere a um leitor em específico, aquele a quem pertencer o objeto encontrado, possuindo um caráter definido/não genérico.

Por fim, a amostra em (8) foi retirada de uma carta particular endereçada a um amigo. O trecho transcrito representa o final da correspondência, no qual o remetente, ao despedir-se do interlocutor, mostra-se à disposição dele e caracteriza a si mesmo como

afetuoso amigo e colega agradecido por meio da oração “*quem pensa ser com subida estima e gratidão de vossa excelência afetuoso amigo e obrigado colega*”. Nesse caso, o escrevente usa uma relativa livre para referir-se a si mesmo, isto é, à primeira pessoa da enunciação, conferindo-lhe, portanto, uma acepção apenas aparentemente genérica e não definida, visto que o referente para o qual ela aponta não é qualquer pessoa e não é desconhecido por nenhum dos participantes do ato comunicativo: trata-se do próprio remetente.

Dito isso, é possível concluir que, com base na proposta de Chafe (1979) para os traços semânticos dos nomes, de acordo com os dados analisados, o pronome *quem*, na relativa livre, aponta para um referente marcado pelos traços semânticos [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO], [+/-GENÉRICO].

Os traços [+ANIMADO] e [+HUMANO] justificam-se pelo fato de que, em todas as ocorrências, o *quem* aponta para ‘sujeitos humanos’, sejam os possíveis interlocutores dos textos ou mesmo uma terceira pessoa que os escreventes mencionam. Já os traços [+/-DEFINIDO] e [+/-GENÉRICO] apresentam uma possibilidade de variação: em algumas ocorrências, como em (5), (7) e (8), o pronome *quem* remete a um referente específico e/ou de identidade conhecida por um dos interlocutores ou por ambos; em outras, como em (4) e (6), esse vocábulo aponta para um referente de sentido genérico, cuja identidade não é conhecida por nenhum dos interactantes.

Na tabela 1, sintetizamos o quantitativo de ocorrências de referentes aos quais o pronome *quem* remete com base nos traços semânticos propostos por Chafe (1979).

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências em função do referente do *quem*

	REFERENTE	GÊNERO TEXTUAL ⁴		QTD	(%)
		ANÚNCIO	CARTA PART.		
+/- Definido	1ª pessoa	1	17	18	5,6
	2ª pessoa	17	1	18	5,6
	3ª pessoa	-	3	3	0,9
+/- Genérico	2ª pessoa	261	-	261	81,9

⁴ Embora não seja nosso objetivo cotejar o comportamento das relativas livres nos anúncios e nas cartas particulares, optamos por separar as ocorrências por gênero textual para fins de clareza ao leitor.

	3ª pessoa	2	17	19	6,0
	TOTAL	281	38	319	100

Fonte: Adaptado de Braga (2018)

A tabela 1 demonstra a distribuição dos dados em relação aos três referentes possíveis para o *quem*: primeira, segunda e terceira pessoas da enunciação, sendo mais frequente a segunda pessoa, com um somatório de 279 ocorrências (87,5%). Esse quantitativo pode ser explicado pelo fato de, na maioria das amostras, o escrevente usar essa estrutura para referir-se a seu(s) interlocutor(es).

Nos casos em que o *quem* se refere à segunda ou à terceira pessoa, vimos, com base na apresentação das ocorrências de (6) a (9), que os traços semânticos de definitude e genericidade podem variar. Nessa direção, os números constantes da tabela evidenciam ainda que esse pronome aponta, prototipicamente, para um referente cujo sentido é mais geral e, conseqüentemente, menos definido, com 280 dados (87,9%). Esse resultado pode estar relacionado a dois fatores: à semântica de indefinição inerente ao pronome *quem* e ao fato de a maior parte dos dados ser proveniente dos anúncios que, diferentemente das cartas pessoais, não são direcionados a uma pessoa em específico.

Outros aspectos considerados na caracterização funcional de nosso objeto de estudo foram os tipos semânticos de verbos que ocorrem na relativa e na oração matriz, bem como os papéis semânticos atribuídos ao *quem* por esses verbos.

Tomando como referência a tipologia semântica estabelecida por Chafe (1979) e Borba (1996, 2002) para os verbos, as ocorrências (9) e (10), exemplificam tipos semânticos de verbo que o predicador da relativa livre pode exibir.

(9) **Quem tiver escravos para vender de| boa figura e ainda moços**, dirija-se á| Loja de Bastos Camelier & Companhia, á rua| do Commercio número 12. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

(10) No dia 1o. do corrente mez fugio da cidade de Marianna uma escrava de nome Thereza, [...] **Quem a capturar e avizar nesta typographya** receberá' alviçasas. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

As ocorrências destacadas em (9) e em (10) mostram alguns dos tipos semânticos de verbo que podem figurar no predicador da relativa livre. Assim, na oração em (9), o verbo *ter*,

que predica a relativa “*quem tiver escravos para vender de boa figura e ainda moços*”, corresponde a um verbo de estado. A amostra em (10), por sua vez, exemplifica um caso de relativas livres coordenadas entre si, cujos verbos são de natureza semântica distinta: ação-processo (capturar) e ação (avisar). Na situação retratada, a ação codificada pela oração matriz (*recebera’ alviçaras*) depende tanto de o leitor *capturar* a escrava fugida quanto de *avisar* na referida tipografia.

Vejamos, na tabela a seguir, a distribuição das ocorrências quanto ao tipo semântico de verbo da relativa livre.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências quanto ao tipo semântico de verbo da relativa livre

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	GÊNERO TEXTUAL		QTD	(%)
	ANÚNCIO	CARTA PART.		
Estado	162	20	182	57,1
Ação-processo	78	6	84	26,3
Processo	22	1	23	7,2
Ação	11	11	22	6,9
Processo/Estado	5	-	5	1,6
Estado/Ação-processo	2	-	2	0,6
Ação-processo/Ação	1	-	1	0,3
TOTAL	281	38	319	100,00

Fonte: Braga (2018)

De acordo com a tabela 2, podemos notar que não há restrição quanto ao tipo semântico do predicator da relativa livre, considerando a proposta de Chafe (1979) e Borba (1996, 2002). Desse modo, os dados demonstram que aparecem os quatro tipos semânticos de verbos propostos pelos autores, sendo mais frequente o verbo de estado, com 182 ocorrências (57,1%). Além disso, ocorrem também tipos semânticos de verbos distintos em um mesmo dado pelo mecanismo de coordenação oracional, ilustrado em (10), somando apenas 8 casos: ação-processo e estado, 7 ocorrências (2,2%); processo e ação, com 1 ocorrência (0,3%).

No que concerne aos papéis semânticos que o *quem* pode assumir em relação ao verbo da relativa livre, a análise do *corpus* demonstrou que esse pronome pode exercer cinco papéis distintos, considerando as propostas de Fillmore (1971 *apud* CASTILHO, 2012) e de Borba (1996, 2002). Vejamos (11) e (12):

(11)[...] **Quem** | **desejar uma boa afinação de piano** | **por 5\$000** pôde derigir suas ordens para a casa do senhor Manoel tertulia|no de Almeida, á rua Formosa número 44. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

(12)Ao Coronel José Pedro Galvão há mais de| anno fugio-lhe uma preta de nação, de nome Maria, [...] **quem d'ella tiver noticias e va levar a seu Senhor** receberá alviçaras [...] (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

A relativa destacada em (11) mostra um caso do pronome *quem* associado a um verbo de estado, *desejar*, exercendo o papel semântico de experienciador. No dado (12), o elemento *quem* aparece relacionado ao verbo de estado *ter* e, coordenado a ele, aparece o complexo *ir levar*, com verbo pleno de ação-processo (*levar*). Nessa amostra, o *quem* exerce tanto o papel de suporte de propriedades (nesse caso, ter notícias de uma escrava fugida) quanto de agente (levar notícias da escrava fugida ao conhecimento de seu respectivo senhor, no caso).

Na tabela 3, sintetizamos, quantitativamente, a distribuição das ocorrências do *corpus* quanto ao papel semântico do *quem* atribuído pelo verbo da relativa livre.

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências quanto ao papel semântico de *quem* atribuído pelo verbo da relativa

PAPEL SEMÂNTICO	GÊNERO TEXTUAL		QTD	(%)
	ANÚNCIO	CARTA PART.		
Experienciador	127	11	138	43,3
Agente	90	16	106	33,2
Suporte	56	8	64	20,0
Beneficiário	1	3	4	1,3
Suporte e Experienciador	5	-	5	1,6
Suporte e Agente	2	-	2	0,6
TOTAL	281	38	319	100,00

Fonte: Braga (2018)

Conforme demonstrado na tabela 3, o pronome *quem* pode exercer quatro tipos de papéis semânticos distintos, sendo o mais frequente deles o de experienciador, que corresponde a 138 ocorrências (43,3%). Nos anúncios de jornal, houve acúmulo dos papéis de suporte e experienciador em 5 dados (1,6%) e de suporte e agente em 2 dados (0,6%).

Com relação aos tipos semânticos do predicador da oração matriz, o levantamento dos dados revelou também não haver restrição a nenhum dos quatro tipos de verbos propostos por Chafe (1979) e Borba (1996, 2002), conforme demonstrado na tabela 4⁵.

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências quanto ao tipo semântico de verbo da oração matriz

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	GÊNERO TEXTUAL		QTD	(%)
	ANÚNCIO	CARTA PART.		
Ação	189	16	205	66,8
Processo	13	-	13	4,2
Ação-processo	70	6	76	24,8
Estado	5	8	13	4,2
TOTAL	277	30	307	100,00

Fonte: Braga (2018)

Como podemos observar na tabela 4, o tipo semântico de verbo mais frequente na oração matriz é o de ação, com um total de 205 ocorrências (66,8%), seguido do verbo de ação-processo, com 76 dados (24,8%). Esses quantitativos se assemelham, por um lado, a achados de pesquisas sobre outras estruturas oracionais, como Furtado da Cunha (2011), Lucena (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2012), quanto aos dois tipos semânticos de verbos mais frequentes. Por outro lado, os dados desta pesquisa guardam particularidade quanto ao fato de os verbos de ação serem mais frequentes que os de ação-processo. Isso provavelmente se deve à natureza do complexo oracional tomado para amostra, que envolve relativa livre introduzida por *quem*, além do conteúdo e propósitos comunicativos dos textos em que a maioria dessas estruturas ocorreu: anúncios de jornais, nos quais se indicava a atitude, uma ação por parte dos possíveis interlocutores.

Em relação aos papéis semânticos atribuídos ao *quem* pelo predicador da oração matriz, encontramos a seguinte realidade, quantificada na tabela 5.

⁵ Para a análise do tipo semântico do predicador da oração matriz e do papel semântico do *quem* atribuído por esse predicador, foram excluídos os dados em que a relativa livre assume uma função sintática em relação a um nome, como em “Confio que me considerará sempre no rol daqueles[...] que são dedicados aos bons sentimentos de quem tanto tem se esforçado sem outro interesse a causa publica senão o [seo] engrandecimento” (*Corpus PHPB*, carta particular, século XIX). Com isso, foram excluídas 12 ocorrências. Resulta daí que a totalização dos quantitativos das tabelas 4 e 5 difere do total das tabelas anteriores.

Tabela 5 – Distribuição das ocorrências quanto ao papel semântico do *quem* atribuído pelo verbo da matriz

PAPEL SEMÂNTICO	GÊNERO TEXTUAL		QTD	PORC (%)
	ANÚNCIO	CARTA PART.		
Agente	177	5	182	59,3
Beneficiário	77	6	83	27,0
Alvo	23	2	25	8,1
Paciente	-	9	9	3,0
Suporte	-	8	8	2,6
TOTAL	277	30	307	100

Fonte: Braga (2018)

A tabela 5 revela que o pronome *quem* pode assumir, em relação ao verbo da matriz, cinco papéis semânticos distintos, sendo predominante o papel de agente, com 182 ocorrências (59,3%). Essa predominância deve-se ao fato de, na maioria dos casos, o pronome *quem* estar relacionado a um verbo de ação, conforme exposto na tabela 4. Vejamos esta amostra:

(13)[...]Hoje| é sexta feira, e segundo a folhinha| amanhã deve ser sabbado, dia| em que por estylo vem **quem| pode**. [...] (*Corpus* PHPB, carta particular, século XIX)

A ocorrência em (13) ilustra a combinação mais recorrente no *corpus*: o predicador da matriz representado por um verbo de ação (nesse caso, *vir*) e o papel semântico de agente atribuído ao *quem* por esse verbo.

Também consideramos a atuação do princípio de iconicidade em ocorrências de estruturas sintáticas com a relativa livre introduzida por *quem*, tomando por base seus três subprincípios, nos moldes givonianos. Atentemos para a amostra em (14).

(14)A Tristão Cardoso de Menezes Branco mo-|rador no destricto de Curitiba vindo a Villa da Ati-|baia a seu negocio lhe fugio um escravo crioulo de| nome Generoso no dia 28 de Fevereiro [...] **quem o prender** entregará nesta Cidade| a Antonio Nunes Ramalho, no po[s]to de Jaguariaiba a Joaquim Matheus Branco, em Santo Antonio da| Lapa a Manoel Antonio da Cunha, e em qualqur| destas partes será recompensado [...]. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

O conteúdo da relativa livre *quem o prender* equivale, do ponto de vista semântico-proposicional, ao de uma relativa com antecedente do tipo *aquele(a)/qualquer um(a) que o prender*, esta última opção com uma estrutura mais extensa. Contudo, a escolha por uma configuração oracional mais econômica estruturalmente, como a relativa livre, pode estar relacionada a um menor detalhamento que o anunciante intenciona dar à informação veiculada (menos conteúdo, portanto), conforme prevê o subprincípio da quantidade. Esse menor detalhamento liga-se diretamente aos objetivos comunicativos do anunciante e ao público genérico a que o anúncio se destina (quem quer que prenda o escravo).

Em termos do subprincípio da proximidade, em (14), o verbo da relativa livre (*prender*) apresenta-se formalmente integrado ao predicador da oração matriz (*entregar*), pela ausência de material linguístico entre eles. A essa maior integração no plano da forma pode subjazer uma integração também no plano do conteúdo, motivada pela intenção comunicativa de que a ação exposta na segunda oração seja executada tão logo a codificada pela primeira ocorra, considerando que o propósito comunicativo do anúncio em que ela está inserida é a captura de escravos fugidos.

Podemos perceber, ainda, a atuação do subprincípio da ordenação linear nos períodos complexos em que figuram as relativas livres introduzidas por *quem* sob dois aspectos: i) a posição da relativa em relação à matriz como reflexo da sequência cronológica em que os eventos por elas codificados ocorrem; ii) a ordenação dessas orações reflete o grau de importância que se quer atribuir a uma determinada porção de informação.

Sobre o primeiro aspecto, a ordenação da relativa em relação à oração matriz, na ocorrência em (14), reflete a sequência cronológica esperada para que os eventos por elas codificados ocorram: primeiro alguém prenderá o escravo fugido e, somente depois, será recompensado. A disposição escolhida pelo anunciante torna o anúncio transparente em relação à sequência das ações e, conseqüentemente, mais claro ao entendimento do leitor, aumentando as chances de que as ações pretendidas sejam realizadas.

Quanto ao segundo ponto, atentemos para o dado destacado em (15).

- (15) Fugiram ao abaixo assignado, da sua fa-|zenda das Piteiras em Mogy-mirim, na noite|de 18 para 19 do corrente mez, dois escravos [...] **À quem os apprehender** se gratificará com| 50\$000 réis por cada um. (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

A ocorrência em (15) apresenta uma relativa livre que exerce a função sintática de objeto indireto em uma posição não canônica para o PB, visto que, prototipicamente, os termos que representam essa função, quando não pronominais, costumam aparecer pospostos ao verbo com o qual se relacionam.

De acordo com Givón (2001 p. 270), “uma fatia de informação mais importante é colocada na frente”. Assim, em (15), a topicalização da relativa livre pode ilustrar a atuação do subprincípio da ordenação linear, na medida em que essa configuração formal pode ser indicio de uma maior relevância discursiva dada àquele que prestará o serviço solicitado (prender os escravos fugidos) como tentativa de melhor persuadir os leitores do anúncio a aderir à busca e à apreensão dos escravos.

Fatores sociointeracionais da relativa livre introduzida por *quem*

Sabendo que, para uma análise centrada no uso, os aspectos discursivo-pragmáticos são imprescindíveis à constituição dos padrões linguísticos, o foco desta seção recai sobre os processos sociointeracionais, a exemplo das noções de (inter)subjetividade, inferência sugerida e os mecanismos de polidez e preservação das faces, os quais atuam na recorrência à relativa livre no *corpus* investigado.

Conforme discutido na seção que trata dos aspectos semânticos do tipo oracional em tela, atestamos que o pronome *quem* aponta para um referente com traços [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO], [+/-GENÉRICO] que pode corresponder a qualquer uma das três pessoas envolvidas na enunciação. Quando se refere à primeira ou à segunda pessoas, em específico, a análise do *corpus* demonstrou a influência de fatores de natureza pragmática, em algumas ocorrências, como as noções de subjetividade e de intersubjetividade. Observemos (16) e (17).

(16) COLCHAS| De todas as cores. Não há **quem tenha melhor sortimento**| LOJA DO CARLOS (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

(17) São Gonçalo das Moças|| As suas festas estão correndo animadíssimos| lá pelos lados do Bomfim [...] Representa na primeira fila dos promoto-|res dellas a Popular Loja 1º de Se-|tembro. E por isso, resolveu o seu proprietario, que, sem

deixar de ser amigo de s| mesmo, é de todos os seus bons freguezes-| fazer vendas baratíssimas para que moço nem| moça, rapaz nem rapariga, tarugo nem taruga| alguma deixe de comparecer nos sobreditos| festejos [...] E, portanto, chegue **quem quer fazer figura**:| ha alfaiate e ha modista: ha fazendas e ha fi-|gurinos [...] (*Corpus* PHPB, anúncio de jornal, século XIX)

O dado negrito em (16) foi retirado de um anúncio de jornal relativo à venda de produtos. Nele, podemos constatar a manifestação da subjetividade do anunciante quando utiliza a oração “*não há quem tenha melhor sortimento*” para fazer um julgamento acerca de si mesmo. Nesse caso, ele usa essa estrutura, possivelmente, para demonstrar ao leitor ser o estabelecimento que possui a maior variedade de colchas e, assim, persuadi-lo a comprar em sua loja.

Com base na ocorrência em (17), também retirada de um anúncio de jornal, podemos atestar a expressão de intersubjetividade pelo autor. Na amostra, o anunciante alude ao desejo de seu leitor ir bem arrumado (*fazer figura*) a uma festa, por meio da oração “*quem quer fazer figura*”. Com o uso da relativa livre, nesse caso, o escrevente manifesta seu julgamento sobre uma vontade que ele espera que os seus possíveis leitores apresentem e, desse modo, busca agir sobre eles, possivelmente, como uma tentativa de convencê-los a comprar roupas de festa na loja 1º de Setembro.

Ainda no âmbito dos aspectos de natureza sociointeracional que podem estar relacionados ao uso da relativa livre introduzida por *quem*, a análise do *corpus* demonstrou a atuação da inferência sugerida em algumas ocorrências retiradas dos textos analisados. Consideremos a amostra destacada em (18).

(18) Sei, que se está reimprimindo| n’essa capital a importante| obra do Coronel I. Accioli de| Cerqueira e Silva - “Memorias| Historicas da Bahia”| [...] Sabe com que interesse| acompanho tudo quanto| é relativo á nossa Bahia.| Queira mandar suas| ordens **á quem com parti**=|cular apreço se honra em| ser| Seo **Amigo**. (*Corpus* PHPB, carta particular)

Conforme atestamos na seção destinada às propriedades semânticas do objeto em foco, em 87,9% dos dados, o pronome *quem* é usado para fazer menção a um referente de natureza genérica e não definida. A ocorrência destacada em (18), no entanto, exemplifica um uso não prototípico para esse elemento, visto que o escrevente utiliza a oração “*á quem com*

parti=|cular apreço se honra em| ser| Seo Amigo”, para referir-se a si mesmo e não a um referente desconhecido como a semântica de indefinição inerente ao pronome *quem* poderia sugerir.

Nessa amostra, o mecanismo de inferência sugerida se instaura por meio do uso da relativa livre na medida o autor da carta lança uma implicatura (recruta uma estrutura de aceção convencionalmente genérica e não definida para designar um referente cuja identidade é conhecida: o próprio remetente) e conta com a colaboração do destinatário para inferir a aceção diferente dada a essa estrutura, ou seja, a remissão a uma entidade conhecida pelos parceiros da interação.

À ocorrência destacada em (18) também subjaz outro aspecto de natureza sociointeracional: as estratégias de polidez e de preservação das faces. Essas noções configuram-se como mecanismos de que os interlocutores se valem para garantir uma boa interação, principalmente quando manifestam atos de fala potencialmente ameaçadores à manutenção de suas faces, como ordens ou pedidos, que, por sua natureza, pressionam o ouvinte, de alguma maneira, a atendê-los ou a rejeitá-los. De acordo com Brown e Levinson (1987), uma das maneiras de minimizar os efeitos de um ato que possa ameaçar a face do ouvinte é a manifestação de deferência por parte do falante e a impessoalização de um dos interactantes.

Nessa perspectiva, em (18), o autor da carta pede ao destinatário um determinado favor e, ao despedir-se, refere-se a si mesmo como “*quem com particular apreço se honra em ser Seo Amigo*”. O uso do *quem*, nesse dado, confere um aparente distanciamento na maneira de expressar a característica que o remetente possui (ser amigo do destinatário, nesse caso), em virtude do sentido de indefinição convencionalmente atribuído a esse pronome. A recorrência à relativa livre, nesse caso, pode estar relacionada a uma estratégia do escrevente para aumentar as chances de ter seu pedido atendido por parte do destinatário da carta.

Considerações finais

Com base em pressupostos da Linguística Funcional, investigamos o uso da relativa livre introduzida por *quem* em dados do PB do século XIX. Focalizamos fatores semânticos,

semântico-cognitivo e sociointeracionais envolvidos em tais usos. A análise empreendida permitiu-nos constatar evidências do postulado funcionalista básico de que a forma da língua subordina-se às funções a que ela serve nas práticas interacionais.

No que concerne às propriedades semânticas, atestamos que o pronome *quem* aponta para um referente caracterizado pelos traços semânticos [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO], [+/-GENÉRICO], nos termos defendidos por Chafe (1979). Verificamos ainda não haver restrição a nenhum dos quatro tipos semânticos de verbos, propostos por Chafe (1979) e Borba (1996, 2002), para ocupar o lugar de predicador da relativa livre e da cláusula em que ela se encaixa. Constatamos, também, uma variedade de papéis semânticos que o pronome *quem* pode assumir, tanto em relação ao verbo da relativa quanto ao da matriz: agente, experienciador, suporte e beneficiário.

Em termos do princípio de iconicidade, pudemos observar uma relação motivada entre forma e função da oração relativa introduzida por *quem*, seja no que diz respeito à sua codificação morfossintática, sem a vinculação a um elemento nominal antecedente, seja no que tange à sua posição em relação à oração matriz.

Quanto aos fatores sociointeracionais relacionadas ao objeto em estudo, atestamos a atuação da subjetividade, da intersubjetividade, da inferência pragmática e das estratégias de polidez e preservação das faces. Nessa direção, aferimos aspectos (inter)subjetivos implicados em instâncias de uso da relativa livre em termos de julgamentos que os escreventes fazem de si mesmos e de seus interlocutores, bem como de monitoramento da atenção do interlocutor e de sua orientação a determinadas atitudes.

Outros processos interacionais cuja atuação também pudemos identificar foi a inferência sugerida, sobretudo voltada à semântica de definição/não genericidade atribuída ao pronome *quem*; e as estratégias de polidez e de preservação das faces, visto que, em alguns usos da relativa livre aqui estudada, os falantes conferiam um caráter atenuante a atos de fala que poderiam ameaçar a manutenção da face positiva dos interlocutores, por parecerem impositivos.

Destacamos, por fim, que os achados aqui explicitados, conquanto decorram da análise de um específico de dados, revelam tendências de uso das relativas livres introduzidas por *quem* em termos semânticos, cognitivos e interacionais.

Referências

BECHARA, E. C. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

_____. Quem cala consente: abordagem funcional-construcionista de relativas sem antecedente introduzidas por ‘quem’. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 601-626, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v25i52.40823>. Acesso em: 29 out. 2020.

_____. Relativa restritiva em perspectiva construcional. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, 2018. ISSN: 2237-6321. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/22376321-6esp1200>. Acesso em: 5 fev. 2020.

_____; FURTADO DA CUNHA, M. A. A subordinação adjetiva. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *História do Português Brasileiro*, vol. 5 - Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019, p. 132-169.

_____; SILVA, J. R. Aspectos (inter)subjetivos no uso de sufixos graduadores nominais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, 17, 2012. Anais [...] Natal-RN: EDUFRRN, 2013, p. 80-90.

_____.; OLIVEIRA, M. R. *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói-RJ: EDUFF, 2014.

_____; SANTOS, L. T. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com ‘ficar de + infinitivo’. *Revista Odisséia*, v. 4, n. especial, p. 111-131, 2019.

BORBA, F. S. *Uma gramática de valências do português*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRAGA, A. P. de A. *Relativa livre introduzida por quem: uma interpretação funcionalista*. 2018. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2018.

BRITO, A. M. B. de. *A sintaxe das orações relativas em português*. Porto: Correio do Minho, 1988.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. do A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-101, 2016.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A construção transitiva no português do Brasil. In: Congresso de la ALFAL, 16, 2011, Alcalá de Henares. *Actas del XVI Congreso de la ALFAL*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011, p. 1-10.
- _____; BISPO, E. B. Relações sintático-semânticas da oração. In: PALOMANES, R. M.; BRAVIN, A. M. *Práticas de ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 143-164.
- _____; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística Funcional Centrada no Uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro/Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013, p. 13-36.
- _____; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: _____. OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- _____. *Syntax – an introduction*. v. 1. Amsterdam /Philadelphia: J. Benjamins, 2001.
- GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1973.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a definition of mixed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, Surrey, UK, n. 1. p. 112-133, 2007.
- KEENAN, E. L. Relative Clauses. In: SHOPEN, T. *Language, typology and syntactic description*, v. II: Complex Constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 141-170.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. California: Stanford University Press, 1987.

LUCENA, N. L. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 12-30, 2011.

MARCHESAN, A. C. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. *As relativas livres no português brasileiro*. 227f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In.: CASTILHO, A. T. de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEDEIROS JUNIOR, P. *Sobre Sintagmas-QU e Relativas Livres no Português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

_____. *Relativas Livres do PB: Sintaxe, Semântica e Diacronia*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MÓIA, T. A. *Sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso do português*. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa [1972]*. 40 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, Allen D. (Ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241–259

SILVA, C. R. de O. *Metodologia e organização do projeto de pesquisa* (Guia prático). Fortaleza-CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

TAYLOR, J. R. Syntactic construction as prototype categories. In: *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. The clause as locus of grammar and interaction. *Discourse studies*, v. 7, n. 4-5, p. 481-506, 2005.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: CUP, 2002.

Functional properties of headless relative introduced by *who*

Abstract: In this paper, we investigate functional aspects (semantic, semantic-cognitive and socio-interactional) involved in the use of headless relative clause introduced by *quem* (who) in Brazilian Portuguese (PB). This study is supported theoretically by Functional Linguistics, according to Givón (1984, 1995), Martelotta (2011), Furtado da Cunha and Bispo (2013), Furtado Cunha, Oliveira and Martelotta (2015). It is a qualitative and quantitative research. Our database are newspaper ads and private letters produced in the 19th century, from the corpora Projeto História do Português Brasileiro (PHPB). The results shows that (i) the pronoun *quem* (who) points to a referent characterized by the semantic features [+ ANIMATED], [+ HUMAN], [+/-DEFINED] and [+/- GENERIC]; (ii) there is no restriction on the semantic types of verb that can predicate the headless relative clause and the main clause; (iii) the pronoun *quem* (who) can play various semantic roles; (iv) socio-interactional aspects, such as subjectivity, intersubjectivity and invited inference, motivate the use of headless relative clause in the analyzed data.

Keywords: Functional aspects. Headless relative clauses. Functional Linguistics.

Recebido em: 19 de novembro de 2020.

Aceito em: 15 de dezembro de 2020.

Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves¹

Resumo: No presente artigo, pretendemos apresentar um recente quadro teórico surgido no âmbito da Gramática das Construções: a Morfologia Relacional. Desenvolvida nos quatro últimos anos por Ray Jackendoff (USA) e Jenny Audring (Holanda), o modelo inova não apenas ao priorizar a morfologia, como o faz a Morfologia Construcional de Booij (2010), mas também por enfatizar as relações horizontais entre esquemas, generalização que os autores denominam de “esquemas irmãos”. Procuramos mostrar suas vantagens no tratamento de questões morfológicas, como os *hápx suffixais* e os padrões “virais”, muito embora o modelo também aborde questões sintáticas. Ao apresentar esse novo quadro teórico, procuramos mostrar os pontos de convergência e de divergência entre este e outras abordagens construcionistas.

Palavras-chave: Morfologia Relacional. Gramática de Construções. Morfologia Construcional. Esquemas Morfológicos.

Para início de conversa

Neste texto, temos o propósito de apresentar as principais ideias de um modelo extremamente recente para o tratamento de questões morfológicas, a Morfologia Relacional (JACKENDOFF & AUDRING, 2016). Apesar de o modelo ir além da morfologia, sendo igualmente operante no nível da sintaxe (cf. JACKENDOFF & AUDRING, 2020), limitarmos-nos-emos, aqui, a observar as vantagens desse quadro teórico na descrição de problemas clássicos de morfologia, tentando, na medida do possível, aplicá-lo ao português.

Em primeiro lugar, procuramos mostrar em que medida a Morfologia Relacional (MR) dialoga com outros modelos construcionistas, que Jackendoff & Audring chamam de “primos”, sobretudo com a proposta de Booij, a Morfologia Construcional (MC), cujo parentesco é ainda mais próximo. Uma das proponentes do modelo, Jenny Audring, trabalha na mesma instituição de Booij, a Universidade de Leiden, na Holanda, e escreveu com ele

¹ Doutor em Linguística (UFRJ). Pós-doutoramento em interface morfologia-fonologia (UNICAMP, 2001) e em interface morfologia-semântica (UERJ, 2017). Líder do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), desde 2003, e Professor Titular da UFRJ, desde 2016. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: carlexandre@bol.com.br. ORCID iD: 0000-0003-3672-3852

vários artigos (cf., p ex., BOOIJ & AUDRING, 2017), o que nos leva à ousadia de afirmar que MR e MC são “irmãs”, usando uma terminologia muito cara ao primeiro modelo.

Na sequência, observamos as principais diferenças entre a MR e os demais modelos construcionistas, tentando, com isso, advogar sobre as vantagens dessa abordagem. Nessa empreitada, tratamos de temas como os seguintes: (a) os *pluralia tantum*, (b) casos de *hápax* sufixais, (c) raízes de fronteira e (d) padrões virais, sobretudo os relacionados ao *splinter bolso-*, oriundo do sobrenome do atual chefe do executivo. Obviamente, deixaremos de abordar muitas outras questões caras ao modelo, como as declinações e as vogais temáticas, bem como os elementos de ligação (vogais e consoantes). Nosso objetivo principal, portanto, é apresentar o modelo e trazer alguma aplicação para o português.

Morfologia construcional: ideias básicas e vínculo com a Gramática das Construções

Entre os diversos modelos de Gramática de Construções (GC) existentes (cf., p. ex., GOLDBERG, 1995; CROFT & CRUISE, 2001), um deles foi desenvolvido especificamente para o tratamento de fenômenos morfológicos, ainda que, teoricamente, as abordagens construcionistas se proponham a dar conta da língua em todos os seus níveis, ao conceberem um *continuum* do léxico para a sintaxe. A Morfologia Construcional, criada pelo holandês Geert Booij em seu trabalho pioneiro de 2005, comprova que flexão, derivação e composição, principais áreas da morfologia, podem ser descritas por padrões idênticos ao de construções sintáticas, que variam em tamanho, esquematicidade e complexidade. Igualmente bebe de várias fontes da Linguística Cognitiva para descrever o polo semântico das formações lexicais (cf., p. ex., FILLMORE, 1982). Portanto, apesar de os estudos em GC já terem grande acolhida no tratamento de fenômenos sintáticos e semânticos, sua efetiva aplicação à morfologia foi tardia: demorou pelo menos 20 anos, considerando como marco os trabalhos semanais da década de 1980 (cf. SALOMÃO, 2009).

Uma construção morfológica pode ser concebida como um pareamento convencionalizado de forma e sentido (BOOIJ, 2010), assim como as construções sintáticas. De acordo com Hoffmann & Trousdale (2013, p. 1), a igualdade das definições tem uma importante implicação teórica: “uma vez que o conhecimento linguístico humano é

armazenado em um *constructicon*, isto é, em uma rede de construções, tanto material sintático quanto material morfológico fazem parte do mesmo domínio construcional”. Sem dúvida alguma, há uma sintonia direta entre o modelo de Booij, que culminou na publicação de seu livro pela Oxford em 2010 (BOOIJ, 2010), as Gramáticas de Construções (o plural é intencional) e todo o arcabouço que vem sendo desenvolvido, inclusive no Brasil, na linha da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf., p. ex., TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Ao se expressar como um linguista construcionista, Basilio (2010, p. 20), que vem repensando muitos dos seus estudos na linha gerativa, ressalta que “deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada”. Mais ainda, reforça a ideia de que palavras (primitivas e derivadas) “são unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como $[[Xizar]_V -ção]_N$ até os mais abstratos como $[N-N]_N$ ” (BASILIO, 2010, p. 21).

Gonçalves & Almeida (2012, 2014, 2016) vêm demonstrando que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais. Por isso mesmo, não há diferença significativa entre formas flexionadas (‘gat-a’), prefixações (‘anti-bolsonarismo’), derivações (‘fasc-ista’), compostos neoclássicos (‘xeno-fobia’), compostos lexicais (‘cheque-família’), expressões parcialmente especificadas (‘pé-de-X’) e idiomatismos (‘bater com a cara na porta’): “todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais” (GONÇALVES; ALMEIDA, 2012, p. 110). A representação a seguir, extraída de Croft (2007, p. 468), ilustra bem o pareamento do polo semântico com o formal na Gramática das Construções (GC), perspectiva teórica em que a Morfologia Construcional se inscreve explicitamente:

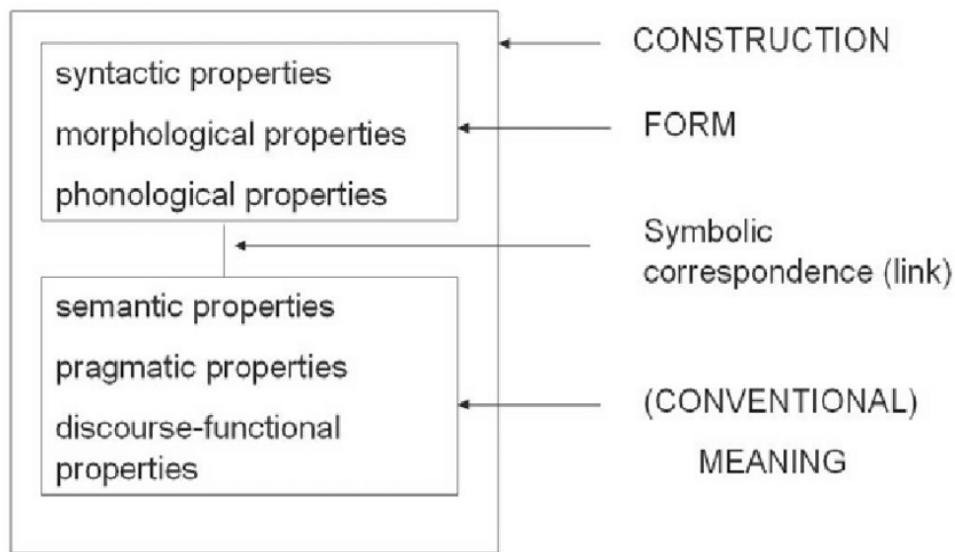


Figura 1: Pareamento forma-significado na Gramática das Construções

A título de exemplificação, tomemos por base o conjunto de dados abaixo, que deve ser lido em duas colunas. São casos de compostos de base verbal que, obviamente, formam substantivos, uma vez que essa é a função principal do processo de composição (cf., p. ex., SCALISE *et al.*, 2009):

(01)	engasga-gato	porta-copos
	papa-moscas	porta-talher
	baba-ovo	porta-chaves
	puxa-saco	porta-papel

Todos os casos de (01) são instâncias de um processo de composição cuja representação mais abstrata aparece na primeira linha da representação em (02), a seguir. Além de serem compostos, os itens lexicais em (01) também compartilham a estrutura: o primeiro elemento é uma base verbal e o segundo, um substantivo. Teríamos, nesses casos, quase uma relação do tipo verbo-objeto direto, embora a função de denominação por metonímia suplante a ideia de que temos aí “uma estrutura sintática com fins lexicais” (BASILIO, 1987, p. 48). Temos, portanto, dois níveis necessários, como representado em (02):

(02)	Esquema da composição:	$[[X]_X [Y]_Y]_N$
	Esquema dos compostos verbais:	$[[X]_V [Y]_S]_S$

Nesses esquemas, as variáveis X e Y representam sequências fonológicas e os subscritos x e y , categorias lexicais. O esquema geral dos compostos, na primeira linha, expressa a generalização de que a composição, independentemente da etiquetagem lexical de seus constituintes, sempre forma nomes (substantivos ou adjetivos) em português (daí o rótulo N , após o último colchete). No polo do significado, Booij (2010) propõe a semântica de “Y com alguma relação com X”, numa clara tentativa de “puxar o significado para cima” (SOARES DA SILVA, 2006). Na segunda linha, temos a especificação dos subscritos, pois as unidades envolvidas são V (verbo) e S (substantivo). O produto é sempre um substantivo. Uma especificação semântica do tipo “ALGO(UÉM) XY (METAFÓRICA E/OU METONIMICAMENTE)” garante a SEM² genérica do esquema.

A descrição dos dados em (01), no entanto, não para por aí. Há um conjunto de formas que apresentam um elemento fixo na primeira posição e podemos captar essa generalização admitindo, aqui, um esquema mais especificado que o da segunda linha de (02):

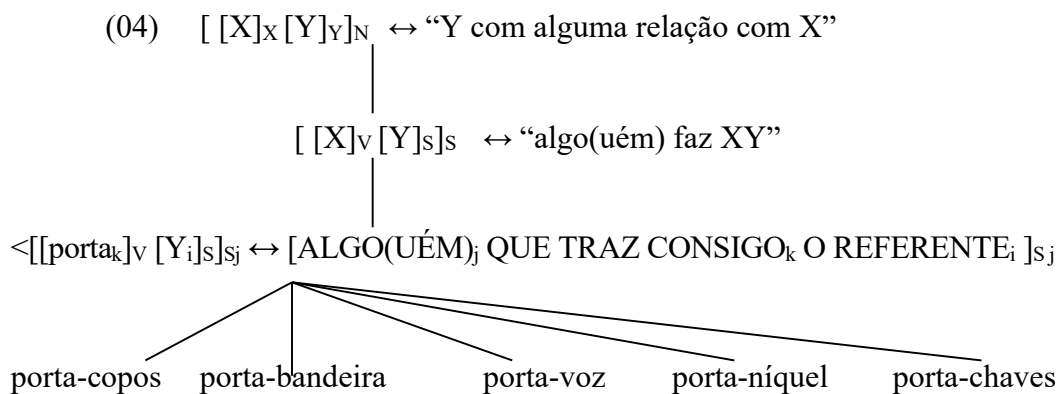
(03) $\langle [[\text{portak}]_v \text{ [Y}_i\text{]s}_j \leftrightarrow [\text{ALGO(UÉM)}_j \text{ QUE TRAZ CONSIGO}_k \text{ O REFERENTE}_i \text{]s}_j \rangle$

Nesse esquema, temos o pareamento forma/significado do esquema *porta-X*. Na formalização, os símbolos maior que e menor que (respectivamente, \langle , \rangle) demarcam o esquema e a seta de mão dupla (\leftrightarrow) relaciona forma e significado no interior do esquema. Os subscritos k , i e j informam que essas formas fazem parte do léxico, tendo todas etiquetas categoriais (V, S). Somente a forma fonológica de Y não é especificada. De acordo com Booij (2010, p. 35),

² SEM abrevia SEMântica e deve ser interpretado como o *frame* ativado pela cena. Entendemos, com Fillmore & Atkins (1992, p. 76), que “palavras e significados de palavras não são relacionados uns aos outros diretamente, palavra a palavra, mas somente por meio das associações aos frames de base compartilhados e das indicações da maneira pela qual seus significados destacam elementos específicos de tais frames”. Além disso, as construções linguísticas se alternam segundo os ajustes focais que os falantes realizam em relação a uma dada cena. Tais ajustes, segundo Langacker (1987: 117), são organizados pela *seleção*, determinante da faceta de uma cena pela qual o falante irá optar; pela *perspectivação*, relacionada à posição em que a cena está sendo observada; e, por fim, pela *abstratização*, referente ao nível de especificidade em que a cena é retratada. O ajuste focal é feito em função do significado da base em relação ao do afixo.

uma hierarquia organizada em esquemas e subesquemas funciona como uma descrição sincrônica para padrões e possibilidade de formação de novas palavras de diferentes subtipos. Isso significa que pode revelar como os mecanismos de extensão conceptual são convencionalizados em uma língua particular.

A representação a seguir, cujo mecanismo envolvido é sempre a herança³, permite relacionar os vários níveis de especificidade das construções *porta-X*. Como se observa, as palavras complexas ('porta-níquel', 'porta-papel' etc.) constituem o último nó da rede, pois são as instâncias específicas dos esquemas.



Como bem observa Barbosa (2020), há uma clara relação entre o modelo de Booij e o de outros teóricos. Desse modo, os diferentes níveis hierárquicos de esquematicidade

recebem denominações diversas, de acordo com a LFCU. De modo geral, os autores concebem três níveis hierárquicos de esquematização. Traugott (2008) e Trousdale (2008; 2010) denominam os níveis de macroconstrução, mesoconstrução e microconstrução; mais tarde, ambos, em parceria (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), mudam sua taxonomia para esquema, subesquema e microconstrução; já Booij adota os termos esquema geral, esquema dominante, subesquema. Do mesmo modo, distintos processos

³ O conceito de rede construcional – e suas relações – consiste, nesse sentido, essencialmente, na ideia de que tudo na língua pode ser descrito em termos de nós e tipos de relação/herança entre níveis mais altos e menos específicos e níveis mais baixos e mais especificados que herdam propriedades dos mais altos.

morfológicos de formação de palavras, como derivação e composição, são operados por esquemas construcionais situados no constructicon. (BARBOSA, 2020, p. 97)

Passemos, agora, à apreciação de um parente próximo da GC, que Jackendoff & Audring (2016) chamam de “prima”: a Morfologia Relacional. Brincando com essa relação de parentesco, que está no cerne do próprio modelo, ousamos afirmar que a Morfologia Construcional constitui “irmã” da Relacional, uma vez que Geert Booij é parceiro tanto de Ray Jackendoff quanto de Jenny Audring em vários trabalhos, incluindo um escrito pelos três: Audring, Booij & Jackendoff (2018).

Primeiras notas sobre a Morfologia Relacional

O objetivo básico da Morfologia Relacional (MC) é “a integração harmoniosa da morfologia com o resto da linguagem e com o resto da mente”⁴ (JACKENDOFF & AUDRING, 2020, p. 480). Por isso mesmo, a MR leva muito a sério o termo **conhecimento da linguagem**, focalizando a questão do que um falante armazena na memória de longo prazo e, principalmente, de que maneira. Harmonizando-se explicitamente com a Gramática das construções (GC), reunimos, a seguir, dez assunções que a MR compartilha com as abordagens construcionistas:

- a) a faculdade da linguagem é uma habilidade cognitiva humana, que utiliza o mesmo aparato de outras tarefas (CROFT; CRUSE, 2004). Dito de outra maneira, há processos cognitivos envolvidos na interação linguística, e tais processos utilizados para a linguagem não são muito diferentes daqueles usados para outras tarefas cognitivas, tais como a percepção visual, o raciocínio ou a atividade motora; desse modo,
- b) conhecimento linguístico é conhecimento (GOLDBERG, 2006);

⁴ Todas as traduções feitas do inglês são livres e de nossa responsabilidade.

- c) “a linguagem é a percepção e produção em tempo real de uma sequência temporal de unidades discretas, estruturadas e simbólicas. Essa configuração particular das habilidades cognitivas é provavelmente única à linguagem, mas as habilidades cognitivas requeridas não o são” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2);
- d) o conhecimento da língua emerge do uso e nisso a Gramática das Construções deve se alinhar com os modelos baseados no uso (GOLDBERG, 2006);
- e) as representações sintática, morfológica e fonológica são basicamente conceituais, e, embora sons, e até os enunciados, sejam entidades físicas, eles precisam ser compreendidos e produzidos através de processos mentais;
- f) a unidade fundamental da gramática é o pareamento forma-significado, chamado de **construção** (ou **esquema**, no nosso caso), o que acarreta que regras gramaticais estão no mesmo formato básico que palavras: são relações estruturadas de forma e significado; por isso mesmo,
- g) não há distinção entre léxico e a gramática, pois tanto as palavras quanto as regras são tratadas como itens em um “léxico estendido” ou “constructicon” (JACKENDOFF & AUDRING, 2018);
- h) Construções mais centrais (*core Grammar*) e as mais periféricas devem receber o mesmo tratamento, vinculando-se por relações de herança: não é adequado descrever construções de uma língua com base em seu grau de convencionalização (GOLDBERG, 2006);
- i) A aquisição da linguagem é baseada em itens: “as gramáticas não geram sentenças; são os falantes que o fazem” (GOLDBERG, 2006, p. 22); “as línguas são aprendidas, ou seja, são construídas com base em input junto com restrições cognitivas e pragmáticas genéricas” (GOLDBERG, 2006, p. 2). Por isso mesmo,
- j) Crianças aprendem padrões de uso, e sua competência linguística se define como o domínio de um inventário estruturado de unidades simbólicas.

Acrescentaríamos, também, parafraseando Goldberg (2006, p. 22), que, na MR, **as gramáticas não geram palavras; são os falantes que o fazem**. Por outro lado, também existem diferenças entre a MR e os vários modelos construcionistas existentes, incluindo o de Booij. Por exemplo, nessas abordagens, uma construção é definida como um signo

linguístico, ou seja, como um pareamento entre forma (fonologia, sintaxe) e um significado (função), como na Figura 1, mais acima.

Em consonância com essas análises, a MR assume essa relação, mas também admite a possibilidade de esquemas / construções que não envolvam semântica, como, por exemplo, padrões fonotáticos, elementos morfológicos sem sentido, como marcadores de palavras, vogais temáticas e elementos relacionais que funcionam como “cola” morfológica, a exemplo das vogais e consoantes de ligação. Consequentemente, a MR interpreta “as construções que relacionam forma e função como apenas um subconjunto do conhecimento total da linguagem de um falante” (JACKENDOFF & AUDRING, 2020, p. 480).

Uma segunda diferença entre a MR e a MC diz respeito ao repertório de relações entre itens lexicais. Destacamos, mais acima, que o principal tipo de relação lexical é a *herança*, “uma relação entre uma palavra ou construção e outra construção mais abstrata, de forma que esta última motive parcialmente a estrutura da primeira” (JACKENDOFF, AUDRING, 2018, p. 432). A MR admite tais relações, mas, além disso, permite relações “horizontais”, diretas ou “irmãs”, entre palavras ou entre esquemas, “para as quais, em muitos casos, não é atraente postular uma “mãe” abstrata que captura o que elas têm em comum” (JACKENDOFF, AUDRING, 2018, p. 433). No seu texto de (2019), que traduzimos como “Mães ou irmãs? A codificação do conhecimento morfológico”, para dar ao leitor uma ideia do modelo, Jenny Audring assim se expressa sobre as relações entre construções:

Enquanto as abordagens tradicionais vêem a gramática como um sistema de regras, as teorias baseadas em construção assumem esquemas declarativos – entradas lexicais com variáveis – como o *locus* do conhecimento gramatical. Esses esquemas são evidentemente necessários para codificar padrões produtivos. No entanto, o conhecimento morfológico também inclui relações entre palavras existentes, em padrões que não podem necessariamente ser estendidos produtivamente (...). Tais padrões podem ser codificados de duas maneiras: por um esquema “mãe” dominando as instâncias listadas, ou por ligações “irmãs” entre as próprias instâncias. Os *links* irmãos são a opção mais parcimoniosa, uma vez que não requerem uma camada superordenada na rede construtiva. No entanto, os esquemas mãe podem codificar propriedades que os links irmãos não podem (AUDRING, 2019, p. 277).

Uma terceira diferença entre os modelos está no formalismo, sobre o qual falaremos na próxima seção. Ambas, MR e MC, adotam o termo “esquema” em lugar de “construção”, mas a MR enfatiza a distinção entre fonologia, sintaxe, morfossintaxe e semântica no âmbito dos esquemas como meio de distinguir os padrões produtivos dos não produtivos.

Uma última diferença, que Jackendoff & Audring (2016, 2018, 2020) chamam de “ponto final mais filosófico”, está no fato de a MR admitir a possibilidade de princípios de linguagem específicos de cada nível de descrição da estrutura linguística, enquanto os modelos de construção, em sua maioria, tendem a ver a linguagem inteiramente como um subproduto de processos cognitivos mais gerais. Enfatizam os autores, no entanto, que a MR “está, obviamente, comprometida em minimizar os aspectos específicos de cada domínio da linguagem” (JACKENDOFF & AUDRING, 2016, 477), mas não supõe que sejam completamente inexistentes.

O formalismo da MR e sua aplicação a fenômenos morfológicos

Uma questão que imediatamente se coloca em relação ao formalismo é a utilização de esquemas. Os autores defendem que há uma diferença significativa no uso de esquemas no lugar de regras: “esquemas têm o mesmo formato que palavras, diferindo apenas na parte de sua estrutura que consiste em variáveis e variáveis coíndices” (JACKENDOFF & AUDRING, 2016, 485). Na citação a seguir, os autores fornecem uma explicação que sustenta melhor esse raciocínio:

em praticamente todas as teorias linguísticas, uma palavra contém peças de estrutura em três níveis: sua estrutura semântica, suas características sintáticas e sua fonologia. No paradigma da Arquitetura Paralela, esses níveis são, em princípio, independentes, cada um com suas próprias condições de boa formação características. No entanto, cada um também está ligado aos outros: a camada fonológica pode ser ligada à sintaxe e à semântica. Chamamos esses links de interface de conexões, e os notamos com índices que mostram quais partes da estrutura em um nível correspondem à estrutura em outro nível. [...] Os índices devem ser pensados como marcando o fim das linhas de associação (JACKENDOFF & AUDRING, 2016, 487).

Tomemos como exemplo uma construção atômica como ‘boi’. Essa palavra não complexa consiste em um pedaço de estrutura semântica (o significado da palavra), grafado em maiúsculas, BOI, um pedaço de estrutura fonológica (/ 'boj /) e a categoria sintática Substantivo (S). Na representação a seguir, o agrupamento desses componentes em uma unidade lexical é notado convencionalmente por uma relação por um cossuscrito convencional, como 1. Os suscritos podem ser considerados marcando o que os autores chamam de *links de interface*.

(05)	SEMÂNTICA:	[BOI ₁]
	MORFOSSINTAXE:	S ₁
	FONOLOGIA	/ 'boj ₁ /

Considerando, por exemplo, o plural em português, uma abordagem serialista formularia uma regra do tipo “adicione -s ao final de um nome (S ou Adj) para expressar a noção de mais de um”. A contrapartida na MR é a formulação de um esquema como em (06), a seguir, em que a primeira linha poderia ser interpretada, nos modelos construcionistas, como a construção de plural em português:

(06)	SEMÂNTICA:	[(X _x) PLUR] _Y
	MORFOSSINTAXE:	[N _x PLUR ₂] _Y
	FONOLOGIA	/ ...x S ₂ / _Y

Da mesma maneira que a palavra em (05), o esquema em (06) consiste em um pedaço de semântica, um pedaço de morfossintaxe e um pedaço de fonologia; os três estão ligados por suscritos. Nas palavras de Jackendoff & Audring (2018, p. 134), (06) difere de (05) “porque partes de sua estrutura são variáveis: ela diz que uma multiplicidade (PLUR) de qualquer tipo de entidade (X) pode ser expressa por um nome (N) mais um afixo plural (PLUR); na fonologia, a combinação é pronunciada seguida pelo fonema / s /”.

A forma de plural ‘bois’ pode ser produzida instanciando as variáveis em (05) com as peças correspondentes de (06), resultando na estrutura (07). O esquema em (07) pode ser instanciado de forma semelhante com substantivos recém-encontrados para produzir espontaneamente novas expressões, a exemplo das formas emprestadas do inglês ‘nerds’ e ‘tweets’.

- (07) SEMÂNTICA: [BOI₁ PLURAL]₃
 MORFOSSINTAXE: [N₁ PLURAL₂]₃
 FONOLOGIA / 'boj₁ S₂ /₃

Por outro lado, também dá conta dos chamados *pluralia tantum*, expressão latina com que são referidos os substantivos de uma língua cuja forma é um plural morfológico, mas que semanticamente podem denotar uma única unidade, como em (08), a seguir:

- | | | | | |
|------|-----------|----------|---------|--------------|
| (08) | pêsames | núpcias | bodas | exéquias |
| | férias | parabéns | anais | viveres |
| | primícias | fezes | confins | condolências |

Para dar conta dos dados em (08), basta não *linkar* os nós MORFOSSINTAXE e FONOLOGIA ao nó SEMÂNTICA, generalizando que as formas em (08) apresentam um -s ao final da palavra e são plurais porque ativam o mecanismo da concordância (lembremos que o modelo admite esquemas sem contraparte semântica). Muito embora as bases possam não ser reconhecidas, ainda assim, estaria preservada, nos termos de Bybee (2010), a analisabilidade⁵ das formações, ainda que a interpretação não seja necessariamente composicional. No nosso entendimento, há perda da analisabilidade nos *pluralia tantum* que deixam de requerer concordância, como é, o caso, por exemplo, de ‘óculos’, que hoje parece estar no conjunto de formas anoxítonas terminadas em -s (‘lápis’, ‘ônibus’) com marcação de plural na sintaxe: “lindo óculos” (singular), “dois óculos” (plural).

- (09) MORFOSSINTAXE: [...₁ PLURAL₂]₃
 FONOLOGIA / ...₁ S₂ /₃

Jackendoff & Audring (2016) argumentam que existem esquemas com funções gerativas e relacionais. No entanto, não há esquemas com função apenas gerativa, “porque qualquer instância de um esquema que pode ser gerada online pode também ser armazenada [...] Pode-se armazenar itens de todos os tamanhos [...] sem perder a estrutura interna que os conecta aos padrões gramaticais da língua” (JACKENDOFF & AUDRING, 2016, p. 473).

⁵ Bybee (2010) distingue composicionalidade de analisabilidade. Embora reconheça que essas duas propriedades sejam estreitamente relacionadas e gradientes, ela prefere distingui-las para efeitos de análise da variação das expressões linguísticas. Enquanto a composicionalidade é associada à atribuição do significado do todo com base no significado das partes de uma expressão composta, a analisabilidade se relaciona ao grau em que os falantes reconhecem, e tratam distintamente, essas partes componentes.

Portanto, existem dois tipos de esquemas: os produtivos e os não produtivos. Os primeiros desempenham a função de regras gerativas tradicionais e apreendem generalizações em itens lexicais, enquanto os últimos abrangem apenas a função relacional. Os autores afirmam que o conhecimento da linguagem é uma rede que possui nós interligados. Quando se considera a relação entre palavras em redes lexicais, não necessariamente se admite que haja ligação simples entre os nós; ao contrário, os nós contêm estruturas internas que são conectadas por *links* relacionais. Portanto, para explicar a função relacional, primeiro temos que suplementar os *links* de interface com um segundo tipo de *links*: os relacionais.

Consideremos, para tanto, a palavra ‘bebum’. A sequência *-um* se comporta como um sufixo deverbal adjungido à raiz *beb-*. No entanto, esse “afixo” é exclusivo de tal palavra, não havendo nenhuma outra na língua que apresente tal forma nessa posição. Muito apropriadamente, Jackendoff & Audring (2018) mostram que seria totalmente contraproducente formular uma regra de formação de palavras como “acrescente *-um* ao final de uma base verbal para expressar a intensificação de um atributo”, pois, afinal de contas, uma regra que se aplica a uma só palavra não é propriamente uma regra. No entanto, a relação entre ‘beber’ e ‘bebum’ pode ser capturada na notação MR, conforme mostrado em (10):

- | | | |
|------|--|--------------------------------------|
| (10) | SEMÂNTICA: a. [BEBE ₁] ₂ | b. [QUEM [BEBE]1 MUITO] ₃ |
| | MORFOSSINTAXE: [V ₁] ₂ | [V ₁ um] ₃ |
| | FONOLOGIA / 'bɛbI ₁ / ₂ | /be'buN/ ₃ |

O subscrito ₁ liga os três níveis de ‘beber’ e, da mesma forma, o subscrito ₃ liga os três níveis de ‘bebum’. Por outro lado, o subscrito ₁ também liga ‘bebum’ à base de ‘beber’, marcando os dois como iguais. Essa conexão é o que Jackendoff & Audring (2016, 2018, 2020) chamam de *link relacional*. Este *link* não é usado para derivar ‘bebum’ de ‘beber’; em vez disso, simplesmente marca o que os dois itens lexicais compartilham. O vínculo (marcado pelo coíndice), portanto, “apoia” ou “motiva” ‘bebum’: torna-o menos arbitrário do que uma palavra importada como ‘*crush*’, que carece de estrutura interna. ‘Bebum’ é mais fácil de aprender, então, porque tem uma parte previamente conhecida; e é mais fácil de processar, por causa da ativação extra que vem de ‘beber’ e de outros derivados, como, por exemplo, ‘bêbado’, ‘bebida’, ‘beberagem’, ‘beberrão’ e ‘bebeção’. Ao contrário do que possa parecer, esses casos, que Gonçalves (2016) vem chamando de hápax sufixais, são mais abundantes que

parecem. Uma análise dos hápax à luz da Morfologia Relacional é encontrada em Gonçalves *et al.* (no prelo).

Voltando à função relacional dos esquemas, vemos, nos idiomatismos em (11), que os significados dessas expressões não podem ser construídos a partir dos significados de suas partes e, por isso mesmo, tais expressões devem ser aprendidas e armazenadas.

- | | | |
|------|-------------------------------------|-----------------------------|
| (11) | Dar com os burros n'água. | Ter costas quentes. |
| | Soltar os cachorros. | Colocar os pontos nos “is”. |
| | Matar dois coelhos com uma cajadada | Ter duas caras. |
| | Pôr o carro na frente dos bois. | Meus sentimentos. |

Como enfatizamos ao longo desta seção, a Morfologia Relacional generaliza padrões entre palavras em um léxico e os representa como esquemas. Embora o significado das expressões em (11) não seja composicional, nada impede que sejam armazenadas como unidades holísticas não estruturadas: sem dúvida alguma dialogam com o esquema-irmão de plural em (07). Como ressaltam Jackendoff & Audring (2018, p. 338),

Em particular, os substantivos no plural ainda são substantivos no plural padrão, embora não sejam gerados espontaneamente. A Morfologia Relacional captura essa generalização estabelecendo links relacionais entre o esquema de plural e os plurais idiomáticos armazenados. Nesse caso, a conexão não é entre subscritos compartilhados, mas sim entre subscritos de variáveis no esquema e subscritos constantes em suas instâncias. Novamente, a intuição é que o vínculo relacional com o esquema torna essas expressões mais fáceis de aprender e processar.

Na MR, ao contrário de outras abordagens construcionistas, reforçamos, os esquemas têm dois usos: o gerativo e o relacional. Muitos deles, no entanto, podem desempenhar apenas a função relacional. Bom exemplo em português é a pequena família de adjetivos terminados em *-onho*. Como se vê em (12), há claramente um padrão: três substantivos e um adjetivo são acrescidos desse “sufixo” e formam um adjetivo cujo significado é “que desperta, causa ou aparenta X”.

- (12) riso – risonho
 medo – medonho
 enfado – enfadonho
 triste – tristonho

Obviamente, podemos formular um esquema para dar conta dessas formas em português. Esse esquema, no entanto, está longe de ter função gerativa, pois os falantes do português não formam, nos dias de hoje, adjetivos com essa terminação, soando estranhas palavras como ?choronho, ?raivonho ou ?contentonho, todas com bases compatíveis com o significado do afixo. O esquema em (13), portanto, tem função apenas relacional, já que serve para conectar esse pequeno conjunto de palavras complexas.

- (13) SEMÂNTICA: [QUE DESPERTA, CAUSA OU APARENTA]₁
 MORFOSSINTAXE: [N₂ onho]_{1Adj}
 FONOLOGIA / ...₂ õjU/_{1Adj}

Concluindo brevemente a respeito dos padrões derivacionais gerais, na terminologia de Basilio (1980), esquemas irmãos estão “onipresentes em fenômenos morfológicos como relações paradigmáticas, categorias flexionais, alomorfa de radical, reduplicação e truncamento sistemático” (JACKENDOFF & AUDRING, 2018, p. 335). No livro de 2020, essas são as questões centrais de três capítulos (JACKENDOFF E AUDRING, 2020b, capítulos 4–6). Afirmam os autores que “o tratamento de esquemas irmãos é uma simples extensão formal de *palavras* irmãs” (JACKENDOFF & AUDRING, 2018, p. 336), o que constitui outra razão para eliminar a distinção entre o léxico e a gramática. Por isso mesmo, a noção de esquemas irmãos, para os autores, “não está disponível nem nas regras tradicionais de formação de palavras, nem na noção padrão de herança” (JACKENDOFF & AUDRING, 2018, p. 337). O caso a seguir ilustra bem o poder descritivo da MR.

Além de todos os casos de relações irmãs já apresentados, podemos citar exemplos como ‘emoção’ e ‘emotivo’. Esse par compartilha uma base lexical que não se atualiza como palavra e, por isso mesmo, não pode ser etiquetada. A análise relacional constitui alternativa interessante. Considere-se o seguinte esquema:

- (14) a
 SEMÂNTICA: [ATO DE EMOCIONAR]₁
 MORFOSSINTAXE: [...₂ Af3]_{S1}

FONOLOGIA	[e.mov ₂ 'sẽõ3]1
b.	
SEMÂNTICA:	[QUE SE EMOCIONA]4
MORFOSSINTAXE:	[...2 Af5]N4
FONOLOGIA	[e.mov ₂ 'fivo5]4

Pares como ‘emoção’/‘emotivo’ estão longe de ser isolados na língua e tampouco se resumem a esses sufixos; são mais numerosos do que se pensa, como bem observado em Basilio, na tese pioneira de 1979, publicada em 1980, hoje um clássico em morfologia (BASILIO, 1980). No léxico do português, formas relacionadas sem raiz com livre curso aparecem em palavras como ‘interior’-‘posterior’-‘ulterior’, ‘polonês’-‘polaco’-‘Polônia’ e – por que não estender? – no recente par ‘sanduíche’-‘sanduba’, para citar apenas alguns.). Os proponentes do modelo assim se expressam a respeito de duplas de palavras como essas:

Um tratamento tradicional dessas palavras em termos de regras de formação de palavras teria que capturar a relação entre elas, postulando uma forma abstrata [...] da qual as duas palavras seriam derivadas. Esta forma teria de estipular de alguma maneira que só pode ser pronunciada se derivada [...], uma solução altamente artificial (JACKENDOFF & AUDRING, 2018, p. 340).

Também haveria a possibilidade de se propor que ‘emotivo’ é derivado de ‘emoção’ por meio do apagamento de *-ção* e do posterior acréscimo de *-tivo*, através de um mecanismo que ficou conhecido na perspectiva gerativa como regra de truncamento (ARONOFF, 1977). Da mesma maneira, uma abordagem em termos de herança exigiria uma construção abstrata que contribuísse com a forma fonológica / *emo* /, o polo formal, e *COMOVER*, o polo semântico, mas, com isso, deixa os afixos em aberto, o que, nas palavras de Jackendoff & Audring (2018, p. 337), “mais uma vez não é uma solução ideal”. Para eles, “a relação irmã no formalismo [...] novamente diz exatamente o que precisa ser dito”.

Em resumo, esquemas são expressos nos mesmos termos que palavras, a saber, como peças de estrutura linguística – semântica, (morfo)sintaxe e fonologia – conectadas por *links* de interface quando apropriado. Diferem das palavras porque têm variáveis que devem ser

instanciadas na construção de um enunciado. As relações entre as palavras armazenadas são expressas por *links* relacionais, que marcam partes idênticas de itens relacionados. Os *links* relacionais também conectam esquemas a suas instâncias armazenadas. Ao reformular essas ideias, os autores concluem que *todos* os esquemas podem funcionar de forma relacional, enquanto apenas *alguns* podem funcionar gerativamente. Pode-se pensar nos últimos, então, como esquemas que, por assim dizer, “se tornaram virais”.

A seguir, mostramos a análise de um esquema viral à luz da MR: as formações com o *splinter bolso-* a partir do sobrenome do atual presidente. Na próxima seção, confrontaremos a MR com a MC na análise das formações lexicais com base no *splinter bolso-*, que, aproveitando as palavras finais do parágrafo precedente, tornaram-se virais. A análise pela MC foi feita em Gonçalves (2020), texto do qual extraímos os dados aqui utilizados. No referido artigo, todas as formações estão devidamente referenciadas pelas fontes de que foram rastreadas.

Padrões “virais”: um contraponto entre a MR e a MC

Desde o período eleitoral de 2018, muitas construções lexicais foram criadas envolvendo o nome e o sobrenome do atual presidente, Jair Messias Bolsonaro (GONÇALVES, 2020): (a) cruzamentos vocabulares (‘Mijair’, ‘Boltergeist’, ‘coronaro’), (b) decomposições sublexicais (‘Bolso cheio’, ‘Já ir se acostumando’, ‘Me chias’) e (c) formações com *splinters* iniciais (‘bolso-afetivo’, ‘bolso-torturador’) e finais (‘hittlernaro’, ‘chatonaro’), além de (d) criações analógicas (‘bozonero’, ‘biroliro’). Nesta parte do trabalho, tomamos por base apenas as formações iniciadas por *bolso-*.

Desde Bauer (2004), *splinters* vêm sendo considerados “pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular” (GONÇALVES, 2011, p. 12). Dito de outra maneira, são “elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a lexemas. *Splinters*, portanto, formam uma classe à parte, situada entre radicais e afixos” (GONÇALVES, 2013, p 190). Novidade no estudo dos *splinters*, apontada

em Benfica da Silva (2019), é a possibilidade de nomes próprios também poderem ser fontes de criação dessas unidades. Consideremos as formas em (15), a seguir:

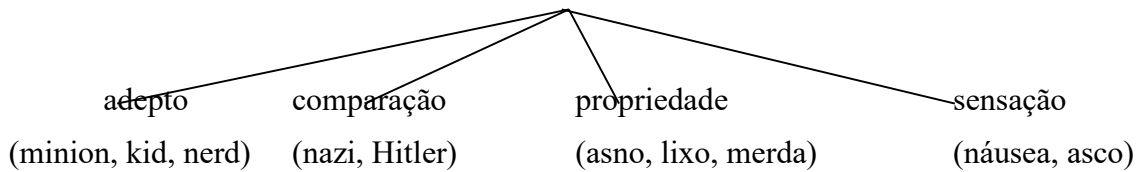
(15)

A	B	C
Bolsonazi	Bolsoanta	Bolsoditador
Bolsoneca	Bolsoasno	Bolsotorturador
Bolsonicho	Bolsobosta	Bolsokid
Bolsonojo	Bolsoburro	Bolsovampiro
Bolsonagem	Bolsodemo	Bolsolunático
Bolsonada	Bolsofake	Bolsominion
Bolsonabo	Bolsofilho	Bolsoquadrilha
Bolsotário	Bolsohitler	Bolsoréu
Bolsospício	Bolsolábia	Bolsotroglodita
Boçalnaro	Bolsolixo	Bolsofascista
Bozonaro	Bolsolaia	Bolsoviolência
Bobonaro	Bolsomerda	Bolsoladrão
Bestanaro	Bolsomito	Bolsocaixa 2

Se, por um lado, as formas do grupo A e do grupo B possam ser consideradas cruzamentos vocabulares, respectivamente, por entranhamento lexical (por compartilharem material fonológico) e por combinação truncada (por preservarem a métrica da maior base e mais segmentos da menor), o mesmo não pode ser dito em relação às construções do grupo C. No nosso entendimento, é bem melhor unificar os grupos e assumir que a sequência *bolso-* adquiriu estatuto próprio e, de tão viralizada, passou a criar séries de palavras. Formações como as em (15) apresentam um elemento recorrente à esquerda, “o que, de certo modo, lhes dá o direito de reivindicar (a) a existência de concatenação e (b) um estatuto morfológico próprio” (GONÇALVES, 2013, p. 196).

Na formalização a seguir, também típica da abordagem construcional de Booij (2010), as letras i e j, subscritas, indicam que base e produto fazem parte do léxico, por serem interpretáveis na forma resultante. Lembramos que SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte, pois somente desse modo podemos entender que, com base no mesmo esquema, formam-se construções com semânticas distintas:

(16) < [BOLSO_iX_N] S_j ↔ [SEM DE X (ou parte de X) envolvida na SEM_i] _j >



Sem dúvida alguma, (15) pressupõe o encurtamento da forma de base ‘Bolsonaro’, o que, no modelo de Booij (2010), constitui herança por subparte, já que *Bolso-* compacta o significado da palavra-matriz e leva esse significado para as novas construções. Ao instanciar novas unidades a formação *bolso-* se enquadra no esquema da prefixação, pois, nesse caso, Y tem de ser categorialmente etiquetado e responde pela classe do produto (na prefixação base e produto são da mesma classe):

(17) BOLSONARO ↔ [SOBRENOME DO PRESIDENTE]
 |
 link por subparte
 BOLSO ↔ [X [Y]_y]

Dessa maneira, *bolso-* aponta para a figura presidente, mas agora como uma forma diminuta, presa, com o formato morfos prosódico próprio de um *splinter*: um pé troqueou silábico (ANDRADE, 2013), representado por (*.), em que a cabeça figura à esquerda (é um dissílabo paroxítono), comportando-se exatamente como as seguintes unidades:

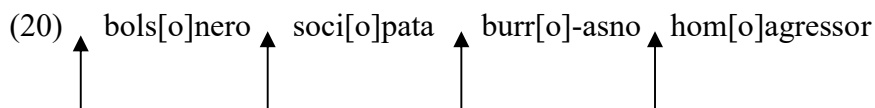
(18) caipi- -nese
 choco- -nejo
 piri- -guete
 ciber- -drasta
 info- -gate

Nesse ponto da análise, caberia indagar quais seriam as vantagens de uma análise relacional para as formas *bolso-X*, uma vez que é satisfatória a descrição pela Morfologia Construcional. Ao separar, num esquema, as dimensões semântica, morfossintática e fonológica, é possível especificar a pronúncia das instanciações. Com isso, as formações com *splinters* diferem das criações analógicas que “veem”, na sequência inicial, um substantivo próprio que remete, por exemplo, a um lugar em que se guarda dinheiro: ‘bolso’.

Confrontando-se (19a) com (19b), observa-se que, apesar de existirem duas palavras prosódicas em ambos os casos, somente nos dados da segunda coluna ocorre o fenômeno da neutralização das postônicas, fazendo com que a vogal final do substantivo neoanalisado seja realizada como alta, [ʊ]⁶:

(19)	bolso-afetivo	bolso cheio
	[o]	[ʊ]
	bolso-nabo	bolso farto
	[o]	[ʊ]
	bolso-lão	bolso endinheirado
	[o]	[ʊ]

Os dados de (19) revelam que não se criou um homônimo, uma vez que a forma presa só compartilha com a livre a grafia, mas não a pronúncia. Isso é capturado na MR pela especificação do nó FONOLOGIA. No entanto, acreditamos, a principal vantagem do modelo vem a ser a identificação desse [o] como marcador de palavra, pois essa vogal é, em essência, marca específica da composição neoclássica (cf. HIGINO DA SILVA, 2016), como em ‘soci[o]pata’ e ‘ort[o]rèxia’, além de compostos coordenativos (‘lingu[o]dental’, ‘álve[o]palatal’) e recompostos (‘ec[o]via’, ‘aer[o]lula’), o que pode ser identificado através da postulação de construções-irmãs, como se formaliza em (20):



Todas essas formações se distanciam dos compostos com bases livres, todos eles com cabeça à esquerda (‘bomba-relógio’, ‘tubarão-martelo’) e sem qualquer marca morfológica que os identifique. As formas em (20) ou são copulativas (‘burro-asno’) ou têm cabeça à esquerda, o que as torna, no nosso entendimento, não marcadas.

⁶ Num teste informal com cinco informantes, pedimos que os consultores lessem 10 formações com o *bolso-splinter* e 10 com o ‘bolso’ em neoanálise. As formas foram pronunciadas com [o] e [ʊ], respectivamente, em quase cem pontos das realizações obtidas, o que confirmou a intuição do pesquisador.

É tempo de concluir

A MR, como enfatizamos, foi proposta justamente para acolher o que há de mais morfológico (“*morphologic by itself*”, parafraseando um famoso livro de Mark Aronoff, ou “morfologia pura”): classes formais, declinações, elementos de fronteira etc. Mesmo admitindo que há um *continuum* do léxico para a sintaxe, a MR considera as especificidades da morfologia e consegue acolher as relações entre palavras e esquemas não apenas verticalmente (pelo mecanismo de herança), mas também horizontalmente (instâncias irmãs).

Procuramos, neste texto, fornecer ao leitor uma pequena amostra da Morfologia Relacional, modelo extremamente recente no cenário das Linguística Cognitiva, em geral, e da Gramática das Construções, mais particularmente. Ao exemplificar o quadro teórico com dados do português, quisemos mostrar as vantagens desse “filho mais novo”, para não escapar à terminologia adotada. Obviamente, o modelo, por ser extremamente recente, não escapa a críticas ou a pontos que carecem de maior reflexão e/ou aprofundamento. Um deles, sem dúvida, é a questão histórica. A própria Jenny Audring, em entrevista a Gonçalves, Soledade & Simões Neto (no prelo) reconhece isso:

“**Entrevistadores:** As propostas de descrição morfológica das línguas, de maneira geral, se voltam, em um primeiro momento, ao enquadramento sincrônico dos fenômenos morfológicos e, só depois, são vistas abordagens diacrônicas. Para a Morfologia Relacional, o estudo diacrônico da morfologia é um desafio? Como a historicidade das línguas é trabalhada nesse modelo?”

Jenny Audring: Nosso trabalho, tenho que admitir, confirma o padrão que você descreve: começamos na ponta sincrônica e ainda não descobrimos como os dados históricos podem ser utilizados no modelo (e vice-versa). Teríamos o prazer de convidar outros pesquisadores a expandir a pesquisa nessa direção”.

Referências

ANDRADE, K. E. *Proposta de um continuum composição-derivação para o Português do Brasil*. Tese de Doutorado. – Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

AUDRING Jenny. Mothers Or Sisters? The Encoding Of Morphological Knowledge. *Word Structure* 12(3): 274–296, 2019.

_____; BOOIJ Geert; Jackendoff, Ray. *Menscheln, kibbelen, sparkle: Verbal diminutives between grammar and lexicon*. In Sander Lestrade & Bert le Bruyn (eds.) *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: Benjamins., 2017.

BARBOSA, Luiz Pedro da Silva. *Forma verborvm: abordagem construcional dos sufixos pré-desinenciais de verbos latinos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Niterói: UFF, 2020.

BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 11-26, 2010.

_____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BAUER, L. *Glossary of morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

BENFICA da SILVA, Vitória. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

BOOIJ, Geert. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

_____. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 34-44, 2007.

_____. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131, 2005.

_____. Morphology in construction grammar. In: HOFFMANN, T. and TROUSDALE, G. (org.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 255-273, 2013.

_____; AUDRING, Jenny. Construction Morphology And The Parallel Architecture Of Grammar, *Cognitive Science* 41 (S2): 277-302, 2017.

_____; AUDRING, Jenny. Category change in Construction Morphology. In Evie Coussé, Kristel van Goethem, Muriel Norde, and Gudrun Vanderbauwhede (eds.), *Category change from a constructional perspective*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 209-228, 2017.

BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Construction Grammar. In: D. Geeraerts / H. Cuyekens (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

_____.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: ---. *Linguistics in the Morning Calm*. Seul: Hanshin Publishing Co., p.111-137, 1982.

_____ & ATKINS, B. Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In: LEHRER, A. & KITTAY, E. *Frames, fields and contrasts*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1992.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. Gragoatá, Niterói, v.25, n. 52, p. 648-687, mai.-ago., 2020.

_____. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. esp., n. 13, p. 139-158, 2013.

_____. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Linguagem*, 5, p. 62-89, nov. 2011.

_____; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Morfologia construcional: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Introdução à morfologia construcional*. São Paulo: Contexto.

_____; SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival (no prelo). *Livro inédito organizado pelos autores a ser publicado pela EDUFBA em 2021.*

_____; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 58, n. 1: 165-193 2014.

_____; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português. In MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2012.

HOFFMAN, T., & TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

JACKENDOFF, Ray; AUDRING, Jenny. *The Texture of the Lexicon. Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

_____; AUDRING, Jenny. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: Audring J. Masini F. (Eds.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

JACKENDOFF, Ray; AUDRING, Jenny. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*. v. 11, n. 4, p. 467–493, 2016.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas*, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2009.

SCALISE, Sergio *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu* 135, p. 49-84, 2009.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Some notes on Relational morphology: a “cousin” of Construction Grammar

Abstract: In this paper, we intend to present a recent theoretical framework that emerged in the context of Construction Grammar: the Relational Morphology. Developed in the last four years by Ray Jackendoff (USA) and Jenny Audring (Netherlands), the model innovates not only by focusing on

morphology, as does Booij's constructional morphology (2010), but also by emphasizing the horizontal relationships between schemes, generalization that the authors call “sister schemes”. We have tried to show its advantages in the treatment of morphological issues, such as *hápx* suffixes and general derivational patterns, although the model also addresses syntactic issues. In the presentation this new theoretical framework, we seek to show the points of convergence and divergence between it and other constructional approaches.

Keywords: Relational Morphology. Construction Grammar. Construction Morphology. Morphological Schemes.

Recebido em: 20 de novembro de 2020.

Aceito em: 20 de dezembro de 2020.

Disentangling Subject and Anacoluthon NPs in Topic: A Cognitive Grammar and Gestalt Psychology based approach

Luis Filipe Lima e Silva¹
Ronaldo Rodrigues de Paula²

Abstract: In this paper we analyze NPs in Topic which can be either the subject of the verb in Comment, or autonomous items usually called anacolutha (LI; THOMPSON, 1976). It explores how these different NPs are mapped according to spontaneous speech data. Departing from Langacker's proposal (2001), in which the Topic and the subject act as *trajectors* of different scopes, it is argued that such a concept is adequate to the empirical data, since it allows the possibility of co-occurrence and intertwining of both categories in speech. In addition, we also investigated the difference in the cognitive processing of subject and anacoluthon NPs in Topic building upon the concepts of baseline and elaboration (LANGACKER, 2016). Through this framework, it is possible to conceive that the Topic-Comment is activated serially giving rise to the formation of structural layers in the cases that the NP in Topic is the subject of the verb in the Comment. Or it can be the result of a cumulative access via summation, if the NP is an anacoluthon. As the concepts of subject and Topic in the approach of Cognitive Grammar derive, in part, from the Gestalt psychology notions of Figure and Ground, the anacoluthon in Topic can be referred to as the Figure and the illocutionary force of the Comment would be the Ground. The only difference in relation to the visual elements is that, since they displaces through the space axis, the Figure and the Ground can be inverted depending on where the focus of attention is turned. However, as the speech is unfolded along the time axis, reversion is not possible, in such a way that an Anacoluthon in Topic will always be the Figure and the Comment will always be the Ground. In addition, the dependency relation of the Figure regarding the Ground explains the reason for a Topic cannot occur without a Comment.

Keywords: Noun Phrase. Subject. Anacoluthon. Topic. Gestalt.

Introduction

This paper is part of a larger research project in speech syntax (cf. SILVA, 2012; 2020a, 2020b; MELLO; SILVA, 2015; SILVA; MELLO, 2016a, 2016b; 2017). The spontaneous speech is defined as the speech which is planned simultaneously as it is

¹ Graduou-se em Letras (habilitação em Linguística) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013), mestrado (2016) e doutorado (2020) em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe, pragmática, gramaticalização e corpus de fala espontânea. É integrante do grupo de pesquisa InCognito - Interfaces Linguagem, Cognition e Cultura. Minas Gerais, Brasil. E-mail: luisf.1397@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-0188-2861

² Doutor em Linguística Teórica e Descritiva da linha de pesquisa em sintaxe formal pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduou-se em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) em 2013. Faz parte do grupo de pesquisa "Laboratório de Línguas Indígenas e Africanas". Minas Gerais, Brasil. E-mail: ronaldorodriguesdepaula@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3251-881>.

performed (MILLER; WEINERT, 1998). As a result of this dynamic process, there are some syntactic properties typically found in the spoken diamesia. It is important to mention that the spontaneous speech is parsed in tonal units determined by specific prosodic patterns (cf. t' HART et al. 1990). Such units of the prosodic level correspond to informational units in the pragmatic one. Therefore, the information structure of an utterance is clarified by prosodic patterns (BAUMANN, 2006; DePAPE et al. 2012; GUT & PILLAI, 2014; HIMMELMANN, 2018). In this paper we focus on the NPs in Topic which can concomitantly be subjects of the following verb in the next informational unit and the ones that can be standalone items, that is, what is usually termed as anacolutha (LI; THOMPSON, 1976). The notions of Topic and subject portrayed in this paper were drawn from the Cognitive Grammar framework. Moreover, it is commonly accepted that Topic is performed with a specific prosodic pattern of a prefix type (t' HART et al. 1990). The following instances show both a NP subject and a NP anacoluthon realized as Topics³ respectively.

- (1) a. *KIR: the [/1] the penguins /^{TOP} are numbered //^{COM}
 b. *COR: it was like /^{INT} this one guy /^{TOP} he gets this master //^{COM}

In the example (1a), the NP *the penguins* is a Topic and also the subject of the Comment – the predicate *are numbered*. Inasmuch, in the example (1b), the Topic NP *this one guy* is an anacoluthon, or a standalone NP, once the subject of the sentence in the Comment segment is the pronoun *he*⁴. Since the framework of Cognitive Grammar is based on introspective data, an issue worth exploring is how the cognitive constitution of these different NPs is mapped according to empirical data. Or, in other words, how cognitively structured in regard to their syntactic and discursive patterns they are. Thereupon, it is relevant to research how the speech data unfolds in relation to their cognitive proprieties.

³ The examples were extracted from Santa Barbara Corpus of Spoken American English (DUBOIS et al. 2000-2005). The letters following the asterisk indicate the participant of the text. The simple bars indicate a non-terminal prosodic break, inasmuch the double bars indicate a terminal prosodic break. The symbol [/n] indicate a retracting and the number of retracted words. TOP, COM and INT indicate the information units of Topic, Comment and Locutive Introducer, respectively.

⁴ It is important to emphasize that we have not adopted in this paper the generative typology proposed by Ross (1967), in which this kind of clause as a case of left dislocation. We consider anacoluthon any NP in the Topic unit that does not hold the subject syntactic function. That is, an NP that does not establish a syntactic relation to the content in the Comment unit.

Building upon Langacker (2001) and Kumashiro & Langacker (2003) proposals, in which the Topic and the subject act as trajectors of distinct scopes, we argue that such a concept is suitable to empirical data, since it brings about the possibility of the co-occurrence and the intertwining of both categories in speech. Besides that, based on the concepts of baseline and elaboration (LANGACKER, 2016), we will show the difference in cognitive processing of subject and anacoluthon NPs when they figure in the information unit of Topic.

It is necessary to clarify that the concepts of subject and Topic in the Cognitive Grammar approach derive from the Gestalt psychology's notions of Figure and Ground. We believe that it is crucial to verify how one of the items in consideration, more specifically speaking the anacoluthon NPs as Topics, relate to the notion of Figure and Ground using as our guideline the very source of those notions, that is, the Gestalt Psychology approach. Therefore, the objectives of this paper are, (i) To characterize subject and anacoluthon NPs from the viewpoint of empirical data, in order to lay out them cognitively, and (ii) to disentangle the properties of anacoluthon NPs according to the Gestalt perspective. In order to achieve these objectives, we analyzed Brazilian Portuguese and Spanish spontaneous speech data in which the pattern Topic-Comment was manifested. This paper is set up as follows; firstly, which we approach the notions of subject and anacoluthon NPs in Topic according to Cognitive Grammar is divided in two subsections; after that, we briefly discuss some relevant notions from Cognitive Grammar framework. We analyze subject and anacoluthon as trajectors of different levels. Subsequently, we approach the subject and anacoluthon NPs in Topic according to Gestalt Psychology. This section is also divided in two subsections; the first one, we explain some important concepts of Gestalt Psychology and in the second one, we view the spontaneous speech data according to those concepts. Finally, in the next subsection we leave you with our final remarks.

Subject and Anacoluthon NPs in Topic according to Cognitive Grammar

In this section, a brief overview of the notions of subject and Topic will be presented according to the framework of Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987; 1991; 2008). In order to do so we will explore in the following sections how those concepts are viewed as

trajectors of different scopes potentially seeking different landmarks. After these notions become settled, the close relationship between subjects and anacolutha in Topic will be more evident, if we consider an intertwining of both scopes in spontaneous speech.

Cognitive Grammar

According to Langacker (1987), the three following perspectives are central to Cognitive Grammar:

1- Semantic structure is not universal; it is language-specific to a considerable degree. Further, semantic structure is based on conventional imagery and is characterized relative to knowledge structures.

2- Grammar (or syntax) does not constitute an autonomous formal level of representation. Instead, grammar is symbolic in nature, consisting in the conventional symbolization of semantic structure.

3- There is no meaningful distinction between grammar and lexicon. Lexicon, morphology, and syntax form a continuum of symbolic structures, which differ along various parameters but can be divided into separate components only arbitrarily. (LANGACKER, 1987, p. 3)

Cognitive Grammar recognizes the symbolic nature of language. Linguistic expressions are the association of semantic representation with a phonological realization. In this framework, language is viewed as part of human cognition, and hence, the postulation for a separate module just for the language faculty in the mind is not necessary. In that fashion, language could be derived from more general cognitive functions of the mind in broader psychological phenomena. Meaning, viewed as conceptualization, is what language is built upon and it is a cognitive phenomenon. The grammar is responsible to assemble the semantic content from basic meaningful parts, such as morphemes into larger and inherently symbolic meaningful units. Due to this conceptual nature, a prototype analyzes of the linguistic phenomena is considered preferable to the standard categorical judgments.

Building up from the essential understanding that linguistic units are abstracted from usage events, Langacker (2001) explores the intimacy relation of Cognitive Grammar and

discourse patterns. He called *Ground* (G) the speech event itself comprising the speaker, the hearer, their interaction and the immediate circumstances in which the interaction happens. The *Current discourse space* (CDS) is an abstract space built in the minds of the discourse participants consisting of the elements and relations constructed in the interaction at a given moment. Those are the cognitive domains that form the conceptual base for the meaning of the linguistic units. He proposed the following schematic conceptualization (LANGACKER, 2001, p. 145-146 adapted):

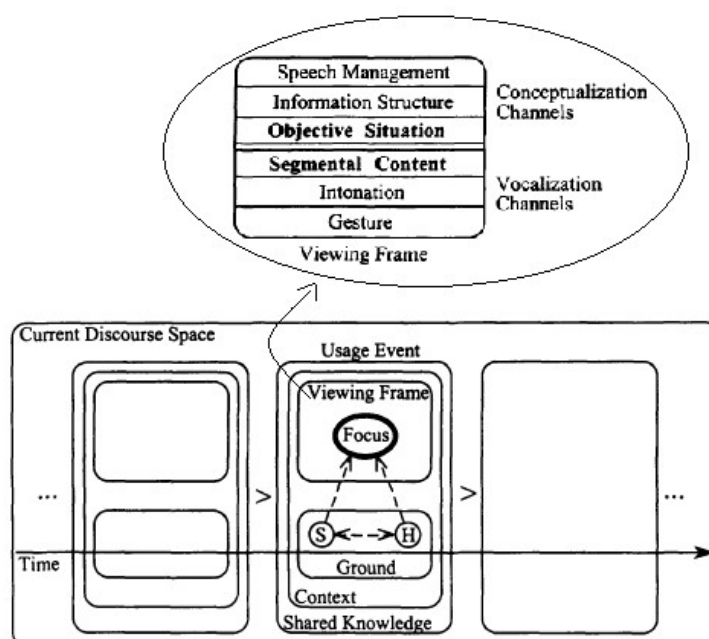


Figure 1 - Current Discourse Space

Source: adapted from Langacker (2001, p. 145-146)

This Current Discourse Space includes a body of accessible or shared knowledge by the participants; the Context of Speech includes broadly, the physical, mental, social and cultural background. The Ground at the center of the Context of Speech comprises the particular facet of the world that the participants are engaged with. The speaker has an initiative role and the hearer a responsive one, but neither role is active or reactive, since both actively deal with conceptualization and vocalization. Their action directs the focusing of attention to the same conceived entity at a given instant, that is, they both are “looking at” the *viewing frame*. The viewing frame is composed by independent but coordinated multiple

channels that deal with both conceptualization and vocalization. Some element in the immediate scope of their momentary viewing frame is their *focus* of attention. In regard to the flow of attention management in the flow of discourse, *the attention windows*, they are marked by intonation units such as pauses, breaks in timing, acceleration and deceleration, changes in pitch, etc. The linguistic structures of a given language are instructions to modify or adapt the Current Discourse Space to a specific desired form. The whole discourse event is a series of frames depicted in figure 1, viewed and acted upon by the discourse participants.

Returning to the notions of Topic and subject, their relationship has been noticed in linguistic studies for a long time. A Topic establishes a link between an entity, or an abstraction, or a thing, etc. and a proposition, whereas the subject is a point of reference established by a verb in a clause. Li & Thompson (1976, p. 484 apud Langacker, 2001) claim that subjects are essentially grammaticalized Topics.

Langacker (2001) argued that Lexical and Grammatical elements display particular ways of construct their conceptual content, their conventional meaning so to speak. The more schematic or less fine grained specific a linguistic expression is semantically, more it tends to be considered "grammatical" rather than "lexical". For our purpose in this paper, we will focus on the notion of *Prominence* regarding the construal nature of meaning. As proposed by the author, in relation to Grammar, there are two kinds of Prominence which are particularly relevant: *Profiling* and *Degree of Saliency*.

Profile is the relation, or the substructure that an expression draws attention to from its conceptual base. Consider, for example, the figure 2 below.

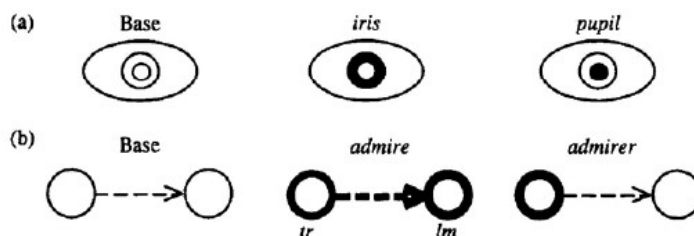


Figure 2 - Base and Profile
Source: adapted from Langacker (2001, p. 18)

Notice that in Figure 2(a), the human eye is the conceptual base for iris and pupil. They differ semantically by being different profiles of the conceptual base. In 2 (b), we see a

profile expressing not a thing, but a relationship. The profile is indicated by heavy lines. The author argues that an expression's grammatical class is determined by its profile. For example, a noun profiles a *thing*, a verb profiles a *process*, understood as a relationship that endures through a determined time, and other classes represent non-processual relations such as adjectives and prepositions.

The Degree of Saliency represents the focal prominence related to one or more participants. According to Langacker (2001, p. 19-20) words:

(...) It is usual for one participant – termed the *trajector* (*tr*) – to stand out as the *primary focal participant* in the sense of being the one the expression is concerned with locating, characterizing, or assessing in relation to others. A *secondary focal participant*, with respect to which the trajector is located or evaluated, is called a *landmark* (*lm*). (LANGACKER, 2001, p. 19-20)

It is important to mention that, in a profiling relationship, the subject is the trajector and the object the landmark. The same configuration is assumed for Topic and Comment, the former is a trajector and the latter is a landmark.

How Subject and Anacoluthon NPs in Topic are manifested cognitively

Langacker (2001) claims that the subject is the nominal that act as a trajector in the sentential level. Notwithstanding, the Topic is always extrinsic to that level, even though it is also a trajector. Upon that assumption, two distinct levels can be identified; the sentential level, where the grammatical computations take place in the lexicon, and the discourse level, a level which includes a large array of linguistic phenomena such as the informational structure, the temporal and processing chain, the windows of attention, etc. What the data shows us is that the sentential trajector can co-occur with a discursive trajector, as in the examples 2 and 3. That is, the NPs *el chalecito* 'the little vest' and *la tía Mari* 'aunt Mary' are the subjects of their respective sentences, thus they are trajectors at the sentential level. Observe that they figure in the Topic information unit, which is a trajector in the discursive level. Therefore, it is possible to argue that there is congruence between the trajectors in those two levels of

linguistic structure, which means that two primary focuses would be aligned at the same direction on the temporal chain⁵.

(2) *CAR: **el chalecito** /^{TOP} tenía muchísimo encanto //^{COM}

‘The little vest / had a lot of charm’

(3) *PIU: **la tía Mari** /^{TOP} no soltaba el pitillo //^{COM}

‘Aunt Mary / did not let go her cigarette’

The sentential level is related to computations applied to the lexical items. Nonetheless, Topic belongs to the discursive level and function on the interface between the prosodic and pragmatic domains. Thereupon, it is not straightforwardly related to the lexicon computations, given its sentential extrinsic nature. In this sense, in contraposition to examples 2 and 3, there are many instances that the utterances’ information structure does not yield canonical sentences, as in the examples 4 and 5.

(4) *PIU: **también Ana** /^{TOP} están todos los nietos de <todos> //^{COM}

‘Including Ana / all the grandchildren of everybody are here’

(5) *CHU: <**la boquilla dorada**> /^{TOP} eso era lo más //^{COM}

‘The golden mouthpiece / that was the most’

In these instances, the sentential trajector is absent so that only the discursive trajector is realized in the utterance. Any NP in Topic which does not hold any syntactic relation with the following content cannot act as a trajector in the sentential level given that there is no trajector without a landmark or Figure without Ground.

In regard to this proposal, the following figures 3 and 4 illustrate the examples 6 and 7, respectively:

(6) *PIU: <**la tía Elvira**> /^{TOP} fumó de soltera> //^{COM}

⁵ The Spanish examples presented in this paper were collected from IPIC corpus (NICOLÁS MARTÍNEZ; LOMBÁN SOMACARRERA, 2018).

‘Aunt Elvira / smoked as a bachelorette’

(7) *COC: **número** /^{TOP} yo les doy ahora /^{COM} corazón //^{ALL}

‘Number / I give it to you now / sweetheart’

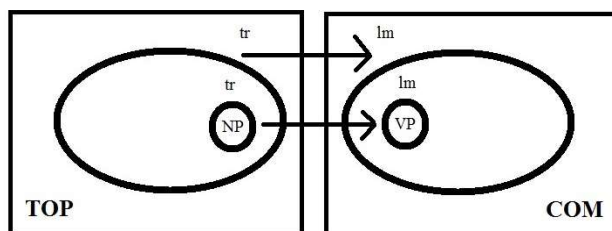


Figure 3 – Alignment trajector and landmark at the discursive and sentential levels
Source: Elaborated by the authors.

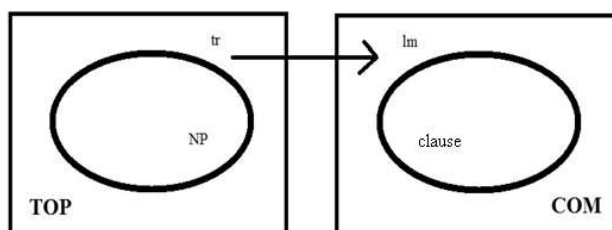


Figure 4 – Alignment trajector and Landmark at discursive level
Source: Elaborated by the authors.

Notice that, in figure 4, there is a possibility that the subject NP in TOP can also be comprised in one single COM unit. However, the distinction to draw in relation to figure 3 is that the trajector at the discursive level highlights the subject NP in the prosodic domain.

In a broad view this phenomenon can be described as an asymmetric organization of *baseline* (B) and *elaboration* (E), in which B is an established object and E is a mapping function that yields a structure of superior level BE, as conceptualized by Langacker (2016). B, therefore, offers the scope to a computation in which E can perform. This kind of computation is successively subdivided in strata, so that each substratum constitutes a B for the next one. Such arrangement creates more and more complex structures. In conceptual terms, that would enable a chain of serial access, in which every element is accessed individually but not in isolation. As the sequence is not accidental, that is, it constitutes a

base; the activation of an element facilitates the activation of the next. Langacker (2016) illustrates this serial access with the recitation of the alphabet, which comprises comparable elements arranged in a certain spaced sequence: A > B > C > D... At the moment of recitation, each letter is momentarily focused on its own window of attention (A) > (B) > (C) > (D)... Each subsequent letter is seized in relation to the previous one in a serial process. In regard to this issue, the author assumes that:

Successive elements must therefore be connected via relationships manifested in larger processing windows. I assume that processing runs concurrently on different time scales, in windows of different duration, each a scope of awareness allowing co-occurring elements to form relationships (LANGACKER, 2016, p. 408).

In serial access, each window of attention is activated by prosodic windows consecutively presented. In structural terms, this conception is translated in autonomous structures (A) and dependent ones (D). A dependent structure needs a support of an autonomous structure for its full manifestation. In this matter, D elaborates A in order to form a superior level AD structure, resulting in the building of layering: (((A) D_A) D_A) D_A). Such structural layering is believed to happen in TOP-COM articulation, since TOP is a unit which depends on COM in prosodic-informational terms. In the syntactic viewpoint, dependent element structures such as 6 and 7 can be thought in layering representation. In the conceptual viewpoint their access would be built by serial activation, as in figure 5.

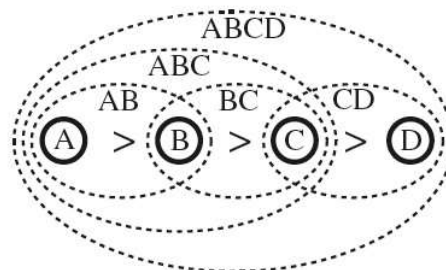


Figure 5 – Serial access in distinct windows of attention
 Source: Langacker (2016)

Conceptually, the access can also be granted by global awareness of all the activated elements so far, comprising a series of larger groups acting in windows of a longer duration. This kind of access, which is termed cumulative, represents consecutively paired structures: $(A) > ((A)B) > (((A)B)C) > (((((A)B)C)D)$. Cases that these structures predominantly occur are called summation. Langacker (2016) claims that there is a cumulative aspect in the discourse. On his words: “The summation of conceptual content results in a more and more elaborated apprehension of the situation under discussion” (LANGACKER, 2016, p. 410). It is important to mention that the serial access can result in incremental increase by summation; therefore there is not only gradation, but also an access conceptual *continuum*. The author instantiate this with possessive structures which are cumulatively apprehended by serial presenting: *Joe > Joe’s wife > Joe’s wife’s mother > Joe’s wife’s mother’s estate*.

In this sense, TOP-COM articulation activates its serial access at the discursive level. In this perspective, the process can result in a layering structure, as well as serial access via summation. We can argue that the summation would be the kind of structural computation occurring in those cases in which there is not a syntactic relation between the elements in a given information structure as in the examples 5 and 7. In these cases, there is not any lexical dependency, that is, the elements in TOP and in COM are autonomous in the syntactic domain, so they are apprehended from cumulative access, via summation of the activated elements from the beginning of the utterance. Otherwise, the layering computation could be incompatible in this situation, since this approach is based in dependency relations.

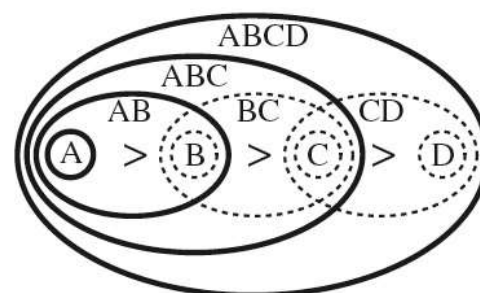


Figure 6 – Cumulative access in distinct windows of attention
Source: Langacker (2016)

In the next section, we explore anacoluthon NPs as Topics from Gestalt psychology’s approach.

Anacoluthon NPs according to Gestalt psychology's approach

Check out the following speech example in (8)⁶. The context is about an accusation of the former Brazil's presidency candidate, Corporal Daciolo, in 2018 regarding a supposed involvement of the pastors Silas Malafaia and Marco Feliciano with the freemasonry. Corporal Daciolo prays asking that the aforementioned pastors could break ties with the freemasonry. Note that in the utterances 5 and 8, the speaker uses glossolalia, that is, a language unknown by the speaker, in this context supposedly attributed to a divine intervention, commonly known as the angel's language (cf. SAMARIN, 1972).

(8) *DAC: [1] Senhor / coloco o Silas Malafaia / e o Marco Feliciano em tuas mãos / Pai // [2] olha eles aí / Senhor // [3] que o Senhor possa tocar no coração deles e que possa pelo arrependimento / Pai // [4] que eles possam te servir / Senhor // [5] hamanarashanarai // [6] que eles venham largar essa maçonaria / Pai // [7] que eles venham sair / Senhor // [8] hamanarashanarai // [9] em nome do Senhor Jesus Cristo // [10] em nome do / Senhor / Jesus Cristo // [11] agora eu quero falar algo mais importante ainda // [12] eles /^{TOP} Deus tá vendo tudo //^{COM} [13] Deus vai revelar // [14] eu não tô aqui / varão + [15] se eu quisesse voto / se eu tivesse atrás de voto / eu não taria falando isso //

*DAC: [1] Lord / I put Silas Malafaia / and Marco Feliciano in your hands / Father // [2] look at them over there / Lord // [3] may the Lord touch their hearts and may they repent / Father // [4] may they can serve you / Lord // [5] hamanarashanarai // [6] may they will drop this freemasonry / Father // [7] may they come out / Lord // [8] hamanarashanarai // [9] in the name of Our Lord Jesus Christ // [10] in the name of / Our Lord / Jesus Christ // [11] now I want to talk about something even more important // [12] they /^{TOP} God is seeing everything //^{COM} [13] God will reveal // [14] I'm not here / man + [15] if I wanted votes / if I was seeking votes / I wouldn't be saying that //

The utterance 12, performed after the prayer, is an instance of the informational articulation of the type TOP-COM: “eles /^{TOP} Deus tá vendo tudo //^{COM}” (they /^{TOP} God is seeing everything //^{COM}). The third person plural pronoun is an anacoluthon. This utterance could be paraphrased as follows “In regard to them, God is seeing everything”. The usage of the prosodic break and the melodic pattern of TOP are for the purpose of isolating the syntactic unattached NP from the following content of the utterance which, in this case, is a

⁶ Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=xoqrQIO_EdU>. This stretch was transcribed and segmented by us.

complete syntactic structure. That is a resort that helps the processing of this kind of structure, since the speaker do not need to reanalyze the NPs that do not bear a syntactic relation with the others realized in one single tonal unit. The prosodic-information break between elements that do not bear any syntactic relation is a common strategy at the language's disposal for the isolation of the anacoluthon. Silva (2020a, 2020b) claims that the major tendency of the anacolutha being divided prosodically and informationally is one of the principles of the speech's syntax computation in utterance's realization. In a higher rate of speech, there is a possibility that the anacoluthon be uttered on the same informational unit of the following content. However, that potentially could affect the interpretation of the utterance's elements. A hypothesis to be explored in this matter is related to a possible perception of a prosodic break that could safeguard the aforementioned principle of the separation of the anacolutha through prosody and information structure in such cases. Or in other words, speakers would perceive the prosodic break even in its absence. That would explain those cases where there are "mistakes" in information labeling, where the labellers indicate that there is just one informational unit, commonly TOP, in contexts where the anacolutha are perceived within the same tonal unit. Thus, at the perception viewpoint, the subjects tend to individualize a break so that the utterance could be successfully interpreted. In that regard, in the means of better testing this hypothesis, a psycholinguist experiment would be in order. In the next section let us turn to the Gestalt psychology's theoretical approach.

Gestalt psychology

Gestalt psychology (cf. KOFFKA, 1936[1935]; KÖHLER, 1992[1947]) is a theoretical approach which provides a solid base for data analysis such as the utterance 12 of the example 8. The perception has an important role in this framework. To scholars of the Gestalt psychology the process of perception lies between stimulus and response. Therefore, the behavior should be studied taking into account the possible conditions that can affect the perception of the stimulus. Moreover, the perception would require not just the display of the sensorial elements allocated in their physical bases. The scholars of this framework notice that some phenomena leads to a characterization of a perceptual constancy, that is, "[a] quality of

wholeness or completeness in perceptual experience that does not vary even when the sensory elements change” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 271). That happens, for instance, when the brightness or the size of the sensorial elements change but the perception remains constant. There is a tendency that the objects be perceived with stable features in space, such as shape, size, brightness, location and color.

Consequently, there is a difference between the sensorial stimulus and the resulting perception. In that regard, the wholeness or completeness quality cannot be found in any component part of the elements. Thus, the perception cannot be explained by the addition of the elements' parts. It is a whole, that is, a Gestalt. Our perception of the objects is a unified whole, not the addition of individual sensations. At this point, it is important to draw the difference between sensation and perception. The sensation is the “(...) stimulation of sense organs”; whereas the perception is “(...) the selection organization, and interpretation of sensory input” (WEITEN, 2017, p. 107). The sensory organs absorb energy such as the light, the sound waves and then send information to the brain in order to do the processing and interpretation⁷. That becomes clear when we come to know what is called agnosia, that is, the inability of processing sensory information. In visual agnosia cases, for instance, the individual normally sees, but (s)he is unable to recognize what (s)he is seeing. That is, the individual's visual system is intact allowing this particular individual to absorb all the sensorial stimuli through the visual organ, making it possible to see the objects. Nonetheless, (s)he is incapable of interpreting those stimuli transmitted to the brain. For that reason, the identification and recognition of objects become impossible. According to Farah (2004): “In striking contrast to their roughly intact visual sensory functions, visual form agnosics are severely impaired at recognizing, matching, copying, or discriminating simple visual stimuli” (FARAH, 2004, p. 13). This condition is a result of posterior inferior visual association cortex injuries (cf. DEVINSKY; D'ESPOSITO, 2004).

The perception of an object is guided by a tendency to shape balance maintenance, which is regulated by a law. The law of pregnancy (*Prägnanz*)⁸, or law of good shape, states that the physical systems are always comprised of total forces' interaction. Such forces are always organized seeking the simplest and symmetrical shape possible. As Gestalt scholars

⁷ In addition to sight and hearing, other senses should also be considered such as touch, smell and taste.

⁸ We opted to adopt here the same terms crafted in the seminal works of Gestalt Psychology, namely Koffka (1935) and Köhler (1947).

claim that there is an isomorphism between the brain's activities patterns and the conscious experience or, in other words, the perceptual fields are reflexes of the brains' activities patterns, then the perception must obey the brain's force fields distribution, which tends to be simple and symmetric. Therefore, even if the sensorial information is fragmented and incomplete, the cognitive experience would be complete and neat, since the sensorial information interacts with the brain's force fields. The law of pregnancy claims that

(...) psychological organization will always be as good as conditions allow because fields of brain activity will always distribute themselves in the simplest way possible under the prevailing conditions, just as other physical force fields do. The law of Prägnanz asserts that all cognitive experiences will tend to be as organized, symmetrical simple, and regular as they can be, given the pattern of brain activity at any given moment. (HERGENHAHN, 2009, p. 466)

Notwithstanding, the elements are not always perceived as balanced, symmetric, stable and simple. When they are not, the law of pregnancy will not act in an effective way. For instance, the figure that follows does not show the aforementioned basic aspects, for that matter it is an optical illusion that the perception cannot surpass.

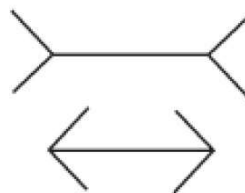


Figure 7 – Müller-Lyer Illusion
 Source: Deroy (2015)

This illusion is about the size of the straight lines. The first one is perceived as larger than the second, although both have the same size. That can be verified in the adaptation of the same figure below. The parallel vertical red lines show that the both horizontal straight lines have the exact same size.

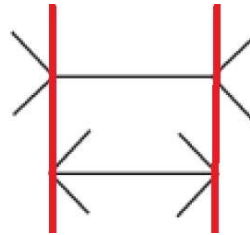


Figure 8 – Müller-Lyer illusion revealed

Source: Deroy (2015), adapted

Gestalt scholars believe that the stimuli perception determine behavior. Therefore, it is subject to law of pregnancy. They termed environment the stimuli set that determines behavior. Yet, there are two environments: the geographic and the behavioral one. The geographic environment matches to the physical environment. On the other hand, the behavioral environment corresponds to the result of the individual's interaction with the geographic environment, which leads it to the interpretation of this environment through the forces that rule perception such as simplicity, stability, balance and symmetry. To make clear the difference between these two environments, imagine a common situation, akin to have happened to the reader, in which one waves at a unknown person in the distance believing that it is someone (s)he knows, but as the person gets closer, (s)he realizes that it is not the person (s)he thought to be. As waving at the unknown person, (s)he believes that it is someone (s)he knows. Such confusion shows that stimuli perception in the environment conditions in which one finds them are intermediated by the way one interprets the stimuli. The behavioral environment corresponds to one's subjective interpretation triggered through one's interaction with the geographic environment. Behavior, thus, is determined by the perception of the behavioral environment. The resemblance of the two people in aforementioned situation is the cause of the mistake. Consequently, there was a tendency to establish the similarities between those people instead of their differences. The tendency to connect the elements is termed psychological force field. The psychological field, in its turn, is correspondent to a force field that seeks the good shape or the pregnancy. Bock et al. (2001) claims that such psychological force field "has a tendency that guarantees the search for the best possible shape in situations

that are not very well structured” (BOCK et al. 2001, p. 63)⁹. This process unfolds according certain laws or principles listed below¹⁰.

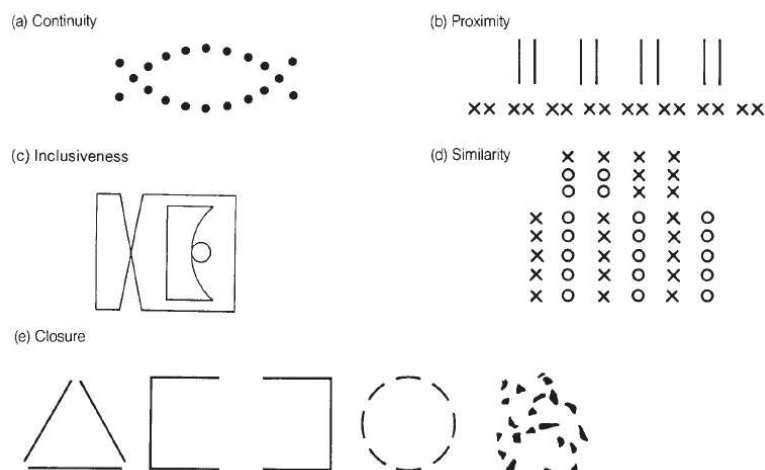


Figure 9 – Gestalt principles

Source: Sartain et al. (1973) apud Hergenhahn (2009)

The *continuity principle* states that the stimuli that we distribute in a continuous way will be viewed as a unit in perception. The figure (9a) illustrates dots arranged one after the other, which creates a perception of a continuous unit. The pattern of continuity that this figure evokes cannot be found in any of the individual dots in isolation. As these dots are arranged in the same direction, they constitute a pattern or configuration. The *proximity principle* states that when the stimuli are close to one another, they tend to be grouped or perceived as a unit. The figure (9b) illustrates this, in such a way that the lines and the Xs are seen as a group of pairs instead of individual lines and Xs. The *inclusivity principle* claims that when there is more than one figure in the stimuli, there is a tendency that the figure which contains the large number of stimuli has priority in perception. In figure (9c), it is difficult to perceive the symbol $\sqrt{16}$ because the parts that integrate it are arranged in a larger figure. The camouflage follows this principle, insofar as the camouflaged object in the color of the physical environment where the object is ends up blending in and the detection becomes more difficult. The *similarity principle* states that the similar objects tend to form perception units.

⁹ Our translation for: “tem uma tendência que garante a busca da melhor forma possível em situações que não estão muito estruturadas”.

¹⁰ Such principles vary in number in the literature. In this paper we consider Sartain et al. (1973)’s list.

In figure (9d), the circles and the Xs form each other a perception unit because they are similar. The same happens, for instance, in a soccer match where the players of their respective teams use uniforms, and thus, we group them according to the similarity principle. The *closure principle* consists in incomplete figures that are understood as complete units. The figure (9e) shows that even with gaps we can notice the shapes in question as real geometric forms, such as the triangle, rectangle and circle. The transformation of the stimulus performed by the brain rearranges these figures in such configurations that we can experience them cognitively. That makes possible for us perceive the last stimulus of figure (9e) as a person riding a horse.

A very important additional principle for the forthcoming analysis is the *configuration figure-ground*. This principle consists in the division of the perceptive field in two parts: “the *figure*, which is clear and unified and is the object of attention, and the *ground*, which is diffuse and consists on everything that is not being attended to” (HERGENHAHN, 2009, p. 468, italics by the author). The change of attention is capable of altering what is figure and what is ground.



Figure 10 – Poster of Snow White history

Source: <<https://www.elo7.com.br/poster-a4-snow-white/dp/C90E1A>>

In figure (10), we can notice that, depending on where we focus our attention, we see an apple with its core or the profile of Snow White and the Prince separated by a heart. It is interesting to realize that the brain cannot process both shapes at the same time. Therefore, if the attention is on the apple, it will be the figure and the profiles will be the ground, on the other hand, if the attention is on the profiles, they will be the figure and the apple will be the ground. We focus our attention in only one shape per time. This principle was established by

the Danish psychologist Edgar Rubin (1886-1951). The famous image that was used in his work became known as “The Rubin’s vase” is depicted bellow.

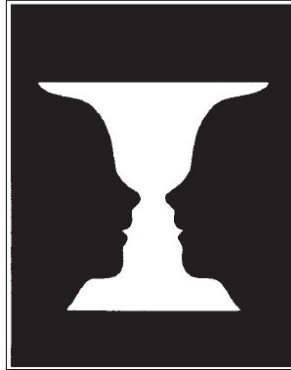


Figure 11 – Rubin’s vase

Source: Rubin (1921/1915) apud Hergenhahn (2009)

Depending on where we focus our attention, we notice a white vase or the profile of two people facing each other. When we focus our attention on the vase, it becomes the figure and the profiles become the ground, and vice-versa. Once again, that shows that the brain cannot process the vase and the profiles at the same time. It’s important to highlight that the Gestalt’s principles are not only applicable to visual field. They have been applied, for instance, in education (HARTMANN, 1966), in music (TENNEY; POLANSKY, 1980), in physics (LEZAMA et al. 2014), in neuroscience (HASSON et al. 2001), in psychological therapy practice (WOLDT; TOMAN, 2005), as well as in linguistics (TALMY, 1975; 2000; FUKUI, 2014).

In the next section, we turn to anacolutha.

How the anacolutha are organized in spontaneous speech

Let us return to the example quoted in the beginning of this section used to illustrate how the anacolutha are set in spontaneous speech in general:

(9) *DAC: [12] eles /^{TOP} Deus tá vendo tudo //^{COM}

‘They / God is seeing everything’

In order to analyze the spontaneous speech data as in (9) using some Gestalt's principle, it is necessary to realize that the analysis should be based on stimulus' features. As the stimulus is the speech in this case, its peculiar features must be considered in the analysis, taking into account the fact that they are different from the stimulus of visual field features. The speech is a dynamical event which unfolds through time. It comprises lexical items hierarchically distributed according to the syntactic computations of the language. In this regard, aspects as the bright, color and luminosity do not take place in speech phenomenon. The main difference between visual field stimulus and speech field stimulus is that the first unfolds through space and the latter unfolds through time, as aforementioned. The comprehension that the transcription of the speech event does not replace the speech phenomenon itself is also a factor that should be considered. Consequently, analyzing a speech utterance based on its transcription would be deceiving. The transcription is a resource to register an event, but it does not constitute and neither replaces the inherent features of the speech, as the sound waves which are transmitted through the air and unfold along the time axis.

Taking the many Gestalt's principles into account and adapting them to the speech event, the one that would best describe anacolutha would be the figure-ground configuration. An important step to understand that comes from the observation of the argument structure of the verb and the distribution of the lexical heads. The verb *ver* 'to see' is a verb which comprises two heads, an internal and an external head. Therefore, both the insertion of a third head or the removal of one, either in subject or object positions, would make the sentence ungrammatical, as displayed below:

(10)

- a. O João viu a Maria. 'John saw Mary'
- b. *O João o Carlos viu a Maria. 'John Charles saw Mary'
- c. *O João viu a Maria o carro. 'John saw Mary the car'
- d. *O João viu. 'John saw'
- e. *Viu Maria. 'Saw Mary'

The sentences (10b) and (10c) become grammatical if the NPs are coordinated, but that requires the realization of a conjunction between the nouns. In the example (9), the heads of the verb *ver* are fulfilled by the noun *Deus* and by the pronoun *tudo*. Thus, there is no place for the pronoun *eles*, and that is exactly what makes it an anacoluthon, that is, an element that does not have any syntactic relation with the following sentence. Note that there is the possibility that the third person plural pronoun could be the internal head of the verb; nonetheless, the interpretation of the utterance is different so that the original sense of the utterance is altered:

(11)

a. *eles / Deus tá vendo tudo* → “regarding them / God is seeing everything [what they are doing]”

b. *Deus tá vendo eles tudo* → “God sees them all”

In visual field, the brain cannot process two shapes at the same time. In speech, we propose that neither can the brain process the third person plural as a head of the verb *ver*, that is, or ‘*Eles tá vendo tudo*’ or ‘*Deus tá vendo tudo*’. The processing of the structure ‘*Eles Deus tá vendo tudo*’ is not possible, thus this utterance is ungrammatical. As a result, the third person plural pronoun is the figure and the following sentence is the ground. What determines the pronoun as figure is its realization as the information unit of TOP, realized with a prosodic prominence that highlights it. Other studies have already placed the Topic as the figure or the trajector at discursive level (cf. LANGACKER, 2001; SILVA, 2020a). As the speech unfolds temporally, the perception of the anacoluthon in TOP as the figure and the sentence in COM as the ground is irreversible. That means that the possibility of figure-ground symmetry, in such a way that the sentence in COM could be perceived sometimes as figure, sometimes as ground is out of question. What turns possible that the processing of the utterance could be performed is the fact that the anacoluthon is apart from the sentence to which is related by a prosodic break with informational value that even has the function of being the application field of the illocutionary force in COM (cf. CAVALCANTE, 2020). That is the reason why in the situations when the speaker increases its speech rate, possibly making imperceptible the prosodic break that highlights the anacoluthon in TOP, the interlocutors would perceive the

realization of the break even so. Otherwise the full interpretation of the utterance would be compromised, that is, the utterance would be perceived as ungrammatical. So, a syntactic structure would lead to the perception of a corresponding prosodic unit. That would not be a new phenomenon, since there are illusions in the auditory level as there are optical illusions (cf. DEUSTCH, 2019). These illusions are related to the speech level as much as the musical level. As an example, we can quote the case of the *missing fundamental*, which consists in the audition of a fundamental frequency that is absent in the harmonic series, but it is inferred from the higher frequencies of the series. Regarding this matter, according to Loy (2006)

Suppose the partials of the complex tone are 300, 400, and 500 Hz. You will most likely distinctly hear a “fundamental” at 100 Hz, the greatest common factor of the overtones. You will not hear an inharmonic tone with fundamental at 300 Hz. So convinced are our ears of the ubiquitous phenomenon of a fundamental with harmonics at integer multiples that even if there is no fundamental, our hearing is hardwired to invent one. (LOY, 2006, p. 157)

Koffka (1936[1935]) mentions that there is a double representation in certain figure-ground configuration cases. More specifically, in the cases which a minor figure is included in a larger one. The smaller figure is represented twice, once as the minor figure and twice as a part of the larger one. Turning to the anacolutha, the same phenomenon seems to apply. The TOP which includes the anacoluthon is part of the utterance, dividing it in two parts, one contains the TOP itself and the other relates it to COM. The difference is that the TOP, contrary to the minor figure, cannot be realized without the realization of COM. As aforementioned, TOP is always related to COM, providing the environment where the illocutionary force is applied. Therefore, the anacoluthon in TOP is conditioned to the application of the illocution in COM. That straightly corresponds to the functional dependency principle established between figure and ground. Koffka (1936[1935]) explains this principle arguing that “(...) the figure depends for its characteristics upon the ground on which it appears. The ground serves as a *framework* in which the figure is suspended and thereby determines the figure” (KOFFKA, 1936[1935], p. 184). As the anacoluthon in TOP is the figure, it depends on the illocution in COM, which is the reason for what it is performed in

the utterance. Thus, the ground, or the illocution in COM, determines the realization of the anacoluthon in TOP, since without illocution there would be no TOP and without a complete syntactic structure in COM there would be no anacoluthon in TOP. For instance, if the argument structure is not completely fulfilled in COM, the element in TOP would not be an anacoluthon, but the subject, as the following utterances show:

(12)

a. O João /^{TOP} a esposa dele saiu às compras hoje //^{COM}

‘In regards to John / his wife went shopping today //

b. O João /^{TOP} saiu às compras hoje //^{COM}

‘John / went shopping today //

In (12a), the argument structure of the verb *sair* is fulfilled by the subject NP *a esposa dele*. Then the NP *O João* can only be an anacoluthon. In (12b) the argument structure of the verb *sair* is not fulfilled by any subject NP in COM, so the subject can only be the NP *O João* in TOP which fulfill the argument structure of the verb *sair* in COM. Koffka (1936[1935]) affirms that “the contours which shape the figure do not shape its ground; if the later has a shape, it owes this to other forces than those which produce the figure upon it.” (KOFFKA, 1936[1935], p. 184). In our case, we can extrapolate that the prosodic contour which shapes the anacoluthon in TOP is not the same that shapes COM, which is the ground. The contour that shapes the COM is from a different nature, representing an illocution. The illocution prosodic contours never match to the prosodic contour of TOP. The TOP has specific prosodic patterns that allows us characterize it as distinct information unit from the COM as well as other information units (cf. HEDBERG; SOSA, 2008), whereas each illocution has its own prosodic pattern (MORAES; RILLIARD, 2018). It is interesting to notice that Koffka (1936[1935]) had already come up with the possibility that the figure-ground configuration could be present in all of our senses. According to the author, “(...) the distinction holds for all the senses. For audition, it is clear; we can hear speech on the background of the patter of the rain, or the roaring of a mountain stream” (KOFFKA, 1936[1935], p. 200). That means that the application of the concept figure-ground to the structure of the speech is pertinent whereas it is transmitted by sound waves which are spread through the air captured by the sense of

hearing. Although the assumptions made in this section lack an experimental approach in order to validate them, we believe that they provide a theoretical base to the application in the experimental scope.

Final Remarks

In this paper we analyzed the closed relationship of subjects and anacolutha NPs in Topic, both from the perspective of Cognitive Grammar and from the perspective of the field of Psychology which it was derived, that is, the Gestalt approach. While an anacoluthon is a trajector only in discursive level, a NP subject in Topic functions as a trajector concomitantly in both discursive and sentential level. Regarding the Gestalt approach, we can refer to anacoluthon as a figure in which the illocutionary force in Comment is the ground, the only difference regarding to visual elements is that as the latter is comprised only by space, the figure and the ground can be reversed depending on what the attention window is focused to. However, as the former is limited by the time axis, the reversion is not possible, that is, an anacoluthon will always be the figure and the Comment will always be the ground.

References

- BAUMANN, S. Information Structure and Prosody: Linguistic Categories for Spoken Language Annotation. In: SUDHOFF, S.; LENERTOVÁ, D.; MEYER, R.; PAPPERT, S.; AUGURZKY, P.; MLEINEK, I.; RICHTER, N.; SCHLIEßER, J. (eds.). *Methods in Empirical Prosody Research*. Berlin; New York: De Gruyter, 2006. p. 153-180.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CAVALCANTE, F. *The information unit of Topic: a crosslinguistic, statistical study based on spontaneous speech corpora*. 2020. 191f. Dissertation (Doctorate in Linguistic Studies) – Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- DePAPE, A.; CHEN, A.; HALL, G.; TRAINOR, L. Use of prosody and information structure in high functioning adults with autism in relation to language ability. *Frontiers in Psychology*, v. 3, n. 72, p. 1-13, 2012.

DEROY, O. Modularity of Perception. In: MATTHEN, M. (ed.). *The Oxford Handbook of Philosophy of Perception*. New York: Oxford University Press, 2015. p. 756-780.

DEUTSCH, D. *Musical Illusions and Phantom Words: How Music and Speech Unlock Mysteries of the Brain*. New York: Oxford University Press, 2019.

DEVINSKY, O.; D'ESPOSITO, M. *Neurology of cognitive and behavioral disorders*. New York: Oxford University Press, 2004.

DUBOIS, J.; CHAFE, W.; MEYER, C.; THOMPSON, S.; ENGLEBRETSON, R.; MARTEY, N. *Santa Barbara corpus of spoken American English*. Parts 1-4. Philadelphia: Linguistic Data Consortium, 2000-2005.

FARAH, M. *Visual Agnosia*. 2nd edition. Cambridge, London: The MIT Press, 2004.

FUKUI, R. The notions of figure and ground in linguistics and those in psychology. *Acta Scientiarum Valetudinariae Universitatis Praefecturae Ibarakiensis*, v. 19, p. 103-107, 2014.

GUT, U.; PILLAI, S. Prosodic marking of information structure by Malaysian speakers of English. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 36, p. 283-302, 2014.

HARTMANN, G. Gestalt psychology and mathematical insight. *The Mathematics Teacher*, v. 59, n. 7, p. 656-661, 1966.

HASSON, U.; HENDLER, T.; BASHAT, D.; MALACH, R. Vase or Face? A Neural Correlate of Shape-Selective Grouping Processes in the Human Brain. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 13, n. 6, p. 744-753, 2001.

HEDBERG, N.; SOSA, J. The Prosody of Topic and Focus in Spontaneous English Dialogue. In: LEE, C.; GORDON, M.; BÜRING, D. (eds.). *Topic and Focus*. Cross-linguistic Perspectives on Meaning and Intonation. Dordrecht: Springer, 2008. p. 101-120.

HERGENHAHN, B. *An Introduction to the History of Psychology*. 6th edition. Belmont: Cengage Learning, 2009.

HIMMELMANN, N. Some preliminary observations on prosody and information structure in Austronesian languages of Indonesia and East Timor. In: RIESBERG, S.; SHIOHARA, A.; UTSUMI, A. (eds.). *A cross-linguistic perspective on information structure in Austronesian languages*. Berlin: Language Science Press, 2018.

KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1936[1935].

KÖHLER, W. *Gestalt Psychology: An Introduction to New Concepts in Modern Psychology*. New York: Liveright, 1992[1947].

KUMASHIRO, T.; LANGACKER, R. Double-Subject and Complex Predicate Constructions. *Cognitive Linguistics*, v. 14, p. 1-45, 2003.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. Topic, Subject, and Possessor. In: SIMONSEN, H.; ENDRESEN, R. (eds.). *A Cognitive Approach to the Verb: Morphological and Constructional Perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 11-48.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. Baseline and elaboration. *Cognitive Linguistics*, v. 27, p. 405-439, 2016.

LEZAMA, J.; BLUSSEAU, S.; MOREL, J.; RANDALL, G.; VON GIOI, R. Psychophysics, Gestalts and Games. In: CITTI, G.; SARTI, A. (eds.). *Neuromathematics of Vision*. Berlin: Springer, 2014. p. 217-242.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and topic: A new typology of language. In: LI, C. (ed.), *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

LOY, G. *Musimathics: The Mathematical Foundations of Music*. Vol. 1. Cambridge, London: The MIT Press, 2006.

MELLO, H.; SILVA, L. F. L. Focus and information patterning: refining terminology and distinguishing categories in a spoken corpus. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 10, p. 138-169, 2015.

MILLER, J.; WEINERT, R. *Spontaneous Spoken Language*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MORAES, J.; RILLIARD, A. Describing the intonation of speech acts in Brazilian Portuguese: Methodological aspects. In: FELDHAUSEN, I.; FLIESSBACH, J.; VANRELL, M. (eds.). *Methods in prosody: A Romance language perspective*. Berlin: Language Science Press, 2018. p. 229-262.

NICOLÁS MARTÍNEZ, C; LOMBÁN SOMACARRERA, M. Mini-Corpus del español para DB-IPIC. *CHIMERA – Romance Corpora and Linguistic Studies*, v. 5, n. 2, p. 95-113, 2018.

ROSS, J. *Constraints on Variables in Syntax*. 1967. 523f. Dissertation (Doctorate in Linguistics) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1967.

RUBIN, E. *Visuell wahrgenommene Figuren. Studien in psychologischer Analyse*. Copenhagen: Gyldendal, 1921[1915].

SAMARIN, W. *Tongues of Men and Angels: The Religious Language of Pentecostalism*. New York: Macmillan, 1972.

SARTAIN, J.; NORTH, J.; STRANGE, R.; CHAPMAN, M. *Psychology: Understanding the Human Behavior*. New York: McGraw-Hill, 1973.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. *A History of Modern Psychology*. 10th edition. Belmont: Cengage Learning, 2011.

SILVA, L. F. L. Tipologia de construções clivadas de um corpus de língua oral espontânea. *Working Papers em Linguística*, v. 13, n. 3, p. 45-61, 2012.

SILVA, L. F. L. *Sintaxe da fala, probabilidade e cognição: uma proposta integrada de investigação em estudo sobre NPs baseado em corpus*. 2020a. 309f. Dissertation (Doctorate in Linguistic Studies) – Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020a.

SILVA, L. F. L. O estatuto da sintaxe na fala: considerações acerca da proposta da Language into Act Theory. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 1, p. 271-330, 2020b.

SILVA, L. F. L.; MELLO, H. The pragmatics of verbal negation in Brazilian Portuguese: Hypothesis testing with corpus data. *Chimera: Romance Corpora and Linguistic Studies*, v. 3, n. 2, p. 311-323, 2016a.

SILVA, L. F. L.; MELLO, H. Constraints on the usage of verbal negation in Brazilian Portuguese: Evidence from a spoken corpus. *Káñina*, v. 40, n. 1, p. 2016b.

SILVA, L. F. L.; MELLO, H. Predicate negation in spoken Brazilian Portuguese: Pragmatic analysis based on corpus data. In: DE MEO, A.; DOVETTO, F. (eds.). *La comunicazione parlata/Spoken Communication*. Roma: Aracne editrice, 2017. p. 375-391.

‘t HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study on intonation: An experimental approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. Figure and ground in complex sentences. *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 1, p. 419-430, 1975.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I/II. Cambridge: MIT Press, 2000.

TENNEY, J.; POLANSKY, L. Temporal Gestalt Perception in Music. *Journal of Music Theory*, v. 24, n. 2, p. 205-241, 1980.

WEITEN, W. *Psychology: Themes and Variations*. 10th edition. Boston: Cengage Learning, 2017.

WOLDT, A.; TOMAN, S. (eds.). *Gestalt Therapy: History, Theory, and Practice*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

Caracterização de SNs sujeito e anacoluto em Tópico: uma abordagem baseada na Gramática Cognitiva e na Psicologia da Gestalt

Resumo: Neste artigo, analisam-se SNs em Tópico que podem ser ou sujeitos do verbo do Comentário, ou itens autônomos, o que normalmente denomina-se anacoluto (LI; THOMPSON, 1976). Explora-se como esses diferentes SNs são mapeados de acordo com dados de fala espontânea. Partindo da proposta de Langacker (2001), na qual o Tópico e o sujeito atuam como *trajetores* de âmbitos distintos, argumenta-se que tal conceito é adequado aos dados empíricos, uma vez que permite a possibilidade de co-ocorrência e de entrelaçamento de ambas categorias no discurso oral. Além disso, com base nos conceitos de *baseline* e *elaboration* (LANGACKER, 2016), explora-se a diferença no processamento cognitivo de SNs sujeitos e anacolutos quando eles figuram em Tópico. Considera-se, dentro dessa perspectiva, que a articulação Tópico-Comentário é ativada serialmente podendo resultar na formação de camadas estruturais, caso os SNs em Tópico sejam sujeito do verbo no Comentário, bem como pode resultar num acesso cumulativo via soma, caso os SNs sejam anacolutos. Como os conceitos de sujeito e Tópico na abordagem da Gramática Cognitiva derivam, em parte, das noções de Figura e Fundo da psicologia da Gestalt, o anacoluto em Tópico pode-se referir como a Figura, e a força ilocucionária do Comentário seria o Fundo. A única diferença em relação aos elementos visuais é que, como eles configuram-se através do espaço, a figura e o fundo podem ser invertidos dependendo para onde o foco de atenção está voltado. Porém, como o fala se desdobra pelo eixo do tempo, a reversão não é possível, de tal sorte que um anacoluto em Tópico será sempre a figura e o Comentário sempre será o fundo. Além disso, a dependência da figura a um fundo explicaria por que um Tópico não pode ocorrer sem estar relacionado a um Comentário.

Palavras-chave: Sintagma Nominal. Sujeito. Anacoluto. Tópico. Gestalt.

Recebido em: 17 de setembro de 2020.

Aceito em: 16 de dezembro de 2020.

Fictivity in Vogue: a cognitive-functional categorization of fictive speech acts in a fashion corpus using corpus linguistics

Raquel Rossini Martins Cardoso¹

Katherine Nunes Pereira Oliva²

Maria Carolina Zuppari³

Rodrigo Araújo e Castro⁴

Izabella Rosa Malta⁵

Abstract: Fashion pervades different instances of culture, ranging from clothes to language and behavior. In this paper, we analyze the occurrence of three fictive speech categories (PASCUAL, 2014) as storytelling strategies in sections of North American Vogue magazine. This paper aims at investigating through a mixed-method approach cognitive-functional categories of fictive speech acts based on a corpus analysis of a corpus with fashion texts. We collected 200 texts from Vogue magazine (printed edition) from 2015 to 2018. In a sample of 60 texts, sentential (SENT), intra-sentential (INTRA) and inter-sentential (INTER) fictive acts were manually identified and categorized in each text through tags. The quantitative analysis mapped the counts of each category per year and per text and the qualitative in-depth analysis investigates instances from each category and their interpretation in the light of Fashion and cognitive and corpus linguistics theories. The findings show that the occurrence of the categories of fictive speech acts varies per year with opposing trends, though they tend to co-occur in the same texts. Therefore, fictive speech acts function as recurrent discursive strategies to foster a conversational environment in texts from Vogue magazine.

¹ Doutoranda em Linguística Cognitiva e Pragmática, pela Faculdade de Letras da UFMG. Pós-graduada em Ensino de Inglês pelo Curso de Especialização em Ensino de Inglês - CEI da Faculdade de Letras da UFMG (2015). Atualmente, participa do Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso (GEPTED), também da UFMG. Minas Gerais, Brasil. E-mail: raquelrossini@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-9741-8187

² Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC/SP). Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística ó UFMG. Brasil. E-mail: knpoliva@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6223-8493>

³ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Atualmente trabalha no desenvolvimento de cursos online de educação executiva e educação continuada na Emeritus Institute of Management. Trabalha também como consultora e pesquisadora nas seguintes temáticas de estudo e pesquisa: Linguística de Corpus, Linguística Forense, Inglês para fins específicos e Inglês para fins acadêmicos. Membro-pesquisador do Grupo de Estudos em Linguística de Corpus (GELC/CNPq). Brasil. E-mail: carolzupp@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-4716-4312>

⁴ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais e em Applied Linguistics pela Macquarie University (estudante de cotutela). Bacharelado e Mestrado em Letras com ênfase em Tradução, também pela Universidade Federal de Minas Gerais. É pesquisador do Laboratory for Experimentation in Translation - LETRA/FALE da mesma instituição. Minas Gerais, Brasil. E-mail: rodrigo.araujo-e-castro@students.mq.edu.au. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7433-7904>

⁵ Doutoranda pela Sprach- und literaturwissenschaftliche Fakultät Humboldt-Universität Zu Berlin, HUB, Alemanha. Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG). E-mail: malta@leibniz-zas.de. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4404-5895>

Keywords: cognitive linguistics. corpus linguistics. fictive speech. fashion.

Introduction

Fashion has grown over the years, being represented in several fields, such as marketing, art, media, literature, business. Beyond being an industry, it has shaped modern collective life, cultures and societies.

The fashion industry includes everything from the so-called *haute couture* (high fashion), to the *pret-a-porter* (ready to wear), to everyday wear⁶. However, fashion is not restricted to clothing; on the contrary, fashion includes the development of ways to dress, behave, act, in short, a way of living that follows certain trends established in this complex network of ideas and concepts. In sum, fashion is linked to the feelings, languages and symbols through which we express ourselves.

Despite the broad spectrum encompassed by fashion culture, and hence reflected in language, a choice was made to study the language of one of its most iconic symbols, Vogue magazine. In particular, the present paper sets out to analyze sections of the Vogue magazine from a Cognitive perspective, aiming at identifying the most recurrent fictive speech categories, i.e. sentential, intra-sentential, and inter-sentential (PASCUAL, 2014), employed in the chosen texts. In addition, it is intended to verify the use, in context, of certain fictive speech strategies as central pillars to the anecdotal nature of the texts published in Vogue.

The texts used in this study were manually collected from American Vogue magazine and were randomly selected and categorized based on methodological principles of Corpus Linguistics, which aims at the empirical study of language use in authentic texts with the aid of computer programs and incorporation of quantitative analysis and qualitative interpretations (BIBER et al., 2000; CONRAD, 2011).

In the following sections of this paper, we discuss the Corpus Linguistics and Cognitive Linguistics concepts underlying the analysis carried out and contextualize the

⁶ Further information is available at <https://www.thenationalnews.com/lifestyle/fashion/a-brief-history-of-ready-to-wear-fashion-1.912472>

importance of carrying out this analysis in a corpus of fashion texts. A brief overview of fictive speech is provided, with special focus on the three categories (PASCUAL, 2014) encompassed by fictive speech. Then, we describe the methodological procedures as well as the categories taken into account for analysis and, lastly, we address the quantitative and qualitative analyses.

Fictive speech in Vogue fashion corpus: bridging the gap between Corpus Linguistics and Cognitive Linguistics

Despite its empirical nature, studies in cognitive linguistics have been traditionally qualitative. However, recent years have seen a shift towards the incorporation of quantitative analysis, as evidenced by the growing number of corpus-based cognitive studies (GRIES, STEFANOWITSCH, 2007). The present study adds to the body of research as it incorporates both qualitative and quantitative methods used in cognitive and corpus linguistics to investigate the presence of fictivity in a corpus of fashion texts in Vogue magazine. The following subsections introduce the concepts of cognitive and corpus linguistics relevant to this study, that is fictive speech acts and empirical investigation of language use, respectively. In addition, it contextualizes language use in the fashion industry.

Fictive speech

There has been considerable discussion on the issue of fictivity in Cognitive Linguistics literature. Leonard Talmy (2000), for instance, pointed out the existence of discrepancies in representations of an object, with a more veridical representation, called *factive*, and another divergent, *less veridical*, *fictive* representation (TALMY, 2000, p. 100). Such concepts encompassing the broader term named *general fictivity* by Talmy (2000) might not be directly correlated with objects being real or unreal. Indeed, they may have to do with *a cognitive assessment of greater veridicality* (TALMY, 2000, p. 100). Scholars such as

Talmy (2000), Matsumoto (1996), Sweetser (1996), Langacker (1999), and Pascual (2014) have considerably addressed fictivity, providing the literature with valuable insight. However, plenty of room has been left for exploration of different perspectives of such topics.

Unlike Talmy (2000), who addressed fictive motion, Ronald Langacker addressed fictivity in interaction, pointing out fictive speech acts, bridging the gap between the so-called real, factive world and a metaphorical, fictive one (LANGACKER, 1999). The author also discusses a dichotomy between actual and fictive entities. If, on the one hand, actual individuals and their relationships would have to do with reality and the real world, on the other hand, fictive or virtual entities and relationships may be imagined, not corresponding to reality or to a real entity, despite being a resource for describing ãa facet of realityö (LANGACKER, 1999, p. 81). Thus, Langacker (1999) proposes a distinction between actual and fictive entities.

Although there seems to be a ãdefault assumption that linguistic expressions normally refer directly to actual individuals and actual relationships in which they participatedö (LANGACKER, 1999, p. 77), the way we think, act and express in linguistic terms may be metaphorical in nature. Even when we are mainly concerned about the so-called ãrealö or actual events, we may surprisingly be referring to virtual ones (LANGACKER, 1999). Metonymy and implicature are examples of concepts that play an important role when we bridge the gap between ãlinguistic expressions and the actual relationships they pertain toö (LANGACKER, 1999, p. 78).

From this viewpoint, human experience, since childhood, is considered to be able to exert influence on the way our minds and language are organized, once we are ãsocial beings constantly exposed to and engaged in meaningful verbal interactionsö (PASCUAL, 2014, p. 4). Cognitive linguists have been known for their endeavor to bridge the gap between language and thought. As Lakoff and Johnson (1999) point out, thought walks hand in hand with language, as the latter might be a way of simplifying complex ideas. The scholars explain that ã[s]econd-generation cognitive science is committed to looking at language from the broadest perspective. It includes (...) the meanings, the pragmatics, the speech-act constructions, constraints on processing, and on and onö (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 1110).

Over the past 40 years, speech acts have been in the scope of a number of pragmatic studies, which have highlighted their importance to identity construction (OLIVEIRA, CUNHA, MIRANDA, 2017). However, the issue of fictive speech acts in particular has not been an object of study of pragmatic scholars. Rather, it has been the object of study of cognitive linguists, namely Langacker (1999), who have addressed cognitive processes such as mappings and conceptual metaphors underlying speech and communication. A number of works in the literature have bridged this gap between cognition and speech acts by means of fictive speech acts. Echoing the idea of fictivity first proposed by Talmy (cf. TALMY, 2000), Langacker (1999) addressed the concept of fictive speech acts. Such path has been followed by a number of other scholars, such as Brandt (2013, 2016), who addressed fictive verbal interaction ó first proposed by Pascual (2002) ó in construction of meaning online and later discussed rhetorical aspects of fictive interaction in advertising; Pascual (2014), who proposed an analysis of fictive speech in trials; and Canovas and Turner (2016), who addressed fictive communication from a theoretical perspective unlike the previous works, which also held an empirical basis.

Echoing Grice (1989), Sweetser (1987), and Bakhtin (1981), Pascual (2014) considers the way we tend to regard language as informational, that is, what one claims may be what they truly believe. Such understanding of language seems to walk hand in hand with Michael Foucault's discussion on the word *õparrhesiaö* ó i.e. *õto say everythingö* (FOUCAULT, 1983). As the scholar claims, *õthe one who uses parrhesia, the parrhesiastes, is someone who says everything he has in mind: he does not hide anything, but opens his heart and mind completely to other people through discourseö* (FOUCAULT, 1983, p. 2). Thus, under the light of such an assumption, one may note a strong relationship between the speaker and his assumptions. Indeed, as claimed by Foucault (1983), the speaker clearly demonstrates the correspondence between what they say and their actual opinions. However, when it comes to different ways of expressing opinions, one may find other rhetorical strategies that may not hold such a clear relationship between what is literally said and the opinion underlying it.

With regard to the concept of fictive speech acts proposed by Langacker (1999), fictivity is *õat the level of illocutionary forceö* (LANGACKER, 1999, p. 90). The scholar claims that *õin a fictive speech act, the speaker in some sense pretends to employ the*

interactive frame but does not fully identify its elements with those of the actual interactionö (LANGACKER, 1999, p. 90). Irony may be one recurrent fictive strategy pervading fictive speech acts, as illustrated in the following examples:

ÉThat was a brilliant move. [in response to something obviously stupid]
 ÉHe will finish his dissertation on time. *And I will be elected pope.*
 (LANGACKER, 1999, p. 90).

In both cases, the speaker pretends to make an ordinary assertion, as pointed out by Langacker (1999). In the second example, an advisor clearly employs irony in the utterance ãand I will be elected popeö, since he will not literally be elected pope once his student finishes his dissertation on time. By contrast, in the first example, the locutor seems to perform a speech act in which he praises someone or a situation, when he utters ãthat was a brilliant moveö. However, it may convey criticism, as stated in the context that irony is used as a response to an obviously stupid situation. When he states ideas that mean the opposite of what is actually true, he points out that it is not his intention to lead the interlocutor to assume the proposition as true (LANGACKER, 1999). Therefore, both examples illustrate the context-driven nature of fictive speech acts, where a speech act is employed with a function that is different from its literal one.

Fictive interaction seems to bridge the gap between reality and unreality. Indeed, it serves as a conceptual reality useful for understanding ãthe nuances of language, thought, and actionö (PASCUAL, 2014, p. 17). Since fictive interaction may stand as model for different linguistic areas, it goes without saying that a number of types of fictivity have been addressed in the literature, such as ã(i) fictive entities, instances, and events (TALMY [1996] 2000; LANGACKER, 1999), (ii) fictive motion (TALMY [1996] 2000), (iii) fictive change (SWEETSER [1990] 1996; MATSUMOTO 1996b), and (iv) fictive speech acts (LANGACKER, 1999)ö (PASCUAL, 2014, p. 17).

Fictive interaction might occur at three levels: sentential, inter-sentential and intra-sentential (PASCUAL, 2014). Sentential fictivity is identified at the level of the sentence, when a clause, for instance, is used to express an idea that differs from its recurrent meaning. Ironic clauses, such as *And I will be elected pope*, in the example above, and rhetorical

questions, "interrogative constructions used as exclamatives" as in *You here?*, (PASCUAL, 2014, p. 66) are examples of sentential fictive interaction.

In turn, inter-sentential fictive interaction encompasses the relationship between sentences and clauses in a fictive conversation frame. For example, in an inter-sentential fictive interaction, the locutor might also take the role of the interlocutor. In a fictive dialog, a speaker might use a discourse organizing device by uttering *Why?*, as if he were the hearer, and, then, answering *Because...* (PASCUAL, 2014).

In intra-sentential interaction, one may deal with "a direct speech constituent typically not involving a literal or loose quotation. (...) This non-quotational direct speech constituent appears to fill the grammatical slots of clauses, phrases, lexical items, and even morphemes" (PASCUAL, 2014, p. 77). Unlike the other types of fictive interaction, intra-sentential fictivity is related to non-literal direct speech used to perform a syntactic function in, namely, clauses or phrases, as shown in the following example:

He~~ø~~ a businessman, a guy that you say. You~~ø~~re making so much money and here~~ø~~ some points (PASCUAL, 2014, p. 78).

Although *You~~ø~~re making so much money and here~~ø~~ some points* could be interpreted as a real sentence uttered by a speaker to an addressee, it stands as a clause used to describe a **fictive** addressee.

The next subsection will briefly introduce the concept of fashion and how it is expressed through discourse.

Fashion discourse

According to Lars Svendsen (2010), "fashion" is difficult to define and it tends to be related to clothing. However, fashion is not restricted to clothing, as it has been proven to be related to a wider range of topics than just clothing, as claimed by Calanca (2008). The author states that the artist's creativity is expressed through the use of multiple languages of contemporary communication, such as photography, advertising, design, theater, lyrics, cinema, radio, television, and specialized magazines (CALANCA, 2008).

Magazines are ways of advertising products and ideas and bringing people up to date on what is happening in society through news, stories, facts, thoughts, interviews. Vogue magazine is one of the most famous fashion magazines and it has been ranked⁷ as one of the most read fashion magazines. As such, it can be said it has influenced the way facts, concepts and ideas about fashion are presented. Therefore, the choice was made to analyze sections of the Vogue magazine for this research.

Thompson and Haytko state that “[f]ashion discourses provide consumers with a plurality of interpretive positions that, because of their diverse associations, can enable them to juxtapose opposing values and beliefs” (1997, p. 15). The results of their study, conducted through interviews, showed that discourse in those interviews was pervaded by metonymic constructions with the use of fashion imagery. Moreover, they were interpreted as situating individuals in particular social spheres, not only as symbols of personal identity. Similar to Lakoff (1987), Thompson and Haytko, affirm, from a cognitive perspective, that “[...] this type of linguistic trope reflects an important characteristic of human cognition” (1997, p. 23). Furthermore, they add that “[t]hrough metonymic thinking, a complex and abstract concept can be understood in terms of one of its more well known or easily comprehended aspects” (THOMPSON, HAYKO, 1997, p. 23).

The language used in fashion discourses in its myriad forms can be analyzed both quantitatively and qualitatively through the study of corpora of spoken and written texts associated with this industry and drawing on the principles of Corpus Linguistics, which are briefly presented in the next subsection.

Corpus Linguistics

A wide range of situations influence the way language is used, including the language system and its functions (i.e., choices available to and choices made by language users), situational context, and communicative purpose, configuring its inherent variation, which

⁷ <https://list.ly/list/1a3K-top-10-fashion-magazines-in-the-world> <https://www.ranker.com/list/best-fashion-magazines/ranker-books>

<https://www.magazineline.com/blog/best-fashion-magazines>

<https://www.allyoucanread.com/top-10-fashion-magazines/> Accessed: October 30th, 2020

could be termed a central aspect of language in use (FIRTH, 1957; SINCLAIR, 1991; BIBER, 1988; BIBER et al., 1999). Corpus Linguistics studies are based on empirical investigations of language use through the use of a corpus, that is, a "principled collection of naturally occurring texts (written or spoken) stored electronically" (REPPEN, 2010, p.2). This allows for language description and theory focused on "systemic observations of language behavior, not on native speaker intuition" in both general and specific situational and communicative contexts of language use (BIBER et al., 2000; CONRAD, 2011, p. 49). In addition to studies of language description and theory, corpus data can also be used to inform functional cognitive approaches to lexical semantics and metaphor in conceptual terms, as shown in McEnery and Hardie (2011). According to the authors, the importance of findings from the study of corpora, using either quantitative or qualitative analysis or both, depends on the corpus data selected and the research questions being made (McENERY, HARDIE, 2011).

This study makes use of a small corpus of texts taken from seven sections of the printed edition of Vogue magazine, ranging from 2015 to 2018. In this instance, a small corpus "is seen as a body of relevant and reliable evidence, and is either small enough to be analysed manually, or is processed by the computer in a preliminary fashion" (GHADESSY et al., 2001, p. 6). According to the authors,

[b]y calling a group of texts or text samples a corpus we are investing it with linguistic status. The corpus is gathered on the basis of external criteria (Clear 1992), to do with the sociocultural roles of the texts it contains, and the claim is implicitly made that an investigation into the internal patterns of the language used will be fruitful and linguistically illuminating. So if it is a general corpus, researchers expect to find in it information about the language as a whole, and if it is a more specialised corpus, then the characteristics of the genre will be discoverable (GHADESSY et al., 2001, p. 6).

The corpus used in this study is a specialized subset of a corpus of fashion texts, entitled Fashion Corpus, being compiled as part of a doctoral research, as further described in the methodology section. This corpus subset is thought to represent an adequate sample in

which to identify the most recurrent fictive speech categories present in texts from Vogue magazine, considered a leader in the fashion world, dictating trends and establishing ideas and concepts related to its industry.

The methodological aspects of this study are presented in the next section.

Methodology

The corpus used in this study is a specialized subset of a corpus of fashion texts, written and spoken, entitled Fashion Corpus, being compiled as part of a doctoral research. The full corpus comprises, to date, 651 texts taken from fashion magazines, blogs, films, tv series, tutorials, Twitter, institutional Facebook, Instagram, documentaries, and academic texts.

The specialized corpus subset comprises 200 manually collected texts from seven sections of the North American Vogue magazine ó printed edition, with publication dates ranging from 2015 to 2018. The sections chosen are as follows: *Talking Fashion* (or just *Fashion* in some issues), *Letter from the Editor*, *Nostalgia*, *Beauty*, *The Hamish Files*, *View and VLife* (see APPENDIX).

After manual collection, the 200 texts were scanned as pdf files and then converted⁸ to text format and saved as .txt files (UTF-8 BOM encoding). Next, texts were manually revised to remove any typographical mistakes from the conversion that could negatively influence the analysis.

Each file was named based on the following coding: õmagzö (standing for magazine) + year + õvogpö (standing for Vogue Printed) + text number. An example is magz_2016_vogp_0018, which is text 18, collected from the Vogue magazine printed edition published in 2016. Also, each text had headers between brackets containing the file name, the source and the text section. These texts were organized in a spreadsheet that stored additional information on the texts, namely the register, year, source, source code and file code (filename). After these procedures, 200 texts were classified, as shown in Table 1.

⁸ Texts were converted using the OCR software ABBY FineReader Professional 12.

Table 1 - Distribution of collected texts per year

Year	Number of texts
2015	58
2016	47
2017	77
2018	18
TOTAL	200

Due to an unbalance in text availability per year, it was necessary to sample texts to reduce bias and have a balanced corpus. For this reason, as presented in Table 2, 15 texts from each year were randomly sampled using Python scripts⁹, resulting in a corpus of 60 texts.

Table 2 - Distribution of sampled texts per year

Year	Number of texts
2015	15
2016	15
2017	15
2018	15
TOTAL	60

After the sampling process, a manual preliminary analysis for identification of fictive speech items in the texts was carried out. The fictive elements identified in each file were classified and tagged as follows: sentential (SENT), intra-sentential (INTRA) and inter-sentential (INTER). These categories stand for the three levels of fictive speech acts: sentential, intra-sentential, and inter-sentential identified by Pascual (2014). Figure 1 shows an example of a tagged text, in which the tags are highlighted in red.

⁹ All the scripts and the data are available at <http://tiny.cc/githubcoauthorpaper2020>

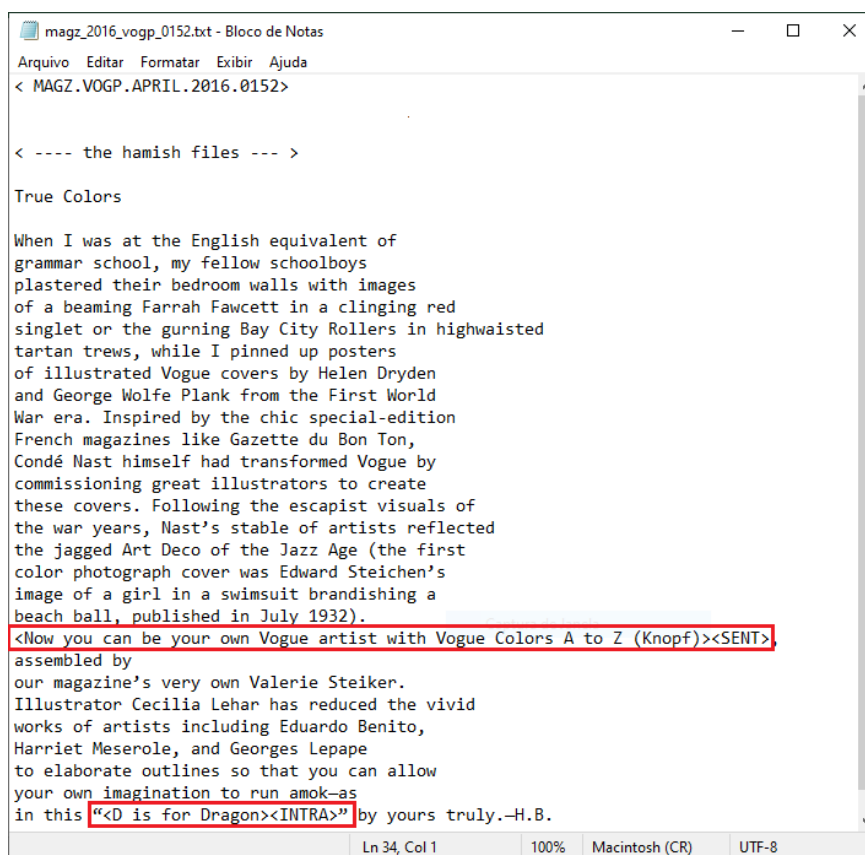


Figure 1 - Example of text tagged for fictive elements
Note: Snapshot of notepad text editor with added red rectangles

The tags follow the format <segment><TAG>, like in the example <D is for Dragon><INTRA>. This format was chosen in order to allow for the automatic tracking and counting of these segments and categories with the aid of Python scripts.

The selected text files were stored in folders per year (named 2015, 2016 and 2017, 2018) and processed in python scripts that performed the following tasks:

1. Reading the text files.
2. Processing the fictive element categories.
3. Extracting all annotated patterns.
4. Saving the patterns in text files for qualitative analysis.
5. Creating tables with the categories counts per file, per year.
6. Creating graphs to visually represent the results.
7. Saving all tables and graphs.

The results were analyzed in the light of the cognitive-functional theory of fictive speech acts from a mixed perspective, including both qualitative and quantitative results. For this reason, the counts were sorted per text and per year, taking into account each category separately.

Quantitative analysis of the data obtained

The raw counts and normalized percentage of the manually tagged fictive speech categories identified in the texts (inter-sentential, sentential, and intra-sentential), obtained through Python scripts, are shown in Table 3.

Table 3 Occurrence of fictive speech categories per year

Year	Categories						Total	
	INTER		SENT		INTRA			
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
2015	19	34.55	26	47.27	10	18.18	55	100
2016	9	18.75	30	62.5	9	18.75	48	100
2017	5	31.25	3	18.75	8	50.0	16	100
2018	6	37.5	6	37.5	4	25.0	16	100

As the percentages in bold represented in Table 3 show, the inter-sentential category (INTER) was more frequent in 2018, the sentential (SENT) in 2016 and 2015 and intra-sentential (INTRA) in 2017. These numbers are visually represented in Figure 2, which illustrates the percentage distribution of categories per year.

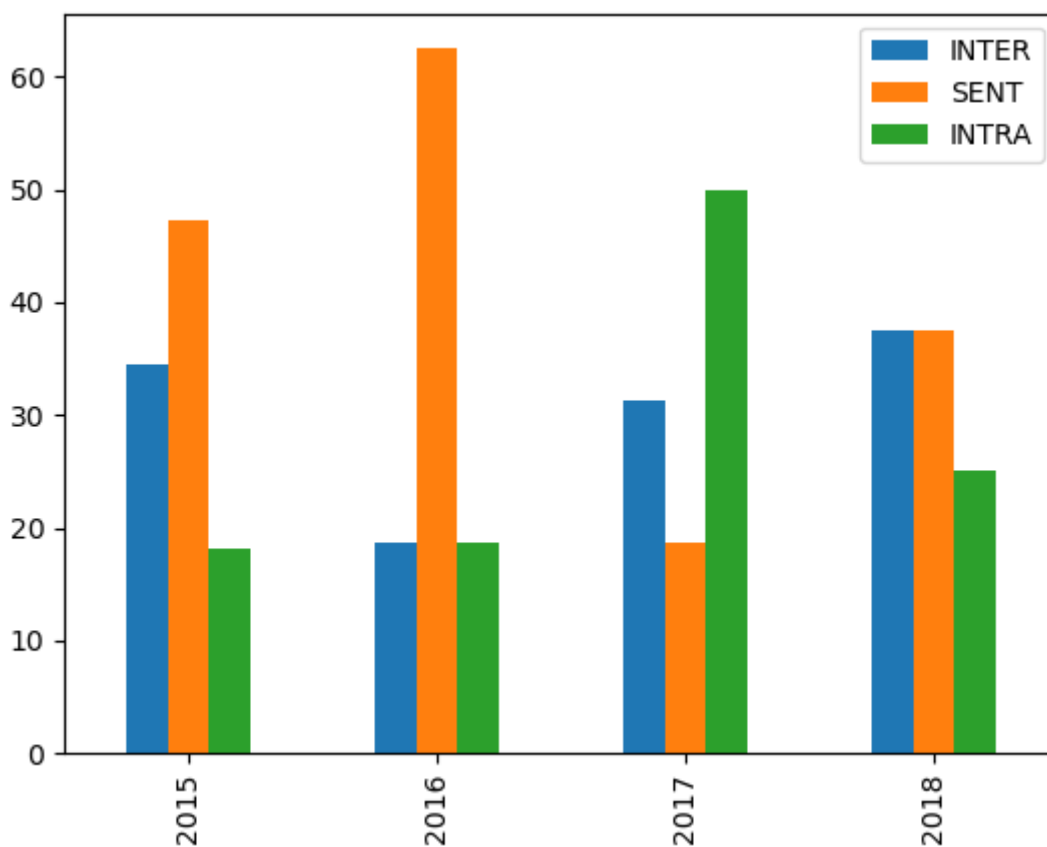


Figure 2 ó Categories per year ó percentage distribution

Table 3 and Figure 2 show the distribution of the categories per year, highlighting that, in the sample analyzed, the highest amount of fictive speech items occurred in the texts published in 2015 and 2016 ó reaching 55 and 48 occurrences, respectively.

When it comes to the relative distribution of each category, apparently the occurrence of the inter-sentential category (INTER) increases from 2016 to 2018. On the other hand, the occurrences of sentential fictive speech items (SENT) identified plummeted to the lowest number of occurrences in 2017. And the intra-sentential category (INTRA) varies without a clear trend.

Indeed, one may note that sentential fictive speech stood out in the texts published in 2015 and 2016, whereas intra-sentential fictive speech was recurrent in 2017. In 2018, both inter-sentential and sentential fictive speech occurrences seemed to pervade the texts analyzed.

Based on these results, it was possible to verify that these categories coexist in texts from all years, despite the low amount of texts analyzed. Therefore, it is necessary to take into consideration a qualitative analysis of the fictive categories.

Qualitative analysis of the fictive speech items through fictive categories

In the samples gathered from Vogue magazine from 2015 to 2018, the occurrence of the three levels of fictive speech acts, sentential, intra-sentential, and inter-sentential (PASCUAL, 2014), was identified. When it comes to sentential fictive speech acts, they might be performed by means of a number of linguistic items, namely rhetorical questions, fictive assertions, and fictive requests. The following excerpts illustrate the use of sentential fictive strategies in the samples analyzed:

- (1) **Call it what you will**ô frescobol in Rio de Janeiro, matkot in Tel Aviv, racchettoni on the Amalfi Coastô but the laid-back 1970s-favorite beach game that calls for wooden paddles, a springy ball, and toes-in-sand athleticism is having a renaissance. (MAGZ.VOGP.JULY.2015.0113)
- (2) And there it was, on Salem End Road: a white clapboard ruin, proof of one daughter-of-history's unlikely survival. **Do you write your own story, or do you allow others to write it for you?** This, finally, was Sarah's legacy, one that took on unexpected resonance as Thorsten and I struggled to plot our next steps. (MAGZ.VOGP.NOVEMBER.2015.0011)
- (3) ôYou always extended situations beyond where I would take them,ö she said, ôbut they were usually such good ideas that I ended up thinking, **Well, why not?**ö We turned a corner onto the street where we used to live. (MAGZ.VOGP.AUGUST.2016.0172)

In (1), the assertion *Call it what you will* does not have to do with an order given to the interlocutor ó the reader. Indeed, such assertion stands as a discursive strategy used to convey a strong assertion, emphasizing that, regardless of the name given to that beach game, i.e. *frescobol*, *matkot* or *racchettoni*, it is having a renaissance.

In the same vein, the question posed in (2) does not seem to genuinely enquire the reader upon a given issue. Considering the anecdotal nature of the letter from the editor section in Vogue Magazine, the question might either be a rhetorical question intended to call

the reader's attention to the story or even a fictive question echoing one's thoughts on the story being told. In either case, the fictive question at stake appears to have a non-factual nature, as it appears not to fulfill the purpose of information-seeking (PASCUAL, 2014). Although there may be another fictive speech occurrence (i.e., "And there it was"), it is not a fictive speech act involving metaphorical direct interaction between the writer and the reader as shown in the bold excerpt.

In turn, (3) encompasses a rhetorical use of *Why not?* that might not have to do with a real, factive questioning of the reasons why the locutor would not take a certain action. Rather, it is uttered by the interviewee to highlight her interest in considering the interesting ideas proposed to her.

With regard to fictive speech at the intra-sentential level, excerpts (4) and (5) illustrate the use of a "direct speech constituent typically not involving a literal or loose quotation" (PASCUAL, 2014, p. 77).

- (4) But this isn't the true look of the moment, whose origins lie elsewhere: in Isabella Blow and Rooney Mara's Lisbeth Salander, Milla Jovovich in *The Fifth Element*, and Janeane Garofalo in *Reality Bites* – **in-your-face** women who want to get their hands dirty and their hair out of the way. In considering microbangs, Malige says, it's important to gauge the shape of your forehead. (MAGZ.VOGP.DECEMBER.2015.0145)
- (5) The pieces come in a calming palette and offer a subversively subtle alternative to the reigning athleisure style. As Toomey sees it, the collection embodies the contradiction of the **tough-yet-tender** Class itself. "We can be soft while also strong," she says. (MAGZ.VOGP.DECEMBER.2017.0056)

Indeed, *in-your-face* in (4) might recall one's potential speech used to qualify *women who want to get their hands dirty and their hair out of the way*. Nevertheless, such an item is not used as a literal quotation, assuming the function of a pre-modifier of the head noun *women* in a noun phrase.

Of equal merit is *tough-yet-tender* in (5). The potential utterance that a fictive speaker might utter, qualifying the *class* as *tough, yet tender*, is transformed into a pre-modifier of the head noun *class* in a noun phrase. In both examples, the intra-sentential fictive occurrences correspond to "a self-sufficient discourse unit conceptualized within a non-factive

communicative occurrence, which functions syntactically and semantically as a grammatical constituent (PASCUAL, 2014, p. 81).

In the samples analyzed, inter-sentential fictivity seems to occur when the author or an interviewee creates a fictive dialogue and the interaction may vary in a number of ways, as follows: fictive dialogue between the narrator and what was said by an interviewee or quoted author, fictive conversation between the narrator and the reader, or even fictive interaction between the narrator and other unknown fictive interlocutors. Excerpt (6) illustrates a fictive interaction between the narrator and a fictive interlocutor who being either the reader or unknown:

- (6) *“You’re a grievous liar!” she shouted at one accuser. And here’s where my Catholic mother would add that Sarah was innocent. **No, Sarah wasn’t cavorting with Satan on the parsonage lawn.** What my mother really means, I suspect, is that Sarah was a good girl.*

I’m not so sure. She’d been around the block a few times.
(MAGZ.VOGP.NOVEMBER.2015.0011)

Interestingly, the excerpt above encompasses two instances of fictive speech. In the first one, by means of *No, Sarah wasn’t cavorting with Satan on the parsonage lawn* the narrator adds a potential reply from his mother to the accuser. In turn, the second one has to do with the narrator’s fictive participation in such dialog, when he reacts to his mother’s claim, saying *I’m not so sure*. In fact, he does not seem to be factively interacting with his mother; rather, he might fictively interact with the reader, expressing his opinion on the idea conveyed by his mother.

Final Remarks

This pilot study provided an analysis of the occurrence of fictive speech elements, i.e. sentential, intra-sentential, and inter-sentential fictivity, in different sections of the North American Vogue magazine, printed edition. The fictive speech categories taken into account draw on the cognitive linguistics theoretical framework provided by Pascual (2014) and Langacker (1999). The methodological procedures adopted for sampling alongside the

automated verification of category distribution relied on the theoretical basis of corpus linguistics.

The quantitative results as well as the qualitative analysis of the sample show that different fictive strategies might co-occur even in the same text. Although the quantitative analysis led to the systematization of the fictive categories, it did not seem to be sufficient for a thorough analysis of fictive speech, as it may be context-sensitive. Therefore, a qualitative analysis was performed. The quantitative results showed a larger presence of sentential fictives and fewer intra-sentential fictives in texts from 2015 and 2016, a trend that was reversed in texts from 2017 and 2018. Nonetheless, from the qualitative analysis, it appears that all three categories of fictive speech acts are functioning to create an involved, conversational discourse, approximating it to a dialogue with the reader. This seems to reflect the situational characteristics and communicative purposes of texts from the different sections of Vogue magazine, which is mostly to interact with the reader and bring forth opinions, ideas and concepts from the editor and contributors of the magazine. Rhetorical questions and fictive requests in sentential fictive speech acts appear to be used to call the readers' attention to assertions being made and to emphasize interest on topics or ideas being discussed. At the intra-sentential level, fictive speech acts appear to function mostly as noun pre-modifiers, a grammatical feature prevalent in informational, written discourse (BIBER, 1988; BIBER et al., 1999). The occurrence of inter-sentential fictive speech acts remained relatively stable in the four years covered in the corpus. As aforementioned, inter-sentential fictivity creates a dialogue between the narrator, in this case the writer of the Vogue magazine section, and the reader in order to express opinions and ideas. Thus, it appears inter-sentential fictive speech acts may be a major contributor to the conversational and interactional nature of the language in texts in this corpus of Vogue magazine sections.

One limitation of this study was the small number of texts in the corpus. The reason for using a smaller corpus are two-fold, one being this pilot study required manual identification and tagging of fictive speech acts, and second because this is a first step in creating and testing a script to identify and automatically retrieve different categories of fictive speech acts. It is expected that the results of this study will lead to future work on

automatic identification and retrieval of fictive speech acts in large-scale corpora of written and spoken texts.

References

BIBER, D. *Variation Across Speech and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BIBER, D. et al. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Longman, 1999.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BRANDT, L. *The communicative mind: A Linguistic Exploration of Conceptual Integration and Meaning Construction*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

CALANCA, D. História e moda. *Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias*, v. 2, p. 47-55, 2008.

CONRAD, S. Variation in corpora and its pedagogical implications. In Vander Viana, Sonia Zyngier, & Geoff Barnbrook (Eds.), *Perspectives on Corpus Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, p.47-62, 2011.

FIRTH, J. *Papers in Linguistics 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press, 1957.

FOUCAULT, M. *Discourse and truth: the problematization of parrhesia*. (Six lectures given by Michael Foucault at Berkeley, Oct-Nov. 1983).

GHADESSY, M.; HENRY, A.; ROSEBERRY, R. (Ed.). *Small corpus studies and ELT: Theory and practice*. John Benjamins Publishing, 2001.

GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. (Ed.). *Corpora in Cognitive Linguistics: Corpus-Based Approaches to Syntax and Lexis*. Walter de Gruyter, 2007.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. Virtual reality. *Studies in Linguistic Sciences*, v. 2, n. 2, 1999.

MATSUMOTO, Y. How abstract is subjective motion? A comparison of coverage path expressions and access path expressions. In: GOLDBERG, A. *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI Publications, 2001.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus linguistics: Method, theory and practice*. Cambridge University Press, 2011.

OLIVEIRA, A. L.; CUNHA, G. X.; MIRANDA, M. Nominalizations as complex strategies of politeness and face-work in scientific papers written in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 6 (59.2), Campinas, p. 361-374 - mai./ago. 2017.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

REPPEN, R. Building a corpus. *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. London, New York: Routledge, 2010.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SVENDSEN, L. *Fashion: A philosophy*. Reaktion Books, 2006.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000.

Fictividade na Vogue: uma categorização cognitivo-funcional de atos de fala fictivos em um corpus de moda através da linguística de corpus

Resumo: A moda engloba diferentes aspectos culturais, de roupas à linguagem e ao comportamento. Este artigo investiga a ocorrência de três categorias fictivas de fala (PASCUAL, 2014) como estratégias narrativas em seções da revista norte-americana Vogue. O objetivo é investigar, por meio de um método quali-quantitativo, categorias cognitivo-funcionais de atos de fala fictivos com base em um *corpus* de textos de moda. Foram coletados 200 textos da Vogue (versão impressa) de 2015 a 2018. Em uma amostra de 60 textos, atos fictivos sentenciais (SENT), intra-sentenciais (INTRA) e inter-sentenciais (INTER) foram identificados manualmente e categorizados em cada texto por meio de *tags*. A análise quantitativa mapeou as contagens das categorias por ano e por texto e a análise qualitativa, mais aprofundada, investiga instâncias de cada categoria e sua interpretação sob a luz da moda, da teoria cognitiva e da linguística de corpus. Os resultados demonstram que a ocorrência das categorias dos atos de fala fictivos sofre variação por ano, apesar da tendência de co-ocorrerem nos mesmos textos. Portanto, atos de fala fictivos funcionam como estratégias discursivas recorrentes para criação de um ambiente conversacional nos textos da revista Vogue.

Palavras-chave: linguística cognitiva. linguística de corpus. ato de fala fictivo. moda.

Recebido em: 19 de novembro de 2020.

Aceito em: 15 de dezembro de 2020.

Appendix

VOGUE SECTIONS

Letter from the Editor

In this section, Vogue Magazine's Chief Editor Anna Wintour writes about her own personal opinion in a plethora of subjects, which usually relate in some manner to current world events, such as the marches for women empowerment, gender identity, development of friendship and bonds between women, and all the way to the revolutionary Hamilton Musical. Touching on such subjects inevitably assists the readers in seeing Vogue Magazine as a relevant source of information. This is the Chief Editor's moment of self-expression, and thus gives the reader a glimpse into her mind and what she thinks is relevant for that month's magazine.

Beauty

The Beauty section of the magazine touches more on the ethereal idea of beauty than the physical. As it does not talk about the physical aspect of makeup and how to apply it, as much as it touches on the importance of such things. This section tells you stories of brands, artists, and products with the apparent intention of making your life more "beautiful." It brings tips and examples of how to improve life in meaningful ways through various subsections or

branches, from wellness and health to makeup and fragrances. At times, even suggesting the benefits of a life away from the city.

Talking Fashion / Fashion

Talking Fashion is a very broad category which encompasses everything from the *It Girl* to a *World Class*. The section's purpose appears to be a place in which people can express their own voices and opinions. The *It Girl* is a space where an *it girl* at the moment can share more about herself and her life, and, on the other side of the spectrum, *World Class* is where people can learn more about community and society, for example, a project that teaches children from Congo how to read and write. This space is about voice, and each person has their own.

The Hamish Files

The Hamish Files are where Hamish Bowles – the writer – tells the audience about his escapades around the world in the pursuit of the latest tours, plays, and exhibitions of the fashion world. From Paris, to New York and Los Angeles, Bowles attempts to bring more of culture and knowledge in the course of his travels. The writing is almost as his own private journal, allowing the readers to feel welcome, and close to him and to the topics he writes about.

VLife

VLife provides information on fashion, culture, and beauty in varied forms, from Top 5 lists to deep and meaningful interviews. It is a section that addresses fashion as more than the physical, culture as more than a concept, and beauty as more than something unattainable.

Nostalgia

As the name suggests, this section brings high tales and stories of celebrities. It is a window to a time past, transporting readers to events, thoughts and actions from previous years or even decades.

View

This section presents itself as more journalistic in nature. In a magazine seen as mostly full of opinions, this section is more straightforward than expected. Even though it still brings opinions and points of view of well-known and prominent figures, it focuses on fact reporting. It is usually a fast-paced read, that one will find oneself more curious and intrigued about what is being presented.